





le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin











ROMANCE ORIGINAL

— DE —

LUCIO BRUNO

(PSEUDONYMO)

VOLUME I

2ª Edição



A MÃO NEGRA E A POLICIA  
OU BIOGUINHO EM SCENA



PREÇO 5\$000

EDITOR  
JOÃO ASSUMPÇÃO MÓFREITA  
RIBEIRÃO PRETO—1923







do prezado  
amigo Dr. Amoroso Neto  
oferece Dorival L. Silva

7/2/1953

# A MÃO NEGRA E A POLICIA

— OU —

## DIOGUINHO EM SCENA

com um violão  
com canções  
e imitações



A MAO MEIRA E A POLICIA

III

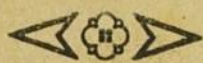
PROGREDIR EM SCIENTIA



# A MÃO NEGRA E A POLICIA

— OU —

## DIOGUINHO em SCENA



ROMANCE ORIGINAL

— DE —

**LUCIO BRUNO**

(PSEUDONYMO)

---

VOLUME I — 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

---



RIBEIRÃO PRETO

JOAO ASSUMPÇÃO MÓFREITA — EDITOR

1923



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911

1911



## PRIMEIRA PARTE

---

### A SOCIEDADE SECRETA

#### I

#### A EMBOSCADA

Em um velho colmado, existente n'uma pequena clareira da mata que se avistava ao oriente da cidade de Campinas, estavam tres homens, sentados no sólo, conversando animadamente.

Pela ausencia absoluta de mobiliario e pelos grandes estragos que apresentava, via-se que, ha muito tempo, era aquelle rancho deshabitado.

Fôra, talvez, um antigo quilombo abandonado por seus nómadas moradores que, sendo provavelmente denunciados e perseguidos, haviam partido em busca de outro refugio mais seguro e ignorado.

No emtanto tinha sido bem escolhido o local.

Affastado completamente dos caminhos, e meio occulto por arvores annosas, mudas testemunhas de alguns acontecimentos emergentes da vida turbulenta e aventureira dos quilombolas, o referido colmado fôra construido com toda a relativa solidez.

A entrada, encoberta pelas frondes de arvores gigantes, dava para a pequena clareira alfombrada de viçosa relva.



No centro d'esse tapete florestal erguia-se uma tosca cruz feita de troncos de cedro ligados com cipó, tendo por pedestal grandes pedras que convidavam ao repouso e á meditação.

Por detraz da cabana era a immensidade imponente da floresta; e, lateralmente, o espirito prevenido dos antigos moradores tinha-se lembrado de collocar, como meio de defesa, emmaranhada caissára cujas extremidades, pacientemente aguçadas, pareciam terriveis aculeos contra os quaes as proprias onças não ousariam arremetter.

Perto deslisava um riacho, como um murmurio suave, por entre a agreste e farta vegetação.

Vejamos agora quem são os tres homens que, dentro do colmado, se entretéem em animado collóquio.

A' primeira vista dir-se-ia que eram caçadores descansando da excursão venatoria, e narrando reciprocamente suas exaggeradas proezas, onde a phantasia corria parellhas com a vaidade.

Mas reparando melhor, logo se dissipava a primitiva impressão: de caçadores só tinham as espingardas que haviam encostado a um dos cantos da cabana.

Nem bolças, nem caça, nem cachorros elles traziam comsigo.

Que faziam então n'aquelle recesso das mattas, onde não havia o menor vestigio de pégádas humanas?

Para chegarem áquella recondita clareira, era preciso terem andado mais de duas horas embrenhados na invia e densa floresta.

E este *passaio*, alem de fatigante, seria pouco attraente se não houvesse um forte objectivo que o determinasse.

Para satisfazer a natural curiosidade approximemo-nos da cabana e escutemos indiscretamente.

Mas antes, lancemos um rapido olhar sobre os mysteriosos personagens.

O que está mais perto da porta tem o mixto aspecto de mendigo, de salteador e de fidalgo disfarçado.



Encostado á parede, com as pernas estendidas, n'uma indolencia natural e aprazivel como se estivesse repoltreado em macia ottomana, exprime-se de modo peremptorio e auctoritario, quasi sem olhar para os seus compa-  
nheiros.

Apresenta, porém, alguns contrastes extraordinarios.

O vestuario é grosseiro, com diversos rasgões e remendos, largo demais para o seu corpo, mas através d'aquella apparencia esfarrapada nota-se uma pronunciada elegancia que trahe tão rude exterioridade.

Os cabellos abundantes e desgrenhados e a barba longa e hirsuta não condizem com as mãos alvas, bem cuidadas, finamente aristocraticas.

A physionomia mal se vislumbra por entre as espessas barbas e o grande chapéu, de abas largas, inclinado até os supercilios.

Os olhos, nos curtos instantes em que seguem as azuladas espiraes de fumo evoladas do excellente charuto, que este estranho personagem mostra saborear com delicia, vê-se que brilham com vivacidade, e ás vezes despedem um fulgor tão felino e sinistro que faria estremecer o mais valente.

Está n'este momento silencioso e pensativo, e os companheiros, sentados a respeitosa distancia, com as pernas cruzadas, observam-n'o tranquillamente, não querendo perturbal-o nas suas reflexões.

Afinal, sacudindo a cinza do charuto, disse num tom imperioso que lhe devia ser peculiar:

— Bem, sobre esse ponto não ha mais objecções a fazer. O local, não obstante ser quasi inaccesivel, tornando assaz penoso e difficil o indispensavel abastecimento para nelle vivermos algum tempo, tem por isso mesmo a grande vantagem de ser um refugio inviolavel. Merece, pois, francos elogios por havel-o descoberto, Ignacio.

Aquelle a quem foram dirigidas estas palavras, escancarou a bôcca n'um sorriso, semelhante a um esgar,



de visível satisfação. Era um negro de feições angulosas, fronte comprimida e reentrante, olhos pequenos e encovados, lábios grossos e vermelhos, e os dentes grandes e agudos, como os de uma serra.

Da orelha esquerda até o queixo tinha uma profunda cicatriz que o deformava, dando-lhe um aspecto medonho.

Entre as sombrancelhas ostentava-se impavido um enorme kysto, e o nariz era quasi indistinguível, parecendo que uma violenta pancada o havia espalmado.

Contente de ouvir aquellas palavras laudatorias, a que certamente não estava habituado, dilatou o horrendo carão n'um bocejo de tigre, e regougou com voz rouca e guttural:

— Eu tinha a certeza de que nhô Diogo havia de gostar do *sítio*! Aqui não falta nada: o rancho, com alguns concertos, fica que nem casa de fazendeiro. A agua é boa, ha muita caça, fructas não faltam... e quanto ao mantimento que for preciso trazer da cidade, eu e Chripim nos encargaremos disso... Nhô vae ver como tudo se arranja bem...

— Chega de prósa, Ignacio. Você não deixa fallar *seu* Diogo, interrompeu, com mau modo, o terceiro personagem que, durante a perlenga do negro, dera manifestos signaes de impaciencia.

— Ué, sô Chripim, você fica bravo atôa. Então nós dois não podemos carregar o mantimento até aqui?

Chripim não respondeu, limitando-se a encolher os hombros com enfado e desdem.

Era um caboclo alto, robusto, espadaúdo, de tez abacinada, unidas e espessas sombrancelhas, nariz comprido e adunco e olhos garços, de uma extrema mobilidade, denotando astucia, desconfiança e malvadez.

A sua estatura athletica, o conjuncto de suas feições grosseiras e repulssivas, a sua voz aspera e estentorea, infundiam justificado terror.

Parecia ter pouco mais de trinta annos, e era d'um



temperamento bilioso e irascível, que revelava involuntariamente á menor contrariedade.

Era sóbrio, em demasia, no fallar. Nunca discutia, enunciava os seus pensamentos com uma concisão rude e brutal, e quando alguém praticava a temeridade de o contradizer ou desmentir, elle oppunha o unico e valioso argumento que a obececada razão lhe suggeria: a sua temível e extraordinaria força physica.

E, se este *argumento* não era convicente, sempre lograva terminar toda e qualquer discussão, fazendo emmudecer subito o mais contumaz e eloquente adversario.

Por isso, as poucas e inoffensivas palavras que o negro lhe dirigira foram sufficientes para que elle ficasse carancudo, e resmoneasse com a grosseria que lhe era característica:

— Que negro maçador! Falla... falla, e não diz nada que preste. É o tempo vae passando.

O estranho personagem, que já sabemos chamar-se Diogo, ergueu a fronte que curvára com modo pensativo, e relanceando um olhar em volta, como se despertasse dum sonho e fosse chamado á realidade por aquellas ultimas palavras que ouvira confusamente, respirou com força e disse:

— Temos ainda muito tempo, Chrispim.

Tirou do collete um magnifico chronometro de ouro, e continuou, olhando o mostrador.

— Faltam vinte minutos para o meio dia.

Guardou o relógio, e apoz breve pausa proseguiu:

— As pessoas que vamos esperar não passam pelo caminho que sabes senão depois das tres horas. E d'aqui até lá não levaremos mais de duas... E' verdade que é preferível chegarmos cedo do que tarde. Perder-se-ia uma excellente occasião, e eu não gosto de adiar os meus projectos... Mas assim mesmo temos tempo de sobra. Indagaste bem, Ignacio, qual é o camarada que acompanha o velho?

— E' aquelle que anda sempre com o patrão...



— O João Venancio?

— Esse mesmo. E, segundo tenho ouvido dizer, é homem sacudido. E' preciso cuidado com elle.

— Qual! exclamou Chripim com um gesto de desprezo. O João Venancio arrasta muito a mala, mas não vale um cigarro.

— Não é tanto assim, sô compadre, redarguiu o negro. Olhe que eu já vi elle fazer frente a uns oito ou dez sujeitos que ficaram todos marcados.

— E' porque valiam tanto como você.

Ignacio olhou de soslaio para Chripim, e, offendido ia replicar com acrimonia, quando Diogo atalhou em tom conciliatorio :

— Vamos, deixe-se de discussões inuteis. O João Venancio é valente, não ha duvida nenhuma, mas adiante do Chripim pouco vale. Além disso não vamos brigar com elle. D'esta vez, por mais sacudido que elle seja, como tu dizes, ha de ficar muito quietinho, mesmo contra vontade. E quem se vae encarregar desse *trabalho* é o Chripim. Parece-me que não poderá ter melhor occasião para satisfazer a sua vingança.

O olhar de Chripim brilhou de sinistra alegria, e, contrahindo os delgados labios n'um medonho sorriso, rouquejou :

— Está bem, *seu* Diogo. O valentão fica por minha conta. Eu nunca errei um tiro...

Houve um momento de silencio.

— Tens a certeza, Ignacio, que o velho virá apenas com o João Venancio? Quem sabe se o filho com mais alguns camaradas, irá espera-lo na entrada do matto? Olha que se forem erradas as tuas informações, corremos todos risco de vida...

E Diogo, proferindo estas palavras, olhou fixamente o negro, para verificar, pela expressão da sua repellente phisionomia, se elle era convicto do que affirmava.

— Ainda hoje de manhã estive na Fazenda e indaguei de tudo. Quando eu digo uma cousa é porque tenho



a certeza. Póde nhô Diogo estar descansado. Toda a família tem muita confiança em João Venancio e por isso é elle sempre escolhido para, em toda as viagens, acompanhar o patrão. E como ninguem adivinha, não ha razões para mandar mais gente.

Diogo, satisfeito com a resposta do negro dada com a maior naturalidade, sorriu-se, e disse :

— Muito bem, és mais intelligente do que eu pensava. Se o demonio não se metter de permeio, tudo ha de correr as mil maravilhas. Agora resta acertar como devemos proceder, para não se dar confusão no momento propicio. Prevenir demais não prejudica...

Fez uma breve pausa e proseguiu :

— A primeira cousa a fazer é *segurar* o João Venancio. Isso está bem entregue a Chrispim que, estou certo, ha de cumprir admiravelmente esta parte principal do programma.

— E' escusado fallar mais n'isso, *seu* Diogo, rosnou Chrispim. O homem é meu e não preciso de auxilio.

— Tenho bastante confiança em você e se ainda me refiro ao João Venancio é porque quero expôr inteiramente o meu plano, afim de prever qualquer fortuito acontecimento.

E, concentrando-se alguns minutos como quem precisa de coordenar suas ideias, Diogo continuou :

— Se vier só o João Venancio, tudo irá bem. Mas, se por infelicidade, o velho trazer mais alguns companheiros, então é preciso que todos entremos em acção, com rapidez e sangue frio, para que não se erre uma pontaria. Comprehendes, Ignacio ?

— Comprehendo, nhô. Com algumas descargas de chumbo tudo se arranja. E não ha de perder-se uma... Somos poucos, mas bons.

E o malvado negro esfregou as mãos de contentamento.

— Tu, Ignacio, logo que acabe a *brincadeira*, agarras bem o velho e desarma-o para mais segurança. De-



pois, com a corda que levas, trata de amarral-o solidamente. Não quero, porem que faças ferimento grave, ouviste?

— Farei só o que nhô me mandar.

— Não era melhor acabar de uma vez com elle? perguntou Chripim.

— Não, não quero, respondeu energicamente Diogo. Preciso que elle viva para o fazer soffrer, e mesmo porque a sua morte prejudicaria muito os meus planos... Depois de conseguir o que desejo, arranjarei um geito de lhe abreviar os poucos dias da penosa existencia... E será um grande favor, podes crêr.

— *Seu* Diogo lá sabe o que faz, ponderou Chripim. Mas parece-me de mau agouro elle ver tudo e ficar-nos conhecendo.

— Quanto a isso não tenhas cuidado. Com este disfarce posso mais tarde fallar com elle que, certamente, não será capaz de me reconhecer.

— Mas nós, eu e Ignacio? Pode dar á policia os nossos signaes, e teremos que andar, muito tempo, escondidos no matto.

— Nada receies. A policia trabalha muito nos primeiros dias, mas depois... tem mais em que pensar. Em todo o caso, para sermos cautellosos, pódes tu, Ignacio, vender os olhos ao velho, e assim ficaremos mais tranquilllos.

— Nhô, sim.

— Da sinhasinha me encarrego eu, proseguiu Diogo com um sorriso diabolico. Póde a linda jurity assustar-se e levantar o vôo, e eu não sou caçador inexperiente que deixe fugir a caça, perdendo inutilmente o tempo e o trabalho da espéra. Conduzil-a-hemos para aqui, e decerto ella ha de gostar deste lugar poetico e aprazivel.

— De dia depressa sinhá moça se acostuma, disse o negro, porque isto aqui é realmente bonito. Mas de noite é que...

— Ora de noite, interrompeu Diogo em ar de mófa,



quando ella tremer de susto ao sentir os pavorosos rugidos da rainha das selvas, eu terei o cuidado de conchegal-a amorosamente ao meu peito para a tranquillizar. E nada ha mais inebriante do que ter nos braços uma mulher jovem e encantadora que, trémula e com o seio offegante, reconhece a adoravel fragillidade do seu sexo... O homem mais pussillanime torna-se um heróe, capaz de affrontar todos os perigos.

O entusiasmo de Diogo, que promettia expandir-se, arrefeceu ao ouvir o insensível e brutal Chrispim que secamente lhe observou :

— Se nós demoramos muito é possível que cheguemos tarde...

Tens razão, Chrispim. Ja são horas de nos pômos a caminho. Vamos.

E, atirando fora a ponta do charuto, levantou-se.

O negro e o caboclo ergueram-se tambem rapidamente.

Pegaram nas espingardas e quando iam sahindo da cabana, Diogo perguntou :

— Onde está o mantimento para passarmos hoje e amanhã ?

— Está lá dentro sobre um girau, respondeu o negro.

— Perfeitamente. Quando voltarmos quero que tu, Ignacio, trates logo de preparar um lauto banquete. E' preciso festejarmos condignamente a *visita* de sinházinha...

— Farei os quitutes que puder nhô. Em dia de festa não se pode deixar de comer e beber.

— Agora, a caminho.

E Diogo, pondo a espingarda a tiracollo, transpoz a porta da cabana.

Os trez miseraveis internaram-se no matto.

Ignacio ia na frente, de facão em punho, cortando cipós e derribando vandalicamente frondentes caules corymbiferos que entrelaçados em amoravel idyllo, impediam-lhe a passagem.



A' aproximação do negro, seguido de perto pelos outros bandidos, diversos rumores succediam-se, quebrando o silencio mysterioso da floresta.

Animaes fugiam precipites de seus abrigos memorosos; aves, amedrontadas, voejavam para as altas franças do arvoredo, e de lá, irrequietas, espiavam os estranhos importunos; cobras coleavam em todas as direcções, ouvindo-se o silvar enfurecido dos urutús e o guisalhar provocante dos cascaveis.

Folhas e galhos seccos estalidavam; lagartos multicores, restolhando sobre as versas, occultavam-se no mais brenhoso da matta; milhares de insectos zumbiam fazendo côro unisono com as monotonas cigarras; e dominando todo este grande e magico sussurro da solidão, ouvia-se o grito estridulo da araponga, intercalado pelo canto suave e suggestivo dos sabiás.

Ao brando ciciar da ramagem, levemente agitada por ligeira brisa, havia como que um concerto melodioso, em todos os tons, dos alados menestreis, inimitavel e grandioso hosanna á sublime omnipotencia do Criador.

Mas todo este mirifico espectaculo da natureza, na sua realidade primitiva, não produzia a menor impressão ao embotado espirito dos bandidos.

Abstractos, não vendo nem receando os reptis que afugentavam, a sua unica preocupação era avançar com maior rapidez possivel, galgando os grossos troncos derrubados pela tempestades, quebrando os ramos que lhe causavam estorvo, e finalmente superando todos e quaesquer obstaculos, com presteza e tenacidade incriveis.

Após duas horas de fatigante caminhada, Ignacio, que fôra sempre adiante brandindo o comprido facão, estacou subitamente.

— Que é? perguntou Diogo.

— Não é nada, nhô. Estamos muito perto do caminho, e por isso acho melhor andarmos mais devagar sem fazer barulho.

— Mas para que é essa precaução?! exclamou Diogo



com desdém. Não vejo razões que justifiquem tão rigoroso cuidado...

— Póde andar gente no caminho, retorquiu respeitosamente o negro, e, ouvindo o ruido que fazemos, ter a curiosidade de vêr o que é...

— São receios pueris, interrompeu Diogo encolhendo os hombros.

— ... ou, imaginando ser algum bicho, atirar-nos uma carga de chumbo, o que não será muito agradável.

— Ignacio tem razão, rosnou Chrispim.

— Toda a cautella é pouca, concluiu o negro, satisfeito pela aprovação do companheiro.

— Bem, vamos então devagar, concordou Diogo.

Os trez miseraveis avançaram novamente, tendo cuidado de fazer o menor rumor possível.

Deccorridos uns quinze minutos chegaram á orla do caminho.

Escutaram attentamente para todos os lados, e vendo que o mais profundo silencio reinava em redor delles, sentaram-se.

Estavam extenuado, tressuandos, com a faces vermelhas e os labios sequiosos.

— Apre, que calor asphyxiante! exclamou Diogo, limpando o suor que lhe escorria da fronte.

— Estou com uma sêde damnada, suspirou o negro.

— E eu tambem, disse Diogo. Não sabes d'alguma agua perto d'aqui?

— Sei, nhô. Mas parece-me que não temos tempo...

— Quanto levaremos em ir lá?

— Uns vinte minutos.

— E' fóra do caminho?

— Nhô não. E' pertinho d'aquella volta que se vê além.

E o negro, com o braço estendido, indicava um ponto affastado da vereda onde fazia um cotovêllo.

Diogo consultou o relógio, e, levantando-se, disse:

— São duas horas e meia. Vamos depressa. Tanto



faz esperar o velho aqui, como mais adiante. E' a mesma cousa. Anda, Chrispim.

Os trez patifes caminharam com passo estugado, e em menos tempo do que dissera o negro, dessedentavam-se com verdadeira satisfação, aparando nos chapéus a agua fresca e limpida, que brotava, em fio, das fendas de umas pedras sobrepostas pela natureza, e que formavam um cône elevado do solo pouco mais de um metro.

— Agora cada um para o seu posto, bradou Diogo com auctoridade.

Todos retrocederam sem proferir uma palavra.

Diogo observava o matto, e, chegados a um logar onde a folhagem era mais espessa, parou e disse:

— Chrispim, occulta-te neste ponto que é magnifico. O João Venancio, provavelmete, vem atraz do velho e da moça, e portanto deixa passar estes sem lhes despertares a menor suspeita, e quando o teu *amigo* se approximar faz-lhe a tua saudação... á queima roupa. Toma cuidado não lhe dê tempo a que elle te agradeça...

— Não tenha receio, *seu* Diogo. Nem darei occasião d'elle ver quem lhe manda o presente...

— Muito bem, proseguiu Diogo satisfeito. Tu, Ignacio, vaes para alli. E' preciso calculares a distancia com Chrispim, de modos que fiques proximo do velhote. Logo que ouvires a detonação atira-te ao teu ex-patrão, segura-o bem e amarra-o mais depressa que puderes. E não te esqueças, como ficou combinado, de vender-lhe os olhos. Eu não fico muito longe para poder auxiliar-te, caso precises.

— Ah! nhô Diogo, não me julgue tão fraco que não possa sosinho com o velho...

— Sei que és forte e corajoso, mas o pae de sinhá, apezar da idade, está ainda muito robusto, e, com o genio violento que tem, não se deixa subjugar facilmente. E como não podes usar das tuas armas, porque eu não quero que elle seja ferido, travar-se-ha indubitavelmente, uma lucta a pulso, a qual deverá ser breve para nossa



conveniencia. A menor delonga nos poderá ser muito prejudicial.

— Logo que eu *despache* o João Venancio, correrei a ajudar o Ignacio, disse Chrispim. Quanto mais depressa fizermos o nosso serviço, melhor...

— Perfeitamente, exclamou Diogo. Assim eu poderei vigiar sinházinha que, como o pae, tem um genio levadinho da bréca... E facilitar demasiado com mulheres é, as vezes, um grande erro.

E, batendo com a coronha da espingarda no sólo, continuou:

— Está tudo combinado. Agora cada um para o seu esconderijo. Verifiquem as armas, e nada de prósa. Vamos ficar mudos, mas em compensação devemos abrir bem os olhos e os ouvidos.

.....  
Momentos depois havia o mais profundo silencio n'aquelle trecho de caminho.

Ninguém diria, passando por`alli, que, occultos no matto, estavam tres miseraveis, com o ouvido attento e o dedo no gatilho, combinados e decididos para a perpetração de um crime monstruoso.

E a immensa floresta, na sua altiva e majestatica impassibilidade, alheia ás misérias humanas, murmurava doces e mysteriosos segredos á fagueira brisa que por ella perpassava jovialmente, e, ás vezes, ambas escutavam, estaticas e embevecidas, os trefegos passarinhos que, volitando de ramo em ramo, misturavam, á porfia, threnos mestos e plangentes com alegres e sonoros cantos, uns e outros impregnados d'essa terna maviosidade que seduz irresistivelmente as almas sensiveis e nobres...



## II

### O ASSALTO

No antigo sobrado, em Campinas, residencia ha muitos annos da conhecida e estimada familia Sequeira, dois homens conversavam em um gabinete, fumando e rindo como dois velhos amigos.

Era um d'elles o dono da casa, Manoel Gonçalves Sequeira, typo alegre e folgazão, apesar dos seus sessenta annos e do implacavel rheumatismo que traiçoeiramente, o obrigava a soltar surdos gemidos no meio das suas facecias.

Sempre de rosto prazenteiro, era um ingenito sectario do systema de Democrito, vendo pelo prisma hilariante os defeitos e os ridiculos sociaes.

Possuia, porém, um coração de ouro: ao enfrentar com a esqualida e pungente miseria, ou com a dôr cruciante da desgraça, sensibilisava-se facilmente, e o riso desaparecia-lhe dos labios, marejando-se-lhe os olhos de lagrimas compassivas.

Esmoller sem ostentação, carinhoso com os infelizes aos quaes soccorria e aconselhava, livrando-os muitas vezes de transe angustiosos, o seu nome era abençoado por todos aquelles que conheciam quanto nobre e grande era a sua alma.

Possuia alguns bens de fortuna que lhe per mittiam viver com tranquillidade e relativa abastança, em companhia de seus filhos Jorge, de 24 annos, e Elysa, de 19.



Era viuvo. Perdera, ha 15 annos, a mulher que idolatrava, victima de uma febre perniciosa.

Dedicára-se inteiramente á educação do casal de filhos, procurando com incansaveis desvelos minorar-lhes a falta do carinho materno.

Jorge seguira diversos estudos com aproveitamento, e, instado pelo pae, matriculára-se na Academia de Direito de São Paulo, onde concluiu o curso, ha um anno, com raro brilhantismo, admirado e querido dos lentes e companheiros pela sua vivaz intelligencia e pelos preciosos dotes de seu bom coração.

Elysa era o idolo de seu pae. Tão extremoso era o amor que elle lhe consagrava, que não admittia que ninguém a contrariasse; e bastava suppôr que ella tinha um soffrimento, por mais insignificante que fosse, para o pobre velho andar inquieto, vendo-a a todo o instante, dirigindo-lhe repetidas perguntas entre mil affagos, dando-lhe carinhosos conselhos, lembrando-lhe diversos medicamentos caseiros, querendo chamar o medico mas receando fazel-o, n'uma nervosa agitação simultaneamente comica e commovente.

Este grande affecto, que quasi absorvia a existencia de Manoel Sequeira, era reciprocamente sentido e largamente compensado pela filha que procurava adivinhar-lhe os pensamentos, rodeando-c d'esses subtis e mimosos cuidados que são o privilegio e a essencia do coração feminino.

Jorge era o orgulho e o desvanecimento do pae; Elysa era o amor, terno, suave, grande e poderoso, unico balsamo que lenificava as saudades que o velho ainda sentia da sua extremosa e querida companheira.

O outro, com quem Manoel Sequeira conversava em seu gabinete, era um velho alto, magro, forte e nervoso, olhar vivo e penetrante, e barba quasi toda branca que lhe dava um aspecto sympathico e respeitavel.

De physionomia franca e leal, mas com um certo cunho de severa auctoridade, bem mostrava estar habi-



tuado a mandar e a ser obedecido promptamente, sem a menor observação.

Era mais novo cinco annos que Manoel Sequeira, seu antigo amigo e compadre.

Chamava-se Theodoro Correia de Lacerda, e era lavrador, dos que se dedicam d'alma e coração á lavoura, como logo se deprehendia do seu rosto adusto pelo comburente sól dos cafézaes.

Possuia, contudo, solida fortuna; mas apreciava tanto viver na Fazenda que era para elle um sacrificio quando, por exigencias da familia, se demorava algum tempo na cidade, fosse Campinas ou S. Paulo.

Tinha, como Manoel Sequeira, um casal de filhos: Octavio, de 25 annos, e Rachel, de 17; mas, mais feliz do que o seu velho amigo, gozava ainda os carinhos da esposa, uma excellente senhora, coração sensivel e altruista, sempre propenso ao bem, mesmo quando o semeava em terreno sáfaro, d'onde só brotava a ingratição.

D. Anna, ou antes, D. Nicóta, como todos a tratavam, era muito estimada na sociedade campineira.

Nunca recusára cooperar para a realisação de obras caritativas ou para o esplendor cultural da religião catholica de que era crente fervorosa e sincera, mas sem ostentar esses exaggeros ridiculos e perniciosos de uma nevrótica beatice que a propria religião repelle e condemna.

Educados nos auteros principios da virtude e na deliciosa pratica do bem, seus filhos eram dignos da estima que todos lhes consagravam.

Octavio completára 25 annos poucos dias depois de regressar a Campinas, trazendo, como opimo e honroso fructo de sua incessante applicação ao estudo, a carta de sua formatura na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Rachel era boa e compassiva, costurando, pelas suas proprias mãos, singelas roupinhas com que vestia, delicada e carinhosamente, pauperrimas crianças suas prote-



gidas; mas sem prejudicar a bondade ingênita da sua alma, possuía um character energico e inflexivel, como seu pae.

Não era medrosa; de compleição forte e robusta, acompanhava muitas vezes seu pae, a cavallo, pela lavoura ou em viagens que elle fazia — quasi sempre contra a vontade e os conselhos da extremosa mãe que receava ella ficasse doente ou lhe succedesse um dia alguma cousa.

Rachel frequentava muito a casa de seu padrinho Manoel Sequeira.

A antiga amizade dos dois velhos reflectia-se naturalmente nos filhos.

Jorge e Octavio eram intimos amigos, assim como Elysa e Rachel nutriam reciprocamente o mais cordeal e dedicado affecto.

Manoel Sequeira era portuguez de nascimento mas brasileiro de coração; Theodoro Lacerda era natural d'aquella tão aprazivel e gloriosa cidade de Campinas.

Amigos, porém, desde a juventude, jámais entre elles houve o menor attrito causado pelas suas nacionalidades, nem mesmo quando as paixões politicas, que nos seus desvarios nada poupam nem respeitam, se esforçavam por atear, fratricidamente, odios infundados e sacrilegos entre as duas nações irmãs.

Manoel Sequeira, recostado na sua poltrona, com os pés sobre uma cadeira por causa das dôres rheumaticas, dizia para Theodoro que estava de pé, fazendo um cigarro:

— Que impaciencia, compadre. Você não tem negocios urgentes na Fazenda que o obriguem a pôr-se a caminho com tanta pressa. Fique hoje aqui, e vá amanhã cedo. Fará uma viagem mais agradavel, sem o sol quente nem a poeira...

— Não insista, interrompeu Theodoro com ar resolutivo que lhe era proprio. Você bem sabe que quando passa muito tempo sem eu vêr a Fazenda fico nervoso e inquieto.



— Muito tempo ! exclamou Sequeira. Não chegou a uma semana... Foi a correr para S. Paulo onde se demorou apenas alguns dias, e logo que regressa esquece-se dos amigos velhos, e...

— Lá começa você com historias. Pois então venha commigo e disponha-se a voltar só quando eu o mandar embora... Mas despeça-se primeiro de Campinas...

— Eu não o posso ir porque esse maldito rheumatismo não me deixa. Por isso é que você me couvida.. Que finorio !

Soltou uma gargalhada alegre e expansiva, e proseguiu :

— Olhe, compadre, não é bom ser muito ambicioso. Você já está rico, e, apesar de querer fazer-se moço, os janeiros não deixam mentir... As illusões não duram muito. Chega de trabalhar tanto, e se você tem amor á pelle, deve começar a viver mais descansado e tranquillo.

— O trabalho nunca fez mal a ninguem, nem a moços nem a velhos...

— Quando não é demasiado. E depois você já tem Octavio que pode bem ajudal-o...

— Que está dizendo, compadre ? Você hoje perdeu o juizo. Então um moço que veio a pouco do Rio de Janeiro, onde durante annos só esteve agarrado a livros de medicina, entende alguma cousa de lavoura ? ! Ora... sabes que mais ? Até logo : passe bem.

E Theodoro, sorrindo, fez uma contumélia ao seu velho amigo, e, voltando-lhe as costas, sahiu do gabinete.

— Espera um pouco Theodoro, gritou Manoel Sequeira. Lá porque você tem melhores pernas do que eu, não as aproveite para abrir o pála... Isso não é bonito.

E o velho, calçando os chinellos que pozera debaixo da cadeira onde tinha os pés, forcejava por levantar-se, fazendo gestos e caretas que Theodoro, que o observava de longe, não poudo reprimir algumas francas e gostosas gargalhadas...

. . . . .



Emquanto os paes caturravam, divertindo como bons amigos, que eram, Elysa e Rachel estavam no jardim, sentados n'um banco, com as mãos enlaçadas, umas vezes murmurando segredinhos e outras charleando como alegres e buliçosas crianças.

Eram ambas bellas e graciosas, d'uma belleza e graça tão differentes que seria difficil, senão impossivel, dizer qual era a mais gentil e formosa.

Elysa parecia uma dessas imagens vaporosas que os poetas divinizam, e que nos arroubos da mystica e febril imaginação dos ascêtas se mostram vagamente, com a fronte coroada de resplendente nimbo, anjos meigos e misericordiosos, promettendo-lhes, sorrindo, o gozo almejado da eviterna bemaventurança.

O seu talhe é esbelto e gracioso, d'uma flexivel delicadeza que encanta.

A sua cutis alva e mimosa, os seus fulvos e annellados cabellos, a correcta modellação de suas fórmulas voluptuosas, o seu collo venusto que estúia suavemente — todo este conjuncto maravilhoso inebria e seduz, elevando o espirito aos páramos edênicos, onde só vivem os cherubins.

Os seus olhos cerúleos, onde brilham a innocencia e a bondade, e a sua bocca de labios nacarados, pequena e fragrante como um botão de rosa, e precioso escriptorio de dois inestimaveis fios de perolas completam a captivante formosura de Elysa, cuja voz maviosa penetra suavemente nos corações mais insensíveis.

Rachel tem o porte altivo de uma rainha, habituada a receber, sorridente e desdenhosa, as homenagens e as lisonjas de uma côrte numerosa e luzida.

Morena, d'essa admiravel côr de jambo tão difficil de reproduzir fielmente na téla, o seu corpo tem a graça ondulante e garrida d'uma huri.

Os grandes olhos pretos, d'uma vivacidade extraordinaria, onde scintillam estranhos fulgores, attenuados por longos cilios, téem ás vezes uma expressão de inde-



finivel languidez que entontece o homem mais forte e impassivel.

Os sedosos cabellos, côr d'ebano, que lhe emmolduram a fronte intelligente, a bocca graciosa, onde brinca um sorriso, adoravelmente malicioso, a frescura de sua tez aveludada, tornam Rachel de uma belleza fascinante, capaz de provocar as mais intensas e doidejantes paixões.

As duas amigas fallavam em voz baixa, no momento em que as surprehendemos no jardim.

— Tens hoje muita prèssa de ir para a Fazenda, dizia Elysa. Fico triste quando me deixas, e se não soubesse o motivo...

— Estou com saudades de mamãi. Mas eu volto muito breve, talvez para a semana.

— São justas e louvaveis essas saudades. Mas...

— Estás hoje mysteriosa com as tuas reticencias.

— Não te zangas com o que vou dizer?

— Zangar-me contigo?! Que pergunta! Só posso e devo responder-te assim...

E Rachel abraçando-a affectuosamente beijou-lhe a face.

Elysa correspondeu com igual caricia, e disse meigamente :

— Tu és a minha unica amiga. E' tão grande o affecto que te dedico que até chego a ter ciumes de...

— De quem? perguntou Rachel sorrindo.

— De meu irmão. Elle é mais feliz do que eu...

O mais vivo rubor tingiu o rosto de Rachel que, procurando disfarçar a sua involuntaria e subita perturbação, balbuciou:

— Que loucura!

— Dizes bem: é uma loucura ter inveja de Jorge, porque elle é bom e digno da... tua amizade. Mas custa-me vêr que sou prejudicada...

— Que queres dizer?

— Sim, no affecto de ambos. Tu, principalmente, devias ser mais minha amiga.

— Mais tua amiga?! Mas não é possivel... Estimo-te tanto como a meus paes.



— Oh! E' d'isso mesmo que me queixo...

— Não te comprehendo.

— Não é essa estima respeitosa que se consagra aos paes que eu queria que tu me tivesses, mas sim a affeição íntima e sincera que deve ligar duas amigas de infancia.

— Mas não sou sincera contigo?

— Não, não és: desculpa a minha franqueza. Sei, ou antes adivinhei, que teu coração encerra um segredo que procuras occultar-me.

— Um segredo?!

— Ora, querida Rachel, para que has de dissimular? E' tão natural que tu, boa e formosa como és, inspires o mais forte e doce dos sentimentos humanos a um moço feliz que poudes e soubes apreciar o divino thesouro da tua alma, com que Deus te dotou!

— Bravo. Estou hoje estranhando-te, minha boa Elysa.

— E' porque, mais franca do que tu, quero revelar-te o meu segredo. Sabes? Vinguei-me de ti!...

— Estás gracejando.

— Fallo sério. Appliquei-te a severa pena de Talião.

— Mas que te fiz eu?

— Que fizeste?! Roubaste-me o coração de Jorge, e eu...

— E tu?

— Roubei-te o coração de Octavio.

E Elysa, corando ao fazer esta confissão, proseguiu, sorrindo:

— Já vês que praticamos o mesmo crime, com a differença que eu tenho a meu favor a attenuante de confessal-o.

Rachel, sorrindo tambem, lançou-se nos braços de Elysa.

Por algum tempo as duas amigas conservaram-se estreitamente abraçadas.



— Pois bem, balbuciou Rachel quasi ao ouvido de Elysa, é verdade. E peço-te perdão pela minha falta de franqueza...

— Oh ! estás perdoada, mas com uma condição.

— Qual é ?

— De vires aqui mais vezes, passando mesmo alguns dias commigo. Assim seremos ambas felizes, e eu não ficarei tão sósinha... Olha, quando me lembro que tu gosas na fazenda mais do que eu na cidade...

— A vida na roça é tão monotonica, sem nenhum dos attractivos que tem uma cidade como Campinas...

— Não fallo em divertimentos. Bem sabes que não os frequento. Refiro-me á alegria que deves experimentar vivendo ao lado de tua mãe... e eu, infelizmente, não posso mais fruir essa desigualavel ventura. Jorge, desculpando-se com o seu grande enthusiasmo pela caça, por lá se entretém com Octavio, e decorre ás vezes uma semana que não vejo os dois intimos e inseparaveis amigos. Tenho momentos de tanta tristeza que me dá vontade de ir tambem para essa feliz e encantada Fazenda.

— E porque não vais ?

— E' impossivel ! Quem trataria de papai ! Elle é tão meu amigo que seria a maior das ingratições abandonal-o uma hora só que fosse.

— Pobre Elysa !

— Por isso não imaginas o grande prazer que sinto quando vens visitar-me. Mas tu, entregue inteiramenne á tua felicidade, nem avalias o soffrimento da minha solidão...

— Juro-te que todo o dia me lembro de ti, e se não venho vêr-te mais vezes, é porque nem sempre papai me póde acompanhar.

Desculpa as minhas exigencias, Rachel. E's a unica pessoa com quem desejo e posso desafogar as minhas maguas.

O apparecimento de Theodoro veio interromper a terna e amistosa conversação das duas moças.



— Vamos, Rachel, disse elle, approximando-se de sua filha. Já são horas de nos pôrmos a caminho.

— Que pressa, sr. Theodoro, disse Elysa levantando-se.

— Se nos demorarmos mais, fica tarde para a nossa viagem, e a pobre Nicóta ficará na fazenda em cuidado.

— N'esse caso, tem razão. Até breve, Rachel.

— Até muito breve, querida Elysa.

As duas amigas abraçaram-se com effusiva ternura.

— Eu vou despedir-me do compadre que pretendeu vir em minha peseguição, mas não o conseguiu, disse Theodoro rindo.

. . . . .

Meia hora depois affastavam-se da cidade de Campinas tres cavalleiros.

Eram Theodoro, Rachel e o fiel e corajoso camarada João Venancio.

Por algum tempo caminharam silenciosos.

Afinal Theodoro que ia ao lado de sua filha, disse-lhe:

— Que tens, Rachel? Parece que estás incommodada? Não dizes uma palavra, contra teu costume, e vens só suspirando com tanta tristeza...

— Não é nada, papai.<sup>f</sup> Bem sabe que não tenho razões para estar triste. Sinto apenas muito calor: parece que me falta o ar.

— Realmente, o dia está mormacento e a atmospha pesada e abafadiça. São prenuncios certos de proxima tempestade. Mas, se queres, vamos mais devagar. Talvez o trote do cavallo te faça mal.

— Não, papai, pelo contrario. Andando depressa, sempre se goza alguma aragem... E eu estou anciosa de chegar á Fazenda.

— E' natural a tua impaciencia. Tens saudades de tua mãe. Eu tambem experimento hoje um mal estar inexplicavel, e em nenhuma viagem, como esta, tive tão grande desejo de me vêr em casa...



— Com este tempo é triste e fatigante o viajar.

— Tens razão, minha filha. O tempo atúa poderosamente no nosso systema nervoso. Por isso, sem o menor motivo, eu estou inquieto e com o coração oppresso. Parece que está para me acontecer alguma desgraça.

Ora, que idéa, papai! Não pense n'isso.

Mas Rachel, apesar de proferir estas palavras tranquillisadoras, estremecera agitada por indefiniveis e mysteriosos sentimentos.

Alguns minutos depois entravam os viajantes no matto, que tinham de atravessar para alcançarem os campos e os cafézaes que lhe succediam, pertencentes a Theodoro.

Iam silenciosos e pensativos.

Rachel dava a direita ao seu pae, e João Venancio, olhando distrahidamente para o caminho, vinha na rectaguarda a alguns metros de distancia.

Assim caminharam por algum tempo, absortos nos seus pensamentos, e como que envolvidos n'uma nuvem de tristeza que insensivelmente os subjugava.

Os proprios animaes, cedendo á enervante influencia do axphyxiante mormaço, arrastavam-se com custo, com a cabeça baixa, o pescoço estendido, as narinas dilatadas, resfolegando amiúde, sendo preciso incital-os repetidas vezes para apressarem a andadura, e arrancar-os ao chouto incommodo que impacientava ainda mais os cavalleiros.

De subito, n'uma volta do caminho, ouviu-se uma forte detonação de arma de fogo, seguida de um grito de dôr.

Theodoro, surprehendido, olhou rapidamente para traz, e viu o seu fiel camarada, que tanto estimava, cahido por terra, com o rosto e o peito ensanguentados.

Estupefacto, sem ter consciencia do que ia fazer, levado por um impulso natural, quiz voltar o cavallo para correr em soccorro do infeliz João Vennacio; mas no mesmo instante sentiu-se violentamente agarrado pelas



costas, sendo derrubado com brutal e extraordinaria rapidez.

Conhecendo o enorme perigo que corria, Theodoro procurou valentemente desprender-se dos vigorosos braços que o seguravam, tentando sacar o reвольver que tinha na cintura; mas um outro vulto, saltando do matto, atirou-se a elle, e, vedando-lhe logo os olhos, manietou-o com força, herculea e brutal, torcendo-lhe os braços e tirando-lhe toda a possibilidade de resistencia.

Rachel, pallida como um cadaver, viu, n'um relance, João Venancio morto e seu pae irremediavelmente perdido.

A lucta tinha sido rapida; e, desigual, como era, sem haver a menor esperanza de soccorro, seu pae ia fatalmente ser victima da malvadez daquelles dois miseraveis.

Para que o amarravam? Provavelmente para melhor o arrastarem para dentro do matto.

Então um audaz pensamento, digno de uma heroína, perpassou-lhe pelo cerebro.

Vira o movimento de seu pae, esforçando-se por levar a mão direita á cintura; e, comprehendendo a sua corajosa intenção, resolveu fazer o que elle não havia conseguido.

Correria a abraçal-o, e, aproveitando esse curto instante, apoderar-se-hia do reвольver e saberia defender-se.

Sem se deter em reflectir sobre as consequencias que poderiam resultar da sua intrepidez, travando, sosinha, uma lucta mortal, contra dois homens, Rachel, com o olhar inflammado pela colera e pela sua temeraria resolução, saltou agilmente do cavallo.

Mas a fatalidade, atroz e invencivel, veio arrancar á pobre moça a unica esperanza de salvação.

Mal tinha posto o pé em terra, sentiu-se agarrada n'um braço, e uma voz estranha, que a fez estremecer, disse-lhe em perversa ironia:

— Onde vae com tanta pressa D. Rachel? Acaso julga que póde acudir a seu pae?



A infeliz soltou um grito de terror, fugiu-lhe a luz dos olhos, e, presa d'uma cruciante vertigem, teria baqueado se um resto de energia não amparasse n'este transe afflictivo.

Desvairada, com as feições transtornadas e os dentes cerrados, n'uma convulsão de angustia, voltou-se impetuosamente para vêr quem lhe fallára; e, ao deparar com um homem de hediondo aspecto, barba hirsuta e que lhe dardejava um olhar sinistro, frio e scintillante como uma lamina, não poudo conter um forte movimento de repulsão e de pavor.

Sentindo, porém, os dedos d'aquelle miseravel apertando-lhe brutalmente o braço esquerdo, uma onda de sangue lhe subiu ao cerebro, e n'um arranco de indignação, sem reflectir, obedecendo inconscientemente a um movimento impulsivo e irresistivel, ergueu um pequeno chicote, de cabo de prata, que segurava convulsivamente na mão direita, e com extraordinaria rapidez, deu uma vigorosa vergastada no rosto do infame.

Diogo, que decerto já os leitores reconheceram pondo em pratica o crime que planejára com seus cúmplices, bramiu como um tigre ferido pelo caçador.

Largando immediatamente o braço da moça, recuou um passo, e com os labios tremulos de raiva, as mãos crispadas, o olhar cheio de ferocidade, rugiu com voz suffocada e cavernosa:

— Ah! essa chicotada vae-lhe custar bem caro. E' o primeiro insulto que recebo de uma mulher, e é preciso que saiba que sou implacavel nas minhas vinganças.

E d'um salto arrojou-se sobre a moça, sacudiu-a com selvatico furor, e, impellindo-a brutalmente, arrancou-lhe o chicote que atirou no matto.

— Miseravel cobarde, exclamou Rachel, offegante. Se estivesses na presença de um homem não terias a coragem de fazer-lhe o que me fizeste... Ah! se eu tivesse uma arma te mostraria como uma fraca mulher sabe responder ás affrontas de um vil infame, que abusa da



sua força por ter a certeza que ninguém se oppõe ao seu torpe procedimento.

Diogo, mais tranquillo, cruzou os braços e avançando para Rachel, disse-lhe :

— Cedi a um momento irreflectido de raiva, confesso. Foi tão grande e inesperada a offensa que perdi a cabeça. Não pensei que tenho muito tempo para tirar uma completa desforra. A bella e orgulhosa Rachel ha de ainda curvar-se, humilde e submissa, a meus pés...

— Oh ! nunca.

— Bonita palavra que ninguem pode dizer com segura certeza. D'agui ha algumas horas não terá animo de repetil-a.

A infeliz, agitada por indescriptivel angustia, meneou nervosamente a cabeça.

— Duvida ? Pois vae ver.

Diogo voltando-se para os seus cúmplices que tinham conseguido subjugar completamente o pobre Theodoro que, exausto, quasi louco de dôr, com as carnes laceradas pelas cordas que o manietavam, caira em lethargica apathia, bradou-lhes :

— Vamos, acabem depressa com isso. Amarrem o velho, áquelle tronco.

E apontou para um frondoso jequitibá que se via a uns tres metros de distancia.

Rachel, ouvindo estas palavras, exhalou um grito doloroso, e, levando as mãos ao seio, ficou estatica, n'uma attitude de extraordinaria e indefinivel afflicção.

Vendo que arrastavam seu pae para junto da arvore indicada, apesar dos fracos esforços que elle ainda fazia, e escutando-lhe os surdos gemidos, esqueceu-se inteiramente de si, e, dominada por tão grande e intenso soffrimento, deu um passo para a frente, cambaleando como se um golpe mortal lhe tivesse traspassado o peito.

A energia do seu character, forte e altivo, desaparecerá subitamente para vir a fraqueza natural e privativa da mulher.



Lágrimas do coração turvaram os seus bellos olhos, e, cega de dôr, com o cerebro enfraquecido por tantas commoções, febril, anniquilada, perdida, vislumbrando diante d'ella o vulto do homem a quem os outros obedeciam, vergaram-se-lhe os joelhos, e, estendendo as mãos, juntou-as n'uma attitude supplicante, balbuciando :

— Por piedade, senhor, não faça mal a meu pae !

Diogo, encostado á espingarda, contemplou por algum tempo, silencioso, o rosto terrivelmente pallido da infeliz moça.

Com um sorriso cruel, envolveu-a n'um olhar concupiscente, de hediondo satyro.

Gozou, victorioso, a prostração moral d'aquella que pouco antes tivera a audacia de lhe fustigar a face com uma chicotada.

Com voz pausada e ironica respondeu-lhe :

— Esqueceu tão depressa o terminante «nunca» com que protestou contra o meu vaticinio?! Já vê que sou alguma coisa propheta. Começa a pedir-me de joelhos, com as mãos postas, como se estivesse deantede um altar fazendo a sua oração !

E o malvado soltou uma insultante gargalhada.

A joven, serena e indifferente, despresando a zombaria, proseguiu :

— Se é dinheiro que deseja, prometto-lhe dar a quantia que exigir em troca de nos deixar ir para casa. Entrego-lhe todas as minhas joias...

— Não se canse, formosa Rachel. E' inutil fallar-me em dinheiro. Não exijo resgate, nem preciso de alguns contos de réis. Sou bastante rico e não faço caso de bagatellas.

— Então apello para o seu coração. Pela vida ou pela memoria de seu pae, de sua mãe, dos entes que lhe são mais queridos, rogo-lhe, supplico-lhe, senhor, que nos deixe. Não faça a desgraça de uma familia que nunca lhe fez mal. Lembre-se que Deus recompensa sempre as boas acções, e acceita o arrependimento dos que, n'uma



hora de loucura, se transviam do caminho da honra... Juro que pedirei nas minhas orações o perdão divino para os seus peccados e se alguma vez precisar de nós, tanto eu como meu pae e minha famillia saberemos ser gratos e reconhecidos á generosidade com que proceder, não abusando da fraqueza d'um velho e d'uma moça que de joelhos lhe pede perdão de tel-o offendido, n'um momento impensado... Oh ! pela salvação de sua alma, pela imagem sacrosanta de Nossa Senhora, pela cruz do Redemptor, que é o symbolo da religião em que fomos criados, imploro-lhe encarecidamente que mande libertar meu pae, e consinta que nos retiremos para a Fazenda, onde minha pobre mãe nos está esperando, anciosa e inquieta... Vamos, diga uma palavra e beijar-lhe-ei as mãos, abençoando-o pela sua bondade..

Diogo sorria com o mais revoltante cinismo.

— Pois bem, disse, prometto-lhe não fazer mal a seu pae. Elle viverá se não fizer a asneira de deixar-se morrer com algum ataque cerebral. Acceito tambem as suas orações em desconto dos meus peccados, mas quero vel-a cumprir esse sentimento religioso que ainda mais realça a sua admiravel formosura... Desculpe não ter coragem para deixal-a retirar, pois desejo muito viver algum tempo na sua amavel companhia. Quero no seio da natureza virgem, longe do bulicio da sociedade, livre de vistas indiscretas e profanas, adoral-a como a fada encantadora do bem... Sim... o meu coração tem sêde de gozar as delicias inebriantes de um desses amores que constituem a suprema felicidade na terra... Verás, querida Rachel, como eu serei um amante sincero, apaixonado, escravo dos teus desejos, inteiramente entregue á agradavel missão de cercarte dos mais desvellados carinhos, dos mais ternos affagos... E serei compensado de todos os sacrificios que fizer, se ouvir de teus labios esta phrase, que vale um thesouro, e que fará a minha eterna ventura: *amo-te !...*

A' proporção que Diogo fallava, Rachel ia erguen-



do-se, estupefacta, somnambula, e quando ficou de pé, fixou-o com um mixto de terror e de epanto, como se estivesse diante de tétrico phantasma.

Ao proferir as ultimas palavras, com calorosa intonação, o malvado estendeu os braços para enlaçar-lhe a cintura; mas a joven, readquirindo subitamente a consciencia da sua situação, offendida atrozmente no seu pudor, revoltada por aquelle cynismo inqualificavel, deu um salto para traz, e com a sua caracteristica energia bradou-lhe:

— Affasta-te, miseravel. Respeita ao menos a dignidade da tua victima. Prefiro morrer a ouvir estas tuas infamias. Poupa-me a vergonha, e matta-me... ceva-te no meu sangue, vingate atrozmente porque eu odeio-te... ouviste?... odeio-te e desprezo-te...

— Como estás bella assim, Rachel? Gosto mais de ver-te altiva e desdenhosa do que prostrada e humilde, com lagrimas na voz, implorando perdão. Matar-te? Que loucura! Mas não sabes que estás em meu poder, que eu quero que tu vivas para nos amarmos?! Olha, queres vêr a pittoresca vivenda que te arranjei no meio desta immensa floresta onde tu serás a senhora absoluta? Verás que logar poetico escolhi para o nosso encantador idyllio...

E Diogo, sempre com os labios entreabertos n'um sorriso cruel, fez um asceno a Ignacio que estava sentado em um toco, descançando muito tranquillamente do trabalho que tivera de amarrar o desditoso Theodoro.

O negro correu logo pressuroso, e Diogo perguntou-lhe:

— Onde está Chispim?

— Foi levar os animaes até á estrada, em direcção opposta á cidade, para evitar que elles seguissem já para a Fazenda, afim de termos tempo de alcançar o nosso rancho sem sermos perseguidos. Todas as precauções são necessarias quando se trata de um negocio sério, como este.



— Fez bem. Agora agarra aquella pombinha, e, por causa das duvidas vamos entrar no matto. Mas, toma cuidado, não lhe faças mal.

O negro fez um signal affirmativo com a cabeça e encaminhou-se para Rachel.

Esta, percebendo os intuitos d'aquelles miseraveis, e disposta a reagir até o ultimo alento, deitou a correr como uma louca, perseguida por Ignacio.

Diogo, contrariado, apressou o passo para auxiliar o seu cumplice, caso fosse preciso.

Vendo que o negro estava prestes a alcançal-a, a infeliz moça lançou mão do ultimo recurso que lhe restava em tão afflictiva situação.

Concentrando todos as suas forças, sem se importar quaes seriam as consequencias do seu acto que iria exacerbar os seus algozes, clamou com voz forte e estridente:

— Acudam-me... soccorro... soccorro que me matam..

Como que respondendo a estes brados angustiosos, dois tiros partiram do matto quasi simultaneamente.

Ignacio com o coração atravessado por uma bala, caiu logo morto.

Diogo nada soffreu, pois a bala roçára pela aba do chapéu; mas vendo-se só, preferiu fugir a empenhar-se n'uma lucta que lhe poderia ser funesta.

Com uma agilidade felina, embrenhou-se na matta e desapareceu.

Rachel, exhausta de forças, extraordinariamente commovida por aquelle soccorro inesperado, ainda incomprehensivel, caira de joelhos e com os olhos fitos no céu e as mãos estendidas, balbuciava apenas com uma concisão eloquente e fervorosa:

— Obrigada, meu Deus, obrigada!

Nisto um moço sahiu do matto, com a espingarda na mão, olhando recêoso para todos os lados. Perto d'elle estava um mulato, robusto e sympathico, que ao ver Ignacio immovel, deitado de bruços, n'um lago de sangue disse:



— Aquelle já não faz mais mal a ninguém.

Mas o moço, sem responder ao companheiro, correrá para onde vira a joven ajoelhada.

Ella voltou-se ao ouvir ruido, viu-o, e então ambos exclamaram ao mesmo tempo :

— Rachel !

— Jorge !

A infeliz quiz erguer-se, mas cairia de fraqueza e de commoção se o moço não a amparasse nos braços.

— E meu pae?! murmurou Rachel assustada.

— Onde está?

— Além, amarrado a uma arvore. Oh! corramos depressa a salvá-lo.

E, recuperando as forças ante a lembrança do perigo a que seu querido pae ainda poderia estar sujeito, retrocedeu correndo para o local onde tinham sido assaltados.

Jorge e o mulato seguiram-n'a, com as armas aperradas, promptas a fazer fogo sobre os miseraveis que ousassem renovar o ataque.

Em poucos minutos chegaram perto de Theodoro, que continuava gemendo, sem consciencia do que occorrera.

Jorge e o mulato acudiram-lhe immediatamente. Arrancaram-lhe a venda dos olhos, cortaram-lhe as cordas que tinha na cintura e nos pulsos, e, Rachel, chorando, abraçou o pobre velho, dizendo-lhe :

— Papai, meu querido papai, estamos salvos. Olhe: foi Deus que mandou Jorge até aqui para nos livrar de uma irremediavel desgraça.

Theodoro olhou em redor com desvairamento, e, entorpecido pelas violencias de que fôra victima, murmurou com voz fraca e trémula :

— E elles?

— Os salteadores?

— Sim.

— Fugiram.



— Menos um, disse Jorge a Theodoro, que está ali adiante estendido no caminho. Nunca imaginei que a minha espingarda fosse tão boa; creia que fiz tão certa pontaria que não errei uma pollegada do alvo que escolhi: as pontas do lenço vermelho que o negro tinha no pescoço, e que cahiam no peitilho da camisa.

— Mas os outros? inquiriu Theodoro ainda assustado.

— Desappareceram, e esteja descansado que não voltarão mais.

— Quantos eram? perguntou o mulato que se chamava Domingos, muito amigo da familia Lacerda que o estimava, concedendo-lhes regalias que os outros empregados não tinham, por ser collaço de Octavio.

— Eu vi tres, respondeu Rachel.

— Mas que foi feito de João Venancio? perguntou Jorge. Ficou em Campinas?

A joven estremeceu, accusando-se de, no seu egoismo, ter esquecido o fiel companheiro de quasi todas as suas viagens.

— Mataram-n'o, balbuciou Rachel com voz triste e dolorosa.

— Oh! que grandes malvados, bradou Domingos. Se eu os apanhasse!

E correu em procura do infeliz amigo que a alguns metros de distancia jazia prostrado e inerte, com o rosto horivelmente ferido.

Curvando-se sobre elle Domingos examinou-o, pondo-lhe a mão sobre o peito.

— Parece que tem ainda um restó de vida. Se pudesse-mos salvá-lo, disse para Jorge que se approximára.

— Faremos todo o possivel para isso. E' necessario conduzi-lo com muito cuidado. A primeira cousa que devemos fazer é participar a Octavio todos esses acontecimentos para elle dar immediatas e urgentes providencias.

— Eu vou á Fazenda, n'um pulo.



— Mas agora reparo, exclamou Jorge, olhando para todos os lados. Onde estão os animaes? |

— Devem estar perto, respondeu Domingos. Assustaram-se com o tiro que derrubou o pobre João Venancio, e como ficaram soltos, fugiram deste maldicto logar. Vou vê se os encontro.

— Mas vae depressa: não te demores, que se faz tarde.

Domingos deitou a correr na mesma direcção que Chrispim seguira meia hora antes, levando tranquillamente os cavallos, sem suspeitar o que succederia pouco depois aos seus cumplices.

Jorge voltou para junto de Theodoro, e auxiliou Rachel a tranquillizar o pobre velho que estava abatido, queixando-se de fortes dores nos braços e no peito.

Fizeram-n'o sentar, Jorge foi buscar agua que encontrou perto dalli, e Rachel lavou carinhosamente os pulsos intumescidos de seu pae.

Assim estiveram algum tempo, silenciosos, impacientes, sobresaltando-se ao menor rumor, quando ouviram distinctamente o galope de um animal que se approximava.

Momentos depois appareceu Domingos, dizendo:

— Só vi o pampa, o cavallo predilecto de sinhá. Os outros não encontrei, e para não demorar-me mais tirei o cilhão, que escondi no matto, montei em pêlo, e aqui estou.

— Fizeste bem respondeu Jorge. Agora corre a Fazenda, e dize que ficámos aqui esperando conducção. Escusado é dizer-te que o tempo é precioso: não deve perder um minuto. Vae

Domingos fez um gesto affirmativo, e largando das redeas do cavallo, desapareceu a todo galope, levantando um turbilhão de poeira.

Jorge e Rachel, sentados ao lado de Theodoro, permaneceram por muito tempo silenciosos e tristes.



Jorge foi o primeiro a quebrar aquelle sepulchral silencio, dizendo a Rachel :

— Conversemos um pouco para que o tempo passe mais depressa. Se não lhe fôr penoso, conte-me como se deram estes lamentaveis acontecimentos.

A joven, pallida, estremecendo ainda de terror, narrou minuciosamente quanto havia succedido ; e, terminando disse:

— Agora diga-me tambem por que acaso providencial poudes vir em nosso auxilio, livrando-nos de ultrajantes martyrios, e d'uma morte horrivel e inevitavel.

— E' muito simples, e não tem grande merecimeuto a minha intervenção, pois fiz o que qualquer outro faria. Como sabe, gosto immenso de caçar. Não podendo Octavio acompanhar-me, pois tinha de ajustar contas com uns empreiteiros e fiscalisar uns serviços, cuja conclusão era urgente, deliberei sair com o Domingos que é um excellente companheiro e habil caçador.

«Ora sabendo que regressavam hoje á Fazenda, lembrei-me de fazer-lhes uma surpresa, apparecendo-lhes no caminho, e por isso escolhi estes logares onde, segundo dizem, ha muita caça.

«Vendo que se approximava a hora em que deviam passar, comecei caminhando apenas pela orla do matto, não perdendo de vista o caminho, afim de realizar a minha inoffensiva brincadeira.

«De repente ouvi um tiro, a certa distancia, parecendo-me tambem ter escutado um grito de dôr. A idéa de que podia ser um crime me fez arrepiar os cabellos, ficando n'uma angustiosa inquietação quando me lembrei de si e de seu pae.

«Avançando o mais rapidamente possivel, com as devidas precauções para não ser presentido, pois queria prudentemente vêr o que succedera, afim de não sacrificar-me, sem utilidade alguma para as victimas, se as houvesse, fui subita e dolorosamente surpreendido com os seus brados de soccorro.



«Tendo reconhecido a sua voz, perdi a cabeça; corri como um louco na direcção dos gritos, e em breves instantes vi um negro que corria em perseguição de uma mulher. Não hesitei: levei a arma á cara, aponteilhe rapidamente e disparei. Domingos, que vinha perto de mim viu um outro miseravel, e sem trocarmos uma palavra, fizemos fogo quasi ao mesmo tempo. Infelizmente devido á maior distancia, Domingos não acertou.

«O resto, sabe como foi. Sahi logo do matto em sua procura, e vendo-a salva dos perigos, que eu ainda ignorava quaes fossem, experimentei um vivo prazer, com nunca tivera na minha vida. E congratulo-me pela feliz idéa que tive de vir esperal-os ao caminho. Embora d'uma outra fórma, de certo mais util e positiva, não deixei de fazer-lhes a minha surpresa...

Rachel, commovida, estendeu a mão a Jorge, murmurando com doce intonação:

— Oh! obrigado... jámais esquecerei que lhe devo a vida... e o que ainda é mais caro para mim... a vida de meu querido pae...

Jorge apertou entre as suas a mão de Rachel, e tal era a emoção que o dominava que não poudo proferir uma palavra.

Absortos nos seus pensamentos, ficaram novamente immersos no mais profundo silencio.

Um grande tropel de animaes veio, porém, arrancal-os áquella situação triste, concentrada e apprehensiva, motivada pelo sobresalto de que não estava ainda livres de perigo.

Deccorridos alguns momentos reconheceram Octavio precedendo um grupo de cavalleiros.

Vinha n'uma carreira vertiginosa, pallido, offegante, com a physionomia alterada pela mais viva inquietação.

Ao ver seu pae e sua irmã, apeou-se d'um salto e correu abraçal-os, com os olhos marejados de lagrimas, n'uma effusiva e nervosa expansão de carinhoso e acendrado affecto.



Foi uma scena commovente aquelle encontro ; unidos num só amplexo, pae e filhos, cedendo a um enternecimento irresistivel e vehemente, choraram de alegria ao vêrem-se juntos, depois da horrivel e ingominiosa desgraça que os ia separando, talvez para sempre.

Octavio, vendo que Jorge, visivelmente commovido, se affastára discretamente alguns passos, correu para elle, abraçou-o com intenso e reconhecido transporte, balbucian-do suffocado pelas lagrimas :

— Obrigado, Jorge... salvaste a vida de meu pae... livraste a minha pobre irmã da deshonra e da morte... Oh! Deus escolheu-te para anjo salvador da nossa familia... porque a tua alma é nobre, bôa, immaculada... Já eras o meu melhor amigo... serás d'ora avante meu irmão...

— Não exagges, Octavio... Aparecendo por um feliz acaso, cumpri apenas o meu dever. Qualquer homem, que passasse por aqui na occasião, faria o mesmo...

E Jorge querendo terminar aquella scena de expansiva gratidão, que tanto o impressionava, proseguiu com voz branda e affectuosa :

— Vamos, meu amigo... é tempo de seguirmos para a Fazenda... lembra-te que tua mãe deve estar louca de dôr, anciosa de abraçar teu pae e tua irmã...

— Tens razão, Jorge. O teu bom coração de tudo se lembra. Minha querida mãe... julguei que morria quando soube este desgraçado acontecimento...

Tendo chegado a conducção, Theodoro, que readquirira a sua natural serenidade, embora apresentasse um triste aspecto de soffrimento, foi, acompanhado de Rachel, para um trolly que o proprio Jorge quiz guiar.

Octavio, a cavallo, seguido de uma duzia de homens armados, escoltou as pobres victimas, olhando-as amorosamente, com indefinivel ternura...

Alguns camaradas foram encarregados de transportar, com o maximo cuidado, o corpo inerte do infeliz João Venancio.



E Domingos tomou a direcção de Campinas afim de participar ás auctoridades o que occorrera.

Tratando-se de uma familia considerada, e em vista da excepçional gravidade de um crime, tão audacioso e extraordinario, a policia poz-se immediatamente em campo.

Os seus melhores agentes desenvolveram desde logo toda a actividade possivel, mas apesar da sua bôa vontade não descobriram o menor indicio que os dirigisse na descoberta dos criminosos.

O corpo de Ignacio foi revistado, nada se encontrando no simples vestuario que lhe serviu de mortalha.

Procedeu-se ao mais rigoso inquerito; foram ouvidas as victimas, e, em vista dos signaes que Rachel deu dos infames salteadores, fizeram-se numerosas prisões, sem o menor resultado.

Interrogados habilmente, e acareados com os queixosos, os presos, soffrendo innocentemente a imputação de de um crime abominavel, eram logo postos em liberdade.

A sociedade campineira, que estimava muito a familia Lacerda, indignada, em alvoroço, não fallava n'outra cousa: era o assumpto obrigado de todas as conversações.

Mas as mais esperançosas pesquisas foram infructiferas, todo o enorme trabalho das auctoridades foi baldado.

A policia soffreu a primeira derrota da série que lhe estava reservada pelo famigerado Diogo que, qual Protheu do crime, transformava-se a cada instante, sem deixar o menor rastro, comprazendo-se até em commetter as suas arrojadas proezas que sabia envolver no mais impenetrante mysterio...

---



### III

## O MANUSCRITO

Havia em S. Paulo, n'uma rua escusa, estreita e tortuosa do Braz, um frege-moscas immundo que se adornava pomposamente com o titulo de *Restaurant Internacional*, pintado a vermelho, em uma grande taboleta que encimava as duas portas do estabelecimento.

Era tal a má fama que adquirira, por ser apenas frequentado de vagabundos incorrigiveis, de gatunos audaciosos e de terriveis malfeitores, que os transeuntes passavam de longe, com rapidez, principalmente de noite; e a propria policia receava intervir nos sanguinolentos conflictos que se travavam amiúde entre os *habitués*, pois não raras vezes se saíra mal, visto que, quando ella apparecia, todos confraternizavam, até os méros espectadores, para lhe darem encarniçado combate.

E, embora fossem presos alguns delles, mais de um pobre soldado era levado em braços, com a cabeça aberta por uma tremenda cacetada, ou grave e perigosamente ferido com a arma mais terrivel e traiçoeira que se conhece — a navalha — manejada com ferocidade e mestria incriveis por aquelles que entre os proprios companheiros eram temidos, pela designação que lhes davam de capoeiras, e de que tanto elles se ufanavam.

Desprezando, porém, o bonito titulo da taboleta que se ostentava na entrada d'aquelle antro, onde se reunia a escoria de S. Paulo, os *freguezes* deram-lhe arbitrariamente o pittoresco nome de *Gruta*.



Naturalmente esta denominação tivera seu principal fundamento em ficar o dito *Restaurant Internacional* abaixo do nível da rua pouco mais de meio metro, sendo preciso descer quatro degraus para ter a honra de conhecer o seu *amavel* proprietario, o famigerado Sebastião Ribeiro, mulato obeso, de physionomia rude e repellente, olhar duro e voz atroadora, que mostrava ter approximadamente uns quarenta annos.

Era casado e tinha tres filhos.

A mulher, Maria Joanna, era tambem mulata, mas mais escura do que elle; magra e esguia, nariz afilado, mento proeminente, dentes amarellos pelo abuso do fumo, tinha um genio terrivel, gritava todo o dia com voz rouquenha, e a proposito do mais futil motivo, insultava atrevidamente qualquer freguez, por mais valente que fosse.

Ninguém gostava d'ella, e até alguns mais audaciosos lhe chamavam de jararaca, com o que ella enfurecia, a ponto de espumar como uma epileptica larvada.

Era muitas vezes a causa de graves conflictos; mas ultimamente o marido vendo que podia perder a freguezia, admoestava-a, primeiro com brandura, depois com furor, terminando quasi sempre por pespegar-lhe, como *ultima ratio*, alguns fortes murros, acompanhados de outros tantos pontapés, que atiravam com a geniosa Joanna para cima dos quintos de pinga, onde ficava por algum tempo curlindo a raiva e as consequencias das *amaveis caricias* do seu Sebastião.

Os tres filhos d'este ridiculo casal eram: Theophilo, de 18 annos, Florinda, de 16 e José de 12.

Theophilo e José auxiliavam o pae ao balcão e serviam os freguezes; Florinda não sahia da cosinha e era quem mais aturava o genio atrabiliario da mãe que, vendo-a docil e submissa, não lhe poupava phrases insultuosas, indignas de serem proferidas por labios maternos.

Uma semana depois dos acontecimentos descriptos no capitulo antecedente, parava em frente da *Gruta* um



homem, mal trajado, e envolto em uma capa já bastante usada.

Seriam dez horas da noite.

As portas estavam fechadas; mas dentro havia um vozear confuso, sobresahindo de vez em quando um grito de ebrio, ou uma exclamação colerica de jogador infeliz.

O embuçado olhou em volta com attenta precaução, e não vendo ninguém, bateu compassadamente na porta, cinco vezes, com a mão fechada.

Momentos depois ouviu-se dentro uma voz forte e guttural, perguntando :

— Quem bate?

— Amigo dos cinco dedos...

— Da mão?

— Negra.

Immediatamente a porta abriu-se, dando entrada ao desconhecido.

Este, sempre embuçado, com o chapéo carregado para os olhos, avançou dois passos, e disse em tom de superioridade :

— Boa noite, rapazes.

Todos quantos estavam na *Gruta* responderam áquella saudação, e alguns mais perto ergueram-se, inclinado-se respeitosamente ante o recémchegado.

O mulato Sebastião curvando-se tambem, tanto quanto o permittia a sua obésidade, exclamou :

— Boa noite, sr. Diogo. Seja muito bemvindo. Não o esperava hoje.

— Porquê?

— Suppunha que estivesse ainda em viagem.

— Cheguei hontem.

E approximando-se mais do Sebastião, perguntou-lhe em voz baixa :

— O Juca Velho está ahi?

— Está lá dentro.

— No gabinete?

— Sim, senhor.



— Beni, vou fallar-lhe.

Diogo deu alguns passos, mas obedecendo a um subito pensamento, parou.

Reflectindo uns dois minutos, chamou com o seu habitual modo auctoritario:

— Sebastião!

— Senhor!

E o multato veio logo correndo, com a maior presteza possivel.

— Olha, disse-lhe Diogo, traze-me duas garrafas de bom vinho e trez copos.

— Tres copos?! Então o sr. Diogo quer que lhe mande mais um companheiro?

E apontou para um grupo que em volta de uma tosca meza bebia e jogava placidamente, como se fosse composto dos mais pacificos burguezes.

— Não, respondeu Diogo. Eu espero o meu secretario...

— O doutor Silva?

— Sim. Logo que elle vier, dize-lhe que estou no gabinete.

— Sim, Senhor.

— Mas vae primeiro avisar-me. Não quero que elle ouça algumas palavras da conversação que vou ter com o Juca Velho.

— Então desconfia d'elle?

— Não, não é isso; E' que ha certos segredos que nem elle mesmo deve saber. E' muito esperto, e um dia póde dar com a lingua nos dentes...

— Não acho elle capaz d'isso.

— O seguro morreu de velho. Sou cauteloso por indole, por systema e por necessidade. Não quero que um homem, seja quem fôr, conheça todo o meu passado e todos os meus planos futuros. A discrição e a desconfiança são as melhores armas de combate.

— V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> é bastante intelligente: sabe bem o que diz e o que faz.

— Obrigado pelo elogio. Agora traze tu mesmo o



vinho, e depois não tenhas a curiosidade de ir escutar. Vê lá!

— Oh! sr. Diogo. Eu não sou curioso, nem mereço que faça de mim conceito tão ruim. Sabe perfeitamente que sou seu amigo, devo-lhe gratidão e obediencia, e tenho-me na conta de um homem de bem.

— Não quiz offender-te, exclamou Diogo rindo. Não ingnoras que tenho por costume gracejar. Conheço os teus meritos e sou o primeiro a render a devida justiça ao teu character leal.

Dizendo isto Diogo deu uma palmada amigavel no hombro de Sebastião, que curvou-se agradecido.

— Não te demores com o vinho. Estou com vontade de beber.

— Vou já buscal-o. Com sua licença...

E o mulato correu a um armario velho, d'onde tirou as duas garrafas pedidas.

No entanto Diogo encaminhou-se para o interior da *Gruta*

Passou perto da cosinha, onde Florinda, sentada em um escabello, cabeceava.

— Que é isso, pequena? Estás com somno?

— E' verdade, sr. Diogo, disse a mulatinha levantando-se rapidamente. Se lhe parece: trabalhar desde as cinco horas da manhã, sem descansar um só momento!

— Pois vae deitar-te. A esta hora ninguem quer comer.

— Póde algum d'esses jogadores que estiver ganhando ter appetite, e...

— Ora, manda-o a fáva. Que coma pão com queijo.

— Deus me livre! Minha mãe era capaz de me bater..

— Onde está ella?

— Está dormindo. Bebeu um pouco de mais...

— Que excellente coração de mãe! E' um eumulo de ternura!

E Diogo, dando uma risada, affastou-se.



Atravessou um pequeno pateo e parou perto de uma porta fechada, por cujas frinchas sahia uma fraca claridade.

— Abre, Juca, disse Diogo batendo.

Ranheu logo a chave na fechadura, e appareceu um homem calvo, de suissas louras e nariz comprido, onde assentavam uns respeitaveis oculos, com aros de falsa tartaruga.

De estatura mediana, magro, orelhas grandes, olhos pequeninos, mas vivos e penetrantes, queixo saliente, o typo mais completo de velhaco, tal era o novo personagem que os nosos leitores já sabem dar pelo nome, ou alcunha, de Juca Velho.

Vendo Diogo, exclamou com voz de falsete:

— Oh! meu senhor! Ainda bem que veio. Estava ancioso pela sua chegada. Tenho excellentes cousas a dizer-lhe.

E recuou respeitosamente para dar passagem ao recém-chegado.

Este entrou e desembuçou-se, atirando com a capa e o chapéu para cima da meza.

Era um mancebo moreno, de bigode preto, olhos grandes e cheios de vivacidade, feições correctas e sympathicas.

Examinando-se, porém, mais detidamente, notava-se-lhe na physionomia uma certa dureza que desagradava, desfazendo a primeira impressão favoravel.

Ninguém diria que era aquelle o mesmo Diogo que, perseguido como temivel salteador, tentára raptar, em Campinas, a pobre Rachel, livre das suas garras por um acaso providencial.

E no entanto era elle proprio: vendo frustrados os seus infames planos contra a infeliz moça, desaparecera no matto, e, apesar das activas e promptas diligencias policiaes, conseguira habilmente escapar, embarcando para S. Paulo, onde novamente o encontramos, tranquillo e alegre, como se cousa alguma lhe tivesse acontecido.



Como Juca Velho fosse para fechar a porta, Diogo disse-lhe:

— Espera. Vem ahi o Sebastião como duas garrafas de vinho para molharmos as guélas...

— Não é má idéa, não senhor, exclamou Juca, esfregando as mãos de contentamento. O vinho, quando é bom, esclarece as pessoas mais ignorantes, e apura as melhores intelligencias... O patife do mulato tem um vinho especial, legitimo, que vende por bom preço mas é verdadeiro sumo de uva. O que é bom é caro...

— Engana-se, sr. Juca. E' exactamente o contrario do que está dizendo. O que é bom, nunca foi nem será caro.

E o mulato, proferindo estas palavras com a sua voz rude e guttural, a que procurava dar um tom alegre e amavel, entrou no gabinete e poz sobre a meza duas garrafas de vinho e tres copos.

— Não precisa mais nada, sr. Diogo?

— Não, pódes ir. Não te esqueças de avisar-me logo que chegue o meu secretario.

— Esteja descansado, sr. Diogo. Basta recommendar-me uma vez. Até logo.

O mulato saiu, e Juca velho apressou-se em fechar a porta.

Diogo sentou-se n'uma cadeira, e enchendo dois copos, offereceu um ao Juca, dizendo:

— A' nossa saude e de toda a sociedade.

— A' saude de nosso chefe e amigo, respondeu Juca.

Esvaziados os copos, Juca Velho sentou-se n'um banco e pegou em uns papeis que examinava quando Diogo bateu á porta, e que estavam perto de um lampeão de folha, que illuminava o pequeno compartimento conhecido na *Gruta* pelo nome de gabinete, e cuja mobilia consistia em uma meza tosca e comprida, tres bancos e duas cadeiras.

— Que papeis são esses? perguntou Diogo.

— São apontamentos e desenhos sobre o negocio do barão...



— Ah! tens muito adiantado esse serviço?

— Pouco tenho feito. Consegui tirar uma planta da casa, da parte que dá para o jardim.

— Só?

— E não foi sem dificuldades que fiz este trabalho. Quer ver?

— Não, pódes guardar essa papelada. Temos hoje assumptos mais importantes a tratar. Estou ancioso de saber o resultado do que, na semana passada, te incumbi.

Juca Velho sorriu.

— Então, perguntou Diogo, já arranjaste a pessoa que nos ha de auxiliar?

— Não arranjei, nem é preciso.

Diogo franziu os sobrôlho, e disse:

— Como?! Não é preciso?! Mas sem termos um intermediario nada poderemos fazer...

— Engana-se, sr. Diogo. O bom senso nos diz que, em certos negocios, quanto mais sósinho, melhor.

— Mas n'este caso...

— N'este caso tambem. E tanto que cumpri as suas ordens, sem precisar de auxilio de estranhos.

— Explica-te. Francamente, não te comprehendo.

— Pois vae já comprehender-me em duas palavras. O sr. Diogo queria possuir um certo manuscripto, não é verdade?

— Decerto.

— E eu fui buscal-o.

Diogo ergueu-se surprehendido, exclamando com ar incrédulo:

— Tu?!

— Eu mesmo.

— Mas...

— Já sei o que vae perguntar-me, e por isso antecipo a resposta. Andei espreitando a senhora, e tive a felicidade de vê-la sair com as suas creadas...

— E então?...

— Ora, então nada mais simples: aproveitei logo o



ensejo e fiz-lhe uma visita á casa. Procedi a uma busca minuciosa, e creia que não perdi o meu tempo...

— Encontrei!

— Encontrei o tal manuscripto dentro de um pequeno cofre que tive a habilidade de esvasiar completamente.

— Continha mais papeis?

— Um maço de cartas. O resto era joias e dinheiro, uma bagatela, que tratei igualmente de arrecadar nas algibeiras.

— Fizeste bem. Pódes, d'esta vez, guardar tudo para ti. Ouviste!

— Muito agradecido, sr. Diogo. Eu conservei intactos todos os valores, esperando as suas ordens.

— Onde está o manuscripto?

— Traga-o connigo. Por causas das duvidas não o larguei mais.

— E o maço de cartas?

— Tambem.

— Dá-me todos esses papeis, sem valor algum para outra pessoa, mas que eu aprecio mais do que se fossem bilhetes de loteria premiados com a sorte grande.

Juca desabotoou a velha sobrecasaca e tirou da ampla algibeira um rolo de papel e um pequeno maço de cartas, atados com uma fita azul.

— Aqui estão, disse emphaticamente, como quem apresenta uma prova irreductivel e honrosa da sua affirmada habilidade, posta, por momentos, em duvida.

A physionomia de Diogo radiou de intensa alegria.

Apossou-se dos papeis com irreprimivel impaciencia, e, fazendo um gesto de ameaça, bradou:

— Ah! agora posso começar a minha implacavel vingança. Chegou o momento de fazer sentir o peso esmagador da invisivel "*Mão Negra*...."

— Vamos ter muito trabalho? perguntou Juca aguilhoado pela curiosidade.



— Sim, meu velho, vamos iniciar uma porfiada campanha contra uma família poderosa, e contra todos os que a defenderem, opondo-se, de qualquer forma, á nossa marcha... Havemos de ficar victoriosos, e os despojos dos vencidos compensarão sobejamente os sacrificios que fizermos durante a lucta.

— Com um general activo e pratico, como o nosso chefe, não ha inimigos que não possamos vencer.

— Por muito bom que seja um general, retorquiú Diogo, nada se póde fazer sem o auxilio incondicional e corajoso das forças que commandar.

— Ah! o sr. Diogo bem sabe que a nossa sociedade obedece-lhe cégamente, e que apesar de sermos poucos, valemos um exercito.

— Dizes a verdade, e orgulho-me de merecer a vossa inteira confiança á qual saberei sempre corresponder com leal dedicação.

Apoz alguns momentos de silencio, Diogo proseguiu :

— Devo-te, amigo Juca, a posse d'estes papeis que são os alicerces da minha vingança, cuja realisação fará ao mesmo tempo a nossa felicidade. Prestaste-me um grande serviço que jámais esquecerei... E, escusado me parece dizer-te, que conto contigo como um dos melhores auxiliares que tenho... E's o meu braço direito, e se me faltasses não sei se seria capaz de levar ávante os meus projectos.

— O sr. Diogo póde dispôr de mim como lhe aprou-ver. Eu sou mais do que um soldado, impellido apenas pela disciplina... sou um amigo prompto a dar a vida pelo seu chefe...

— Obrigado, Juca. E's um homem como ha poucos... Mereces ser feliz, e sel-o-has porque o futuro reserva-nos riquezas e honrarias, se fômos energicos e perseverantes.

Os dois patifes estreitaram-se as mãos com cordealidade, firmando assim, tacitamente, um pacto que os devia ligar na tenebrosa vereda de horrorosos crimes que



em breve iam trilhar, com o desassombro e a audacia de emeritos malfeitos que não trepidam ante as maiores infamias.

— Tem algumas ordens a dar-me? perguntou Juca Velho.

— Não. Preciso pensar primeiramente no que devo fazer. Vou organizar o meu plano, e amanhã á noite te direi qual a parte que te reservo n'esta ardua e terrivel campanha que vamos encetar. Pódes estar certo de que não te distribuirei um papel secundario.

— Farei o que me mandar, seja facil ou difficil a sua execução... Aprecio até immensamente os lances arrojados, onde ha perigos a desviar ou a destruir... Sou de opinião que nada é impossivel, comtanto que se queira fazer. A força de vontade é o principal elemento para se conseguir todo e qualquer empreendimento.

— Fallaste como um sabio na sua cathedra, disse Diogo rindo. Gosto da maneira philosophica por que encaras as cousas... E's um homem pratico, e esse é o teu maior merecimento.

— Obrigado, sr. Diogo. Sou apenas um seu humilde discipulo que procura seguil-o e imital-o, não perdendo nenhuma das suas lições.

— Pois, meu velho, se assim continuares virás a ser melhor do que o mestre.

E Diogo, rindo, fez-lhe um gesto amigavel, que Juca Velho correspondeu com uma respeitosa mesura, com a qual quiz occultar a vaidosa satisfação que experimentou ao receber aquelle grande elogio do seu chefe.

Duas leves pancadas na porta chamaram a attenção dos dois patifes.

— Quem é? perguntou Diogo.

— Sou eu, sr. Diogo, respondeu uma voz aspera que indicava ser o mulato Sebastião quem batera. Venho dizer-lhe que chegou agora mesmo o doutor Silva.

— Ah! manda-o entrar, exclamou Diogo indo abrir a porta.



Momentos depois appareceu um homem de pequena estatura, magro, côr de cera, olhinhos de cobra, com um rosto vulpino onde transparecia a astucia na sua mais nitida e completa expressão.

Parecia ter uns quarenta annos, e o seu modo servil, o olhar obliquo, o permanente sorriso que lhe pairava nos descôrados labios, a voz melliflua e pausada, que irritava os nervos do ouvinte mais paciente, produziam uma desagradavel impressão que logo redundava na mais repulsiva antipathia.

Aquelle homunculo, tão desfavorecido da natureza, era, todavia, um dos vultos mais proeminentes da terrivel e criminosa sociedade secreta que os nossos leitores já sabem ter a denominação de "*Mão Negra*", por motivos que mais tarde diremos.

Chamava-se este novo personagem Antonio Mendes Silva, mas era conhecido e tratado por todos os seus consocios pelo pomposo e honorifico titulo de *doutor Silva*, como prova de admiração pela sua superioridade intellectual, que apenas consistia na refinada finura de consummado velhaco.

Era o secretario de Diogo, e por isso toda a *escripturação* da sociedade estava a seu cargo.

Diogo apreciava-o, mas ao mesmo tempo temia que elle se apoderasse de muitos segredos com os quaes quizesse mais tarde dominal-o, disputando-lhe a chefia.

Assim, occultava-lhe muita cousa, tratando-o bem, mas sempre como um subalterno, estimado por ser rigoroso no cumprimento dos seus deveres.

Diogo, ao vêr a ridicula figura de seu secretario, disse no tom de affectuosa familiaridade com que sabia captivar a sympathia de seus auxiliares:

— O nosso doutor veio hoje mais tarde. Aposto que a demora foi por sido arrebatado nas azas de Cupido para algum mysterioso recanto onde a apaixonada Julietta o aguardava, fremente de receio e ternura, e anciosa de vel-o. Não é verdade?



— O sr. Diogo bem sabe que já estou velho e o meu physico não é o de um Adónis para inspirar tão ardentes paixões, respondeu Silva, com a sua habitual e rasteira docilidade.

— Qual! retorquiui rindo o chefe. As mulheres não amam sómente a belleza mascula de um Adónis. A plastica é a cousa mais ephemera que se conhece... sujeita, como é, a acção destruidora do tempo e de muitos accidentes inevitaveis. Ellas apreciam tambem o engenho, o talento, a sagacidade de um homem superior, e essas admiraveis qualidades todos reconhecem no nosso estimado doutor.

— São bondades que eu não mareço, disse Silva, curvando-se agradecido.

E tendo entrado no gabinete, o astuto homunculo apertou a mão de Juca Velho com a intimidade de um antigo camarada e amigo.

Diogo encheu de vinho os tres copos, e disse:

— Bebamos á prosperidade da nossa associação para que brevemente ella seja temida, poderosa e invencivel.

— Para isso é bastante que o sr. Diogo não a desampare, exclamou Juca Velho que não perdia occasião de adular o chefe, conscio de auferir melhores proventos pela sua attitude hypocrita e subserviente.

— Decerto. Nas suas mãos está o nosso futuro, confirmou Silva, com egual servilismo.

Os tres patifes tocaram os copos e beberam.

Deccorridos alguns momentos de silencio, Diogo disse:

— Vamos a saber, doutor, como vae o negocio que entreguei a tua inexcedivel habilidade? Deve estar muito adiantado...

— Alguma cousa, sr. Diogo. Cumpri rigorosamente as suas ordens. Consegui ter entrada em casa da sr.<sup>a</sup> D. Amelia, e tanto ella como sua filha, me recebem e tratam muito bem. Por ora só poude insinuar-me o mais possivel na intimidade d'aquellas duas mulheres que são desconfiadas e retrahidas, por indole e pelo habito de



viverem sós, parecendo até não apreciarem o convívio com outras famílias, que não sejam de suas antigas relações. Mas graças ao auxílio eficaz da Gertrudes, a desconfiança e o retrahimento desapareceram, e hoje posso afirmar-lhe que estou senhor da praça...

— Muito bem, exclamou Diogo com visível satisfação. Não esperava outra cousa de ti. E's um secretario precioso. Mas conta-me, de que maneira procedeste para chegar a tão excellente resultado?

— Vagando, por feliz casualidade, uma casa contigua áquella onde móra D. Amelia, tratei immediatamente de a alugar. Combinei com a Gertrudes que acceitou figurar, provisoriamente, como minha mulher. Installámo-nos no dia seguinte, e como bons vizinhos tratámos logo de ir visitar as senhoras que nos receberam friamente, mas á força de attensões pudemos fazer com que fossemos depois melhor acolhidos.

— E com que nomes vocês se apresentaram? perguntou Diogo, sorrindo. Naturalmente arranjaram tudo com a maior cautela...

— Ah! certamente. Eu sei como se fazem as cousas... Para a sra. D. Amelia e sua filha, e para toda a vizinhança, sou Raphael Fernandes, ex-negociante em Uberaba, que, não tendo próle, vim para S. Paulo afim de gosar tranquillamente o que, durante muitos annos, ganhei ao balcão. *Minha mulher* é estimada pelo seu coração bemfazejo, e conhecida pelo nome de D. Carlota Souza Fernandes. Já vê que somos pessoas conceituadas, honestas, dignas de entrar na boa sociedade...

Diogo soltou uma gargalhada, e exclamou:

— Bravo. Tenho a honra de cumprimentar o muito honrado burguez, sr. Raphael Fernandes, e peço-lhe transmitta os meus respeitos á sua illustre consorte...

Os tres patifes riram-se, satisfeitos de tão infame mystificação.

— Agora, proseguiu Diogo, é preciso aproveitar o tempo. Já que foste immensamente feliz conseguindo il-



ludir essas duas mulheres, convêm pôr quanto antes em pratica o meu projecto. Como sabes, eu quero apoderar-me, para fins que mais tarde conhecerás, da gentil moça tua visinha... Vê se descobres um meio de a raptar, sem correremos o menor perigo....

— E' difficil. São poucas vezes de casa e sempre em companhia da mãe.

— Ora, a velha não é grande obstaculo. Escolhe os melhores homens da nossa gente, e, no momento propicio, fazes o rapto n'um abrir e fechar d'olhos. Quando a velha gritar já será tarde...

— E' um pouco arriscado esse trabalho. No entanto farei o possivel para cumprir as suas ordens. Para onde devo conduzir a moça?

— Para o subterraneo que sabes. E' a nossa cadeia...

— E tem muita pressa, sr. Diogo?

— Homem, essa pergunta não parece tua! Sempre temos pressa de conseguir os nossos mais ardentes desejos. Não deves, porém, precipitar-te: um passo em falso póde acarretar-nos sérios dissabores.

— Nada receie, sr. Diogo. Eu comprometto-me a fazer as cousas de modo a não correremos o menor perigo. Para isso vou pensar primeiro, formular o meu plano, e ter a indispensavel combinação com a minha *querida mulher*, que tanto me póde coadjuvar...

— Confio em ti. Em todo caso, se precisares do auxilio d'um bom companheiro, tens aqui o amigo Juca Velho, que está sempre prompto a concorrer para o bom exito dos nossos mais audazes empreendimentos.

— Estou inteiramente ás suas ordens, sr. Diogo, exclamou Juca inclinando-se.

— Bem. Por hoje está concluida a sessão. Amanhã trataremos d'outros assumptos, tambem importantes. Sinto-me fatigado, e como é um pouco tarde, vou recolher-me a palacio.

Dizendo isto, embuçou-se novamente, poz o chapéu, e fazendo um gesto amigavel de despedida, accrescentou:



— Boa noite, meus amigos.

— Boa noite, sr. Diogo, responderam quasi ao mesmo tempo Juca Velho e o doutor Silva.

Diogo saiu do gabinete e dirigiu-se para a sala onde estavam os jogadores.

Ao vê-lo o serviçal Sebastião correu logo ao seu encontro, segurando o abdomen, como se temesse que tão inseparavel amigo lhe fugisse.

— Então já se retira, sr. Diogo? perguntou elle.

— Sim. Preciso descançar o corpo e o espirito afim de readquirir novas forças para a lucta. Até amanhã, Sebastião.

— Até amanhã, sr. Diogo. Que os anjos o acompanhem...

— Obrigado. Prefiro ir só para casa. Fica tu na companhia dos anjos.

O mulato riu, com o estrondo d'uma pipa rolando, e disse, abrindo a porta da *Gruta*:

— Que excellentes anjinhos, sim senhor, os que ficam commigo! O que serão então os demonios?!

Diogo sorriu-se e saiu.

Logo que Sebastião fechou a porta, relanceou a vista em volta, com a sua habitual desconfiança, e depois de reflectir alguns momentos, tomou a direcção da cidade.

Caminhou, com passo ligeiro, mais de meia hora.

Por fim, chegando em frente de uma casa, de modesta apparencia, na rua da Esperança, parou, olhou attentamente para todos os lados, e tirando da algibeira uma chave, abriu a porta.

Entrou, fechou a porta mansamente, e mesmo no escuro, subiu tres degraus.

Voltou á direita, riscou um phosphoro e ascendeu a vela que estava sobre uma pequena mesa.

Tirou a capa e o chapéu que atirou sobre um velho canapé, e sentando-se em uma cadeira, soltou um longo suspiro de cansaço, dizendo:

— Até que finalmente, vou começar a minha terri-



vel vingança. Hoje não sou apenas impulsionado pelo odio de minha mãe. Tendo o mesmo intenso desejo de destruir a felicidade d'essa poderosa familia, até agora bafejada pela sorte. Ah! minha bella e orgulhosa Rachel, o teu jubilo por teres escapado do meu poder, durará pouco tempo. Se tu e toda a tua familia adivinhassem o que lhes reservo no futuro...

Fez uma breve pausa, e, tirando da algibeira os papéis que pouco antes havia recebido das mãos de Juca Velho, continuou no seu surdo monologo:

— Eis a primeira arma de combate com que vou iniciar o meu arsenal de guerra. Quem dirá que com estas folhas de papel eu posso humilhar aquelles que odeio, e que se julgam collocados no dourado throno do pederio social, aureolados pela virtude, cercados do respeito e da consideração de todos, disfructando tranquillamente a enorme riqueza que alguns d'elles, mais felizes, souberam accumular!...

E pondo o maço de cartas sobre a meza, desenrolou um caderno de papel, lendo as seguintes palavras escriptas na primeira folha, sob a fórmula de um titulo de veridica e interessante narrativa:

## HISTORIA DA MINHA VIDA

### REVELAÇÕES IMPORTANTES

E mais abaixo, em letra miuda, o seguinte pensamento:

*A confissão dos proprios erros, quando impellida pelo arrependimento sincero, allivia o coração, preparando-o para a tranquillidade feliz da morte, tão almejada pelo infeliz.*

ARTHUR.



Diogo descerrou os lábios n'um sorriso ironico, cruel, de diabolica perversidade.

Enrolou lentamente o caderno de papel, atou-o com a fita azul que havia tirado, e disse com voz grave e pausada como se respondesse a uma interrogativa:

— Não. Hoje não devo desvendar os reconditos segredos desta confissão escripta... E' tarde, e preciso repousar. Amanhã terei tempo para lêr, com a maxima attenção, esta *Historia da minha vida*, que deve ser deveras interessante.

E, levantando-se, dirigiu-se a um pequeno armario, embutido na parede, e chapeado de ferro.

Abriu-o como uma chave de segredo e guardou n'um escaninho, que móla oculta descobria, os preciosos papeis que haviam sido roubados pelo patife do Juca Velho.

Depois foi sentar-se novamente na cadeira, e ahi permaneceu por muito tempo, absorto, entregue ás suas reflexões, com os olhos fixos no espaço, n'uma attitude concentrada, de profunda meditação, que lhe dava um aspecto pavoroso, pela expressão physionomica de malvadez que lhe transparecia das feições contrahidas pela cólera, e do olhar sinistro, onde brilhava o mais intenso odio, prenhe de terriveis ameaças...

\*

\* \*

Mas, perguntará a justa e natural curiosidade dos leitores: o que contêm esse manuscripto, que o infame Diogo tanto aprecia, considerando-o como uma arma poderosa para a realisação de seus nefandos projectos?

Não podemos, por ora, transcrevel-o, para não anteciparmos o conhecimento de suas importantes revelações, visto que nos cumpre tratar de outros personagens e de outros acontecimentos, indispensaveis á acção romantica que não póde affastar-se do seu rumo natural.



Ter paciencia, é principal virtude do leitor, e já não dizemos da leitora, porque é — perdõem-nos as senhoras a franqueza — avançar quasi ao impossivel...

Quantas phrases de indignação e impaciencia serão proferidas pelas nossas gentis leitoras em vista da interrupção a que somos forçados, não transcrevendo immediatamente o mysterioso manuscripto?!... IV



IV

ODIO E AMOR

Tres dias antes do lamentavel acontecimento que tanto alarmou a pacifica e laboriosa população de Campinas, e que tão profundo abalo produziu em Theodoro e sua familia, houve uma festa sumptuosa no elegante palacete do barão de Lacerda, situado em S. Paulo, á rua do Carmo.

A noite era bella e primaveril; e a residencia do conhecido e estimado barão transformára-se em um verdadeiro éden, onde as mais queridas musas, Euterpe e Therpsycore, dominavam soberanas.

Uma pequena mas selecta orchestra, composta de distinctos professores, e dirigida por um notabilissimo maestro, amigo do barão, desferia torrentes de harmonia que deliciavam os venturosos convidados que enchiam as salas, onde reinava então o mais vivo entusiasmo.

Fazia annos a baroneza, e para solemnizar este faustoso anniversario, quiz o apaixonado barão dar uma esplendida *soirée*, para a qual convidou o escol da sociedade paulista, que acceitou e compareceu pressuroso, ávido de gozar tão brilhante festa, annunciada um mez antes, com os seus irresistiveis attractivos, em todos os salões aristocraticos.

Usando da semceremonia que nos é permissivel, por possuirmos uma varinha magica que nos torna invisiveis, entremos afoitamente no soberbo peristyle do palacete,



onde já se revela a sumptuosidade que só os millionarios pôdem apresentar.

Sem nos determos em minucias contemplativas, nem nos importarmos com os lacaios que, envergando a agaloada libré, mostram um ar satisfeito e orgulhoso, á altura da solemnidade daquella noite, subamos os degráus, em cada um dos quaes vêmos, collocados lateralmente, preciosos vasos de plantas orientaes, e, como se fossemos um ministro plenipotenciario d'alguma grande potencia, temida pelo consideravel numero de seus canhões, cuja voz atroadora faça emmudecer os fracos que ousem balbuciar «justiça e humanidade», — pisemos altivamente a rica alfombra das vastas salas repletas de convidados.

E uma vez que vamos gozar a *soirée*, sem convite dos barões de Lacerda, nem precisar sermos annunciados, o que nos collocaria em situação embaraçosa, abramos os olhos e os ouvidos para nada perdermos do encanto de tão grandiosa festa.

Apezar de termos dado apenas alguns passos, já experimentamos uma sensação agradabilissima e indefinivel.

A atmosphaera tépida e embalsamada, os perfumes de rescendentes flôres e as cadentes harmonias que inebriam — todo este conjuncto voluptuoso e encantador tem o magico poder de vigorar os sentidos e conseguir muitas vezes acalentar e adormecer a razão.

Ha certas valsas que fariam erguer os mortos se elles tivessem, por algum tempo, a faculdade de ouvir...

De subito, o nosso olhar que, extasiado, divagava por uma multidão de pessoas e de objectos, fixou-se em um anjo divinal que descera certamente do Empyreo para participar d'aquella festa ridente e sumptuosa.

Trajava vestido de setim branco, coberto de blonde, tambem alvo de neve.

Nos cabellos negros, que tão admiravelmente contrastavam com a alvura do seu collo venusto, via-se um diadema de pérolas — innocente insignia de candura que lhe adornava a magnifica e formosa cabeça.



No pescoço e nos pulsos brilhavam igualmente as filhas do mar.

Na mão direita segurava uma camelia branca, cuja haste se occultava n'um lenço de finissimas rendas.

Vendo aquelle resplendente e fascinante vulto de donzella, dir-se-hia ser o archanjo celeste, apparecendo, sereno e sublime, na hora da resurreição!

As luzes, scintillando á porfia, davam um divino realce ao rosto encantador.

D'este estasis fomos prosaicamente arrancados por um subito borborinho occasionado por uma valsa, magistralmente executada pela orchestra.

Começaram logo os pares volteando no salão, e dominados por aquella alegria suggestiva, relancámos o olhar por todos aquelles rostos animados, onde transparecia o mais entusiastico contentamento.

Era admiravel!

O tremor convulsivo da donzella, que sentia pela primeira vez, a sua mão juvenil e mimosa docemente apertada entre as mãos do enamorado, confundia-se, nas ondas phreneticas do baile, com o aperto de mão conquistado á flexibilidade voluptuosa da mulher garrida.

Obedecendo ao nosso pensamento, olhámos rapidamente para onde estava a formosa desconhecida, que tanto nos impressionára.

Vimos então, com intima inveja, um elegante joven que, curvado respeitosamente, parecia solicitar-lhe a honra d'aquella valsa.

Ella, com uma adoravel languidez e descerrando os carminados labios n'um sorriso angelical, decerto respondeu affirmativamente, pois que, levantando-se, ergueu graciosamente os braços, deixando vêr uma cintura seductora, que faria inveja á propria Venus.

O feliz mancebo enlaçou-a com respeitosa delicadeza, e aquelle par adoravel começou valsando, de envolta com os outros.



No rosto do moço lia-se claramente a alegria e o entusiasmo.

Não era preciso ter profundos conhecimentos sobre a psychologia do amor, para se perceber que elle estava loucamente apaixonado pelo cherubim que arrebatava nos braços, ao som da excellente musica...

Seria correspondido?

Ella, flexivel como uma rosa de Bengala, inclinava-se no braço do venturoso joven que estremecia ao seu contacto.

Os seus cabellos soltos e anelados roçavam pela frente do moço, causando-lhe vertigens.

O seu rosto, levemente ruborescido, manifestava uma certa commoção indefinivel... mixto de prazer e de soffrimento.

Quem era esta formosa joven, que attrahia todos os olhares, e recebia, serenamente graciosa, as mais respeitosas e delicadas attensões dos numerosos convidados do barão de Lacerda?

E aquelle moço, tão elegante e sympathico, de olhar vivo e intelligente, que, absorto, embevecido, trémulo de emoção, patenteava na physionomia radiante, a intensa paixão que o dominava pelo ser angelical que tinha nos braços, e cujo leve e doce contacto lhe enchia o coração da mais ineffavel ventura?

E' o que procurámos logo indagar, e graças ao poder magico de romancista, estamos habilitados a dizel-o immediatamente aos nossos leitores.

Ella — o anjo encantador d'aquella festa — era filha unica do barão de Lacerda, que a adorava, prodigalizando-lhe carinhos que só um extremoso coração de pae póde conter.

Chamava-se Judith e tinha 16 annos, incompletos.

Elle — o feliz Adónis — era um talentoso pintor, ha pouco chegado da Italia, mas de origem brasileira.

Chamava-se Oscar e tinha aproximadamente 22 annos.



Agora, que já conhecemos o bello e venturoso par, que tanto nos prendeu a attenção, digamos tambem algumas palavras sobre o barão e a baroneza de Lacerda.

O barão era casado em segundas nupcias, o que logo se suspeitava pela enorme differença de edades que havia no casal.

Elle já passára dos cincoenta annos, enquanto a baroneza tinha apenas vinte.

Rico, viuvo, com uma filha unica que nunca o contrariou em cousa alguma, o barão resolvera casar com uma moça muita formosa — chamada Magdalena — pertencente a uma familia pobre e de origem desconhecida.

Toda a familia Lacerda se oppoz a este casamento, mas o barão, pondo de lado considerações, pergaminhos e conselhos, não poudé resistir á paixão que a bella Magdalena lhe havia inspirado.

E, realmente, Magdalena era de uma graça sorridente, de uma belleza extraordinaria.

A elegancia do seu typo delicado e flexivel attrahia a attenção de todos, quando se mostrava passeando nos centros mais populosos de S. Paulo.

Parecia hespanhola, tal era o donaire do seu admiravel corpo de fada; mas, segundo fidedignas informações, affirmava-se que era natural do Pará, d'onde provinha toda a sua familia.

Era intelligente e espirituosa, e possuia uma boa educação, que, á custa de enormes sacrificios, lhe déra seu fallecido pae.

Mãe e filha viviam sós, aquella costurando, esta leccionando em casas particulares, quando o barão as conheceu.

Magdalena era requestada por alguns moços que se apaixonaram pela sua peregrina formosura; mas, desprezando-os pelo facto de terem muito coração e pouco dinheiro, ella preferiu o velho barão que, para compensar a idade, era bastante rico e podia, portanto, dar-lhe uma vida faustosa, que ella tanto anhelava.



Foi um acontecimento muito fallado em São Paulo, este consorcio *morganatico*.

Magdalena era conhecida como uma pobre professora; e muitas pessoas a tinham visto, caminhando ligeiramente, sem se importar com o murmúrio de admiração que sua seductora belleza provocava.

Soberba, altiva, orgulhosa, alvo exclusivo de todos os olhares, ouvindo um tiroteio de phrases expressivas ou banaes, ella seguia sempre seu caminho, desdenhosa, com um frio sorriso, que era cruel pela indiferença e esmagador pela zombaria.

Quando Magdalena passou a ser a senhora baroneza de Lacerda, muitos dos que a requestaram, não perderam as esperanças!

Nos salões, logo que ella apparecia, assediaram-n'a com phrases eloquentes e expressivas; mas foi então que Magdalena se revelou uma mulher extraordinariamente singular.

Grave na sua distincção de *aristocrata*, mas conscia da sua formosura, deixava que a adorassem e permittiaat é algumas pequenas liberdades que os mais ousados tentavam, com grande risco...

De subito, porem, surgia a espirituosa e terrivel Magdalena de outr'ora; e então era curioso vêr como o grupo adulador e atrevido debandava, sob o fogo mortifero de seus bellos olhos prctos, e de seus sarcasmos acerbos e ferinos.

Umas vezes, tinha nas suas ironias a inconsciencia e a volubidade infantis; outras, a sua critica, perfeitamente adequada, tornava-se caustica, terrivel, e inexoravel, de modo que aquelles que a soffriam, tinham fatal e vergonhosamente de bater em retirada, humilhados, tristes, cheios de desespero, uns premeditando pequenas vinganças, outros lamentando a sua atroz infelicidade...

O barão era o primeiro a soffrer as bruscas e crueis transições do singular temperamento de Magdalena; mas, loucamente apaixonado por sua mulher, tudo lhe perdoa-



va, tudo esquecia, comtanto que ella lhe sorrisse, depois de serenada a tempestade...

Um só affecto elle não trocava pelas caricias da baroneza: era o de Judith, da unica e idolatrada filha que tivera do primeiro matrimonio.

Tudo o mais elle desprezaria: familia, amigos, sociedade, desde que isto lhe fosse imposto pela formosa Magdalena.

As unicas pessoas de sua familia que lhe recebia e estimava era seu irmão Theodoro Correia de Lacerda, e sua sobrinha Rachel.

Com todos os outros parentes rompera relações por terem offendido Magdalena, chamando-lhe de especuladora e de namoradeira voluvel e incorrigivel.

Theodoro procurára tambem, como tantos outros parentes e amigos, dissuadir seu irmão de effectuar aquelle casamento; mas tivera a delicadeza de nunca insultar Magdalena, a quem alias nunca tinha visto, por elle viver retirado na sua Fazenda, em Campinas.

Por isso, o barão continuou tratando-o com a mesma antiga amizade; e tanto instou com Theodoro que este, quando vinha a S. Paulo, quasi sempre acompanhado de Rachel, ia visital-o.

Magdalena sympathisára com Rachel, e, como era a unica sobrinha do seu marido, que conhecia, procurou agradar-lhe, obsequiando-a com a captivante gentileza que ella sabia ter, quando queria.

Theodoro, bom e simples como era, depressa esqueceu a loucura d'aquelle casamento, como elle dizia intimamente, nos primeiros tempos; e, fascinado pelos modos educados e graciosos de Magdalena, e pela sua extraordinaria formosura, affeioou-se a sua cunhada com sinceridade.

Agora que apresentámos aos leitores os donos do palacete em que intrusamente nos encontramos, volveremos a observar Judith e Oscar que continuam valsando com incansavel enthusiasmo.



Quando soaram os ultimos acordes da valsa, Oscar dando o braço á sua gentil dama, perguntou-lhe:

— Deseja sentar-se, ou dar uma volta pelo salão ?

— Prefiro andar um pouco se não lhe é incommodo acompanhar-me.

— Oh ! minha senhora, exclamou o moço trahindo-se insensivelmente. São tão deliciosos os momentos felizes que passo ao lado de V. Exa. que desejaria fossem interminaveis...

Jndith enrubesceu ao ouvir estas palavras, proferidas com sincero e ardente entusiasmo.

Para disfarçar a sua perturbação, murmurou com voz maviosa, que era um dos seus admiraveis encantos :

— Faz tanto calor !

— Não admira, respondeu Oscar com attenciosa delicadeza. A flôr da sociedade paulista está reunida n'estes salões, apreciando a magnificente festa que o sr. barão tão cavalheirosa e gentilmente lhe proporcionou. Mas, se V. Exa. deseja, poderemos ir ao jardim, onde o ar é mais puro e agradável !...

— Vamos. Aqui suffoca-se. E' preciso respirar uma outra atmosphaera que seja menos pesada. E depois, todo esse sussurro produz tonturas... Não lhe succede o mesmo, sr. Oscar ?

— Sim, minha senhora. O borborinho das salas atordôa-me. Prefiro mil vezes os divertimentos ao ar livre, onde a alma se extasia na contemplação da natureza.

— E' natural, visto que o senhor é pintor, e, como todos os artistas, decerto aprecia mais uma bonita pay-sagem do que um vasto salão, por bem ornamentado que seja.

— E V. Exa. não pensa de igual modo ? Não acha incomparavelmente mais aprazivel um jardim, onde a variedade e o aroma das flôres prendem e inebriam os sentidos, do que uma casa, embora ricamente mobilada, onde só se vê muita gente, fallando, gesticulando, n'uma constante agitação, agrupando-se aqui e acolá para logo



depois de espalhar por todos os lados, como se fossem irrequietas ondas de um mar encapellado?

— Sou da sua opinião, sr. Oscar. Os encantos de uma *soirée* não me seduzem... Gosto uma ou outra vez de dançar, converso com as minhas amigas sobre diversos assumptos, ás vezes rio-me ao ouvir uma pilheria, mas tudo isto não me causa a impressão que sinto quando vejo uma obra d'arte, ou quando, em companhia de papai, vou passear pelos arrabaldes, e, correndo alegremente pelos prados, eu persigo as innocentes mariposas, colhendo ao mesmo tempo as bonitas flôres que encontro...

— Devem ser encantadores esses passeios, e no que V. Exa. acaba de dizer, prova que a poesia e a belleza são companheiras inseparaveis.

N'aquelle momento os dois jovens chegaram ao jardim que estava profuzamente illuminado.

Caminhavam silenciosos, embevecidos, como dois enamorados, quando se encontraram com duas pessoas que vinham conversando em voz baixa, mas com certa animação.

Ao verem Oscar e Judith calaram-se; e quando se approximaram, os dois jovens reconheceram, surprehendidos, que era a baroneza pelo braço de um moço moreno sympathico, de cabellos louros, e barba á ingleza, mas d'elles completamente desconhecido.

— Ah! és tu, disse a baroneza para Judith. Estimo bastante encontrar-te. Desejo que me auxilies a fazer as honras da casa.

— Estou ás suas ordens, senhora, respondeu Judith.

Voltando-se para os dois moços, Magdalena disse com a sua graciosa delicadeza:

— Os senhores desculpam-nos, não é verdade?

Ambos inclinaram-se respeitosamente.

Judith olhou para Oscar, com infinita ternura, e retirou-se em companhia da madrastra.

O joven pintor ia, por delicadeza, a dizer qualquer cousa ao desconhecido, que estava parado em sua frente,



quando surprehendeu-lhe o olhar de odio com que elle acompanhava Judith.

Então um singular presentimento o assaltou; é cousa extraordinaria, como que impellidos pelo mesmo pensamento, os dois moços encararam-se com fria altivez, trocando um olhar de desafio...

Nunca se tinham visto, mas ambos comprehenderam que desde aquelle instante seriam acerrimos e implacaveis inimigos.

E era sobre a cabeça angelical de Judith que se embatiam os dois sentimentos tão diametralmente oppostos — o odio e o amor.

Este era comprehensivel e natural, gerando-se no coração de Oscar, que, impressionavel artista, se deixára dominar pela candida belleza da filha do barão de Lacerda.

Mas aquelle?! Que razão tinha o desconhecido para odiar aquella joven tão bondosa, tão meiga, tão estimada por quantos a conheciam?

Mysterio!... e os nossos leitores vão certamente ficar mais admirados dizendo-lhes que o moço que tão animadamente vinha conversando com a baroneza, era o nosso conhecido Diogo, mas sob um novo aspecto, tão differente, que ninguem o poderia reconhecer...

Como se encontrava elle alli, na nobre residencia do opulento barão, e em tão intimo convivio com a formosa baronesa?

E' o que saberemos mais tarde, visto que por ora só nos é possivel dizer que o famigerado chefe da "*Mão Negra*" fôra ha alguns mezes apresentado ao barão de Lacerda, como um celebre engenheiro, natural do Pará, que resolvera fixar-se na capital paulista, depois de ter feito uma longa viagem de estudo pela Europa.

Dizia-se rico, sem familia, tendo apenas em Belém alguns parentes affastados, e tudo isso sob o falso nome de Gastão d'Albuquerque.

. . . . .



Terminou a esplendida *soirée* do barão de Lacerda; os convidados retiraram-se satisfeitos, e, ainda por uma singular casualidade, Oscar e Diogo encontraram-se no momento em que iam fazer as suas despedidas á baroneza.

Trocaram o mesmo olhar provocador, mas d'esta vez tão forte e pronunciado que Diogo tremia de raiva ao sair do palacete, e murmurava com voz estrangulada:

— O odio e o amor... Ah! veremos qual dos dois vencerá !...



V

CILADA INFAME

Em uma casa de modesta apparencia, na rua Santa Iphigenia, moravam duas mulheres que viviam tristes, isoladas, saindo poucas vezes, como se um grande desgosto as dominasse, tornando-lhes penosa a existencia.

Eram mãe e filha; e nas raras vezes que appareciam á janella, ou quando saham a fazer compras, os visinhos cumprimentavam-n'as, com o seu melhor sorriso, murmurando intimamente:

— Pobres senhoras! Como nas suas pallidas physionomias se conhece o soffrimento.

Effectivamente, eram duas victimas do infortunio.

Residiam ha muitos annos n'aquella casa, de sua propriedade, onde já tinham sido muito felizes; mas a fatalidade vibrára os mais rudes e ferinos golpes n'aquelles dois entes imbelles, bondosos, dignos de melhor sorte.

Amelia Lacerda de Carvalho e sua filha Dulce possuiam, porém, uma grande virtude que a religião christã indica e preconiza, mas que poucos seguem e cumprem es-trictamente: a resignação.

Balsamo consolador para todos os soffrimentos, suave e divinal lenitivo para as crusciantes dôres moraes, é a resignação o extremo recurso, a unica e poderosa salvação do perdido naufrago, prestes a sossobrar no pélagó profundo e vertiginoso da desgraça.

Se não fosse este pharol luminoso, onde se fixam tantos olhares que o pranto obumbra e a dôr desvaira,



quantos e quantos infelizes não succumbiriam á inexoravel adversidade que traiçoeiramente os fere, procurando lacerar-lhes, fibra a fibra, o coração?!

Oriunda da fé, sublime emanção divina, a resignação não só conforta e mitiga, como retempera a alma para novas vicissitudes, na luta tormentosa da vida.

Ha soffrimentos tão dolorosos e afflitivos que só Deus, com a sua infinita bondade, pôde suavisar; e, enquanto o atheu lança-se, como um louco, no deshonoroso abysmo do suicidio, o crente eleva os outros ao ceu, e implora ao misericordioso Omnipotente a necessaria coragem para supportar a desgraça que quer arrojal-o no vórtice insondavel da ultima desesperação.

E a serenidade surge, de uma maneira mysteriosa e sobrenatural, no coração do desventurado que a Fé salvou das garras aduncas d'esse horrivel monstro que se chama: — suicidio.

A vida não terá para o infeliz as rissonhas louçanias de outr'ora; mas ainda, como um dom celeste, vem um anjo niveo e candido apontar-lhe o unico caminho onde poderá encontrar o prazer, sob as tristes roupagens da miseria.

O anjo meigo, bello e sorridente tem o excelso e melodioso nome de — Caridade.

E o desgraçado que almejava a morte, suppondo não encontrar mais alegria na sua afflictiva existencia, descobre uma fonte inexgotavel de crystallinas e limpidas delicias!

Concorrer, quanto suas forças o permittam, para arrancar algumas victimas á mesma cruel adversidade que, sob outro aspecto, lhe fôra tão atroz inimiga...

Que sublime vingança!

Soccorrer os indigentes, velar pelos orphãos, guiando-os na estrada da honra e do trabalho, amparar a velhice nos ultimos passos da vida, consolar os enfermos, mitigando-lhes os dolorosos soffrimentos, acudir aos encarcerados, dando-lhes auxilios e conselhos que debellem os



vícios que receberam como triste herança atávica, ou que contrahiram no meio social para onde a miséria os atirára com perverso rancor, espalhar o bem, quando soffreu o mal, procurar fazer a felicidade de outros, já que perdeu a sua, insufflar a todos, pela palavra e pelo exemplo, a vivificante resignação evangelica — oh! como tudo isto lhe dará ineffaveis prazeres, chegando até a esquecer-se, muitas vezes, da sua propria desgraça!

Amelia Lacerda de Carvalho assim comprehendera a existencia, depois de crueis golpes que lhe vibrára a mais horrorosa das fatalidades.

Esmoler, caritativa, bondosa, o seu nome era abençoado por muitos infelizes a quem ella soccorria com o altruismo, modesto e silencioso, de uma nobre e verdadeira alma christã.

Sua filha auxiliava-a cordealmente n'esta doce missão de acudir á humanidade soffredora.

Mas que cruciante infortunio pungia o coração d'estas pobres senhoras?

E' o que vamos dizer, em poucas palavras.

D. Amelia, que mostrava ter mais de cincoenta annos, comquanto tivesse apenas quarenta, era irmã do barão de Lacerda, e de Theodoro.

No entanto era para estranhar que ella vivesse tão modestamente quando seus irmãos possuíam avultadas fortunas.

Reportando-nos ao tempo da sua juventude, vinte e tres annos atraz, saberemos a razão d'esta differença.

Tinha, portanto, D. Amelia n'essa época, dezeseite annos.

Vivia em casa de seus paes, em Campinas, com seus irmãos Joaquim (agraciado depois com o titulo de barão), Theodoro e Mathilde.

Havia a melhor harmonia na familia.

Seu pae Joaquim de Lacerda era d'um character austero, desconfiado, orgulhoso, embora apparentasse uma



lhaneza e affabilidade com que sabia captivar as pessoas que o visitavam.

Era muito laborioso, passando dias inteiros na roça a fiscalisar o serviço dos escravos; e, apesar de ter já alguns meios de fortuna, educava os filhos no trabalho, não permitindo, porém, que elles o auxiliassem nos rudes mistéres da lavoura.

Sua mãe, Carolina d'Almeida Lacerda, possuia todos os requisitos de uma bôa dona de casa: activa, economica e exigente, até em demasia, no serviço domestico.

As escravas andavam todo o santo dia n'uma polvorosa, sem que a patrôa lhes dêsse tempo para darem um pouco á lingua.

De mediocre intelligencia, deixava-se dominar completamente pelo marido: o que elle raciocinava e resolvia, ella approvava, sem se dar ao trabalho de pensar se era bom ou máu.

Amelia e seus irmãos riam e tagarelavam todas as noites, muitas vezes de parceria com a mãe, sendo o assumpto principal das conversações *ao serão* a critica levemente mordaz sobre os visinhos e conhecidos.

Ora aconteceu que um moço portuguez, pintor de notavel merecimento, chegasse a Campinas, onde fixou o seu atelier.

Chamava-se Ernesto de Carvalho, e logo pela sua physionomia sympathica, pela sua cultivada intelligencia e pela correcção de seu proceder soube grangear a affeição da parte illustrada da sociedade campineira.

Em uma festa de caridade realisada no theatro, Ernesto e Amelia conheceram-se; e desde logo um terno e forte sentimento affectivo ligou aquelles pois corações, como se o destino já tivesse, nos seus insondaveis mysterios, decretado a sua união.

Os dois jovens amaram-se com todo o ardor da mocidade.

Decorridos uns tres mezes, Ernesto, loucamente apaixonado, deliberou pedir a mão de Amelia; e, revestin-



do-se de coragem, deu esse passo arriscado d'onde póde provir a felicidade ou a desgraça de uma familia.

Joaquim de Lacerda ficou surprehendido; mas, dissimulado, como era, nada deu a entender do que se passava no seu intimo.

Fingindo hypocritamente que ia reflectir e consultar sua filha, não fez uma nem outra cousa, e, apesar de ter logo tomado uma subita resolução, propria do seu character arrebatado e orgulhoso, pediu o sacramental prazo, durante o qual Ernesto soffreu as torturas d'uma impaciente anciedade, só avaliadas pelos enamorados em identicas circumstancias.

Afinal sollicitado pelo mancebo, Joaquim de Lacerda respondeu cathegoricamente um esmagador "*não*"

Ernesto soffreu este cruel golpe, com as lagrimas nos olhos e a mais intensa dôr no coração; mas, digno e corajoso supportou com stoicismo o maior desgosto da sua vida.

Amelia, por uma casualidade, soube do occorrido: e, revoltando-se por ter sido tratada por seu pae com tanto desprezo, encontrou forças no seu immenso amor para reagir contra a vontade paterna.

Foi então que Joaquim de Lacerda, arrancando a mascara de hypocrita bondade que o convivio social lhe havia obrigado a pôr no rosto, demonstrou quanto era violento e brutal o seu character.

Proferiu as phrases mais asperas que se pódem dirigir a uma filha; e, vendo que ella continuava firme n'aquelle amor, a que consagrára inteiramente o coração, não trepidou em manchar os seus labios com a ameaça mais revoltante e inqualificavel que póde um pae dirigir a sua filha: a de desherdal-a, jurando-lhe que quanto elle possuia, nem mesmo por sua morte ella deveria usufruir.

E' o mesmo que dizer-se a uma filha, com o sangue frio d'uma perversidade inaudita: queres casar? pois bem: pódes tu e teus filhos morrerem de fome, a desgraça, a doença e a miseria poderão arruinar-te a saude, e



arrancar-te a vida no meio dos mais dolorosos soffrimentos, que eu, teu pae (!), vivendo na fartura e no conforto, não te darei as migalhas que sóbrem da minha mesa, nem te mandarei alguns trapos, que as creadas recusem, para cobrires a tua nudez!...

E porque razão o velho lavrador teve este torpe procedimento de pae desnaturado, sem coração nem consciencia, nem attender aos mais vulgares sentimentos religiosos e humanos?

Era Ernesto indigno de casar com sua filha?

Havia um forte impedimento que pudesse de futuro infelicitar Amelia?

Não, o infeliz moço tinha apenas dois grandes defeitos : era pobre e portuguez!!!...

Que lhe valia ser intelligente, trabalhador, honrado, estimado por quantos o conheciam?!

Que importava que elle fosse de uma familia honesta, d'uma elevada posição social?!

Não valia a pena tirar informações : a sentença estava lavrada com o despotismo de um autocrata.

Qualquer calumnia ou intriga, por mais ridicula e pequena que fosse, serviria de base para a condemnação.

Diversos amigos e parentes censuraram-n'o, não vendo motivos para elle destruir a felicidade de dois entes que se amavam, e nada mais queriam do que unir os seus corações.

Como um energumeno, Joaquim de Lacerda esbravejou ; e foi ainda sobre a pobre filha que fez recahir a sua colera, assustando-a com a terrivel perspectiva, caso se realisasse o casamento, de a condemnar ao odioso abandono da familia...

Que exemplo edificante de amor paternal!

Felizmente, não são muitos os paes desta qualidade...

A sociedade repelle-os, e Deus castiga-os por não terem sabido comprehender e cumprir os sagrados deveres da paternidade.



Ha muitos, embora que não pratiquem d'estas brutalidades que fez Joaquim de Lacerda, que querem obrigar suas filhas a acceitar, forçosamente, os noivos que elles escolhem !

Trocam um vestido, um chapéu, qualquer cousa que compraram e que as filhas não acham de *seu gosto* mas... os os maridos não têm escolha : *a obrigação de uma boa filha*, exclamam elles emphaticamente, *é acceitar, sem protesto, o noivo que a generosidade paterna lhe dêr !...*

Quanta ingorancia, d'onde derivam tanta infelicidades, tanta desmoralisação e até mesmo tantos crimes !

Sobre esse importante assumpto, não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever as sensatas palavras de um talentoso escriptor brasileiro :

. . . . .

«O primelro amor de um virginal coração... oh! o primeiro amor! o eterno sentimento que ainda quando não realisa seus anhelos, deixa, para jámais extinguir-se, seu doce e fragrante aroma impregnado n'alma!... o primeiro amor! almo desperto do somno da innocencia! chamma abrazadora da juventude... pura como ella, tão sem vil ambição, e tão bella e cheia de esperanças, como ainda a juventude!...

. . . . .

«Deus não póde amaldiçoar a donzella por hesitar obedecer a seu pae, e o mundo não tem direito de chamal-a ingrata; porque Deus está vendo a sorte que os homens prescrevem á mulher, e o mundo deve, antes de tudo, córar de si proprio!

«A verdade é esta: a mulher só tem na vida — o amor; sacrificar o seu unico bem é perder tudo, é deixar-se morrer de um modo cruel.

«Porque ou seja vicio de educação, ou de qual causa estimarem dar, a sorte da mulher é apoucada e mesquinha.

«Na divisão dos direitos e deveres coube-lhe um papel, sem duvida respeitavel e nobre de ~~de~~ de um



ponto de vista, porém, em tudo o mais secundario e chimerico: a mulher chega a ser mãe de familia... e mais nada.

«Primeiro felizmente adormecida no doce captiveiro de seus paes, acorda com um gemido para passar ao de seu tutor; ou se sorri, recebendo as cadêas que lhe lança seu marido. Sujeita desde que nasce... sujeita até que morre, tem sempre ao pé de si um homem para pensar e desejar por ella, para pelo prazer d'elle medir o seu. E' uma criança que sempre se vigia... um cêgo que se leva pela mão, ou quando muito, se consegue ser amada, uma escrava que se prende em um altar, uma divindade que se tem em ferros, e a quem se dá o nome de senhora!

«E a mulher ha de por força sujeitar-se á lei que os homens lhe téem imposto. Se alguma tentasse reaver... os seus direitos mais nobres e legitimos que Deus lhe concedeu e o mundo lhe arranca; se alguma ousasse dizer — eu sou livre! — teria horriveis tempestades a asoberbar e por fim succumbiria, porque o mundo entende que só ha dois caminhos para a mulher: o da escravidão e o da vergonha.

«E ainda quando ella sentindo-se insultada, gritasse — calumnia! calumnia! — o mundo rir-se-ia, respondendo sempre — vergonha! vergonha! — porque sómente o homem tem o direito de fazer face á opinião dos outros; e a mulher não póde ser sinão aquillo que o mundo quizer que seja...

«E apertada no estreito circulo dos deveres domesticos, a mulher não terá nunca outras honras, outra gloria a desejar, senão aquellas que se devem á fidelidade da esposa, á extremosa maternidade, ás virtudes domesticas emfim; e quando uma desgraça cair sobre ella e sobre sua familia, ella, a quem não se permite outro cuidado, outro culto que não seja o de sua familia, e o de si, isto é, ella, que está apertada no estreito circulo do deveres domesticos, é mais lamentavel do que o homem.



«Porque este tem o commercio, as armas, a politica, muito mais ainda, e finalmente a mulher. E esta tem unicamente—o homem !

«Ora, se elle, que póde ser distrahido por tantos interesses diversos, no vasto campo que se lhe abre para dar pasto a seu espirito, ainda assim é digno de lastima, quando desposa uma mulher que não ama ; ella, se abafa uma paixão, em que se esperançava, e liga sua vida inteira a um estranho, a quem jura obediencia e amor eterno, faz o maior de todos os sacrificios, apaga assim a unica luz que lhe podia tornar brilhante o caminho da vida.

«Por consequencia ninguem deve exigir de uma mulher o sacrificio de seu amor.

«Porque a unica esperanza que ella póde ter na vida é amar e ser amada.

«Porque o unico direito que se lhe concede no mundo, é, *às vezes*, o de acceitar ou não um noivo.

«Porque é justo que ella escolha entre todos as cadêas que lhe offerecem, aquellas que menos pesadas julgue, e mais douradas pareçam a seus olhos.

«Porque enfim é necessario que a mulher ame a seu marido, para que possa ser esposa feliz e mãe extrema.

«O contrario é augmentar o numero, tão grande, d'essas martyres que ahi vão passando pela vida, pallidas, silenciosas e que muita gente julga felizes, porque ellas, sempre generosas, sabem abafar seus suspiros, engulir seus gemidos, e esconder seus tormentos de um mundo egoista, e sem piedade, no qual a mulher é quasi sempre uma victima !

.....

«Que horroroso crime é um pae negociar com o coração da filha !

«A alma, que ama, a alma, que é dom do céu, a alma, que é espirito, a alma que é de Deus, póde comprar-se com o ouro dos homens?!



«O que é a desgraça da que, para não ser pobre liga-se para sempre ao homem que mal conhece, trahindo um outro que tem dominio sobre seus pensamentos, que é o objecto do mais puro amor? o que é? é uma mulher que se vende! não é uma mulher, não: é uma escrava, ou, ainda melhor, a alfaia delicada que o homem regatêa e compra!...

. . . . .  
«Não será enormissima crueldade obrigar uma moça a casar com um homem a quem não ama?

«O que fará a mulher que abafa suas ternas affeições para sacrificar-se a um noivo que nunca poderá amar? De duas uma: ou é má, e suspira por um véu de viuva, ou é victima, e com o rosto em lagrimas, com o padecimento na face, faz o tormento do marido que a infelicitá, e finalmente o atraíçôa n'alma; porque, mesmo, contra vontade, pensa no seu primeiro amor.

«A mulher que esquece o amor pelo ouro, que entrega sua mão a um homem por obediencia, ou com a vista em suas riquezas, procede pessimamente.

«Sim, porque a mulher vale muito, vale tudo pelo amor. Sem este perde o brilho, perde todo o seu merecimento.

«O amor é o perfume, o encanto da mulher. Aquella que vae junto aos altares jurar amor eterno a um homem que não ama, jurar por Deus o que não póde cumprir, é mil vezes sacrilega! Fecha com as proprias mãos as portas da salvação!»

. . . . .  
Quantas verdades encerram estas phrases eloquentes!

No entanto, muitos paes, abusando do seu poder, que em vez de suave e respeitavel o tornam cruel e tyrannico, não comprehendem quantas desgraças elles pódem occasionar forçando suas filhas a entregarem-se a maridos brutaes, só porque teem dinheiro ou elevadas posições na sociedade, mas que ellas repellem ou aborrecem.



O amor não se impõe, nasce espontaneamente, e quando elle cria fortes raizes nada ha que o possa destruir.

Mas continuemos na nossa narrativa, de que nos affastámos por alguns momentos, arrastados por estas considerações que irromperam do nosso cerebro com a impetuosidade entusiastica que tão magno assumpto social merece e provoca.

Os leitores decerto nos desculparão, comprehendendo que o romancista não deve limitar-se á dramatização de factos que a realidade ou a phantasia lhe apresenta ou suggere.

Evidenciar e defender os sãos principios da bôa philophia é cumprir o lemma que deve ter todo o escriptor hodierno: reunir o util ao agradável...

Como iamoz dizendo, Joaquim de Lacerda oppoz-se tenazmente ao casamento de sua filha com Ernesto.

Mas o amor é como a vaga, impellida pela tempestade, que mais cresce, se avoluma e irrita quanto maiores obstaculos encontrar na sua frente.

Amelia, chorando dia e noite, jurou que só a morte poderia impedir que ella unisse seu destino ao homem bom e honrado a quem déra o seu coração.

Alguns amigos de Ernesto e de Joaquim Lacerda atacaram com vehemencia a injustificavel obstinação d'este.

O velho lavrador, desorientado, vencido, declarou a um parente mais intimo, que tinha sobre elle grande influencia, que estava prompto a ceder, mas com a formal affirmativa de que o fazia constrangido, contra sua manifestada vontade.

Finalmente! O amor sahia victorioso da lucta, embora adquirisse um rancoroso inimigo que podia mais tarde perturbal-o na sua doce existencia...

Ernesto e Amelia consorciaram-se em Campinas, vindo pouco depois para S. Paulo onde continuaram gosando a mais suave e ineffavel *lua de mel*...

Decorreram alguns annos, sem que o menor aconte-



cimento viesse turbar a tranquilla felicidade daquelles dois entes, unidos pelo coração e pelo destino.

Dois filhos vieram estreitar mais os laços d'amor do feliz casal: primeiro Oscar, um robusto néné que era o encanto do pae, e depois Dulce, que era o vivo e perfeito retrato da mãe.

A fatalidade parecia, porém, esperar a occasião propicia para destruir, d'um golpe cruento e feroz, toda esta calma e alegre ventura.

Ernesto precisou fazer uma pequena viagem a São Bernardo e quiz levar comsigo Oscar, o querido filhinho, que já completára 4 annos de idade.

Pobre Amelia! Se ella suspeitasse, quando com a mais carinhosa sollicitude, preparava a maleta, onde ia arrumando os objectos indispensaveis para quem se ausenta de casa tres ou quatro dias, que a desgraça estava prestes a empolgar, de um modo horrivel e pungente, a felicidade de um lar, onde até então só houvera sorrisos e prazeres !...

Mas não é dado ao coração humano adivinhar e prever o futuro...

Ernesto chegou a S. Bernardo, tratou dos seus negocios, e, quando regressava a S. Paulo, ao passar por um caminho ermo e affastado da villa, foi subitamente assaltado por quatro negros que, apezar da sua corajosa resistencia, o feriram gravemente, arrastando-o para dentro de um pequeno capão que havia perto d'aquelle caminho, onde acabaram de o assassinar, com o sangue frio e a crueldade de hediondos cannibaes.

Commettido este horroroso crime, os malvados fugiram, levando com elles o infeliz Oscar, que debalde se debateu nos braços de seus raptorez, chorando e clamando desesperadamente por seus extremosos paes.

Para onde o conduziram? Arrancar-lhe-iam a vida um pouco mais distante, para que os dois cadaveres não ficassem no mesmo lugar, expostos á voracidade dos corvos?



Não se sabe. O mais impenetravel mysterio envolveu para sempre o desaparecimento da desditosa creança.

Dois dias depois do crime, uns tropeiros que por alli passavam, querendo descansar á sombra agradável que lhes offerecia o copado arvoredo d'aquelle pequeno bosque, descobriram o cadaver de Ernesto.

Assustados, foram immediatamente participar a sua descoberta ás respectivas auctoridades.

Estas compareceram no lugar do crime, procedendo ás primeiras investigações.

Reconhecido o cadaver, e tendo-se sabido que o desventurado pintor viajava com seu filhinho, deram-se as mais promptas e energicas providencias para se descobrir o paradeiro d'este.

Mas os melhores agentes policiaes nada conseguiram.

Os assassinos tinham feito desaparecer a creança, sem deixar o menor vestigio.

Amelia, nervosa e impaciente pela demora de seu marido, esperava a todo momento vê-lo chegar, com o bondoso sorriso com que elle sempre entrava em casa.

Quando a auctoridade lhe communicou o triste acontecimento, a pobre senhora quasi enlouqueceu de dôr!

Quiz vêr o corpo exanime de seu querido Ernesto, mas nem essa ultima consolação lhe foi permittida, visto que o enterramento se fez ás pressas, em vista do estado de adiantada decomposição do cadaver.

O desaparecimento de seu estremecido filho exacerbou de tal modo o soffrimento da infeliz senhora que, prostrada no leito por uma febre intensa, esteve por muito tempo entre a vida e a morte.

Quando, depois de uma lucta tenaz da medicina contra a mortal molestia, Amelia entrou em vogarosa convalescença, ninguem diria que era a mesma pessoa!

Tal era o estado de profundo abatimento em que ficára!

Os lindos cabellos caíram-lhe quasi completamente,



o rosto tornára-se-lhe pallido, macillento, enrugado, como se fosse uma valetudinaria, os olhos amortecidos, e o corpo magro e alquebrado, como se em tão pouco tempo tivesse envelhecido quarenta annos!

Se não fosse Dulce, a querida filhinha, unica lembrança viva que lhe restava do seu grande amor por Ernesto, a pobre senhora teria succumbido ao peso esmagador da dupla desgraça que tão atrozmente a assoberbára, com a rapidez fulminante de um raio.

Dulce, que tinha apenas dois annos, com a innocencia propria de sua idade, ia de quando em quando convidar a mamãisinha, como ella a tratava, para participar de seus folguedos infantis, como costumava fazer.

Amelia, immersa na mais infinda magua, com o coração dilacerado pela dôr e pela saudade, apertava Dulce amorosamente em seus braços, e rompia n'um pranto convulsivo, de extraordinaria amargura, gemendo e soluçando, ao mesmo tempo que beijava a loura cabeça de sua filha.

Esta, dominada inconscientemente por aquella grande e suggestiva tristeza, chorava tambem, e, lançando os braçinhos ao pescoço de Amelia, balbuciava com reprehensiva meiguice:

—Não chores, mamãisinha... olha que te faz mal... Eu fico triste e não tenho mais vontade de brincar...

A pobre senhora queria responder-lhe, mas apenas conseguia articular phrases incomprehensíveis, entrecortadas de angustiosos soluços.

E ambas, que a mesma atroz desgraça ferira, conservavam-se por algum tempo estreitamente abraçadas, misturando suas lagrimas, n'uma expansão de puro e commovente affecto.

Para augmentar a dôr incommensuravel de Amelia veio ainda juntar-se-lhe o cruel procedimento de Joaquim Lacerda.

O rancoroso pae não esquecera as suas terriveis e inqualificaveis ameaças.



O perdão, quando mesmo sua filha tivesse commettido uma falta, seria o balsamo consolador que iria mitigar o cruciante soffrimento de Amelia!

Mas o homem, que julgava ser severo quando não passava de um perverso, sem coração e sem consciencia, renegou a paternidade no momento em que sua filha necessitava do conforto e do carinho da familia.

Nem elle, nem a mãe e os irmãos, por sua ordem expressa e terminante, foram vêr a desditosa Amelia durante a sua grave doença.

A infeliz foi abandonada, e só, sem recursos, teria soffrido os horrores da miseria, que certamente a levariam ao tumulo, se os amigos de Ernesto não lhe valessem, e mais tarde uma tia, rica e bondosa, não a soccorresse, com a generosidade de uma alma nobre e christã.

Amelia sentiu dolorosamente o cruel procedimento de sua familia, mas, sem soltar um queixume, não querendo revelar a estranhos toda a extensão da sua enorme desgraça, guardou no coração estes acerbos espinhos que tão penosa e pungente lhe iam tornar a existencia.

Vendo que as auctoridades não puderam descobrir o menor indicio sobre Oscar, a pobre mãe julgou-o morto, e todas as noites, ajoelhada ante uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, fazia suas fervorosas preces pelos dois estremecidos entes que a morte arrebatára, de uma maneira tão tragica e horrorosa!

Quanto aos assassinos, a policia não fôra mais feliz, pois, apezar da actividade que demonstrou, foram inuteis todos os seus esforços para descobril-os.

Decorreram assim alguns annos, durante os quaes Amelia se entregou inteiramente á educação de sua filha, unico amor que, n'este mundo, a prendia.

Costurava para provêr ás necessidades domesticas, e teria experimentado as agruras da miseria, se sua tia, que era tambem sua madrinha, não lhe valesse, supprin-



do a ingrata e descaravel familia que tão indignamente a abandonára, em tão afflictivos transes da sua vida.

De repente, mais um desgosto veio exacerbar o doloroso soffrer de Amelia.

Victima de uma apoplexia fulminante, falleceu sua tia e protectora, a unica pessoa de familia que se condoeira da sua desgraça, e que com bons conselhos e carinhosos auxilios lhe suavisára a triste existencia.

Amelia chorou novamente a perda de mais um ente a quem amava de todo o coração.

Felizmente, a bondosa senhora não olvidára as duas orphãs, mãe e filha, tão rude e cruelmente sacrificadas pela desventura a uma vida penosa, sós e abandonadas á sua infeliz sorte.

No seu testamento contemplou Amelia com um generoso legado que não só a devia livrar da miseria, mas até lhe proporcionaria um viver tranquillo e confortavel.

Deus não desampara os desgraçados, e para substituir uns paes indignos que, por futeis motivos, postergavam os seus mais sagrados deveres, escolheu uma alma bôa, piedosa, crente na sublime religião do bem e da clemencia, que devia arrancar ás garras deshumanas da fome, ao dominio terrivel do desespero, uma pobre mãe, fraca, doente, assoberbada pela dôr, tendo nos braços uma filha, toda encantos, por quem lhe cumpria velar com o acendrado affecto, o terno carinho, que exigem uma menina, no desabrochar da juventude!

Amelia comprou a propriedade em que residia para n'ella passar o resto da sua existencia.

Queria viver e morrer na mesma casa, onde tinha sido feliz, ouvindo os balbucíos do seu primeiro filhinho, do seu querido Oscar, e as phrases d'amor, quentes e apaixonadas, do seu adorado Ernesto.

Cada compartimento, cada logar, e alguns insignificantes objectos que ella religiosamente guardava, como sagradas reliquias, lhe suggeriam as mais saudosas recordações que, em vez de lhe pungirem o coração, lhe



davam dolorosos momentos de delicia, unicos que apreciava, experimentando um agridoce bem-estar, que era então a sua maior ventura!

Evocar o passado, lembrar-se de pequenos acontecimentos domesticos que passariam despercebidos pela sua nulla importancia, repetir mentalmente phrases proferidas por Ernesto, quando fallava entusiasticamente do futuro, vêr, com os olhos marejados de lagrimas, os pinceis, o tento, a palêta, as tintas e algumas télas, de diversos tamanhos, apenas esboçadas, que ella beijava com respeitoso amor—era para Amelia um prazer indefinivel e incomparavel.

A's vezes sonhava acordada que ainda era feliz, que Ernesto ia terminar aquelles quadros, que via elle, com Oscar nos joelhos, brincar como uma creança, imitando a voz debil e balbuciante do filhinho que se vingava puxando-lhe pelo bigode, e que ella, alegre, risonha, sem invejas nem ambições, corria a estreital-os no mesmo abraço carinhoso, terno, de ineffavel ventura, ficando por algum tempo unidos os tres corações que, tranquilllos, palpitavam o mais extremoso e reciproço amor!

Mas o sonho desvanecia-se, como vaporosa visão, e a atroz e tétrica realidade surgia inclemente a apagar o sorriso que entreabria os labios de Amelia, e pelas faces pallidas da infeliz deslisava então o amargo pranto da saudade.

Assim viveu Amelia um anno, haurindo das evocações do passado e da suave e vivificante affeição de Dulce, a necessaria coragem para arrostar com o seu immenso infortunio.

Subitamente foi surprehendida com o fallecimento de seu pae; e a filha, tão vil e injustamente desprezada ainda teve sentidas lagrimas para verter pelo autor de seus dias que o orgulho, e a pessima comprehensão de seus deveres paternos, haviam obcecado a ponto de incorrer na grande falta de odiar innocentes, não querendo



vêr nem abençoar seus netos, peccaminoso proceder de que ia dar estrictas contas a Deus.

E nas suas quotidianas orações, Amelia juntou a memoria de seu pae, ás do marido, do filho e da madrinha, reunindo-as com o mesmo fervor, o mesmo carinhoso affecto, ante a imagem sacrosanta da Mãe Amantissima, d'Aquella que comprehende todas as dôres e todas as abnegações, tendo para todos os infelizes o divino sorriso do misericordioso perdão e do mais sublime, puro e meigo amor...

Sollicitada por seus irmãos, para se fazerem amigavelmente as partilhas, Amelia declarou que seu pae a havia desherdado, d'uma fórma peremptoria e clara, e a ella lhe cumpria obedecer ás determinações paternas; e, portanto, renunciava todos e quaesquer bens que lhe coubessem por herança de sua familia.

Foram baldados todos os esforços empregados por diversos parentes para a dissuadirem d'este proposito.

Amelia declarou que nada a faria demover da sua inabalavel resolução, pois ella e sua filha tinham com que viver, graças á generosidade de sua tia e madrinha, e não queria de modo algum offender a memoria de seu pae, rocebendo quaesquer valores que elle, em vida, lhe recusára, mesmo quando a doença e a miseria lhe amarguraram a existencia, ameaçando subvertel-a, e á sua querida Dulce, n'um pélagos de horrores.

Felizmente, restabelecera a sua saude, e ficára ao abrigo da fome, com o soccorro carinhoso de sua bôa tia; e, sem ter o menor resentimento contra seu pae, entendia, comtudo, que seria uma indignidade acceitar uma herança que não lhe pertencia, por ser contra a vontade expressa do seu fallecido possuidor.

E eis a razão porque Amelia vivia modestamente, emquanto seus irmãos gosavam a riqueza, augmentada, no decorrer dos annos, pela prosperidade que ia progressivamente adquirindo a lavoura cafeeira.



Quando sua mãe falleceu, repetiu-se o mesmo facto; chorou e rezou por aquella que lhe tinha dado o ser, mas não quiz receber um ceítill d'uma herança de que fôra espoliada, em castigo de haver amado Ernesto, crime de desobediencia (!) que jámais lhe tinham perdoado...

E quando o perdão não vem remir a culpa é porque subsiste a sentença condemnatoria...

Amelia não nutria, porém, a menor animosidade contra seus irmãos. Amava-os com a mesma affeição d'outr'ora, e rogava a Deus que elles e suas familias fossem felizes, disfructando tranquillamente a parte da herança de seus paes que ella havia recusado.

Os rendimentos do legado que lhe deixára a sua querida tia madrinha davam-lhe de sóbra para a sua parcimoniosa subsistencia; e ainda podia praticar o mais sublime preceito do Christianismo — a Caridade — socorrendo algumas infelizes familias que ella sabia que luctavam contra a penuria, assoberbadas pela doença ou pela desgraça.

Por isso o seu nome era abençoado, e, apezar do segredo e da modestia com ella procedia nos seus actos caritativos, a vizinhança conhecia-os, e tributava-lhe um respeitoso affecto, que a bondade e a desventura inspiram aos bons corações.

Vivendo sós, isoladas, não gostando de fazer nem de receber visitas, mãe e filha poucas vezes sahiam de casa, mas quando o faziam, iam sempre as duas, como se não pudessem estar separadas um só instante.

Dulce, que já completára 20 annos, era de fraca compleição, e no seu rosto, de uma belleza seráphica, havia tão accentuada expressão de meiguice, que parecia um anjo, preso á terra por alguma missão divina, toda de amor, de conforto e de caridade.

As intrigas, as torpezas, as mil perfidias do mundo lhe eram completamente desconhecidas. Não pensava que existisse o mal, sob os mais variados e enganadores aspectos.



Na sua candura, acreditava todas as falsidades, julgava boas e honradas todas as pessoas que com ella tratavam.

Foi por este ingénuo pensar que acceitou, sem o menor constrangimento, a visita de Raphael Fernandes e de sua mulher.

Amelia recebeu-os com polida frieza, não podendo reprimir uma certa desconfiança que involuntariamente lhe invadiu o espirito, logo á primeira vez que os viu.

Debalde ella se arguia d'este pensamento injustificavel, procurava occultal-o para não offender seus obsequiosos vizinhos.

Mais forte do que a sua vontade, era essa repulsa instinctiva que ella, sem o mais futil motivo, sentia intensamente contra aquelle casal de velhos que, na apparencia, eram tão bons e inoffensivos.

Parece que o seu coração de mãe, sob um poder mysterioso, advinhava que aquelles vizinhos tão bondosos, tão honrados, não eram mais do que dois miseraveis, indignos de transporem os humbraes da sua modesta casa.

E quando elles lhe participaram que iam mudar-se para outro ponto affastado da cidade, dizendo que tinham comprado uma propriedade, em hasta publica, e queriam morrer tranquillamente no *que era seu*, Amelia experimentou um grande allivio, como se a vizinhança d'aquelles dois entes lhe perturbasse a sua serena existencia.

Tendo-se realisado a mudança, Raphael Fernandes e sua *bondosa esposa*, foram despedir-se das suas queridas vizinhas a quem offereceram affectuosamente a sua nova residencia.

N'essa mesma noite, seriam 8 horas, mãe e filha costuravam, conversando sobre os dois velhos, que tão attenciosos e delicados se tinham sempre mostrado.

Dizia Dulce:

—Ora, mamã. Não comprehendo essa sua antipa-



thia contra D. Carlota e o sr. Raphael. Parecem ser tão boas pessoas!

—Tens razão, minha filha, em estranhares o meu procedimento. Eu mesmo me censuro. Mas que queres? Não posso conter-me. Sempre que vejo esses dois entes sinto um aperto no coração como se estivesse ameaçada d'uma grande desgraça.

—Que mal lhe poderiam fazer os pobres velhos?

—Acredito mesmo que sejam bons, caritativos, tudo o que quizeres. Mas, por mais que eu faça, não posso gostar d'elles...

Quando Amelia acabára de proferir estas palavras, parou uma carruagem em frente da casa, e pouco depois alguém bateu á porta.

Surprehendidas, mãe e filha ergueram-se ao mesmo tempo. Era a primeira vez que tal facto succedia, e, Amelia, nervosa, inquieta, balbuciou:

—Quem será?

Mas, procurando tranquillizar-se, perguntou com voz tremula:

—Quem é?

—Sou um creado do sr. barão de Lacerda.

Ao ouvir fallar de seu irmão, esqueceu todas as precauções, e foi abrir immediatamente a porta.

Viu um homem que, descobrindo-se respeitosamente, lhe perguntou:

—E' á sra. D. Amelia Lacerda a quem tenho a honra de fallar?

—Sim, sou eu. Que deseja?

—Trago uma carta da sra. baroneza para entregar a V. Exa.

Amelia recebeu a carta, e, rasgando o envelope com impaciente inquietação, approximou-se da luz, e leu em voz alta:

«Exma. Sra.

« Meu marido teve um ataque hemiplegico, e  
« os medicos receiam que se repita, pondo em  
« grave risco a sua existencia.



- « Não imagina a minha afflicção !  
« Com grande difficuldade poudes elle signifi-  
« car-me o grande desejo que tem de a vêr.  
« Disse-me, mais por gestos do que por pala-  
« vras, que quer abraçal-a nos ultimos momen-  
« tos da sua vida.  
« Obedecendo a vontade de um moribundo,  
« que nos é tão caro, rogo-lhe, minha senhora,  
« que venha immediatamente.  
« Esqueça quaesquer resentimentos, e ouça  
« apenas a voz do coração.  
« Espero que a sua presença salvará meu que-  
« rido marido, ou, ao menos, suavisar-lhe-ha os  
« ultimos soffrimentos da sua existencia.  
« Mande-lhe uma carruagem para que venha  
« depressa. Receio que chegue tarde...  
« Espero-a anciosa, e louca de dôr por este  
« triste e inesperado acontecimento.

« *Magdalena* »

Quando Amelia acabou de lêr aquella carta, timbrada com uma corôa de barão, chorava afflictivamente.

O affecto fraternal não havia desaparecido do seu bondoso coração.

Voltando-se para Dulce, que também chorava, disse-lhe :

—Vamos, minha filha. Não posso recusar-me a satisfazer os desejos de meu irmão. Lembrou-se de mim, em momento tão angustioso, e o meu dever, o nosso, é irmos abraçal-o...

—Sim, mamã, vamos depressa. Deus nos castigaria se outro fosse o nosso procedimento.

Apromptaram n'um instantane, e, tristes, lacrimosas, saíram de casa, que fecharam rapidamente.

O laçao esperava-as junto da portinhola do coupé.

Subiram, sem lhe dizer palavra, tal era a emoção que as dominava.



Elle cumprimentou-as, e fez um aceno ao cocheiro que, endireitando-se na almofada, fustigou com força os cavallos.

Estes eram fogosos, bem tratados e por isso largaram logo n'um trote rasgado que conservaram por um quarto d'hora, incitados pelo cocheiro que não os deixava afrouxar n'aquella corrida vertiginosa.

Ao principio as pobres senhoras, entregues ás suas dolorosas reflexões, não repararam na rapidez com que seguia a carruagem, attribuindo-a á pressa que fôra naturalmente recommendada ao cocheiro, visto tratar-se de um caso d'afflicção.

Mas, quando os minutos decorreram sem que chegassem a casa do barão, começaram a sobresaltar-se.

Amelia lembrou-se de descerrar a cortina da vidraça, e olhar para a rua que o coupé seguia n'aquelle momento, e, vendo que era uma estrada solitaria, tendo apenas algumas casas affastadas uma das outras, soltou um grito de estupefaciente surpresa.

—Que é, mamãi? perguntou Dulce assustada.

—Não sei, murmurou Amelia com voz tremula. E' extraordinario que o cocheiro se enganasse. Este não póde ser o caminho para a casa de meu irmão.

—Interroguemos o cocheiro...

—Sim. Tens razão. E' o unico meio de sabermos para onde vamos.

E batendo nos vidros com força, Amelia gritou:

—Cocheiro, pára! Pára!

Mas ou fosse pelo ruido da carruagem, ou por que não quizesse ouvir, elle não fez caso, e praguejando, desandou nos pobres cavallos tantas e tão violentas chicotadas que elles, embora cansados, começaram galopando quanto podiam.

As duas senhoras, prevendo uma desgraça, apavoradas, gritaram então ao mesmo tempo contra aquella carreira vertiginosa e incomprehensivel.



Minutos depois a carruagem parava n'um logar escuro, perto d'algumas arvores frondosas.

—Onde vamos? perguntou Amelia, procurando apparentar firmeza.

—Para a casa do sr. barão, respondeu o cocheiro, dando uma gargalhada.

De repente, as duas portinholas do coupé abriram-se simultaneamente, e dois homens mascarados surgiram como phantasmas diante das pobres senhoras, aniquiladas pelo terror.

Com extraordinaria rapidez Amelia foi atirada brutalmente para a estrada, e os dois desconhecidos entraram no coupé, tendo um delles o cuidado de amordaçar Dulce que, transida de pavor, perdeu os sentidos...

O cocheiro tornou a fustigar os fogosos cavallos que recommearam correndo com o mesmo ardor.

Decorridos uns vinte minutos o coupé parou. Os dois mascarados desceram, e dispunham-se a carregar Dulce nos braços quando ella, áquelle repellente contacto, recuperou os sentidos.

Vendo-se agarrada, a pobre moça quiz reagir, mas inuteis foram os seus esforços.

Amordaçada e segura pelos dois miseraveis, de nada valeu a sua resistencia.

Foi arrastada violentamente para uma pequena casa, á porta da qual appareceu uma negra velha, de horrenda e repulsiva fealdade.

Dulce entrou, empurrada brutalmente pelos homens e pela negra, n'aquelle antro da infamia, cuja porta elles fecharam immediatamente.

O coupé desapareceu, e momentos depois reinava o mais profundo silencio n'aquelle local, onde mais um crime fôra commettido pela terrivel sociedade da «Mão Negra»...



## VI

### BEPPI, O BUFARINHEIRO

No dia seguinte áquelle em que foi raptada a infeliz Dulce, pelas oito horas da manhã, pouca gente andava pelas ruas de S. Paulo, e essa mesma apressadamente, temendo a tempestade, prestes a desencadear-se.

De repente, ribombou um trovão medonho, que foi como que o signal do terrivel combate entre as forças atmosphericas que immediatamente se entrechocaram com pavoroso ruido.

De todos os lados brilharam ininterruptos relampagos, parecendo estarem suspensas no ar dezenas de baterias a degladiarem-se encarniçadamente.

Cairam grossas bategas d'agua, que, dentro em pouco, pareciam catadupas torrencias.

Todos fugiram; ninguém se aventurava a atravessar as ruas da cidade, principalmente no Braz, que se haviam convertido em ribeiros caudaes.

Na *Gruta*, sentados a uma tosca mesa de pinho, estavam dois rapazes, um de 10 e outro de 7 annos, verdadeiros typos de garotos, mal trajados, que comiam sofregamente, sem prestarem attenção ao que se passava em redor d'elles.

Uma duzia de homens, mal encarados, bebiam e discutiam, fazendo uma algazarra infernal.

Sebastião ria-se e fallava ao mesmo tempo, mas sem perder de vista os dois rapazes, como se nutrisse uma desconfiança; e quando o mais edoso o chamou para lhe



pagar, correu pressuroso, satisfeito, livre já das suas apprehensões, pelo menos aparentemente.

Ao fazer as contas da despesa, conheceu que as pobres creanças não eram das mais espertas, isto é, não tinham a necessaria experiencia que outras muitas, habituadas á vida errante, possuem em subido gráu.

E—caso raro!—foi d'aquella vez honrado o obéso e repellente mulato.

Levou só duzentos réis a mais do preço devido!

O mais velho dos garotos, chamado Luiz, pagou e encaminhou-se para a porta onde ficou triste, emparvecido, olhando para a rua que n'aquella occasião estava quasi intransitavel, não só por causa da chuva, como porque andava sendo novamente empedrada, trabalho que o máu tempo fizéra interromper.

Segurava o companheiro pela mão, e ambos, mal chegados de roupa, tremiam com a friagem d'aquella manhã invernosa.

Não soltavam, porém, um unico queixume.

Com stoica resignação, rarissima em creanças d'aquella idade, supportavam corajosamente o frio e pareciam não recear a chuva nem o logar onde estavam.

Satisfeitos por terem ao menos o estomago confortado com algum alimento, os dois garotos, sem trocarem uma palavra, esperavam anciosos que a chuva abrandasse para se pôrem a caminho.

Luiz parecia mais impaciente, pois batia repetidas vezes com o pé direito no sólo, e meneava a cabeça em ar de descontentamento.

Assim estiveram por alguns minutos á porta da *Gruta*, maldizendo aquelle pessimo tempo que lhes estorvava a realisação de seus designios.

Receando que se fizesse tarde, Luiz dirigiu-se ao mulato e perguntou-lhe as horas.

—São oito e meia, respondeu Sebastião.

—Obrigado.



—E Luiz encaminhando-se novamente para a porta, murmurou com tristeza:

—Valha-me Deus. Se me demoro é possível que não encontre mais em casa o sr. Oscar. E eu preciso tanto fallar-lhe...

A chuva continuava caindo torrencialmente.

Luiz ficára aborrecido, perplexo, sem saber o que fazer.

Afinal, disse para o companheiro:

—Olha! eu tenho que fallar com o sr. Oscar, mas está chovendo muito, e receio ir contigo... Tu estás cansado, és fraco e podes adoecer. Não seria melhor ficares aqui até eu voltar?

—Não, não, mano Luiz, tenho medo de ficar aqui sósinho.

Pois sim, Heitor, eu também não desejava, mas... prometto-te que voltarei o mais depressa que puder.

—Não, eu quero ir contigo, disse o rapazinho agarrando com força no braço do irmão.

—Está bem, iremos ambos a casa do sr. Oscar, mas não temos outro remedio senão esperar que diminua a chuva.

—Paciencia. Se nos demoramos não é por nossa culpa.

—Tens razão. A avó não ha de censurar-nos... E depois, logo que passe a maior força d'esta tempestade, iremos ter com o sr. Oscar, e contar-lhe-hemos o que nos têm succedido.

Apoz uma breve pausa, Luiz proseguiu:

—Vamos sentar-nos. Provavelmente o mulato não nos porá para fóra com este tempo...

Os dois rapazinhos foram sentar-se num banco, entre a porta e o grupo de homens que continuava na mesma algazarra.

Encostados um ao outro, encolhidos com frio, os dois irmãos ficaram quietos e silenciosos.



De repente Luiz estremeceu e prestou toda a atenção ao que diziam dois homens que, afastados do grupo, estavam n'outra mesa comendo e bebendo com appetite.

—Pois é o que te digo, meu caro, dizia um piscando os olhos e dando estalos com a língua. O patrão é homem de gosto. A moça que hontem cahiu na rêde é bonita a valer.

—O que me admira é como vocês foram capazes de a roubar em pleno S. Paulo, sem terem precisão de usar dos *grandes meios*...

—Ora, nada mais simples. Ella veio de sua livre vontade.

—Então não foi roubada?!

—Não é isso homem. Tu não comprehendes. Ella saiu de casa suppondo que ia para o palacio d'uma tal baroneza de Lacerda, e quando deu pelo *engano* já era tarde...

—Ah! isso agora é outra cousa. E não gritou?

—Não lhe démos tempo para isso. Eu e o meu companheiro não somos novos no officio. Sabemos muito bem como se fazem certos trabalhos melindrosos e arriscados...

—E então a esta hora, em vez de abraçar a tal baroneza, a moça bonita terá de contentar-se com um abraço do nosso chefe!

E o patife dando uma punhada na mesa, riu com grande satisfação.

O que primeiro fallára, tendo reparado nos dois rapazinhos, disse algumas palavras em segredo ao companheiro.

E desde então continuaram conversando em voz baixa.

Heitor que ouvira tambem a conversação dos dois homens, disse para o irmão:

—Parece que elles estão fallando d'aquella senhora de hontem á noite.



—Cala-te, interrompeu Luiz. Esta gente deve ser muito má, e se nos ouvissem...

—Então vamos embora...

—Espera. Elles nada perceberam, e como não adivinham que sabemos onde está a pobre moça... Coitada! Quem sabe se o sr. Oscar póde livral-a destes malvados.

—E' melhor dizer-lhe tudo...

—Isso mesmo eu tenciono fazer. E assim praticaremos uma boa acção, sem deixarmos de cumprir o que a avó nos mandou...

Depois de trocarem estas palavras, quasi em segredo, os dois rapazinhos ficaram de novo no mais absoluto silencio.

Decorridos uns dez minutos Luiz levantou-se, foi até á porta, observou o tempo e voltando-se para o irmão que o acompanhára, disse-lhe:

—Parece que chove menos. Se houver uma estiagem devemos logo aproveitál-a para cominharmos o mais depressa possível,

Pouco depois eram satisfeitos os desejos dos dois rapazinhos.

A tempestade foi diminuindo de intensidade, a chuva deixou de ser torrencial e foi abrandando até ficar apenas em uma garôa finissima.

—Vamos, disse Luiz. Dá-me a tua mão e caminha depressa.

E saíram ambos da *Gruta* quasi correndo em direcção ao centro da cidade.

Quando chegaram em frente d'uma casa na rua Florencio d'Abreu pararam extenuados de cansaço, e molhados até os ossos.

Luiz bateu á porta.

Appareceu um velho, de physionomia sympathica que ao vê-los, exclamou com modo affectuoso e compassivo:

—São vocês, pequenos? Coitados, como tiveram coragem de vir até aqui com este tempo. Eu cheguei



primeiro, mas não vim com as minhas pernas. Entrem, que o sr. Oscar está lá dentro...

Os dois rapazinhos entraram em um atelier de pintura, onde sentaram-se num banco.

O velhote, com a bonhomia propria da sua idade, e que lhe devia ser característica, tendo fechado a porta, veio acariciar o rosto de Heitor, dizendo-lhe:

—Tambem tu tiveste animo de vir até aqui? Era melhor teres ficado em casa, acompanhando tua avó. Bastava que viesse só o Luiz...

—Elle quiz vir, disse o mais velho, e a avó consentiu, porque é melhor andarmos juntos. Se não fosse a chuva era apenas um passeio, pois estamos costumados a andar...

—Está bem. Vou dizer a Oscar que Vocês chegaram. Elle está em cuidado porque eu já lhe contei que vossa avó está doente e deseja muito fallar com elle...

E o velhote saiu, voltando pouco depois na companhia de Oscar.

Este já é conhecido dos nossos leitores, que tiveram occasião de o ver dansando com Judith no esplendido baile que o barão de Lacerda déra no seu palacete, uma semana antes d'estes acontecimentos que estamos agora narrando.

Dirigindo-se logo affectuosamente aos dois rapazinhos, Oscar disse-lhes:

—Como vocês estão molhados! E' melhor tirarem essa roupa para enxugar. Eu não tenho outra que lhes sirva, mas embrulhem-se em cobertores, enquanto esperam que séque o vestuario, ao calor do fogão...

—Não é preciso, sr. Oscar, balbuciou Luiz.

—Deixem-se de observações. Assim é que se apanha uma doença. Vão com Beppi que elle se encarrega de os agazalhar e de lhes dar de comer.

—Nós já comemos alguma cousa. com o dinheiro que o sr. Beppi nos deu hontem...



Pois bem, almoçam outra vez. Com este frio ha mais appetite. Vão, e d'aqui a pouco fallaremos.

E Oscar empurrava brandamente os dois rapazinhos para um outro compartimento, onde Beppi, o bom velhote, os conduziu, tirou-lhes a roupa, e deu-lhes um grande cobertor com que os dois irmãos se envolveram, muito satisfeitos de serem tratados com tão affectuoso cuidado.

Comeram bem, tomaram café, e vencidos pelo cansaço, adormeceram.

Quando duas horas depois despertaram, encontraram a roupa enxuta, vestiram-n'a, e Luiz bateu devagarinho na porta que dava para o atelier.

Oscar retocava uma paysagem, conversando ao mesmo tempo com Beppi.

Como já dissemos, era este um velho bondoso e sympathico.

De barba branca, muito curta, de pequena estatura, magro, sempre alegre e risonho, não mostrava sentir o peso dos seus 70 annos, pois não parava sentado meia hora seguida.

Era um velhote irrequieto, e d'uma robustez extraordinaria em tão avançada idade.

Italiano, mas tendo estado muitos annos no Brasil, fallava regularmente o portuguez.

Como era toscano, escapava-lhe, ás vezes, pela força do habito, algumas exclamações na lingua natal, mas sempre prazenteiro, elle proprio se censurava do costume de praguejar, principalmente quando alguma cousa o contrariava.

Estimava muito Oscar, e tinha sobre elle uma influencia paternal, por motivos que mais tarde serão conhecidos dos nossos leitores.

Oscar correspondia-lhe com o mais sincero affecto, e, levado mesmo pelo imperioso dever de gratidão, ouvia-o sempre respeitosamente, seguia os seus conselhos e consultava-o todas as vezes que precisava resolver qualquer difficuldade da sua vida.



Beppi tinha sido bufarinheiro, e mascateando alguns annos juntára um bom peculio com que vivia actualmente na Penha, n'uma casinha, de sua propriedade, onde Oscar ia frequentes vezes visital-o.

Não era rico, mas fazia o bem que podia, pelo que era estimado por quantos o conheciam.

Sentindo bater na porta, Oscar foi abrir e disse:

—Dormiram bem? Agora estão melhor, não é assim? Ora entrem e vamos conversar.

Luiz e Heitor entraram no atelier, e ficaram de pé, esperando que Oscar os interrogasse.

O joven pintor, pegando nos pinceis para proseguir no seu trabalho, perguntou:

—Então a pobre Guilhermina está doente?

—Está, sim senhor, respondeu Luiz inclinando tristemente a cabeça.

—Mas não é doença de cuidado?

—A avó não se queixa de dôres, mas está muito fraca e abatida.

—Isso é proprio da idade. Ella já passou dos oitenta annos! Tua mãe ficou em casa?

—E' quem está tratando a avó, mas...

Mas o quê? Falla.

—O sr. Oscar bem sabe que somos pobres, e uma pessoa doente precisa um certo tratamento...

—Que custa dlnheiro. Não é o que querias dizer?

—E', sim senhor. E como o sr. Oscar e o sr. Beppi são os unicos protectores que temos...

—Está bem. Nada faltará á tua avó, meu rapaz. Fica descansado. Hoje mesmo irei vel-a e tudo se ha de arranjar...

—Muito obrigado. O senhor tem um bom coração e Deus ha de ajudal-o. Mas a minha avó manda-lhe pedir que vá fallar-lhe o mais breve possivel, pois tem cousas importantes a dizer-lhe...

—Cousas importantes! Que será?

—Não sei. Ella disse-me apenas: vae procurar o



sr. Oscar e pede-lhe que venha logo, pois sinto-me mal e não quero morrer sem lhe fazer algumas revelações que lhe serão muito uteis para o futuro. .

—Revelações!? Mas tantas vezes fallei com tua avó, e só agora é que ella [se lembra de contar-me segredos que me interessam... E' extraordinario! Não achas, Beppi?

O velho italiano que passeava pelo atelier, n'uma agitação que mal podia dissimular, respondeu:

—Naturalmente esses segredos não passam d'algum mau sonho que ella teve, e como todas as velhas são supersticiosas, imagina que faz bem em contar-lh'o, para assim conjurar perigos imaginarios...

—Tens razão. A pobre Guilhermina está fraca, febril, e n'aquella idade é facil delirar... Julga-se vidente, e quer dar-me alguns bons conselhos que eu ouvirei respeitosa-mente. Coitada!

—Parece-me que os senhores estão enganados, disse Luiz humildemente. Minha avó esta em seu perfeito juizo e pelas palavras que ella me disse, posso jurar-lhes que não irá apenas contar um mau sonho ao sr. Oscar...

—Cala-te, rapaz. Tu entendes lá d'essas cousas! exclamou Beppi, com visivel irritação, que não condizia com a habitual bondade do seu character alegre, indulgente e expansivo.

Luiz não replicou, curvando a cabeça em respeitosa obediencia.

Mas nas feições expressivas e sympathicas do rapazinho notava-se uma certa contrariedade, envolvida n'um véu de tristeza.

—Seja o que fôr que a bôa Guilhermina tenha a dizer-me, exclamou Oscar em tom decisivo, eu irei fallar-lhe. Pódes dizer a tua avó que me espere hoje, sem falta. Ouviste?

—Sim, senhor, respondeu Luiz, com manifesta alegria. Eu tinha a certeza de que o senhor não desprezaria o pedido de minha avó. Ella está anciosa e inquieta para vel-o



e reccommendou-me muito que o procurasse em qualquer parte, se não o encontrasse em casa. Como o sr. costuma ir quasi todos os sabbados á casa do sr. Beppi, para passar com elle os domingos, eu e meu irmão fomos hontem de tarde á Penha...

—Já Beppi me contou que vocês foram lá procurar-me e até não quizeram ficar de noite em casa d'elle...

—E' verdade. O sr. Beppi não queria de modo algum que voltassemos hontem mesmo da Penha. Disse-nos que era uma loucura duas creanças andarem de noite por caminhos sós, e que era melhor esperarmos que amanhecesse para cumprirmos a nossa missão; mas como a avó podia ficar em cuidado, e piorar, se não apparecessemos toda a noite, resolvemos ir a casa dizer-lhe que o sr. Oscar não estava lá...

—Fizeram bem. Procederam como dois homens...

—Ah! mas no caminho vimos uma cousa que nos impressionou muito, e se fossemos dois homens, como o senhor diz, tinhamos talvez evitado uma grande desgraça.

—Que foi?

—Eu fiz logo ideia de contar-lhe tudo, pois quem sabe se o sr. Oscar poderá ainda impedir que se pratique um grande crime.

—Um crime! Explica-te.

E Oscar, largando os pinceis, approximou-se de Luiz, cheio de curiosidade.

Beppi veio tambem perto do rapazinho, que proseguiu.

—Estavamos a meio caminho, mais ou menos, quando uma carruagem que vinha de S. Paulo, a todo o galope, parou repentinamente a pouca distancia, no meio da estrada, quasi em frente de uma casinha que parecia deshabitada.

«Não sei porque, tive a lembrança de occultar-me, e mais meu irmão, atraz de umas arvores.

«A noite estava escura, mas como havia um pequeno luar, poudes vê saírem da carruagem dois homens mas-



carados com uma senhora que tinha um lenço na bocca, naturalmente para não poder gritar.

—Um rapto!? exclamou Oscar indignado.

—Eu não sei o que era, continuou Luiz ingenuamente, mas percebi que a pobre senhora ia contra vontade, pois fazia grandes esforços para se livrar dos dois homens que a levaram quasi de rastos para a tal casinha, onde á porta appareceu uma negra feia, que mettia medo.

«Lembrei-me de gritar, mas como alli não ha moradores, nem passava ninguem, nada adiantava; e então senti que eu e meu irmão não fossemos já dois homens porque aquella pobre senhora ficaria no mesmo instante livre dos mascarados.

—Mas depois? Que fizeram d'essa senhora? perguntou Oscar ancioso.

—Não sei. Logo que a empurraram para dentro da casinha, fechou-se a porta, e por mais que eu escutasse não ouvi um grito nem o menor barulho. Parecia que toda aquella gente havia sumido. A carruagem voltou na direcção da cidade, e nós viemos para casa, e contámos tudo á avó que nos disse que tínhamos visto uma assombração.

«Fosse lá o que fosse, o que sei é que não pude dormir toda a noite. Quando ia adormecer parecia-me vêr a pobre senhora, afflicta, a pedir-me que a tirasse d'aquella casa. Vi tudo perfeitamente e agora tenho a certeza de que se trata de um crime...

—Tens a certeza? Soubeste então mais alguma cousa?

—Soube, sim senhor. Logo de manhã, eu e meu irmão que quiz por força acompanhar-me, saímos de casa para virmos aqui dizer ao sr. Oscar o recado da avó, que do dinheiro que lhe entregámos, e que o sr. Beppi nos déra hontem, nos deu algum para comermos qualquer cousa na cidade

«Caminhámos por muito tempo alegres e contentes; mas, infelizmente, começou a chover muito, e como



sentissemos frio e estivessemos molhados, entrei no primeiro restaurant que vi, mesmo para nos recolhermos da chuva.

«Depois de comer, sentámo-nos em um banco, perto da porta, esperando que o tempo melhorasse; e grande foi a minha admiração quando ouvi dois homens conversarem sobre o crime que eu tinha visto...

—Que coincidência! exclamou Oscar. E que diziam esses patifes?

—Contava um d'elles ao outro que parecia ignorar o acontecimento, que o patrão tinha roubado, na noute passada, uma moça muito bonita, e pelo que elle dizia logo percebi que era a mesma.

«Tendo o companheiro estranhado como haviam conseguido levar ella em uma carruagem, a uma hora em que ainda havia tanto movimento em S. Paulo, o que contava o caso, sorriu-se e disse que ella ao principio tinha ido de sua livre vontade, suppondo que ia encontrar-se com outra senhora, uma fidalga que tinha o titulo de baroneza...

—Baroneza de quê?

—Deixe vêr se lembro. Ah! Parece-me que elle disse baroneza de Lacerda...

Oscar deu um pulo como se fosse mordido por um reptil.

Empallideceu repentinamente, e com voz alterada bradou:

—Que dizes? Baroneza de Lacerda? Não póde ser...

—Recordo-me agora perfeitamente de que ouvi o homem dizer esse nome. Sim senhor, Lacerda. Eu tomei muito sentido para contar tudo ao sr. Oscar.

O joven pintor cambaleou como um ébrio, e com os olhos muito abertos, as faces pallidas, os labios trémulos e descorados, balbuciou angustiosamente:

—Valha-me Nossa Senhora!

Beppi ficára tambem dolorosamente impressionado, mas reparando em Oscar, correu a abraçar-o, gritando-lhe:



—Que é isso? Coragem! Quem sabe se Luiz não ouviu bem. E em todo o caso é preciso animo para agirmos immediatamente.

—Tens razão, Beppi, disse Oscar com voz suffocada. Corro já á casa do barão para saber se ha alguma novidade!

E nervoso, agitado, vestiu um sobretudo, poz o chapéu e mettendo um reвольver na algibeira, dirigiu-se para a porta, com o aspecto demudado, feroz, de um homem que, n'um impeto de loucura, vae commetter um crime.

—Espera, disse-lhe Beppi, segurando-lhe no braço. E' preciso combinarmos. Tu vaes ao palacete do barão, e depois? Não conheces a casa onde está a moça que foi roubada? Só o Luiz nos poderá indicar qual ella seja.

Oscar olhou espantado para Beppi, e não disse uma palavra.

Era tal a sua perturbação que não podia raciocinar. Parecia que uma ideia fixa lhe absorvera todas as suas faculdades.

—Olha, proseguiu Beppi. E' melhor fazermos assim: eu acompanho o Luiz e o irmão á casa da avó, e lá te esperamos para combinarmos o que se ha de fazer.

—Pois sim. Até já.

E saiu.

Quando chegou á rua, Oscar viu uma carruagem que passava devoluta.

Chamou o cocheiro, indicou-lhe a morada do barão de Lacerda, prometeu-lhe uma boa gorgeta se elle fosse depressa, e atirando-se para dentro do carro, murmurou com os dentes cerrados, n'um desespero angustioso e indescriptivel:

—Se fosse Judith, meu Deus! Ah! aquelle olhar de odio que surprehendi no moço desconhecido!... Mas desgraçado d'elle se teve a loucura de a raptar!...



## VII

### EM CARCERE PRIVADO

Quando Amelia, que os dois mascarados arrojaram brutalmente para a estrada, viu que a carruagem partia outra vez a todo o galope, levando sua filha, sentiu no coração uma dôr agudissima que lhe fez soltar um grito lancinante, de inexprimivel angustia; e não se importando das echymoses que a quêda lhe havia produzido, ergueu-se rapidamente, e, desvairada, sem ter quasi consciencia da sua afflictiva situação, o seu primeiro impeto foi correr atraz da carruagem, como se fosse possivel alcançal-a.

Mas momentos depois o coupé desapareceu com incrível velocidade, e a desditosa \*senhora, offegante de cansaço, caiu de joelhos, bradando com voz suffocada:

—Dulce !... Minha querida filha !...

E fitando o céu com alucinado olhar, ergueu os braços, n'um gesto de immensa desesperação, n'uma supplica commovente de mãe afflicta, balbuciando:

—Meu Deus !... Valei a minha filha !... Tende piedade, Senhor, dos meus soffrimentos...

E como se tivesse esgotado as forças, proferindo este appello supremo, levou as mãos ao seio, exhalou um doloroso gemido e caiu de bruços, como que fulminada por mais aquelle terrivel golpe que tornava incommensuravel a sua atroz desventura.

Meia hora depois, encontrada por alguns transeuntes



que a conduziram ao posto policial mais proximo, a infeliz Amelia dava entrada ao hospital de Miseridordia onde ficou em tratamento...

\* \* \*

No entanto, Dulce, empurrada para dentro d'aquella casinha, onde a velha negra parecia já esperal-a, fôra immediatamente arrastada, com revoltante violencia, para um infecto subterraneo, escuro e lobrego, como um tumulo...

Esta grande cova, de cheiro nauseabundo, distillando humidade da terra que se esboroava ao menor contacto, recebia apenas fraca claridade d'uma pequena fresta, feita na parte superior, para que as victimas que fossem alli encerradas podessem respirar...

A entrada para aquella medonha sepultura, era um alçapão, com uma escada de madeira já meio podre, que vinha da casa para onde os mascarados tinham conduzido a infeliz joven...

Esta, nos primeiros momentos, ficára immovel, estatica de terror, sem ter mesmo nitida comprehensão do logar em que estava.

Mas, pouco a pouco, foi tranquillizando o seu espirito, e abituando a vista á semi-escuridão do horroroso subterraneo.

Apoz alguns minutos, poudesse libertar-se do torpor que a paralytava, e fez um movimento, estendendo os braços como se affastasse horripilante phantasma.

Deu um passo ávante e relanceou um olhar espantado para todos os lados.

Vendo que estava só, observou mais detidamente a sua prisão.

Com muito custo poudes distinguir uma grande pedra, sobre a aqual havia uma especie de ancorêta, com agua,



mais duas pedras menores, que serviam naturalmente de bancos, e, ao canto, uma porção de palha de milho, estendida e encamada em fôrma de enxerga.

Era a unica mobilia d'aquelle horrivel carcere.

Dulce, mais tranquilla, foi cambaleando até uma das pedras, e sentou-se.

Firmando os cotovêlos nos joelhos, escondeu o rosto nas mãos trémulas e frias, e assim permaneceu por muito tempo, triste, apathica, n'uma prostração profunda e commiseradora.

Lentamente foi readquirindo a razão, dissipando-se o espesso véu que a obscurecia, podendo reflexionar sobre os acontecimentos d'aquella noite, que tão inopinadamente a tinham subjugado, com a brutal impetuosidade de uma avalanche...

E, como primeiro e salutar effeito da reacção, a infeliz chorou...

Por algum tempo, no silencio d'aquelle medonho carcere, só se ouvia o soluçar afflictivo da pobre prisioneira.

Subitamente, como um raio de luz brilhando nas trévas, atravessou-lhe o espirito a lembrança de sua mãe, que os bandidos arrancaram da carruagem, no momento em que ella perguntava ao cocheiro para onde as conduzia.

Que teriam feito d'ella? Seria viva ou morta?

Assaltada por esta cruciante incerteza, parecendo ainda ouvir o grito lancinante que ella soltára ao cair na estrada, Dulce ergueu-se tremendo, e com voz abafada pelos angustiosos soluços que lhe comprimiam a garganta, balbuciou:

—Mãe!... Minha adorada mamãe!... Que te fizeram?... Onde estás?... Não me respondes?...

E caindo de joelhos, com as mãos cruzadas sobre o seio, os olhos em alvo, d'onde brotava uma torrente de lagrimas, a infeliz proseguiu:



—Ah! meu Deus!... Salvai a vida de minha querida mãe! Vós bem sabeis que ella é bôa... digna da vossa divina protecção... Tem já soffrido tanto!...

E calou-se, com a voz embargada por convulsivos soluços.

Decorridos alguns minutos, tendo diminuido aquella crise de indescriptivel afflicção, Dulce continuou, juntando as mãos n'um gesto de supplica, enternecedor, cheio de fé, de uma sublime eloquencia, que só de per si significava a dôr pungente daquella martyr do infortunio :

—E Vós, Senhora, a quem dirijo todas as noites as minhas orações... ouvi meus rogos... valei-me n'este momento de afflicção... Velai por minha querida mamãi... tende d'ella compaixão... livrai-a de crueis soffrimentos...

E, mais socegada, Dulce accrescentou :

—Eu creio, Senhora, na vossa infinita bondade... As supplicas de uma filha, encerrada, em vida, n'um tumulto, onde decerto encontrará a morte... serão por Vós attendidas... e a minha mamãisinha não soffrerá os horrores que eu estou saffrendo...

Como se uma voz secreta lhe tivesse dito que as suas palavras tinham sido escutadas, Dulce levantou-se, limpou as lagrimas que lhe corriam em fio pelo rosto, e murmurou :

—Nossa Senhora não desampara minha pobre mãe... Agora devo ter energia para soffrer resignada a sorte que esses salteadores me reservam n'este maldito subterraneo.

E tornou a olhar em volta, detidamente, como querendo prescrutar todos os recantos do seu carcere.

Foi novamente sentar-se na mesma pedra, e, coordenando quanto poudes suas idéias, fez todos os esforços para reflexionar sobre a sua triste situação.

Ao principio não conseguiu ligar dois pensamentos, e tirar d'elles uma illação logica.

O seu cerebro, enfraquecido e abalado pelas violentas commoções que soffrera em tão breve tempo, ficá-



ra como que entorpecido, perdendo a clareza do raciocínio, tão necessaria agora naquelle transe afflictivo da sua vida.

Sentia a cabeça pesada, dolorida e fraca, e uma grande confusão baralhava as suas idéias, como se estivesse sob o dominio de horrivel pesadêlo.

Depois de immensos esforços, poudé libertar-se d'este mórbido entorpecimento que ameaçava paralyzar-lhe a razão—essa preciosa faculdade com que Deus dotou a creatura humana.

Recordou-se, finalmente, de todos os pormenores da infame cilada de que fôra victima, e a subita lembrança da carta da baroneza foi como um raio luminoso que acabou de dissipar as sombrias nuvens que lhe obscureciam o entendimento.

Ergueu a fronte, brilhou-lhe o olhar com a habitual vivacidade, a intelligencia readquiriu o seu magestoso e incomparavel predominio, e, em voz baixa, como se temesse ser ouvida, Dulce murmurou:

—Mas era falsa aquella carta?! A doença de meu tio foi phantasiada para cairmos com facilidade no laço...

E apoz alguns momentos de concentrado silencio, proseguiu:

—Não resta a menor duvida de que fomos victimas de uma horrivel mystificação. Mas com que fim? Para me conduzirem até aqui? Não tenho inimigos... nem eu nem minha mãe somos obstaculos a quaesquer designios ambiciosos!... Nunca fizemos mal a ninguem!...

«Quem machinaria todo este trama ardiloso? Conhece nossa familia, mostra estar ao facto dos motivos que determinaram a preferirmos uma vida isolada, sem relações familiares!...

«Que quererão de mim esses malvados? Para me roubarem, não pôde ser. Não uso joias de valor, não somos ricos para que obriguem minha mãe a dar-lhes grossas sommas de dinheiro em troca da minha vida!...

«E' um mysterio impossivel de desvendar... Não me



ocorre um indício que me guie n'este labyrintho. Esses malditos mascarados não proferiram uma só palavra que desse a perceber os seus intuitos. Apenas um d'elles, ao atirar-me para dentro d'esta cóva, disse ironicamente quando me arrancava a mordança: «Agóra póde fallar á sua vontade, mas aconselho-a a não gritar muito alto para que não soffra o desgosto de a fazermos calar...»

«E' extraordinario tudo isto!... Parece um sonho!... E onde estarei eu encerrada? Quem será aquella velha negra, feia como um demonio?

«Oh! meu Deus, tirai-me quanto antes d'esta cruel incerteza, mil vezes peor do que morrer ás mãos de um scelerado...

Como se estas ultimas palavras tivessem o magico poder de fazer surgir, n'aquelle lobrego carcere, o autor da infame cilada contra Dulce e sua mãe, abriu-se o alçapão e um vulto escuro, descendo os carcomidos degraus da escada, caminhou para a joven prisioneira, que, pondo-se de pé, soltou um grito de terror.

—Não se assuste, formosa Dulce. Não venho aqui com a intenção de fazer-lhe mal. Socegue e conversemos um pouco...

Os leitores já certamente adivinharam que o recém chegado era Diogo, o famoso protagonista d'este romance.

Apresentava-se com o natural desplante, ante mais uma victima innocente do seu odio, funesto e incompreensivel, á familia Lacerda.

Velhaco, desconfiado e cauteloso, como todos os grandes e celebres criminosos, Diogo tivera o cuidado de se disfarçar de modo a não ser reconhecido, caso a sua victima lhe escapasse, o que elle não julgava possivel...

Tomára bem todas as precauções para que a policia, por mais perspicaz e diligente que fosse, não podesse descobrir o paradeiro da raptada.

Mas, assim mesmo, não facilitaria. De repente surgem acontecimentos casuaes, imprevistos, que destróem



n'um minuto as melhores combinações, feitas e estudadas em muitas horas.

Diogo pozera no rosto uma das mascaras de que os seus sicarios se tinham servido para occultarem as malvadas physionomias no momento do rapto, e, embuçado em uma ampla capa, sob a qual trazia um arsenal de boas armas, pois nunca deixava de andar prevenido contra qualquer traição dos seus ou contra uma inopinada e estranha intervenção que lhe impedisse a realização de seus tenebrosos planos, deu mais um passo para Dulce, dizendo-lhe :

—Nada receie. Creia nas minhas boas intenções... Não julgue que sou um vulgar assassino que traria uma moça bella, encantadora, para a matar n'um logar affastado, escondido, só pelo prazer de praticar um crime inutil...

A infeliz joven havia recuado quanto lh'o permittira a estreiteza do horrivel carcere.

Nas suas feições pallidas e demudadas notava-se uma accentuada expressão de pavor ao vêr aquelle vulto negro, sombrio, mascarado, cuja voz ironica lhe causava estranha e dolorosa impressão.

Diogo ficára por alguns momentos silencioso, procurando, na semi-obscuridade d'aquella prisão tumular, vêr o rosto angelical da pobre martyr do mais atroz infortunio...

Afinal, querendo terminar aquella scena muda, aproximou-se da joven, e, pondo-lhe a mão no hombro, disse-lhe :

—Então, tranquilize o seu espirito, e conversemos como duas pessoas educadas que se estimam...

Ante aquella audacia do bandido, Dulce despertou da immobildade que lhe produzira o terror, e, com um arrojo, que ninguem a julgaria capaz, deu um violento empurrão no peito de Diogo, e correndo para outro lado do carcere, bradou-lhe :



Falle o que quizer, mas não tenha o atrevimento de me tocar. Insulte-me, escarneça-me, e por fim mate-me, satisfaça á vontade os seus intuitos perversos e sanguinarios, mas não ouse pôr-me a mão, manchada pelo crime...

Diogo, cedendo á ferocidade de seu genio, teve impeto de estrangular aquella fragil creatura que tão desprezivelmente o tratava; mas contendo a sua irritação, que apenas demonstrou no brilho sinistro do olhar, sorriu-se cynicamente, e, cruzando os braços com apparente tranquillidade, disse em tom motejador:

—Bravo! Parecia um anjo, todo candura e bondade, e eis que se transforma em uma heroína, uma virago, sob a delicada fôrma de uma formosa hurí, capaz de atravessar-me ao mesmo tempo o coração com um olhar meigo, doce, amoroso, e com um estilete envenenado que me daria a morte no meio das mais risonhas e promettedoras esperanças...

E o malvado casquinou umas risadas zombeteiras.

Apoz alguns momentos proseguuiu, como se repetisse uma ideia que lhe acudisse á mente:

—E' extraordinario! Todas as mulheres d'esta familia Lacerda são orgulhosas e atrevidas. Rachel, Judith e Dulce são semelhantes no genio altaneiro... Tres graças em formosura, e tres demonios de soberba, difficeis de domar pelos meios suasorios... Mas commigo perdem o tempo, de nada lhes valerá a energia, porque hei de humilhá-las e reduzi-las ao que eu quero que sejam: minhas escravas submissas, verdadeiros joguetes de meus caprichos...

E, sorrindo-se com arrogancia, conscio do seu immenso poder contra tão fracos e incautos inimigos, Diogo encaminhou-se, com cynica serenidade, para a infeliz joven que o olhava com altivo desprezo, e disse-lhe:

—Vejo, querida Dulce, que faz de mim um conceito pouco lisongeiro. Mas repare quanto se engana: em vez de responder-lhe com insultos ás suas palavras injuriosas, con-



tinúo a tratá-la com a urbanidade que merece... Desculpo o seu procedimento, pois sei que está exaltada, afflicta, por vêr-se separada de sua mãe...

—Mamã! balbuciou a joven commovida. Que fizeram d'ella? Onde está?

—Tranquillize-se que não lhe succedeu mal algum... Ficou livre, n'um caminho frequentado, e a esta hora está provalvemente em casa chorando a sua ausencia.

—E porque não me deixa ir para junto de minha mãe? E' uma grande crueldade o que o senhor está fazendo. Ella morrerá se eu não lhe apparecer... Para que preparou esta infame cilada, e me conduziu até aqui? Que mal lhe fiz, ou que loucura é essa de me encerrar n'esta cóva onde é impossivel viver uma creatura humana?! Finalmente, que deseja o senhor d'uma pobre moça que não a póde odiar porque não o prejudicou nem sequer a conhece? Quaes são os seus mysteriosos intuitos a meu respeito? Prefiro a realidade, por mais horrorosa que seja, a esta duvida, terrivel e pungente, que me mata. Explique-se, senhor, e diga, sem rebuço, qual é o mobil do seu inqualificavel procedimento... E' dinheiro que quer?... Temos pouco, mas minha mãe lhe dará o que tiver para nos deixar em paz...

—Já que me pede, com boas palavras, que seja franco, sel-o-ei. Não quero dinheiro... não preciso de suas parcas economias... Tenho o sufficiente para viver, e para satisfazer todos os meus caprichos, por mais extravagantes e difficeis que sejam. Deseja saber porque a mandei trazer, primeiro illudida, e depois á força, até aqui? E' para isso mesmo que eu queria fallar lhe e portanto vou dizer-lh'o em duas palavras.

Fez uma breve pausa e continuou:

—Por motivos que seria ocioso e importuno explicar-lh'os agora, eu odeio toda a sua familia. Fiz um juramento de vingança que hei de cumprir, sejam quaes forem os obstaculos que encontrar. E para a realisação dos meus planos, preciso primeiramente apoderar-me das



bellas e orgulhosas moças d'essa familia poderosa que ha de cair, dispersa e deshonrada, aos golpes terriveis do meu poder. Ninguem sabe quem eu sou, vivo na sombra, e comtudo vigio todos os passos, sei todos os segredos, conheço o passado e o presente de todos aquelles em cujas veias circula o maldito sangue dos Lacerdas !

Dulce, surprehendida com esta linguagem de um inimigo rancoroso de sua familia, poudo apenas balbuciar :

—Mas eu e minha mãe que mal lhe fizemos para nos perseguir com esse incomprehensivel odio que, pelas culpas de alguem, se é que existem, não póde abranger toda uma numerosa familia ?

Diogo deu uma risada de escarneo, e exclamou :

—Já tive a honra de lhe dizer que não posso nem devo, n'este momento, relatar-lhe as razões que justificam a minha vingança. Mais tarde as saberá. Vá meditando nas minhas palavras, aproveitando a solidão d'este carcere onde ficará apenas alguns dias. E, antes de retirar-me, cumpre-me dar-lhe um conselho : não sendo meu intuito condemnal-a ao horroroso supplicio da fome, ser-lhe-ha fornecido, duas vezes por dia, simples mas substancioso alimento. Coma bem, durma melhor, e esteja socegada que o punhal ou o veneno não lhe destruirão a existencia, que é para mim déveras preciosa. Quando eu voltar aqui, conversaremos mais detidamente e, quem sabe!... talvez encontremos uma solução que satisfaça a ambos...

Recuando um passo, Diogo curvou-se com o mais revoltante cynismo, dizendo :

—Recebo as suas ordens, sra. D. Dulce. Tenha paciência, e... até á vista...

E desapareceu rapidamente pelo alçapão, que tornou a cair, pesado, como o lugubre ruido de uma lápide sepulcral.

Dulce ficou por alguns momentos immovel, inconsciente, boquiaberta, com as feições pallidas e contrahidas, como se fosse a estatua viva da dôr...



Por fim, cedendo a um espontaneo e irreflectido movimento, ajoelhou, balbuciando com voz fraca e trémula:

Meu Deus! será tudo isto um sonho?! E' uma realidade quanto disse este homem?!

Pendeu a fronte e, estendendo os braços ao mesmo tempo que exhalava um doloroso gemido, poute apenas articular, tão debilmente que parecia um sôpro:

—Ma... mãi..

E caiu desmaiada.



## VIII

### O BEM E O MAL

Oscar chegou ao palacete do barão de Lacerda no mesmo estado de excitação em que o vimos sair, como um louco, do seu atelier.

Quando o carro parou em frente do portão, o joven pintor, pallido, ancioso, febril, com o olhar esgazeado, as feições alteradas, como se lhe tivesse succedido uma grande desgraça, apeou-se d'um salto e correu ao porteiro, perguntando-lhe logo com voz suffocada:

—Ha alguma novidade?

O pobre homem, perante o modo estranhavel com que lhe era dirigida esta interrogação, e ao vêr aquelle moço, sempre tranquillo e cortez, apresentar-se n'uma exaltação que se semelhava muito á loucura, ficou boquiaberto, aparvalhado, sem saber o que devia responder.

Oscar attribuiu a attitute espantada do porteiro a qualquer acontecimento, e, sacudindo-o pelo braço, bradou-lhe com voz fremente:

—Responde, Thomaz. Onde estão as senhoras?

—Estão lá em cima, e que eu saiba, não ha nada de novo. V. S. que tem, sr. Oscar?

Sem responder a esta pergunta o moço proseguiu:

—O sr. barão?

—Saiu. Parece-me que foi a uma reunião politica.

—A sra. baroneza?

—Está em casa. Com este tempo não ia passear...

—E... a sra. D. Judith?



—Tambem está nos seus aposentos. Mas porque me faz essas perguntas com um modo tão assustado?

Oscar respirou, alliviado do terrível pensamento que o opprimira; e, mais tranquillo, disse:

—Poderei fallar á sra. baroneza?

—Se V. S. quizer, mando annuncial-o...

—Pois sim. Suppoz que tivesse succedido uma desgraça n'esta casa por isso é que estou tão desasocegado...

Mas que desgraça? perguntou Thomaz admirado.

—Contaram-me um crime, praticado hontem de noite, e eu imaginei que a victima fosse alguém da familia do sr. barão...

—Um crime?!

—Sim, homem. Não posso dar-te mais explicações. Manda dizer á sra. baroneza que se não lhe fôr incommodo, eu solicito a honra de fallar-lhe...

Thomaz chamou um creado, e este foi logo ter com a baroneza, dizendo-lhe que o sr. Oscar Brasil desejava muito fallar a S. Exa.

—Mande entrar para a sala.

E voltando-se para Judith, que estava perto, Magdalena murmurou:

—Que será que este moço deseja dizer-me, a esta hora em que não costumo receber?

—Não sei. Talvez elle traga alguma incumbencia de papai.

—E' possível. Vamos sabel-o.

Momentos depois estavam as duas senhoras na sala, onde Oscar estava, de pé, contrariado e pensando como devia explicar aquella sua visita, fóra de todas as regras da etiqueta.

Não se vestira decentemente, tendo apenas envergado um sobretudo que mal occultava a roupa de brim, já usada, com que elle estava, á vontade, no seu atelier.

Podia ter-se contentado com as informações que lhe dera o porteiro, mas sem reflectir bem no seu estranha-



vel procedimento, pedira para fallar á baroneza afim de apparecer-lhe tambem Judith.

Queria vê-la, contemplar-lhe o rosto meigo e formoso, ouvir-lhe a voz maviosa, e só então ficaria satisfeito, livre completamente da sua inquietação, dos seus angustiosos e funestos pensamentos.

Mas ao entrar na sala, ricamente mobilada, caiu em si e arrependeu-se de não ter tido a calma precisa para retirar-se logo que soubera, pelo porteiro, que Judith estava em casa, e portanto, fóra de qualquer perigo.

Luiz tinha ouvido mal; aquelle rapto que elle dizia ter visto, casualmente, não podia ser de pessoa intimamente ligada á baroneza de Lacerda.

Talvez fosse de outra, com titulo parecido. Em todo o caso aproveitaria a occasião de estar alli para saber se a formosa Magdalena esperava alguma sua amiga.

Assim daria uma razão plausivel e justificavel do modo por que se apresentava.

Reflexionava sobre o que deveria dizer, procurando compôr o rosto e o vestuario, cuja alteração e desalinho haviam produzido no porteiro tão estupefaciente surpresa, quando a baroneza appareceu, seguida de Judith.

Oscar, sorrindo-se para disfarçar a sua perturbação, dirigiu-se immediatamente ás duas senhoras, e depois de cumprimental-as com a sua habitual gentileza, disse-lhes:

—Peço desculpa a V. Exas. de vir incommodal-as a uma hora impropria de visitas, mas um acontecimento extraordinario, tirando-me a calma precisa para reflectir, me obrigou a dar este passo...

—Não nos incomodou de maneira alguma. Bem sabe que sempre o recebemos com muito prazer, respondeu Magdalena.

—E' uma honra que muito me desvanece e que devo á sua muita bondade e delicadeza.

E Oscar enclinou-se, com a graça e a correcção de um perfeito cavalheiro.



—Mas sentemo-nos, disse a baroneza. Assim conversaremos melhor...

E logo que todos se sentaram, a baroneza proseguiu:

—Estou anciosa de saber que extraordinario acontecimento foi esse que parece tel-o perturbado tanto. Vejo-o pallido, nervoso, embora se esforce por apparentar tranquillidade.

Oscar estremeceu e córou como uma creança apanhada em flagrante desobediencia a uma ordem paterna.

Receou que a perspicaz Magdalena adivinhasse a principal causa do cruciante soffrimento que lhe empolgára todas as suas faculdades, tornando-o repentinamente desvairado, louco de dôr e de colera.

O interesse que elle pretendia demonstrar por uma supposta amiga da baroneza, não justificava o desespero, a exaltação, que involuntariamente lhe transpareciam das feições alteradas.

E depois aquelle vestuario caseiro, sem os cuidados de *toilette*, proprios de um moço de boa sociedade, e que elle tão rigorosamente observava...

Embaraçado como um collegial ante o austero professor, no momento de soffrer o vexame de uma forte reprimenda, Oscar não sabia que fazer.

Nunca se tinha visto em identica situação; e, envergonhado, julgando-se ridiculo, procurava, n'um esforço supremo, livrar-se d'aquelle embaraço que parecia entorpecer-lhe os sentidos.

Felizmente, a baroneza veio em seu auxilio.

—A curiosidade é, como sabe, o principal e o mais caracteristico defeito das mulheres. E eu que não pretendo ser excepção á regra, estou curiosissima de ouvil-o, sr. Oscar. Diz-me o coração que se trata de um triste drama em que espero não esteja envolvido.

O joven pintor não quiz perder a occasião favoravel de sair d'aquelle terrivel embaraço; por isso, fazendo um gesto affirmativo, exclamou:



— V. Exa. disse bem: é um triste drama que o acaso me fez saber, e como se trata de um crime, praticado com a maior audacia, numa cidade tão populosa e policiada, como S. Paulo, é natural a minha agitação, embora, felizmente, eu não esteja envolvido n'elle em cousa alguma.

— Um crime?! disseram quasi ao mesmo tempo Magdalena e Judith, assustadas.

— Sim, minhas senhoras. Hontem, pelas nove horas da noite, foi raptada uma moça formosa, que deve pertencer a uma distincta familia, pelas informações que me deram.

— Como soube d'esse rapto? perguntou a baroneza.

— Dois garotos que vinham da Penha, onde tinham ido procurar-me para que eu fosse á casa da avó, uma pobre velha que protejo, viram sair d'uma carruagem uma joven bella, amordaçada, que dois mascarados arrastaram para uma casa de lugubre apparencia...

— E porque não deu parte á policia?

— Porque, por uma singular coincidencia, os mesmos rapazes, entrando n'um restaurante existente no Braz, ouviram dois homens conversar sobre o crime, que diziam ter sido planejado e commettido pelo chefe... Deve ser uma perigosa quadrilha, das que infestam, infelizmente, esta capital...

— Mas mais uma razão para recorrer ás auctoridades...

— Perdão. Não o quiz fazer porque um dos patifes que fazia a narração do rapto, disse qua a moça fora illudida, pois suppunha vir á casa de V. Exa....

— A' minha casa?! exclamou a baroneza estupefacta.

— Sim, minha senhora, e foi essa razão porque eu, assustado, quiz verificar o que havia de verdade n'essa affirmativa.

— Mas não posso comprehender como o meu nome



foi proferido por esse homem. Não será engano de quem ouviu essa conversação?

— E' possível, mas diga-me: V. Exa. não esperava hontem alguma sua amiga?

— Não. Não esperava nem convidei ninguém. E depois, se fosse uma familia, mas uma moça, bella e joven, como diz, vir até aqui sósinha, é estranhavel...

— Tem razão. Não me ocorreu essa circumstancia que mais vem augmentar o mysterio d'este acontecimento criminoso... E no entanto tenho absoluta confiança no Luiz, um rapaz esperto e bom, que não vinha illudir-me com uma historia inventada... Estou certo que alguém foi victima, a noite passada, de um rapto audocioso, e cujas consequências poderão ser assaz funestas para essa infeliz moça que lamento, sem a conhecer.

— Coitada! disse Judith commovida. Que grande afflicção ella terá, se esses malvados não a tiverem já assassinado. Não haverá um meio de lhe acudir, sr. Oscar?

— Ha sim, minha senhora, e vou já pol-o em pratica. O Luiz sabe a casa para onde foi violentamente conduzida a desgraçada victima... Se fôr participar este caso mysterioso á auctoridade, ella procede com o costumado espalhafato, e é possível, como succede muitas vezes, que os criminosos, que devem andar vigilantes, lancem mão dos ultimos recursos para destruir quaesquer vestigios do crime...

— Então que tenciona fazer? Tome cuidado não seja tambem o senhor victimas d'esses malvados.

Oscar sorriu-se.

— Será difficil, disse elle com serenidade. Vou fazer policia por minha conta, e, no momento opportuno, farei o que as circumstancias imprevistas me indicarem.

E apoz uma breve pausa, continuou:

— Seria cúmplice d'este crime se ficasse immovel, de braços cruzados perante uma infeliz joven que debate-se nas mãos de miseraveis pedindo angustiosamente que a deixem... Não, embora seja pessoa desconhecida,



a humanidade ordena-me que aproveite o providencial acaso que me fez saber da perpetração de tão audacioso rapto, para obstar que se pratiquem maiores infâmias, se fôr ainda possível fazel-o...

— Procederá como um homem de coração, exclamou a baroneza. E vou pedir-lhe um favor: do que vir e souber venha logo contar-me, pois fico cheia de curiosidade... Se salvar a moça, e não tiver, por qualquer circumstancia, sciencia de sua morada para a entregar á familia, lembre-se que a minha casa fica inteiramente ás suas ordens.

— V. Exa. é bastante bondosa, e creia que acceitarei o seu generoso offerecimento se conseguir salvar a raptada.

E erguendo-se, Oscar proseguiu:

— Resta-me pedir mil desculpas a V. Exas. por tel-as incommodado. Relevem-me o desalinho com que me apresentei, em consequencia da precipitação com que sahi de casa. Ao ouvir o garoto dizer e insistir que tinha ouvido distinctamente um dos malvados que estava no restaurante proferir o titulo de — baroneza de Lacerda — não sei que vertigem me deu, pois suppuz que fosse... alguma intima amiga de V. Exa.

Ao dizer estas palavras o joven pintor olhou tão amorosamente para Judith que ella estremeceu e córou, ao passo que a baroneza entreabrindo os seus formosos labios n'um sorriso de ironia disse:

— Em vez de desculpal-o, cumpre-me antes agradecer-lhe o interesse que demonstrou ter para com... as pessoas que me são affeiçãoadas, o que prova quanto o sr. Oscar nos considéra e estima... Aceite, pois, os nossos protestos de gratidão...

Oscar percebeu a expressão claramente allusiva com que Magdalena proferiu estas palavras, e, baixando os olhos, inclinou-se diante das duas senhoras dizendo:

— Voltarei a dar-lhes noticia do que succeder. Terei



então a honra de cumprir as suas ordens e apresentar os meus respeitos ao sr. barão.

Cumprimentou-as e saiu.

la perturbado, mas feliz de ter visto a sua querida Judith.

Censurava-se de ter tido a loucura de suppôr que o o moço desconhecido, pelo facto de surprehender-lhe um máu olhar, talvez de despeito, tivesse a audacia de raptar a filha do barão de Lacerda.

Seria um acontecimento tão extraordinario, que revolucionaria toda a bôa sociedade paulista.

Devia ter-se contentado com as informações que lhe déra o porteiro, e não insistir em fallar á baroneza.

Mas não ficaria socegado se não tivesse a ventura de vêr aquella que elle amava com todas as véras de sua alma.

Agora, com animo sereno, procuraria conhecer inteiramente a verdade de quanto Luiz lhe contara; e se a infeliz estivesse encerrada n'aquella casa para onde a haviam conduzido á força, elle a salvaria, custasse o que custasse.

N'esta disposição de espirito, resolvendo agir immediatamente, ordenou ao cocheiro que seguisse para a Moóca, onde morava a avó de Luiz

Saberia o que a velha Guilhermina tinha a dizer-lhe, e combinaria com Beppi sobre o que era preciso fazer para soccorrer logo a pobre victima d'uma infame quadrilha de salteadores.

Deccorrida meia hora a carruagem parava em frente do pobre tugúrio, onde Guilhermina, Beppi e Luiz o esperavam anciosos.

O velho italiano era o que estava mais inquieto e agitado, e por isso foi o primeiro a correr para Oscar perguntando-lhe:

— Então o que ha de novo?

— Nada, amigo Beppi. Felizmente em casa do barão de Lacerda todos estão tranquilllos, e a baroneza ficou



surprehendida quando lhe disse que o seu nome tinha servido para illudir a infeliz moça que fôra raptada . . . As-severou-me não ter convidado, nem esperar a visita de alguma sua amiga . . . Provavelmente o Luiz enganou-se com outro titulo parecido.

O garoto, que viera tambem pressuroso ao encontro de Oscar, meneando a cabeça disse com um modo firme e resolutivo que impressionou os dois amigos :

— Não me enganei. Ouvi perfeitamente o homem dizer que a moça julgava ir a casa da sra. baroneza de Lacerda, e só quando ella deu pelo engano é que empregaram a força.

— E' impossivel, ponderou Beppi, que esses misera-veis fizessem uma carta falsa, convidando a infeliz em nome da baroneza . . .

— Mas como ? perguntou Oscar. Mesmo que assim fosse, não é natural que ella saisse de casa sem ser acompanhada por alguma pessoa da familia.

— Tens razão, concordou Beppi. Não ha duvida que tudo isto envolve um grande mysterio . . .

— Que precisamos desvendar, concluiu Oscar com energia. Já que a Providencia nos poz na pista de um crime, e ha uma victima a salvar, não se deve ter a menor hesitação . . .

— Vamos fazer as nossas declarações á policia . . .

— Não. Quero dar os primeiros passos, e, se fôr preciso, recorrerei então á auctoridade . . .

— Que tencionas fazer ?

— Ir á tal casa, que Luiz vae indicar-me, e interrogar habilmente os moradores . . .

— E se nada descobrires ?

— Communicarei o caso á policia, e auxilial-a-hei quanto puder até que se saiba onde os infames raptos occultaram a sua victima.

— Acabas por onde devias começar, disse Beppi com a bondade que o caracterisava. Eu achava melhor pedirmos desde já o auxilio da policia.



— Não é sensato. Perder tempo, em caso d'estes, é quasi um outro crime.

E Oscar entrando no túgurio, dirigiu-se a uma velha que estava estendida em um leito, com o rosto enrugado e coberto d'uma pallidez côr de pergaminho.

— Bom dia, Guilhermina. Como vae ?

— Mal, respondeu a octogenaria com voz tão debil que parecia de um moribundo. Isto está por pouco . . .

— Não diga isso, interrompeu Oscar com accentuação carinhosa e commovida. O que vocemecê tem é fraqueza. D'aqui a alguns dias estará outra vez de pé . . .

A velhota sorriu, e meneou levemente a cabeça, n'um gesto de incredulidade.

— Já vivi muito, disse, e conheço que é chegado o momento de partir para essa grande viagem, d'onde não se volta mais . . .

— Deixe-se de pensamentos tristes. Afflige-se e afflige aquelles que a estimam. Vamos, é preciso ter coragem, e verá como não se realisam ainda os seus presagios.

E apoz alguns momentos de silencio, Oscar proseguiu :

— Mandou-me chamar para dizer umas cousas importantes, segundo me disse o Luiz.

A velha agitou-se no leito, suspirou, e olhou para Beppi que, tendo-se approximado d'ella, lhe fizera um rapido signal.

— Se não póde agora dizer-me o que tanto desejava, continuou Oscar que não havia reparado no olhar afflicto da velha e no gesto negativo de Beppi, eu voltarei logo e então conversaremos com mais vagar. Não acha melhor ?

— Pois sim, balbuciou a velha. Cumpra-se a vontade de Deus . . . e a Elle pedirei, até o ultimo instante da minha vida que livre o sr. Oscar de perigos e lhe dê a felicidade que merece . . .



E dos olhos amortecidos de Guilhermina rolaram duas grossas lagrimas que lhe sulcaram as faces emmagrecidas...

O joven pintor, não comprehendendo o que ella dissera, suppondo que a incoherencia d'aquellas palavras era causada pela cachexia que minava a fraca existencia da bôa velha, sentiu-se commovido, mas não querendo impressional-a mais do que ella estava, pois lhe podia ser funesto, retirou-se, dizendo com meiguice :

— Socegue. Affaste quaesquer pensamentos tristes que lhe prejudicam a saude... Até logo.

— Até... sempre, suspirou a velha.

Oscar retirou-se, dizendo para Luiz :

— Tu vens para me indicares a casa onde viste entrar a moça arrastada pelos dois mascarados. Vamos de carro.

— Eu tambem vou, disse Beppi.

— Não é preciso...

— Escusas de me contrariar, porque quero ir e bem sabes que sou teimoso.

Oscar não replicou, entrando na carruagem em companhia do velho italiano.

Luiz subiu para a boleia e indicou ao cocheiro a direcção que devia tomar.

Decorridos uns quarenta minutos o carro parou a certa distancia da casa, em cujo lobrego subterraneo a pobre Dulce jazia semi-morta de terror.

Luiz pulou com a agilidade de um garoto, e abrindo a portinhola, disse aos dois amigos :

— Chegámos.

Oscar e Beppi desceram logo do carro, e aquelle perguntou :

— Onde é?

— Alli, respondeu Luiz indicando uma pequena casa isolada, junto de uma cerca de páu a pique, amarrada com cipó, que o tempo havia em parte destruido.

— Tu ficas com o cocheiro...



Luiz fez um gesto de amúo, e pediu :

— Porque não me deixam ir tambem? Eu não sou tão pequeno que não possa ajudal-os...

— Pois sim, meu rapaz, disse Oscar rindo. Não duvido do teu auxilio, mas não convêm que entremos todos. Ignorando o que vae succeder, é melhor que fiques aqui para qualquer emergencia em que nos poderás ser util.

E dizendo isto Oscar, seguido de Beppi, dirigiu-se resolutamente á casa, onde Dulce, tendo recuperado os sentidos, se entregava ao mais intenso e afflictivo desespero.

Escutou attentamente e apenas ouviu o resonar de um homem, que de quando em quando sibilava como uma cobra...

Bateu com força á porta.

No interior da casa houve um pequeno ruido, mas ninguem appareceu.

Tornou a bater com violencia.

Uma voz guttural e aguardentada perguntou brutalmente :

— Quem está ahi?

— Uma pessoa que deseja fallar-lhe...

— Não tenho tempo para conversas. Siga seu caminho.

— Mas é um negocio de urgencia. Abra a porta e verá...

— Não me amóle, rosnou a mesma voz com modo aspero e ameaçador. Já lhe disse que me deixe... Não tenho negocios com pessoas que não conheço.

— Como sabe você isso, se não me viu?

— Homem, largue de prósa, e não me aborreça... Depois não se queixe...

Oscar não se intimidou com esta ameaça.

Continuou batendo na porta com toda a força, ao mesmo tempo que bradava:

Você é teimoso... creia que preciso muito fallar-lhe.



Ouviu-se uma horrível praga, e o ruído de quem se encaminha para a porta, com um andar pesado...

Oscar recuou um passo e levou a mão direita á algibeira do sobretudo onde tinha o revólver.

Mas o morador era devêras desconfiado; em vez de abrir, perguntou novamente com intonação colérica e ofensiva:

— Quem é você, seu diabo? Se tem alguma coisa a dizer-me falle d'ahi mesmo.

Oscar teve subitamente uma ideia que tratou logo de pôr em pratica.

Apparentando serenidade, disse n'um tom alegre, mas levemente enfadado:

— Ora, que maçada. Você parece que bebeu um pouco de mais. ... Não me conhece a voz ... Trago para você um recado do nosso chefe ...

— Qual chefe? inquiriu o outro desconfiado.

O moço, para disfarçar o embaraço que lhe causára este nova pergunta, soltou uma gargalhada, e disse:

— Que saiba só temos um chefe... tanto eu como você. Não se deve ser tão desconfiado quando se falla com um amigo...

— Amigo, rosnou o morador da solitaria e mysteriosa casa... Amigo de quê?... Dos cinco dedos?...

— Sim, homem, respondeu apressadamente Oscar que logo percebeu que aquellas palavras eram um signal convencional entre os membros da quadrilha.

— Mas diga logo tudo d'uma vez, bradou impaciente o outro. Qual é a mão que nos governa?

Oscar não sabia que responder. O caso complicava-se e bastava uma palavra errada para transtornar tudo.

Procurando illudir aquelle miseravel até o resolver a abrir a porta, dava á conversação o tom de chalaça que mais convinha para disfarçar o seu embaraço...

Por isso, rindo, elle respondeu:

— Ora para que são todas essas formalidades... A mão que nos governa é a do nosso chefe...



— Você está caçoando .. Não fallo d'essa... Fallo da outra que tudo póde... Que côr tem? Responda depressa, ou não digo mais nada, nem que esteja ahi batendo todo o dia...

Oscar reflectiu rapidamente sobre o que devia dizer.

Que côr poderia ter a mão que tudo podia?

Ou branca ou preta...

Preferiu esta, por acaso; se não acertasse empregaria a violencia.

Chamaria o cocheiro em seu auxilio e arrombaria a porta que não era muito solida...

Foi, portanto, com a maior naturalidade que respondeu :

— Você é teimoso como um jumento... mas vá lá... faço-lhe a vontade... Sou mandado a qui pela mão... negra...

— Já podia ter dito isso a mais tempo...

Rançou a chave na fechadura, e abrindo-se a pórtia, apparecendo um preto mal encarado, de olhar feróz, meio ébrio, que examinou Oscar ainda com um resto de desconfiança.

Vendo que elle estava só, e sorria tranquillamente, pois Beppi occultára-se atraz da cerca, disse em tom mais respeitoso :

— Póde entrar.

O jovem pintor, sem mostrar a mais leve hesitação, entrou resoluta e corajosamente na suja e pavorosa morada daquelle malvado.

Quando elle ia a fechar a porta, disse-lhe com o maior sangue frio :

— Espera... não vale a pena fechar... Demoro-me pouco... Trago apenas uma ordem que direi em duas palavras...

— Do sr. Diogo?

— Sim. Ouve.

O negro approximou-se com a maior attenção.



Primeiramente, disse Oscar em voz baixa, elle manda perguntar se a moça vai indo bem...

O negro, apesar da embriaguez em que estava, sentiu de novo a desconfiança invadir-lhe o espirito.

— Que moça? perguntou.

— Ora, você hoje parece que não está bom de juizo. Que moça ha de ser? Aquella que os nossos companheiros trouxeram para aqui hontem á noite, pouco depois das nove horas... Quer que me explique melhor?

O malvado, satisfeito com esta replica, proferida com a maior naturalidade, soltou uma risada alvar e zombeteira, exclamando :

— Não... não é preciso... mas então o nosso chefe está com cuidado da *menina*, hein? Pois diga-lhe que está bôa... E' verdade que não quer comer... Chora, suspira, geme... naturalmente com saudades d'elle...

Oscar continha a custo a indignação prestes a explodir.

Não lhe convinha porém precipitar-se, enquanto fosse conseguindo, com a astucia, saber o que precisava para poder depois agir com absoluta certeza e efficacia.

Deu pois uma risada expansiva, maliciosa, dizendo :

— Homem, você advinhou... o chefe está com tanta saudades da moça que me incumbiu de dizer-lhe algumas palavras de conforto e de... esperança...

— A quem?

— A ella.

— E' impossivel !

— Ora essa, porque?

— Porque recebi ordem positiva de que ninguem deveria vel-a, e muito menos fallar-lhe...

— Mas se é o chefe que manda...

— Qual! N'esse caso, elle quer experimentar-me... mas eu não cáio na armadilha... Ué! não sou tolo que, depois do que elle me recommendou, vá fazer o contrario... O sr. Diogo é muito esperto, mas diga-lhe que es-



teja descansado... e não precisa mandar ninguém verificar se as suas ordens são cumpridas...

Oscar impacientava-se, vendo que nada mais conseguia do negro, embora este estivesse convencido de que fallava com um emissario do chefe da quadrilha, esse tal Diogo que devia ser um temível faccinora.

Contudo, quiz tentar ainda. E foi com apparente indiferença que disse:

— Está bem... mas para que não perca o tempo, vindo aqui, vá você mesmo perguntar á moça se quer mandar dizer alguma cousa ao sr. Diogo...

— O negro, que começava novamente a sentir uma vaga desconfiança, resmoneou com mau modo:

— Não é preciso... e depois não é facil fallar com a moça...

— Onde está ella?

Esta interrogação, feita espontanea e irreflectidamente, apressou o desenlace d'aquella scena de illusão, difficil mesmo de prolongar-se por muito tempo.

O malvado olhou fixamente para o seu interlocutor, e, ragendo os dentes de raiva, gritou:

Você é um espião... ou um idiota... e não sae mais d'aqui enquanto não souber bem quem você é...

— E correu para fechar a porta, mas o moço, com um violento impulso, fel-o recuar.

Bramindo como uma fera, o infame agachou perto da enxerga, armou-se d'uma faca que tinha occulta, e, n'um pulo felino caiu sobre Oscar.

Mas o joven pintor, que não o perdera mais de vista, desviou-se rapidamente e apontando-lhe o rewolver, bradou:

— Ah! negro miseravel, larga a faca ou faço-te saltar os miólos.

N'este momento, Beppi assomava a porta, armado tambem de rewolver, com que se havia munido para poder auxiliar e defender Oscar.



O negro, acobardado perante dois inimigos que inopinadamente lhe surgiam na frente, bem armados e n'uma attitude energica e resoluta, foi recuando até á parede.

— Não ouves ? disse Oscar. Dou-te um minuto para te resolveses. Ou largas a faca, ou morres . . . Não te digo mais nada.

Tremendo, o malvado obedeceu, mas o olhar scintillava-lhe com a ferocidade de um jaguar.

— Agora, vae indicar-nos onde está essa infeliz. Anda : não podemos perder tempo.

— Não, isso não, rosnou o negro.

— Pois então morres.

E como decorresse alguns minutos sem que elle se resolvesse, Oscar bradou-lhe com energia :

— Vamos, decide-te . . . sim ou não . . . Se fôr preciso passar sobre o teu cadaver para salvar a desgraçada victima do teu infame chefe, esse maldito Diogo a quem obedeces, fal-o-hei sem hesitar . . .

O negro não disse uma palavra, mas tendo-se approximado da porta que dava para o interior da casa, desapareceu n'um pulo.

— Ah ! canalha, rugiu raivosamente Oscar.

E correu em sua perseguição, resolvido a atirar-lhe se o alcançasse.

Mas tanto elle como Beppi percorreram a casa toda, e não viram ninguem.

N'isto, Luiz entrou gritando :

— Sr. Oscar . . . sr. Oscar . . . vi um negro fugir pelo quintal . . .

— O canalha é agil como um macaco . . . pode escapar-se d'esta . . .

— Tanto melhor, disse Beppi. Evitou-se uma morte que sempre nos traria dissabores.

— Mas onde estará a moça ? exclamou Oscar.

Percorreram novamente toda a casa, que era pe-



quena, e não viram nem vestígios de ter estado recentemente uma outra pessoa, além do negro.

Foram ao quintal, e cada um por seu lado, observaram minuciosamente todos os recantos, um velho paiol, um telheiro quasi destruido, não obtendo o menor resultado das suas pesquisas.

Tristes, nervosos, aborrecidos, iam já a retirar-se quando Luiz, que mostrava ser o mais empenhado na descoberta da moça que elle vira entrar n'aquella casa, chegando a um pequeno compartimento, escuro e infecto, sem mobilia, por onde já haviam passado dez vezes, parou subitamente como se uma voz intima lhe dissesse que alli encontraria a pobre victima que toda a noite lhe apparecera em sonhos, pedindo-lhe, lacrimosa e afflicta, que a salvasse...

Com os olhos muito abertos, contendo a respiração, via e escutava attentamente, attrahido por uma força mysteriosa...

De repente estremeceu. Pareceu-lhe ter ouvido um fraco gemido...

Assustado, correu a chamar Oscar e Beppi, que foram immediatamente ao tal compartimento, mas, apóz alguns minutos, nada tinham ouvido.

— E' a tua imaginação, rapaz. Estás nervoso, e...

— Escute, sr. Oscar, intorrompeu Luiz com angustiosa expressão.

Todos se calaram, e no mais profundo silencio ouviram então distinctamente um gemido doloroso, triste e debil, como de um moribundo...

— Aqui tem gente, exclamou Oscar. Mas aonde?

— Só se estiver debaixo da casa, disse Beppi. Vejamos.

Immediatamente todos se pozeram a examinar o soalho, apalpando e percutindo todas as taboas.

Foi ainda Luiz quem descobriu um pedaço de madeira, de fôrma quadrada, que parecia embutido, como um remendo, no sujo e apodrecido pavimento.



Quiz arrancar-o com os dedos, e vendo que elle cedia, puxou de um canivete, e, no fim d'alguns momentos, conseguiu tirar o pedaço de madeira.

Poz a mão na cavidade que ficára, e encontrando uma argola de ferro, soltou um grito de alegria.

Beppi e Oscar correram para junto do garoto, perguntando :

— Que é?... que viste?

—Uma argola de ferro.

— Deixa vêr... E' talvez um alçapão...

E Oscar, puxando com força o anel de ferro, encaixado na madeira, viu com indizível prazer que não se havia enganado.

Erguido o alçapão, o joven pintor desceu anciosamente alguns degraus e entrou no horroroso subterraneo, onde a escuridão era enorme.

Ao principio nada viu, mas apoz alguns momentos poudes distinguir um vulto immovel, encolhido n'um canto.

Approximou-se e reconheceu a pobre victima, segundo as informações que lhe havia dado o Luiz.

Dulce estava sentada na mesma pedra, curvada, com o rosto occulto nas mãos collocadas sobre os joelhos.

Não chorava... não tinha mais lagrimas para verter pela sua desventura....

Apenas de quando em quando soltava um longo suspiro, ou um gemido fraco, de indizível angustia...

Sob a deleteria influencia d'aquelle ambiente pesado, humido, quasi irrespiravel, a infeliz ficára n'uma insensibilidade doentia, n'uma indiferença de quem fôra condemnada á pena de morte....

Oscar, commovido, tocou levemente no hombro da joven que, estremecendo, ergueu-se cambaleando, ao mesmo tempo que lhe sahia da garganta contrahida um grito de terror...

— Não se assute, minha senhora. Venho arrancar-a d'esta medonha sepultura onde uns miseraveis assassinos



a enterraram em vida... Tem animo, e venha commigo para casa de sua familia...

Dulce, boquiaberta, com o olhar espantado, parecia não acreditar n'aquellas palavras.

Temia uma nova infamia, e dominada pelo medo, com o instincto natural de defeza, recuava machinalmente.

Mas Beppi e Luiz tinham descido tambem n'aquelle lobrego carcere, e approximando-se de Oscar, olharam compassivamente para a joven.

Luiz chorando, ajoelhou em frente de Dulce, e exclamou com voz commovida:

— Ah! senhora... está salva... Deus ouviu os meus rogos... Se não a visse livre d'aquelles homens maus... eu morreria de desgosto...

Beppi, que tinha os olhos marejados de lagrimas, encaminhou-se para a joven que não recuou diante d'elle.

— Agradeça a Deus, minha filha, disse elle com inflexão carinhosa, de a ter libertado do poder d'esses malvados, que a trouxeram para esta medonha cóva... Vamos... agora nada mais tem a recear... nós a conduziremos para junto de sua mãe...

— Mamãi! balbuciou a infeliz despertando do entorpecimento doloroso que a assoberbava.

— Sim, proseguiu Beppi. Ella deve estar muito afflicta... Cada minuto que passa será para sua mãe uma hora de horriveis torturas... Não percamos tempo... urge sair, quanto antes, d'este maldito subterraneo. Venha connosco... não lhe inspiramos ainda a necessaria confiança para crêr em nossas palavras?

Vendo o aspecto bondoso d'aquelle velho que lhe falava com tanto carinho, Dulce convenceu-se de que não era victima d'uma illusão, ou d'uma nova cilada.

A attitudo respeitosa e commovida de Oscar, a alegria infantil de Luiz, que chorava e pulava perto d'ella, acabaram de dissipar a ultima sombra de terror que lhe toldava o espirito.

E foi com voz fraca, mas tranquilla, que respondeu:



— Sim... creio... são os meus salvadores... Nossa Senhora escutou as minhas preces...

E não poudé continuar porque a commoção embargou-lhe a voz...

Chorou... mas d'esta vez foram lagrimas de prazer e de reconhecimento.

Estava salva !

Podia abraçar sua mãe, que ella julgava não vêr mais.

Impellida por um elevado sentimento religioso, dobrou os joelhos, poz as mãos, e seus labios murmuraram uma oração fervorosa e sincera, em que concentrou toda a sua alma...

. . . . .

Apoz alguns minutos a carruagem rodava para São Paulo, levando Dulce que Oscar, Beppi e Luiz acompanhavam até á sua residencia que ella lhes indicára...

Pobre Amelia ! Não devia gosar n'esse dia a ineffavel ventura de abraçar a sua querida filha que julgára perdida para sempre.

Quando chegaram á rua Santa Iphigenia, Dulce, batendo á porta de sua casa, chamou com voz carinhosa :

— Mamãi... mamãi... sou eu...

Mas a infeliz não podia responder-lhe porque delirava n'um leito do hospital...

— Meu Deus ! exclamou a joven, afflicta. Onde estará mamãi ? ... Que lhe terá succedido ?

— Breve o saberemos, disse Oscar tranquilizando-a. Tenha coragem e confie na Providencia que não desampará sua mãe. Aqui não póde ficar. Venha commigo...

Para onde ?

— Para casa de uma senhora da alta sociedade que a tratará com todo o carinho.

Dulce, chorando, obedeceu docilmente e um quarto d'hora depois, entrava sem suspeitar, no palacete de seu tio o barão de Lacerda...

. . . . .



Diogo ia ficar furioso! Mais uma victima escapava á sua terrivel e execravel vingança.

Mas a tremenda lucha — entre o bem e o mal — proseguiria ...

Oscar e Diogo, personificando os dois extremos, serão d'ora avante acerrimos e irreconciliaveis adversarios ...



## IX

### VIVA O SR. DIOGO!

Uma hora depois de Dulce ser tirada do subterraneo, o chefe de policia, a quem Oscar se dirigira narrando-lhe o succedido, dava as suas ordens para que os melhores agentes policiaes procedessem logo ás mais rigorosas investigações para a descoberta dos criminosos.

Foi incumbido de dirigir as deligencias, que deviam ser feitas com o maior segredo, o 1.º delegado auxiliar, Dr. Tulio Ferreira Nobrega, um moço de talento, e dotado de rara sagacidade e de extraordinaria energia.

Começaram as pesquisas policiaes por ser examinada a casa onde Dulce tinha sido conduzida.

Tudo foi minuciosamente revistado, não se encontrando o menor indicio que auxiliase a auctoridade no desempenho da sua ardua missão.

Lembrou-se o Dr. Nobrega de procurar descobrir o cocheiro que fora cumplice do rapto.

Os melhores agentes foram mandados no seu encalço, mas nada conseguiram, não dando resultado proficuo nenhuma das suas investigações.

O chefe de Policia e seu digno e illustrado auxiliar desesperaram perante o impenetravel mysterio que envolvia um crime, praticado com a maior auducia.

E não seria esta a ultima affronta que a incognita e poderosa *Mão Negra* faria á policia de S. Paulo...

Muitos outros crimes seriam cometidos por essa terrivel sociedade, antes que a auctoridade podes-



se demonstrar e manter a força incoercível da justiça, livrando o Estado de uma alcateia de perigosos e terríveis bandidos.....

\*  
\*   \*

No mesmo dia, e quasi á mesma hora em que Oscar conferenciava com o chefe de policia, Diogo estava no seu quarto em secreta confabulação com os seus preciosos auxiliares Juca Velho e o doutor Silva.

Os tres miseraveis estavam cabisbaixos e taciturnos.

Diogo, principalmente, tinha um aspecto medonho.

Dominava-o uma colera violenta, que lhe transparecia das feições contrahidas.

Com o olhar scintillante, onde se conhecia o odio e a ferocidade, as narinas dilatadas, o rosto d'uma pallidez esverdeada, era um energumeno satanico que acabando de perpetrar um crime hediondo, estava forjando outros ainda mais horriveis.

De repente, dando um formidavel murro na mesa, onde estava encostado, Diogo bradou com voz cava e colerica:

— Ah! esse idiota surge na minha frente com o louco intuito de destruir os meus planos?!... Tanto peor para elle... Os obstaculos removem-se, sejam quaes forem os meios a empregar. Eu te mostrarei, réles pintor, o que és e o que vales... A tua vida é um perigo para mim... para nós todos. Precisas, pois, meu patéta descansar para sempre nos sete palmos de terra a que tens direito...

— Nada mais facil, disse Juca Velho. Hoje mesmo, se quizer, escolherei um dos nossos melhores homens que, sob qualquer pretexto, *liquidará* esse sujeito... E elle que vá pintar para o inferno...

— Apoiado! exclamou o doutor Silva.



— Não, hoje não devemos ajustar contas com esse maldito pintor... A policia está em movimento, e logo suspeitaria que a morte d'elle se relacionava com o rapto da moça. D'ora avante precisamos fazer as cousas muito bem... Nada de precipitações. Esperemos os acontecimentos com a maior calma, procedamos com toda a cautela e elle nada perderá com a demora...

E Diogo, ao proferir estas palavras com raivosa intonação, que mal procurava dissimular, levantou-se impetuosamente, e, agitado, nervoso, começou passeando pelo aposento, a passos largos.

Por alguns momentos reinou o mais profundo silencio.

Os tres bandidos, entregues ás suas reflexões, conservavam-se mudos, d'aspecto torvo e ameaçador...

Se Oscar lhes apparecesse subitamente n'aquella occasião, com que prazer elles lhe arrancariam a vida, n'um impeto de rancor!

Diogo, readquirindo a fria e cynica serenidade que o caracterisava, sentou-se novamente, e, cruzando as pernas, exclamou:

— Não nos entreguemos ao desespero por cousa tão insignificante. Um revez não é uma completa derrota... Somos ainda fortes, e desgraçados dos que forem condemnados pela *Mão Negra*.

— E' o que estava pensando, disse o doutor Silva. Pelo facto de perdermos uma vez, não devemos esmorecer...

— E quem fallou em esmorecimento? retorquiui energeticamente Diogo. Seria uma indigna cobardia se recuasemos deante de um homem... Mesmo quando elle tivesse a seu lado toda a policia e essa tola sociedade d'argentarios e d'aristocratas, que eu desprezo, haviamos de lutar, e podem estar certos de que venceriamos e... venceremos.

«Jurei uma guerra de exterminio aos meus inimigos, e não ha nada que me faça trepidar... nem que eu



tenha de sacrificar centenas de innocentes em holocausto á minha vingança. Infelizes dos estranhos a esta luta, que se colloquem proposital ou casualmente diante de mim...

«O primeiro a cair será esse maldito pintor que odeio desde o primeiro momento em que o vi... Parece que o meu coração adivinhou que elle havia de ser meu fidalgal inimigo.

Diogo calou-se por alguns momentos, durante os quaes ficou pensativo, com o olhar fixo, como que absorto nas suas reflexões.

De subito, casquinando uma risada zombeteira, acompanhada de um gesto de desprezo, proseguiu:

— A policia?! Da maneira como ella está organizada, em S. Paulo, nem assusta uma creança que seja activa e esperta. Tomára ella tempo e pessoal para satisfazer todos os chefes politicos que exigem o seu valioso auxilio para elles poderem *vencer* os pleitos eleitoraes. Nos primeiros dias mostra grande azáfama para descobrir os raptos, visto tratar-se de uma sobrinha do sr. barão de Lacerda... Mas depois?! A politica reclama os seus direitos, e absorve-lhes a attenção quasi inteiramente. Limita-se a intervir nas occorrencias das ruas, e os inqueritos sobre casos intrincados e que demandam um estudo sério e perseverante, acompanhado de sensatas e intelligentes investigações, ficam nas delegacias dormindo o somno dos justos...

« Quem mais devemos temer? Os ricos, como o barão de Lacerda?! Tomaram elles tempo e vontade para equilibrarem as suas finanças, que o jogo e o luxo das familias e das amantes, põem em imminente risco de quando em quando... Precisam arranjar um bom logar na *direcção* d'alguma Companhia, de grandes capitaes, como por exemplo a Sorocabana, para se irem *governando*...

« Cumpre-nos, portanto, ter paciencia e esperar, de braços cruzados, que passe esta ligeira nuvem. A policia,



para disfarçar o *fiasco* dos seus inhabeis agentes, apanhados a esmo entre os vagabundos, prende algum pobre diabo, interroga diversas pessoas que nada sabem, e por fim... atira com o inquerito para o limbo. O barão de Lacerda, sobressaltado agora com este acontecimento, depressa o esquecerá, voltando á sua vida de velho bobo, suppondo-se querido das moças, quando tenha as algibeiras cheias de cobre... O pinta-monos continuará borrando os dedos e entregue aos seus devaneios amorosos...

«Quando todos estiverem dormitando, nós sabermos despertal-os... E' apenas uma demora de alguns dias.. uma trégua n'esta lucta em que hei de empenhar todo o meu poder.

— Muito bem, exclamou Juca Velho. Mas não lhe parece que devemos aproveitar essa trégua para estudarmos os meios d'ataque e nos prepararmos para affastar ou destruir qualquer perigo futuro que possa ameaçar a nossa sociedade?

— Decerto. E foi para isso mesmo que chamei vocês aqui.

E, apoz uma breve pausa, Diogo proseguiu:

— A primeira cousa que devemos fazer é substituir o santo e senha que tínhamos até aqui, para que melhor eu podesse transmittir as minhas ordens, servindo-me para isso d'alguns homens de confiança... Aquelle estúpido do Benedicto embriagou-se, e deu a conhecer essas palavras que eram um segredo e são agora um perigo para quem as pronunciar.

« O maldito pintor teve habilidade de descobrir esse segredo, e certamente já o participou á policia... Convêm, pois, que sejam hoje todos avisados, não só do succedido, como do novo signal e das novas palavras que convencionarmos.

— Eu me encarregarei de avisar todos, hoje mesmo, disse o doutor Silva.

— Está bem, continuou Diogo. Cumpre-te esse trabalho em desempenho das tuas funcções de secretario.



E' preciso tambem avisar a sociedade de que d'ora avante não quero mais que me trate pelo meu nome...

— Mas isso não o prejudicaria, segundo o meu humilde modo de entender, ponderou Juca Velho, pois só particularmente os nossos homens fallam no seu nome...

— Não, não quero, replicou Diogo. Todas as precauções são poucas e indispensaveis quando junto de nossos inimigos está tambem a policia. Esta já sabe que o chefe da quadrilha, como nos classificou, é um tal Diogo, e, embora não me conheça nem eu lhe dê essa honra, é sempre arriscado que qualquer dos nossos homens pronuncie o meu nome... Não faltarão agora espiões que se aproveitassem d'esse fraco indicio para mostrarem a sua habilidade, e d'ahi resultariam prisões e outras medidas violentas que devemos sempre ter o cuidado de evitar.

— E' justo e sensato, approvou o doutor Silva. E depois é tão facil mudar-se de nome..

— Perfeitamente, disse Diogo. Dirás, portanto, a todos que d'hoje em diante me ficarei chamando... Cezar. E' um nome bonito, um nome de guerra, que me dará sorte... Estou certo que assim terei poder, gloria e fortuna...

— Agrada-me o nome, disse o doutor Silva rindo. Até os inimigos poderão bradar, nos seus ultimos momentos, segundo li em tempos n'um alfarrabio, quando estudava alguma cousa, pouco mais ou menos, esta phrase latina: «*Avé Cezar, morituri te salutant*».

— Não exijo tanto, respondeu Diogo sorrindo. Pouco importa que me saudem quando os mandar para a vida eterna. Consinto até que blasphemem ou me injuriem, comtanto que eu cumpra a minha vingança...

Decorridos alguns momentos de silencio, Diogo proseguiu:

— O titulo da nossa sociedade ficará subsistindo. A *Mão Negra* ha de continuar, e já que sabem da sua existencia, terei a audaciosa franqueza de demonstrar,



todas as vezes que puder, que ella não recúa no caminho encetado... Gosarei então do desespero que deverá causar-lhes o mysterioso e invicto poder da nossa sociedade...

« Mas, como já disse, não é conveniente que os nossos homens a ella se refiram, quando se reúnem na *Gruta*. Devemos ser muito desconfiados, para que mais tarde não tenhamos de nos arrepender...

— Que palavras diremos para substituir as que são já conhecidas? perguntou Juca Velho. Se não fosse aquelle negro, que perde o juizo quando bebe um pouco de pinga, não era preciso termos agora mais esse cuidado.

— Tens razão, mas o mal está feito e não temos remedio senão acceitar-lhe as consequencias... Deixemos o passado, e aproveitemos-lhe só a experiencia que nos deu para pensarmos no presente e nos precavermos para o futuro. Quanto ás palavras... espera, vou pensar... e se algum de vocês tiver uma bôa ideia, diga-a logo...

E Diogo, com os olhos fixos no soalho, ficou concentrado, pensativo, durante alguns minutos.

Afinal exclamou :

— Parece-me que encontrei. Ora ouçam: o signal, em vez de cinco pancadas, como até agora, será apenas de duas, uma forte, e outra logo em seguida, mais leve, acompanhadas d'um assobio, por entre os dentes. Assim...

E Diogo exemplificou, batendo na mesa, e assobian-do de uma maneira especial.

— Quanto ás palavras, continuou, pódem ser estas : Quem é? — Sou o João, o José, o Manoel, qualquer nome, comtanto que se diga ou accrescente sempre: Thereza — Que deseja? — Fallar-lhe em negocio do seu com-padre.

« Assim, mesmo que algum espião escute, por acaso, estas palavras tão simples, e que poderão ser alteradas á vontade de cada um, comtanto que não se esqueça de tres cousas principaes: o signal no principio, feito com naturalidade, e as palavras de ordem: « Thereza » e « Com-



padre», não suspeitará que tudo isto significa a senha da nossa sociedade, necessária principalmente para que o Sebastião possa, a deshoras, abrir a porta da *Gruta*. Compreenderam?

— Sim, senhor. Compreendemos, responderam ao mesmo tempo os dois bandidos.

— Bem, agora vamos combinar o que é necessario fazer desde já para não se perder tempo...

E depois de reflectir por alguns momentos, Diogo, dirigindo-se ao *doutor* Silva, disse-lhe:

— A Ignez já entrou, como creada, em casa do barão?

— Já, sim senhor. Foi admittida ante-hontem, e ficou ao serviço da filha... a quem procura agradar, o mais possivel, conforme as minhas instrucções.

— E ella está prompta a propinar o veneno?

— Custou-me muito convencel-a a isso, e foi preciso que a mãe d'ella, a Gertrudes, me auxiliasse a desfazer-lhes certos escrupulos. Tinha medo de que podesse descobrir-se e fosse presa, mas eu fiz-lhe vêr que o veneno, dado a pequenas dóses, produzia os symptomas de uma doença, cuja verdadeira causa o medico mais habil não seria capaz de conhecer...

— Bom, amanhã te darei o vidrinho, contendo o liquido venenoso que minha mãe está preparando... acompanhado de todas as instrucções que deverás transmitir-las á Ignez, recommendando-lhe todo o cuidado, e que não se precipite, augmentando a dóse, porque então está tudo perdido...

— Ella é uma rapariga esperta e tenho a certeza de que fará o *trabalho* com muita habilidade...

— Muito bem. Não te esqueças de avisar a rapaziada do que ha pouco te disse... e convêm, que por alguns dias, ella não frequentasse muito a *Gruta*...

— Vou dar as minhas providencias, e transmittir as suas ordens a toda sociedade...



— Vae. E tu, Juca Velho, escolhe já dois homens e combina o *encontro* que elles devem ter com esse maldito pintor... Dirige tu mesmo o ataque...

— Fique descansado sr. Cezar... que o tal pintamonos não nos hade incommodar por muito tempo.

— Bem. Podem ir, e escusado me parece recomendar-lhes o maior cuidado no que vão fazer... Precisamos andar muito cauteloso e desconfiados.

Os dois bandidos levantaram-se, fizeram um gesto affirmativo, e saíram.

\*  
\*   \*

Uma hora depois o *doutor* Silva fallava a uma duzia de homens mal encarados, typos d'assassinos, reunidos n'um logar isolado, perto da varzea do Carmo.

Quando o infame e astuto secretario terminou o seu discurso, um dos ouvintes exclamou:

— Está bem. Cumpriremos á risca as ordens do nosso chefe. Póde elle mudar de nome quando quizer, mas agora, que estamos sós, peço licença para gritar com todas as minhas forças:

— Viva o sr. Diogo!

— Sim, sim! bradaram diversas vozes. Viva o sr. Diogo!

O *doutor* Silva fez-lhes, com auctoridade, um gesto de silencio, e o grupo, obedecendo, debandou...

FIM DA PRIMEIRA PARTE



— Vae, vae, tu, filha Velha, e colla a tua honra e  
 combata a covardia que elle tem de não se  
 dar a tua. Deixa tu mesmo o nome  
 frouxo de escarlate. E, Cezar, que o tal  
 raposo não nos faça incomodado, pois não  
 tem fôlego de sustentar a honra de  
 dadas e maior cunhada, no tal raposo  
 ainda muito caudado e desconfiado.  
 Os dois barbeiros, sustentando a  
 affirmativo e seguro.

Uma hora depois o velho Sr. Silva e sua filha  
 de honra mal encobrida, foram a casa de  
 local isolado, perto da varzea do Carmo.  
 Quando o irmão e irmão, chegaram a sala  
 discussão, em dos seguintes excertos:  
 — Está bem. Comprometto a minha honra  
 nesses chás. Fôlego elle me dá de mais quando  
 me fôr, que nem os seus fôr, que fôr com  
 todas as minhas forças.  
 — Vive o Sr. Diogo.  
 — Sim, sim, fôr com todas as minhas forças.  
 Diogo.  
 O velho Sr. Silva, com a honra de  
 de silencio, e o grupo, obedecendo a ordem.



## SEGUNDA PARTE

---

### A LUCTA

#### I

### O GENIO DO CRIME

Pouco depois de se terem retirado os seus dois preciosos e principaes auxiliares, Diogo saiu.

Caminhou por algum tempo no centro da cidade, com a tranquillidade indifferença de quem anda passeando, sem ter a menor preocupação.

Ao chegar, porém, ao largo de S. Bento, seguiu pela rua Florencio d'Abreu, e, depois de verificar que o atelier de pintura de Oscar Brasil estava fechado, estugou o passo.

Decorrida meia hora chegava á Ponte Pequena e olhando para traz a vêr se era seguido por algum individuo suspeito, voltou á direita e percorreu diversas ruas.

Por fim, parou em frente de uma casa pequena, pobre, só de uma porta e uma janella.

Bateu d'uma maneira especial.

Sentiu-se dentro um rumor de passos, e uma voz rouca de mulher perguntou :

— E' você, sinhô?

— Sou eu mesmo. Não se demóre...



Abriu-se immediatamente a porta e Diogo entrou.

Cansado da caminhada que fizera, o nosso protagonista sentou num canapé ordinario e antigo, e soprando para o ar murmurou :

— Que estirão ! tenho os pés a arder !...

Depois de ter fechado a porta, espiando primeiro a rua com um olhar investigador e desconfiado, a moradora d'aquella pobre casa approximou-se de Diogo.

Era uma negra fulla, velha de physionomia repellente, onde transparecia um mixto de astucia e de crueldade que á primeira vista desagradava, infundindo pavor aos mais medrosos.

De baixa estatura, magra, olhos pequenos e sanguineos, nariz largo e achatado, labios grossos e manchados, cabello encarapinhado e erguido na frente n'um topéte ridiculo, mãos compridas e descarnadas, um pouco corcunda, tinha o aspecto hediondo e terrificante de uma megéra.

Chamava-se Thereza mas, pela visinhança, era conhecida e tratada pelo qualificativo de «feiticeira».

E effectivamente era essa a sua *profissão*.

Deitava cartas, predizia o futuro e vendia philtros mysteriosos, que tinham poderes extraordinarios e infalliveis...

Não era consultada por muita gente, e nem a todos ella acceitava, para lhes valer, com as luzes de seu espirito, em conjecturas difficeis ou amargas da vida.

Vivia por isso retirada, e raras vezes sahia de casa.

Tinha, porém, todos os petrechos necessarios para desempenhar digna e cabalmente o seu papel de *bruxa*.

Na sala onde Diogo entrara, mobilada com uma meza, um canapé, algumas cadeiras, uns bancos de diversos tamanhos e feitios e duas toscas cantoneiras, via-se uma infinidade de objectos, qual d'elles o mais extravagante...

Caveiras, ossos humanos e d'animaes, bicos de passaros, pennas de variegadas côres, baralhos de cartas, já



sebentos de serem manuseados, frascos contendo líquidos sujos, pequenos mólhos de raízes e ervas seccas, varas de todos os comprimentos, cobras conservadas em álcool, aves embalsamadas, guizos de cascaveis, dentes vários, campanulas de vidro, um pequeno almofariz, uma retorta, um alambique ordinario, um esqueleto de macaco, um caixão coberto com rede d'arame, contendo 3 sapos, conchas, buzios, pedras e muitas outras cousas que causavam pasmo e terror a quantos alli entravam para pedir á velha negra algum exorcismo ou outro recurso da sua vasta *sciencia*...

Na mesa, forrada de panno escuro, havia uns livros velhos, uma candeia de folha, um castiçal, pedaços de cêra, um pires meio quebrado com pontas de cigarro, cartões com signaes cabalísticos e alfinetes espetados e, entendido, n'uma preguiçosa indolencia, um gato preto, gordo, nédio, que ronronava, fechando e abrindo os olhos, que de quando em quando, brilhavam na semi-escuridão da sala.

Na parede, suspenso sobre a velha cadeira de espaldar onde Thereza se sentava com ar solemne, para as suas sessões de magia, ou para entregar-se a lucubrações de cartomancia e a trabalhos venéficos, via-se uma oleographia, emmoldurada de tosca madeira envernizada de preto, representando Lusbel, o anjo rebelde, no momento de ser expulso da mansão celeste...

A velha negra, defrontando Diogo, olhou-o com ternura e disse-lhe:

— Estás cansado? Queres tomar uma pinguinha com limão? Vou buscar...

— Não quero, atalhou Diogo com um gesto brusco. Preciso muito fallar com vossemecê sobre os nossos negocios... A mãe onde está?

— No quintal lavando roupa. Mas espera que eu chamo ella...

Thereza sahiu da sala, e pouco depois ouvia-se a sua voz rouquenha chamar:



— Lucia... Lucia... vem cá... sinhô tá ahi.

Decorridos alguns momentos entrou na sala, de mangas arregaçadas, e limpando as mãos ao avental, uma mulata clara, sympathica, bem proporcionada de corpo, olhar vivo e penetrante, mostrando ter quarenta annos, pouco mais ou menos.

No seu rosto havia uns traços de belleza, que provavam ter sido bem formosa na sua juventude.

A' primeira impressão agradava, mas quem a examinasse detidamente, notaria, na sua mobil e expressiva physionomia, uma sombra de durez, que em certas occasiões se accentuava revelando sentimentos baixos e crueis.

Esta mesma expressão dissimulada de innata perversidade encontrava-se tambem em Diogo, que era digno descendente d'aquellas duas mulheres de côr diversa, mas de alma igualmente torpe e infame.

Neto de Thereza e filho de Lucia, o bandido emerito que formára e dirigia a terrivel sociedade secreta a que pozera o titulo de *Mão Negra*, herdára das duas quanto de abjecto e ferino ellas tinham.

Mas a alma damnada que suggeria a pratica de crimes monstruosos, e a quem Diogo, obedecia e consultava, nos seus momentos de embaraço ou de perigo, era sua avó.

A velha feiticeira orgulhava-se de ter um neto tão intelligente, e que se prestava a ser um docil e malleavel instrumento dos odios que ella nutria com a familia Lacerda, da qual fôra escrava.

O proprio titulo do grupo de scelerados que obedecia cegamente ás ordens do seu neto, era uma incontestavel demonstração de quanto era grande e suggestiva a sua influencia.

Ella é que déra esse titulo, do qual se vangloriava, porque attestava o seu poder.

A *Mão Negra* d'aquella maldita feiticeira é que indicava e dirigia os crimes mais hediondos e abominaveis...



Lucia auxiliava e applaudia sua mãe, principalmente em tudo quanto fosse tramado para destruir a felicidade ou a vida de qualquer membro da familia Lacerda.

Mas que razões teriam essas duas megéras para odiarem e perseguirem essa poderosa e conceituada familia campineira?

Só mais tarde, seguindo attentamente o desenrolar dos acontecimentos, o poderemos saber.

Logo que Lucia, seguida de sua mãe, entraram na sala, Diogo, levantando-se, disse com voz suffocada pela cólera:

— Sabem o que succedeu? Os nossos projectos, por melhor combinados que sejam, não vão ávante... Parece que ha um poder mysterioso que se compraz em derrotar-nos, mesmo quando estamos seguros da victoria...

— Que foi? perguntou anciosa a feiticeira.

— Falla, meu filho, disse Lucia assustada. Aconteceu-te alguma desgraça?...

Diogo olhou fixamente as duas mulheres, e, fazendo um gesto de desespero feroz, sibilou por entre os dentes:

— Dulce... fugiu...

A feiticeira deu um pulo, como uma vibora pisada na cauda.

A sua repellente physionomia exprimiu simultaneamente o pasmo, a raiva, o despeito, a vingança...

Era medonho o seu aspecto.

Com as mãos crispadas, e bamboleando-se, contorcendo-se, como se, ferida pelo inimigo, preparasse contra elle um salto terrivel, regougou com voz surda e cavernosa:

— Fugiu?!... desgraçada... porque não a esganei logo?!

Lucia ficára boquiaberta, com os olhos espantados, immovel, n'uma attitude de idiota estupefacção.

Assaltada subitamente pela duvida, a velha negra murmurou, meneando a cabeça:



— Não... não é possível... sinhô tá caçoando...

— Caçoando?! rugiu Diogo, com as feições contrahidas pelo odio. Vossemecê imagina que tenho tempo para brincadeiras? Olhe, a esta hora a policia trabalha para descobrir quem raptou a moça...

— A policia?! exclamou Lucia, dando um grito de susto. Toma cuidado, meu filho...

— Ah! socegue que não me deita a unha... Já dei as minhas providencias, e desafio esse doutor que está fazendo o inquerito, que chegue a obter um só indicio que o esclareça nas trevas em que está immerso, e que perderão por muito tempo.....

— Mas como poudesse essa tola sair do subterraneo? inquiriu a negra, cheia d'anciedade. Então o Benedicto...

— Ora, não me falle n'esse canalha. Foi elle o causador de quanto succedeu.

E Diogo, em breves palavras, narrou o que sabia, acrescentando quaes as providencias que tomara em vista da imminencia do perigo.

Concluindo disse:

Já vêem que está tudo prevenido... Logo que o cachaceiro do Benedicto me veio contar o que havia, nada podendo fazer para evitar a fuga da prisioneira, mandei chamar Juca Velho e o meu secretario, e com elles combinei o que devíamos fazer para nulificar a acção policial.

— Fizeste bem, approvou a feiticeira.

Houve um momento de silencio, em que Diogo e as duas mulheres se concentraram, meditando sobre os inesperados acontecimentos que tinham destruido os seus planos tão habilmente delineados...

— Estou resolvido a mudar de systema na lucta encetada contra essa maldita familia... Deixemo-nos de raptos e d'outros meios identicos, muito demorados e duvidosos... E' necessario e conveniente empregar os recursos extremos e violentos.



— Mas é muito mais perigoso e arriscado, ponderou Lucia.

— E não satisfaz a nossa vingança, rugiu a velha negra. Eu queria que elles soffressem... morrer só não é bastante...

— Pois sim, têm muita razão de quererem as cousas a seu geito, mas... é impossivel. Uma deseja que tudo se faça pelo seguro, sem correremos o menor risco... Outra faz questão de saborear com voluptuosa delicia o prazer dos deuses, libando gota a gota a taça transbordante da sua vingança...

«Mas lembrem-se do infallivel proverbio popular: *quem o seu inimigo poupa ás mãos lhe morre, e tambem d'est'outro não menos conceituoso: quem tudo quer tudo perde...*

«Contentemo-nos em fazer o que fôr possivel, e sempre que pudermos, com cautella, calma e sagacidade, eliminemos um inimigo, rapidamente, conforme estiver em nosso alcance.

— Sinhô falla bem, com juizo, respondeu a negra velha. Desde que não se póde fazer tudo quanto estava combinado... paciencia... mas já agora, porque o caiporismo transtornou os nossos planos, não devemos recuar...

— E' escusado vossemecê gastar palavras á tãa... Recuar?! Nem que todo o Estado de S. Paulo se unisse para nos deter na execução da vingança que jurámos... A lucta está travada e é vencer ou morrer...

— Sim... rosnou a feiticeira. Os Lacerdas hão de acabar, seja de que maneira fôr... Não se guarda tantos annos um juramento de vingança para deixal-o facilmente...

— Nem nós somos d'esses, que lhes falta o brio e a coragem para fazer as cousas que promettem, exclamou Lucia.

— Está bem, disse Diogo. Folgo em vê-las animadas, e com boas disposições para proseguirmos porfiada e tenazmente na campanha encetada... Para os grandes



males grandes remedios... Comecemos por destruir os obstáculos que nos impedem o caminho... O primeiro é esse *senhor* Oscar...

— Oscar?! exclamou a feiticeira arregalando os olhos.

— Sim, o maldito pintor que teve a audacia de lançar um cartel de desafio á *Mão Negra*, denunciando-a á policia como uma quadrilha de réles malfeitores...

— A que familia pertence elle? interrogou Thereza.

— Não sei. O sobrenome que usa nada indica... E' conhecido simplesmente por Oscar Brasil, e sabe-se que chegou a pouco tempo da Italia... Quem sabe se é algum aventureiro que veio para S. Paulo inculcar-se como artista honesto?!

— Oscar Brasil! resmoneou a feiticeira, pensativa. E' singular!

— Não vejo singularidade nenhuma n'esse nome, que não tem valor nem importancia...

— Não te lembras que o filho de Ernesto, que ha muitos annos nos desapareceu d'uma maneira mysteriosa, se chamava Oscar?

— Ora, isso é apenas uma coincidencia... E' um nome vulgar, e póde estar certa que não seriamos tão felizes que a fortuna nos deparasse o irmão de Dulce... isto é... o unico Lacerda cuja existencia ingnoramos...

— Quem sabe?! O facto d'elle não ter familia...

— Isso não indica cousa alguma. Ha muita gente nas condições d'elle. E depois, para que perder tempo em divagações que nada adiantam? Seja quem fôr, a sentença contra elle está lavrada... D'aqui a alguns dias, deixar-nos-ha completamente socegados... Juca Velho ficou incumbido de preparar-lhe o passaporte para o outro mundo, e podemos estar certos de que este *serviço* será feito com todo o cuidado...

Mas a policia não desconfiará que a morte d'esse moço é a consequencia ou o castigo da denuncia que elle fez? perguntou Lucia.



— E que nos importa essa desconfiança? replicou Diogo. O essencial é que não possa descobrir indícios que nos comprometam directamente... Fará novo inquérito, cogitará alguns dias sobre a melhor forma de fazer diligências disparatadas e pesquisas infructuosas, e, afinal, desorientada, aborrecida, lamentando a sua fraqueza, passará a esponja do esquecimento sobre a fragil ardosia onde tiver começado os seus pomposos e quichotescos processos de investigação criminal...

E Diogo, passeando na sala, parecia seguro do que affirmava, revelando, na sua cynica tranquillidade, quanta confiança tinha em si e nos bandidos que o auxiliavam.

Apoz alguns momentos de silencio, Thereza perguntou:

— Dos Lacerdas de Campinas, não se sabe nada?

Ah! esquecia-me dizer-lhe, exclamou Diogo, que fui avisado de que vêem todos residir para S. Paulo...

— Melhor, regougou a feiticeira, cujo olhar scintillou de ferocidade. Assim podemos tratar também d'elles... Não é verdade, sinhô?

— Decerto. E' mais facil, tendo-os aqui perto, contemplal-os com um quinhão do muito amor que dedicamos a toda a familia...

E o malvado soltou uma gargalhada.

A negra velha fez um aceno affirmativo com a cabeça, e olhando carinhosamente para o neto, que era o seu maior orgulho, disse:

— Sinhô pensa em tudo, e falla sempre acertado... Eu estou velha, conheço o mundo, mas não era capaz de fazer todas as cousas com a intelligencia que sinhô tem...

— Deixe os elogios para mais tarde. Sabe o que eu quero?

— O cafésinho?!

— Não. Hoje dispenso tudo isso que vossemecê me costuma dar, só para comer e beber. Não estou com appetite... a não ser de vingar-me dos nossos inimigos,



começando por esse maldito pintor que eu odeio ainda mais de que os Lacerdas, se é possível...

— Então diga, sinhô, o que quer...

— Bem disse vossemecê que esta velha e esquecida. Já não se lembra do que preparou para me entregar...

— Ah! do veneno?

— Sim. Está prompto?

— Acabei de fazel-o, hontem de noite.

E a feiticeira, dirigindo-se a uma das cantoneiras, pegou n'um pequeno frasco, que continha um liquido escuro, e, agitando-o com ar triumphante, bradou:

— Custou bem a fazer... Tem muita cousa misturada... Tóma, sinhô, e recommenda á Ignez que não dê mais de 3 gotas por dia... O effeito é demorado, mas ninguem desconfia, parecendo doença que Deus dá...

Diogo recebeu o frasco e guardou-o na algibeira interna do paletot.

— Está bem, disse, serão seguidas á risca as suas prescripções. Agora vá preparando o outro que qualquer dia precisarei d'elle, e virei eu mesmo buscal-o...

— Ah! o outro é mais facil e de effeito mais rapido. Hoje mesmo posso preparam-o...

— Não tenho tanta pressa delle. Basta que esteja prompto depois de amanhã.

— Você vem, sinhô?

— Já lhe disse que venho. E então conversaremos sobre outros assumptos interessantes, e, conforme o que succeder até lá, discutiremos o melhor modo de agir em certas conjuncturas difficeis. Agora vou ter com o Juca Velho... não gosto de perder tempo inutilmente...

E pegando no chapéu e na bengala que tinha posto sobre o canapé, Diogo proseguiu:

— Fiquem socegadas que tudo se ha de fazer o melhor possível... Adeus...

Tem cuidado, meu filho, disse Lucia, d'alguma traição. Anda sempre bem prevenido...



O malvado sorriu, e, encolhendo os hombros com desdém, conscio da sua infame superioridade sobre as pobres victimas de um odio perverso e invisivel, exclamou:

— Nada receie... O proprio demonio seria vencido, se fosse meu inimigo...

E com as mesmas precauções com que entrára, o terrivel bandido, saiu d'aquella casa onde ficava, preparando venenos e planejando novas infamias, a maldita *mão negra* que semeava a morte e a desgraça, o mais extraordinario e horrivel genio do crime...



## O HOMEM PÕE E DEUS DISPÕE

Conforme Diogo disséra á mãe e á avó, que tão contentes tinham ficado com a noticia, Theodoro de Lacerda resolvera vir residir, com toda a sua familia, para S. Paulo.

Depois d'aquelle assalto em que elle e Rachel iam sendo victimas d'uns miseraveis que lograram escapar á activa e pertinaz acção policial, vivia sempre inquieto, nervoso, não se julgando seguro na sua bem montada propriedade agricola, que já não tinha para elle o encanto d'outr'ora.

O seu maior prazer era, quasi sempre acompanhado de sua unica e idolatrada filha, percorrer a lavoura, e fazer pequenas viagens, indo principalmente a Campinas, pelo menos uma vez por semana, tratar de seus negocios, visitando ao mesmo tempo o seu antigo amigo e compadre Manoel Sequeira.

Rachel e Elysa eram intimas amigas, e o velho e bondoso Theodoro gostava de vê-las juntas, chalreando alegremente, com a despreoccupação propria da juventude.

Esta vida calma e aprazivel não podia mais tel-a.

Quando precisava muito ir a Campinas, era acompanhado por alguns homens de confiança, bem armados.

E mesmo assim, ao passar pelo local onde fôra assaltado, o pobre velho estremecia, não de medo, mas de lembrar-se que sua querida filha esteve prestes a soffrer



as mais torpes infamias, os mais horrorosos ultrages, de uns bandidos que haviam premeditado tudo com a mais requintadada malvadez...

D. Nicóta adoecera com a commoção que lhe produzira tão tragico acontecimento; e desde então ficava afflicta todas as vezes que alguém da sua familia sahia de casa, affastando-se para mais longe e embora dentro da Fazenda. A pobre senhora vivia nervosa, n'uma agitação mórbida, febril, sobresaltando-se ao mais insignificante acontecimento.

O proprio Octavio receava que os bandidos, cujo paradeiro se ignorava, repetissem inopinadamente o ataque, que, em qualquer ensejo propicio e como represalia do máu resultado do primeiro.

Vigiava seu pae com a maior sollicitude, acompanhando-o muitas vezes á roça, e escolhendo alguns camaradas de inteira confiança, organizára uma pequena escolta, commandada por Domingos, que seguia Theodoro de Lacerda por toda a parte, principalmente nas poucas e curtas viagens que elle fazia.

João Venancio escapára milagrosamente da morte, mas permanecia ainda em tratamento que o medico dizia ser muito demorado, em vista do seu estado melindroso.

Ficaria com o rosto deformado, cégo de um olho, e causava dolorosa impressão vêr o horroroso ferimento que quasi o matára.

Não podia fallar nem comer, sendo preciso ter sempre uma pessoa junto d'elle que cumprisse rigorosamente as prescrições medicas e o tratasse com carinho e cuidado.

Todas as tardes o velho Theodoro ia vê-lo e dirigia-lhe palavras de conforto.

O pobre João Venancio ficava commovido com aquella prova d'affecto de seu patrão, e, intimamente, jurava vingar-se dos miseraveis que tinham tido a audacia e a infamia de fazer aquella emboscada com o fim de raptarem a sinhá...



Esta perdera a alacridade de espirito que a caracterisava; não era mais aquella moça jovial, irrequieta, incansavel, que quasi todo o dia andava a cavallo, com o desembaraço e a graciosidade de uma antiga amazona.

Agora vivia triste, pensativa, não podendo esquecer aquelle infame, de barba hirsuta, que lhe dirigira phrases tão offensivas, e parecia resolvido a cumprir as terriveis ameaças que proferira com tão malvado cynismo.

Quem seria aquelle homem?

Por que razão a odiava a ponto de querer apoderar-se d'ella para lhe inflingir os mais horrorosos tormentos?

Não era um vulgar salteador que tivesse por unico objectivo roubar o que ella e seu pae trouxessem n'aquelle momento, ou lhes exigisse uma quantia avultada, como resgate de suas vidas...

Depois, as expressões que usára n'aquelle involvidavel momento, não eram de um rude malfeitor...

Parecia um homem instruido e disfarçado sob tão medonho e repellente aspecto.

Mas que inimigo seria esse, e que razões teria para praticar aquelle crime, revestido de circumstancias tão mysteriosas e incomprehensíveis?!

Poupára a vida de seu pae, e pretendia apenas conduzi-la para o covil onde elle e outros miseraveis viviam, dentro do matto...

A este pensamento Rachel estremecia de horror.

E, pela sequencia dos acontecimentos d'aquella memoravel tarde, lembrava-se de Jorge, o seu salvador, que tinha tido a feliz ideia de ir esperal-a no caminho...

Se não fosse elle... quantos horrores teria soffrido, e quantas desgraças succederiam na sua familia?!

Seu pae seria provavelmente assassinado por aquelle malvado negro que fôra alguns dias seu camarada e que decerto o odiava por ter sido expulso da Fazenda.

Sua mãe succumbiria de dôr; e o unico que talvez sobrevivesse a esta catastrophe era seu irmão que ficaria



só, immerso na mais caliginosa tristeza, na desventura mais cruciante...

Só?! Não... restar-lhe-ia um ente bom, meigo, que procuraria carinhosamente minorar-lhe o horrível soffrimento da sua tragica orphandade...

Elysa amava-o, Octavio correspondia-lhe com igual affecto, e a infelicidade, quando é compartilhada, remitte a dôr pungente que ella produz n'aquelle cuja existencia foi condemnada ás suas irremediaveis e dolorosas consequencias.

Dois corações, unidos pelos liames indissoluveis de um verdadeiro amor, supportam mais facilmente o peso d'uma terrivel desgraça, que isoladamente, os aniquilaria...

Mas... Jorge?

Oh! como seria horrivel o seu penar!

Bom e sensivel como elle era, talvez succumbisse ao mesmo golpe atroz que a prostasse, vencida e aviltada, no meio d'essas mattas para onde a queriam levar...

E Rachel, sob o dominio d'estes angustiosos pensamentos, fechava-se no seu quarto e chorava, como se um perigo imminente a ameaçasse...

Afinal, comprehendendo que era uma loucura entregar-se assim a um desespero injustificavel, ia pouco a pouco tranquillizando-se, e, confiante no futuro, procurava afastar e esquecer a triste e pavorosa recordação d'aquelle inopinado acontecimento.

Ante ella surgia então, aureolada pela heroicidade, a imagem querida do seu salvador...

Admirava-lhe o sangue frio e a presteza com que a havia soccorrido, livrando igualmente seu pae d'uma morte inevitavel.

E o seu coração pulsava d'amor e de reconhecimento por aquella a quem devia a vida e a felicidade de sua familia.

Pensamentos sorridentes vinham povoar-lhe a mente, incutindo-lhe coragem para soffrer todos os dissabores e sacrificios que o futuro lhe reservasse...



Uma só cousa lhe causava sabresaltos, destruindo os esforços que empregava para se mostrar forte e animosa contra as tristes e vagas apprehensões que lhe assaltavam o espirito.

Era o facto de Jorge andar quasi sempre só, vindo de Campinas amiudadas vezes por aquelle mesmo caminho onde tinham sido assaltados.

Seu pae andava bem acompanhado, principalmente em viagem; ella pouco sahia de casa, e seu irmão tambem se prevenia quando ia á cidade, ou a qualquer outra Fazenda proxima.

Mas Jorge? Os bandidos tinham sobejas razões para se vingarem d'elle, e de uma traição ninguem se livra...

Por isso quando sua mãe aventou a ideia de residirem algum tempo em S. Paulo, ella applaudiu entusiasticamente, e adduziu tão sensatos e valiosos argumentos que não lhe foi difficil convencer seu pae que, apesar de tudo, custava-lhe deixar a sua lavoura entregue a um empregado.

A vida de roça tinha para elle encantos que a melhor cidade não lhe proporcionaria.

D'esta vez, porém, elle proprio vivia inquieto, não podendo gosar a existencia tranquillã e laboriosa que tanto apreciava.

Ficou, portanto, assente e resolvido que partiriam logo para a capital paulista onde se demorariam alguns mezes.

Rachel, habilmente, fez com que seu pae convidasse seu padrinho, e, prevendo uma recusa, combinou uma conspiração com Octavio e Elysa.

Esta, por sua vez, fallou a Jorge, e todos instaram com o pobre velho que de modo algum queria sair de Campinas, allegando que o clima de S. Paulo era prejudicial á sua saude, e tambem porque o maldito rheumatismo não lhe permittia viajar.

Mas os conspiradores, auxiliados inscientemente por Theodoro e sua mulher, não desanimaram.



E foi tão apertado o cerco que o inimigo, exausto e vencido, rendeu-se...

Foi uma alegria geral quando Manoel Sequeira, meio zangado, declarou ceder aos rogos de todos.

O intenso desejo que Jorge manifestava, de abrir na capital seu escriptorio d'advocacia, afim de se iniciar resolutamente nas luctas forenses, e o facto de Elysa querer acompanhar a sua intima amiga Rachel e simultaneamente apreciar as delicias da vida em S. Paulo, eram as principais razões, dizia o bom velho, que o obrigavam a abandonar por algum tempo o conchego do seu lar e a aprazível e incomparavel cidade de Campinas, onde tinha passado oito lustros, alguns bem felizes, da sua modesta e tranquillia existencia.

Deccorridos alguns dias, empregados alegremente nos preparativos de viagem, as duas familias Lacerda e Sequeira embarcaram para S. Paulo, onde fixaram a sua temporaria residencia no mesmo predio, á rua Victoria.

Livres das tristes apprehensões que tinham em Campinas, todos, velhos e moços, esperavam viver alguns mezes, tranquilllos e ditosos...

Mal sabiam os infelizes, que suppondo terem fugido do inimigo, se approximavam mais d'elle, que os espreitava com a ferocidade da féra que, occulta na sombra, segue, com olhar terrivel e scintilante, os movimentos da sua incauta victima...

\*  
\*   \*

Dulce fôra recebida pela baroneza de Lacerda com o carinho que se deve dispensar aos desventurados.

Judith, boa e sensivel como era, incumbiu-se de a conduzir aos aposentos que lhe destinaram, prodigalizando-lhe todos os cuidados e attenções que podia.



A pobre joven, pensando sempre em sua mãe, chorava convulsivamente, julgando-se só no mundo, victima da mais horrorosa das fatalidades.

N'uma angustia indiscriptivel, soluçando, febril e abatida sob tão pungentes soffrimentos, Dulce apenas respondia ás interrogações que lhe dirigiam com inintelligiveis monosylabos, articulando, n'uma commovente e crusciante desesperação:

— Mamãi... minha querida mamãi...

Respeitando a dôr incommensuravel que a assoberbava, a baroneza e o joven pintor deixaram de a interrogar; e Judith levou-a carinhosamente para um aposento contiguo ao seu, para mais facilmente cuidar da infeliz que tão profunda compaixão lhe inspirava.

Com uma delicadeza e uma ternura, que são o segredo e a força do coração feminino, quando elle é sensivel e nobre, poudé Judith conseguir a que Dulce fosse pouco a pouco, tranquillizando o seu espirito, desvairado pelo mais atroz soffrimento.

Fez-lhe vêr que precisava ter coragem para encarar a sua angustiosa situação que não era irremediavel... Sua mãe podia d'um momento para outro apparecer-lhe, livre de qualquer perigo...

Não fôra ella tambem salva inopinadamente das mãos dos bandidos, quando se julgava perdida, sujeita, sem defeza a soffrer uma morte horrivel, n'aquelle lobrego subterraneo?

Nada é impossivel á Nossa Senhora... O que era mister, era ter plena e absoluta confiança no seu divino poder...

Portanto, não devia entregar-se a uma desesperação que nenhum facto positivo justificava.

A ausencia de sua mãe? Mas quem sabe se ella andaria indagando, pesquisando, pedindo providencias?

Era melhor que ella, tranquillizando-se quanto possivel, dêsse alguns esclarecimentos necessario para que



a auctoridade descobrisse sua mãe e punisse os scelerados que haviam commetido tão audacioso crime.

Conhecia algum ou alguns d'elles?

Que infame estratagemma tinham posto em pratica para poderem raptal-a, a uma hora em que centenaes de transeuntes andavam pelas ruas de S. Paulo?

E porque esses malvados não levaram mãe e filha para o mesmo subterraneo?

Finalmente, suspeitava qual era o fim que elles tinham em vista com semelhante violencia, tão insolita e extraordinaria n'uma cidade populosa e policiada?

A estas considerações, ditas com modo meigo e persuasivo, Dulce serenou o espirito atribulado, murmurando:

— Sim... tem razão... estou prompta a contar tudo quanto me succedeu, dando todos os esclarecimentos que puder para que minha mãe seja encontrada.

Judith, satisfeita, correu a chamar a madrastra que estava na sala conversando com Oscar.

O barão, tendo chegado n'aquelle momento, e posto ao facto do que havia, ficou bastante impressionado com um crime tão audacioso e incomprehensivel.

Fez calorosos elogios a Oscar pelo seu corajoso e nobre procedimento, e quiz logo ver a infeliz, salva das mãos infames dos bandidos.

Anciosos de ouvirem a narrativa da cilada, tão habilmente feita contra duas pobres mulheres, todos se encaminharam para o aposento onde Dulce sentada em uma poltrona, ficára triste e pensativa, n'uma attitude dolorosa...

Ao chegar perto d'ella, o barão, extraordinariamente commovido, sentiu uma impressão estranha invadir-lhe o espirito.

Um forte sentimento affectivo o impellia para aquella joven lacrimosa, pallida e abatida, que via pela primeira vez...



Approximando-se, disse-lhe com voz tremula e carinhosa.

— Não se afflija... Minha filha foi dizer-nos que a senhora queria esclarecer o mysterioso acontecimento de que ia ser victima, e cujo principio ignoramos absolutamente...

«Desejo ser-lhe util, dando as devidas providencias para que sua mãe seja procurada immediatamente... mas, para isso, preciso saber o seu nome e ter conhecimento de todas e quaesquer circumstancias que julgue proveitosas para tal fim...

Dulce suspirou, e, limpando as lagrimas que corriam-lhe pelas faces descóradas, respondeu:

— Infelizmente pouco sei que possa adiantar ao que já devem saber sobre o desaparecimento de minha querida mamãe... Tudo quanto me tem succedido desde hontem é tão mysterioso e extraordinario que ainda me parece um sonho... Sinto a cabeça fraca, a intelligencia obscurecida, a memoria vacillante... A's vezes julgo que vou enlouquecer.

— E' natural essa prostração moral e physica... Tem soffrido muito, muitissimo, no espaço de poucas horas... mas, agora que está livre do perigo, precisa reagir contra esse abatimento... para que possamos igualmente salvar sua mãe. Por pouco que nos diga sempre nos indicará o caminho que devemos seguir... Bem vê que, por muita vontade que tenhamos de vel-a abraçar sua mãe, as trévas que nos circumdam não permitem que tomemos, pelo menos, algumas resoluções promptas, para tentar a consecução de um facto que todos nós desejamos...

— Agradeço a sua bondade, senhor, e peço-lhe me desculpe o incommodo que vim causar-lhe... mas só, victima de odios perversos que perseguem a minha familia, eu neccessito muito do auxilio de pessoas boas, caritativas, de coração nobre e compadecido...

— Tranquillisa-se, disse o barão cada vez mais com-



movido, pela attitude humilde e angustiosa da joven, aqui está completamente ao abrigo dos ataques de quaesquer inimigos... E nada tem a agradecer-me porque cumpro apenas um dever de humanidade que obriga todo o christão a soccorrer o seu semelhante.

Dulce concentrou-se por alguns momentos afim de se recordar de todos os pormenóres da cilada em que ella e sua mãe tinham cahido.

Todos se sentaram em volta da joven, anciosos de ouvirem o que ella ia contar-lhes:

Deccorrido alguns momentos de silencio, Dulce disse:

— Hontem seriam oito horas da noite, estavam eu e mamãi conversando tranquillamente, quando uma carruagem parou á porta da nossa casa.

«Estranhámos o facto, pois vivendo sós, isoladas, recebendo poucas visitas, surprehendeu-nos que, áquella hora, viesse alguém, de carro, procurar-nos.

«Pouco depois bateram á porta, e mamãi recebia uma carta que a affligiu muito.

«Por motivos intimos, e pela vida triste e modesta que sempre tem tido, mamai não se dá com a familia que, segundo ella me disse, vive na riqueza, e no esplendor de festas que não se coadunam com o luto que, ha muitos annos, a desgraça poz em nossos corações.

«Comtudo, mamãi estima muito a familia que, em tempos abandonou cruelmente, e de todos, ha um irmão de que ella me falla sempre, com grande affecto, por ter sido, quando solteira, aquelle que mais carinhos e attenções lhe prodigalisava.

Pelo rosto do barão de Lacerda deslisou uma lagrima que foi sumir-se na barba grisalha...

«Eu não conheço meus tios, continuou Dulce, mas estimo-os bastante porque sei que elles são bons. Respeito os motivos, aliás justos, que mamãi teve para se affastar de sua familia... mas lamento não conhecer meus tios, nem minhas primas, não exitindo no meu coração



o menor sentimento d'animosidade contra tão proximos parentes.

«Quando vi mamã chorar ao lêr a carta que recebera, corri inquieta a indagar a causa d'aquella subita angustia, e soube que um dos meus tios, exactamente aquelle que fôra mais amigo de mamã, estava gravemente enfermo, e queria vel-a antes de morrer.

«Quem assignava a carta era uma joven senhora com quem meu tio casou em segundas nupcias, a qual appellando para os sentimentos fraternaes de mamã lhe pedia fosse immediatamente, para cumprir a derradeira vontade de um moribundo querido.

«Como vêem, o ardil arranjado pelos bandidos não podia ser melhor.

«Tanto eu como minha mãe, sem a mais leve suspeita nem hesitação, saímos logo de casa, acceitando o coupé que nos esperava, afim de irmos mais depressa, como nos dizia o falso creado.

«A carruagem partiu immediatamente a todo o galope, e como iamos tristes e afflictas, não reparámos n'aquella velocidade, aliaz justificada visto tratar-se de um facto grave e urgente.

«Mas como o tempo decorria sem que o coupé parasse, nem affrouxasse na carreira vertiginosa em que ia, mamã, estranhando o caso, ordenou ao cocheiro que parasse para lhe pedir algumas explicações.

«Elle, porem, fez-se surdo e começou a fustigar os cavallos com uma furia que causava já sérias suspeitas.

«Assustadas, gritámos, mas de repente o coupé parou e dois mascarados arrancaram brutalmente mamã de meu lado, e agarrando-me, amordaçaram-me para abafar os meus gritos...

«Senti uma dôr tão violenta no coração que desmaiei, e só recuperei os sentidos no momento em que os dois mascarados me conduziram á força para o subterraneo que julguei ser a minha sepultura...



Dulce interrompeu-se e, curvando a cabeça, chorou silenciosamente por algum tempo.

Todos, commovidos perante aquella afflicção, e impressionados com a narrativa dos factos, feita triste e singelamente pela infeliz joven que parecia um anjo de bondade, tinham os olhos marejados de lagrimas.

O barão, que era quem estava mais emocionado, envolveu Dulce n'um olhar compassivo e carinhoso, e, tomando-lhe uma das mãos disse-lhe:

— Animo... não chore mais... faz-lhe mal. Está tão fraca!

Dulce, olhando-o com expressão d'affectuoso reconhecimento, fez um asceno affirmativo com a cabeça, e, limpando as lagrimas que lhe inundavam o rosto pallido e formoso, fez um esforço para readquirir a necessaria tranquillidade afim de concluir a sua narrativa

Logo que a viu mais socegada, o barão perguntou-lhe.

— Mas... sua mãe onde ficou? Quando esses infames mascarados simularam o assalto á carruagem, provavelmente de combinação com o cocheiro, sua mãe seria arrastada por outros bandidos para algum carcere adrede preparado?

— Não sei, senhor, murmurou a joven, exhalando um suspiro que terminou num soluço.

E, presa novamente de horrivel e torturante soffrimento que nada podia mitigar, proseguiu com voz entrecortada e debil:

— Foi tudo tão rapido... que só ouvi um grito... de mamãi. Oh! meu Deus... não posso esquecer-me... daquelle brado de soccorro... e de dôr... Quem sabe... se os malvados... a mataram?!...

E uma explosão de acerba e indescriptivel angustia agitou a infeliz que soluçava desesperadamente....

— Pobre moça! murmurou o barão, limpando uma lagrima rebelde que, desprendendo-se, rolára vagarosamente pela face.



E, levantando a voz, proseguiu com meiga e paternal inflexão:

— Vamos... coragem... sua mãe está viva. Os miseráveis quizeram apenas separar-as para mais facilmente a raptarem. E' provavel que o fim d'elles levando-a para o subterraneo, fosse obrigar depois sua mãe a pagar-lhes uma quantia qualquer pela sua liberdade...

Dulce fez um gesto negativo.

— Não, disse ella. Não tiveram esse intuito... Também eu pensei isso nos primeiros momentos em que me vi encerrada n'aquella medonha cova, mas depois tive a certeza de que não se tratava de uma expoliação...

«Recebi a visita de um homem que supponho ser o chefe da quadrilha e que me disse cousas extraordinarias, phrases ironicas e ameaçadoras que ainda me fazem estremecer...

— Póde dizer-nos que phrases foram essas, para podermos comprehender o movel que esse infame tinha em vista, raptando-a? perguntou o barão.

— Sim, respondeu Dulce, impressionaram-me tanto as palavras que proferiu aquelle homem d'aspecto sinistro, cujo rosto não podia vêr por estar mascarado, que toda a vida me lembrarei d'ellas...

«Depois de affirmar-me que não precisava de dinheiro pois era bastante rico para satisfazer todos os seus caprichos, declarou-me terrivel expressão, que por motivos que mais tarde me diria elle odeia toda a minha familia.

«Para a realização dos seus planos de vingança disse que precisava apoderar-se das moças, que chamou de orgulhosas, e que a minha familia havia de cahir, dispersa e deshonrada, sob o seu terrivel poder.

«Recordo-me ainda da seguinte phrase com que elle concluiu as suas ameaças: Ninguém sabe quem eu sou, vivo na sombra, mas vigio todos os passos, sei todos os segredos, conheço o passado e o presente de todos aquelles em cujas veias circula o maldicto sangue dos Lacerdas».



O barão ergueu-se da cadeira como se fosse impellido por uma forte móla occulta, e com as feições alteradas, pallido, trémulo, bradou:

— Dos Lacerdas?!

A baroneza, Judith e Oscar, soltaram também exclamações de surpresa.

Em todos os rostos via-se a mesma expressão de espanto e d'anciedade.

— Dos Lacerdas?! repetiu o barão. Mas... é possível que...

E' possível e natural, interronpeu Dulce admirada do effeito estupefaciente que o sobrenome de sua familia produzira n'aquellas pessoas estranhas.

E, para corroborrar a sua asserção, accrescentou:

— O inimigo rancoroso que mostrava gozar a minha agonia, deve mesmo estar ao facto do que affirmou, pois, sem nunca me ter visto, tratou-me logo pelo meu nome, e agora estou convencida de que foi elle quem, para illudir minha pobre mãe, forjou a carta da baroneza sobre a supposta doença de meu tio...

— Seu tio?!... A baroneza?! Mas... como se chama sua mãe?

E o barão, encarando fixamente a joven, analysando-lhe as feições, cujos traços de suave e candida belleza tinham um encanto indefinivel que o soffrimento realçára, dando-lhe o aspecto de uma linda martyr, esperou a resposta, ancioso, boquiaberto, contendo a respiração...

A baroneza, tão vivamente impressionada como seu marido, approximára-se da infeliz.

Judith, com os olhos marejados de lagrimas, levava as mãos ao seio, como para conter as palpitações desordenadas de seu coração...

Oscar, de pé, commovido, contemplava o rosto pallido e formoso d'aquella que salvára do poder dos bandidos, e um forte impulso de sympathia, um sentimento estranho, mysterioso e irresistivel o impellia para ella...



Dulce, esquecendo-se n'aquelle momento da sua dôr, olhava surprehendida para aquellas quatro pessoas que tanto se haviam impressionado ao ouvirem o sobrenome de Lacerda.

Ancioso e inquieto, o barão repetiu:

— Diga-me o nome de seu tio... Sua mãe... chama-se Amelia?

— Conhece-a?! exclamou Dulce admirada. Effectivamente é esse o nome de minha mãe, e meu tio é o barão de Lacerda... Mas que tem, senhor?

Esta pergunta fizera a joven vendo que o bondoso velho, cambaleando alguns passos, pallido como um defunto, soltára um grito inexprimivel...

O barão levou as mãos á cabeça, e como se algum remorso o dominasse, tartamudeou com voz afflicta:

— Então... tu... és... Dulce?

— Sou Dulce Lacerda. Mas...

O barão, interrompendo-a, não podendo conter-se, abraçou-a num impeto de carinhoso affecto, bradando com voz suffocada pelas lagrimas:

— Dulce... minha sobrinha! O barão de Lacerda sou eu...

— Meu tio!

E ambos, chorando, conservaram-se por alguns momentos unidos num amplexo terno e commovedor.

Dulce abraçou tambem a baroneza, e quando chegou a vez de Judith, era eternecedor vêr as duas jovens, ambas formosas, chorando e beijando-se ao mesmo tempo que diziam:

— Minha querida prima.

— Como debes ter soffrido, minha boa Dulce. Tinha tanto desejo de te conhecer, mas não por esta fórma, com o coração dilacerado por tantas angustias...

— Amelia, onde estará a minha pobre irmã? exclamou o barão.

N'este momento appareceu um creado dizendo que o sr. Theodoro de Lacerda e sua familia estavam na sala.



Esta visita inesperada foi uma surpresa para todos.

— E' a Providencia que reúne a familia Lacerda para poder conjurar o perigo que a ameaça, disse o barão.

E correu para a sala onde estavam Theodoro, D. Nicóta, Rachel e Octavio.

. . . . .  
Momentos depois Oscar dirigia-se á repartição central da policia não só para participar o occorrido como tambem para pedir encarecidamente as mais urgentes providencias afim de se descobrir onde estava, morta ou viva, a infeliz Amelia de Lacerda.

O 1.º delegado auxiliar, Dr. Nobrega, incumbido das necessarias diligencias, não poudé descobrir os criminosos, mas conseguiu, felizmente, saber que a desditosa senhora tinha sido recolhida ao hospital por ser encontrada na Moóca, cahida, com algumas contusões e sem sentidos...

Sabedor d'isto o barão fez com que sua irmã fosse conduzida para o seu palacete onde ficou entregue aos carinhosos cuidados de Dulce e de Judith que se revejavam no paciente e laborioso cargo de enfermeiras.

Octavio, tendo-se offerecido para tratar de sua tia, foi acceito, sendo o seu medico assistente.

A familia Lacerda, impressionada com as phrases proferidas por esse inimigo implacavel e invisil, e que Dulce não esquecera, vivia inquieta e pensativa.

Approximando os factos, concluia que o assalto que soffrera Theodoro e Rachel e a cilada de que foram victimas Amelia e Dulce eram a obra nefasta do mesmo bandido que dizia ter feito um terrivel juramento de vingança...

Mas quem seria esse miseravel e que razões teria para essa infame perseguição?

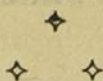
Mysterio !

Por mais que pensassem, nada podiam comprehender nem descobrir, e por isso, quasi todos aquelles que



formavam a familia Lacerda andavam sobresaltados, n'uma agitação nervosa...

. . . . .



Deccorreram alguns dias depois d'estes acontecimentos, sem que houvesse nada de notavel.

Oscar, que prestára tão relevantes serviços, ia frequentes vezes ao palacete do barão de Lacerda, onde era muito bem recebido.

Uma noite, seriam 11 horas, caminhava elle pela rua Victoria, em direcção ao seu atelier, quando, surgindo inopinadamente de uma esquina, onde estavam occultos, dois homens o assaltaram com um impeto de sanguinarios.

Brandindo agudas facas, silenciosamente, sem uma provocação, vibraram-lhe diversos golpes que teriam prostrado outro que não fosse tão agil e corajoso como Oscar.

Mas, apesar de surprehendido e desarmado, o joven pintor, desviando-se com grande presteza, defendeu-se com a bengala que, por infelicidade, se partiu, recebendo, n'essa occasião, um ferimento no braço esquerdo que lhe fez soltar um grito de dôr.

Não obstante a sua extraordinaria coragem, teria sido victima dos assassinos, se um moço que, casualmente, estava á janella da sua residencia, vendo aquelle cobarde e infame ataque, não corresse precipitadamente em seu soccorro.

Jorge, pois era elle quem estava á janella do seu quarto, lançando mão de um rewolver, appareceu repentinamente diante dos miseraveis bandidos, aos quaes bradou com voz colerica e vehemente:

— Ah! canalhas. Larguem esse homem ou atiro-lhes como a cães damnados...



E apontou-lhes o revolver, prompto e resolutto a disparar, caso não fosse obedecido.

Diante da attitudo energica de Jorge, os miseraveis recuaram e por fim desappareceram correndo pela rua Conselheiro Nebias.

Oscar, ferido no braço esquerdo e no peito, mas sem gravidade, ficára por alguns momentos como que aturdido, pallido, e offegante pela rapida e desigual lucta que havia sustentado.

Jorge dirigira-se logo para elle, perguntando-lhe:

— Está ferido, senhor?

— Recebi alguns golpes, mas, graças ao seu corajoso auxilio, que muito lhe agradeço, escapei de ser morto por aquelles malvados...

— Naturalmente elles atacaram-n'o com o intuito de o roubarem. Parece impossivel que isto aconteça em S. Paulo ...

Oscar meneou a cabeça negativamente, e disse:

— Não foi o roubo o movel do crime que o senhor poude evitar ... E' a vingança d'um temivel bandido, chefe de uma poderosa quadrilha de malfetores, que planejou este assassinato; mas, felizmente, não passou de uma audaciosa tentativa ...

— Mas o senhor precisa tratar-se... Vejo que está perdendo muito sangue ...

— Móro perto, e irei até minha residencia como puder ...

— Não consinto. Póde, mais adiante, ser atacado outra vez...

A repetidas instancias de Jorge, Oscar entrou no quarto d'aquelle.

Momentos depois apparecia Octavio que fora chamado immediatamente pelo amigo.

Vendo quem era o ferido, o joven medico exclamou com dolorosa surpresa:

— O sr. Oscar! Oh! meu Deus, que desgracia! Esse terrivel e invisivel inimigo não abandonou os seus infames projectos.



E, sollicito, correu a estancar o sangue que brotava abundantemente dos ferimentos que o desditoso pintor recebera dos sicarios que Juca Velho havia escolhido para cumprir as ordens terminantes de seu chefe.

Perto, o perverso auxiliar de Diogo assistia á perpetração do crime, tendo préviamente combinado com os assassinos qual o signal que daria á approximação d'algun soldado ou transeunte.

Mas a Providencia velava pelas victimas que o malvado chefe da *Mão Negra* indigitava para serem sacrificadas á sua terrivel e descommunal vingança.

A Jorge estava reservada a gloria de frustrar um outro crime cobarde e hediondo, sem elle suspeitar que tudo era planejado pelo mesmo bandido que jurára perseguir e aniquillar a familia Lacerda, e todos aquelles que lhe fossem obstaculo para a consecução de seus intentos, os mais vis e infames.

.....



Oscar ficou em tratamento em casa de Manoel Sequeira.

Logo que Beppi soube que o joven pintor fôra cobardemente ferido, correu como um louco para junto d'elle.

O velho italiano chorava, murmurando comsigo mesmo:

— Deus assim o quer... De nada vale ter guardado até agora um segredo, para garantir a vida d'este moço...

Mas Oscar, sorrindo, socegava o pobre Beppi, affirmando-lhe que os ferimentos eram de pouca importancia.

.....



Perante este novo attentado, todos os Lacerdas andavam em sobresalto, e entre si, tendo ainda como auxiliares, Jorge e Beppi, combinaram os meios de defeza, andando sempre prevenidos.

Mas o famigerado Diogo, incansavel e invicto, forjava novos crimes, contra os quaes de nada valia a prevenção das pobres victimas que eram condemnadas pela terrivel *Mão Negra* . . .



### III

## CORAÇÃO DE PAE

No palacete do barão de Lacerda todos viviam tristes e inquietos.

Amelia melhorára da febre que a accommettera na terrível noite em que caíra na estrada, vendo sua filha desaparecer, levada por dois mascarados d'aspecto sinistro.

Octavio ia frequentemente visital-a, e da sua dupla qualidade de medico e de sobrinho, procurava, por todos os meios therapeuticos e carinhosos, tranquillizar a pobre senhora que de quando em quando se deixava dominar por um profundo abatimento, prevendo desgraças imminentes que todos attribuiam á fraqueza do seu espirito, vivamente excitado com o que lhe succedera . . .

Dulce, cercando sua mãe dos mais ternos cuidados, não podia, por maiores esforços que fizesse para apparentar uma serenidade que não tinha, esquivar-se a continuos sobresaltos que lhe prejudicavam a saude, definhando-a pouco a pouco, como a flôr mimosa sob a ardencia do sol comburente de uma atroz infelicidade.

Judith, embora soubesse todos os dias que Oscar ia melhorando dos ferimentos que recebera, estando livre de perigo, e tratado com todo o desvelo por Octavio e Jorge, dois excellentes corações, tinha momentos de indizível tristeza.

E, occultando a sua afflicção, encerrava-se amiudadas vezes no seu quarto, onde chorava, implorando ao



mesmo tempo a Deus que velasse pelo ente querido cuja existencia corria risco de ser novamente atacada pela terrivel quadrilha que jurára, decerto, a mais torpe e implacavel vingança...

Simultaneamente, estremeceu de horror ao lembrar-se que toda a sua familia estava ameaçada de morte por esse malvado inimigo, que vivia na sombra, auxiliado por malfeitores affeitos á perpetração de muitos crimes...

Quem seria esse homem que dissera a Rachel e a Dulce que havia de abater e humilhar as orgulhosas moças pertencentes á familia Lacerda?

Que razões teria para esse inqualificavel procedimento?

E se a policia era impotente para descobrir esse malvado, o que poderia fazer sua familia para defender-se das traições que elle planejassem contra qualquer dos seus membros?

E' verdade que todos, ou quasi todos, até então separados por pequenas divergencias ou resentimentos, se tinham reunido e colligado contra o inimigo commum.

Mas poderiam obter victoria quando não sabiam com quem tratavam aquelle terrivel e perigoso combate?

A pobre joven, assustada, querendo affastar os tristes presentimentos que lhe amarguravam a existencia, recorria á oração, feita fervorosamente á imagem sacrosanta de Nossa Senhora Aparecida que tinha no seu quarto, e perante a qual se prostrava, implorando-lhe a sua divina protecção...

E, mercê da crença sincera e arraigada do seu espirito, intensamente religioso, Judith ficava alliviada da sua dôr, e a confiança renascia no seu oppresso coração...

A baroneza pensava algumas vezes nos acontecimentos que tinham vindo entristecer o seu faustoso palacete, onde ella gosára sempre uma existencia suave e alegre.

Mas o seu character frivolo e voluvel não permittia que se entregasse por muito tempo a tristes pensamentos.



Esquecendo depressa que Amelia e Oscar eram as primeiras victimas que estavam soffrendo as consequencias da terrivel vingança que o invisivel e audaz inimigo dos Lacerdas jurára contra estes e contra todos os que se atravessassem no seu caminho, impedindo-lhe a realização das suas projectadas infamias, a baroneza socegára facilmente, suppondo que ella não seria attingida pela malvadez do chefe d'essa poderosa quadrilha de malfeitores...

O barão, porém, não pensava d'este modo, e as palavras animadoras de sua mulher não logravam convencel-o de que elle, pela elevada posição social que occupava, ficaria incolumne dos ataques traiçoeiros d'esse terrivel bandido.

Nervoso, inquieto, n'uma constante agitação que lhe era impossivel vencer e que nem mesmo podia disfarçar, o bondoso e sensivel barão de Lacerda estremecia, atemorizado pelas ameaças que Dulce contára ter ouvido do sinistro personagem que a fôra insultar, com as suas phrasas cynicas e revoltantes, no medonho subterraneo para onde cobardemente a mandára conduzir.

Tristes e pavorosas apprehensões lhe assaltavam o espirito.

Parece que o seu coração adivinhava as angustiosas provações que o futuro, sombrio e ameaçador, tão cruelmente lhe reservava...

. . . . .

\*

\* \*

Ignez fôra admittida, em casa do barão de Lacerda, como creada particular de Judith.

Tão solícita e obediente se mostrou desde logo que adquiriu a confiança dos patrões.



Activa, attenciosa, procurando adivinhar os desejos, principalmente da sua joven ama, cumprindo com intelligencia as ordens que recebia, soube captar a sympathia de Judith que a tratava com a sua natural bondade.

Não era bonita, mas o conjuncto de suas feições era agradável.

Sempre correcta no seu procedimento, sabendo adequar a physionomia as circumstancias, tristes ou alegres, da existencia d'aquella familia, em que cada qual se deixava dominar por diversos pensamentos, mais ou menos impressionante, Ignez auxiliou carinhosamente Dulce e Judith no tratamento da infeliz Amelia, até ella ficar livre de perigo.

Por isso todos a apreciavam, sendo-lhe até, por espontanea vontade do barão, augmentado o ordenado.

Uma tarde ella pediu licença para ir visitar sua mãe, a qual lhe foi concedida immediatamente.

Ninguem podia suspeitar que aquelle ente alegre, bondoso, occultava uma alma perversa, ao ponto de servir de instrumento das malvadas machinações de um scelerado que não trepidava ante os crimes mais monstruosos e abominaveis.

Quando Ignez chegou á casa de sua mãe, a infame Gertrudes, já lá estavam á sua espera Diogo e o doutor Silva.

— Julguei que não vinhas! exclamou o astuto secretario quando ella entrou.

— Se os fiz esperar algum tempo não foi por minha vontade, respondeu Ignez. Tive de deixar todo o meu serviço em ordem para não descontentar os patrões...

— Fizeste bem, approvou Diogo. Não te censuramos pela demora. Como vae a doente?

— A sra. D. Amelia?

— Sim.

— Vae melhorando pouco a pouco, mas está muito fraca...



— Não admira. A febre que ella teve foi tão forte que quasi a ia *liquidando*. E não se perdia nada... era uma de menos d'essa amaldiçoada familia. E a filha?

— Ah! essa vive triste, emmagreceu alguma cousa, mas tem saude...

— A orgulhosa Judith continúa chorando pelos cantos, como creança manhosa?

— Ella julga occultar-me a choradeira mas eu tenho-a espreitado no quarto, e vejo-a lavada em lagrimas, ajoelhada diante de um quadro que representa uma Nossa Senhora...

Diogo soltou uma satanica gargalhada, exclamando:

— Réza para que o ceu deixe na terra o pintamonos...

— Quem?

— O tal sr. Oscar que teve a habilidade de inspirar tão intensa paixão a uma vaidosa... *aristocrata*, quando elle não passa de um réles artista... Coisas d'este mundo...

E apoz uma breve pausa o infame proseguiu:

— O barão não acompanha a filha nas suas orações?

— Ella réza sósinha.

— Pois é pena. E' uma ingratidão o velho bobo não pedir a Deus que lhe dê depressa esse genro que não lhe trará honrarias nem riquezas mas póde tirar-lhe o retrato em diversas posições, e pintar-lhe o braço honroso em todas as dependencias do palacio...

E depois de casquinar uma risada cynica, Diogo continuou:

— Aposto que a baroneza não emprega o seu tempo n'essas lamurias e beatices...

— A sra. baroneza tem um genio mais alegre. Não é capaz de ficar triste e pensativa uma hora seguida.

— Ao menos não é hypocrita. Bem mostra que não lhe corre nas veias o sangue dos Lacerdas... E' pena ella estar junto d'essa gente. Seria uma mulher extraordinaria



se não vivesse n'esse meio atrophiante e estúpido para onde a ambição a arrastou...

« O barão, com o ciume idiota de um velho mente-capto, é um tropêço para que Magdalena gose a formosura admiravel com que a natureza a dotou... Mas não ha grilhões que não se quebrem, quanto mais a fragil cadeia de um matrimonio... Ella ha de ser livre um dia, que não está muito longe, e então...

Diogo calou-se, ficando pensativo por alguns minutos.

Fazendo um gesto decisivo, levantou-se da cadeira em que estava sentado, e deu alguns passos na sala, pobremente mobilada, onde Gertrudes costumava receber as suas *visitas*.

— A sra. baroneza, disse Ignez maliciosamente, tambem mostra interessar-se muito pelo sr. Oscar... Falla constantemente n'elle, diz que admira o seu talento, e manda tres ou quatro vezes por dia saber se vae melhor. Até obriga o sr. barão a ir pessoalmente perguntar ao medico, o sr. Octavio, se o estado do querido doente não revela d'um momento para outro algum symptoma de gravidade...

— Que dizes?! Querido doente... Ella tem a audacia de tratar assim o maldito pinta-monos? perguntou Diogo fuzilando-lhe no olhar um relampago de odio.

— Mais de uma vez eu ouvi ella dizer essas palavras, accrescentando, como se fallasse comsigo mesma: « Coitado, um moço tão sympathico, tão generoso, de tão nobres sentimentos, ser victima de um miseravel cobarde que nem sequer teve a coragem de ataca-lo frente a frente, preferindo mandal-o matar por sicarios... »

— Ella disse isso? rugiu Diogo. Ou estás inventando agora essas mentiras?

— Mentiras?! Não chega a tanto a minha intelligencia. Creia que estou dizendo a pura verdade...

— Ah! Então ella antes queria que elle fosse atacado frente a frente?! Pois sel-o-ha. Alguem do meu intimo conhecimento se incumbirá de provocal-o publica-



## A MÃO NEGRA

mente, obrigando-o ao triste dilemma de ficar considerado por todos como um cobarde, ou de ser morto *honrosamente*...

— Quem? perguntou Ignez curiosa.

— Não conheces esse meu amigo. E' escusado dizer-te o nome... Mais tarde talvez o conheças...

E um riso zombeteiro e nervoso saiu da garganta contrahida de Diogo.

Houve um momento de silencio, que se prolongaria, se o *doutor* Silva não dissesse com o cynismo, calmo e repugnante, que o caracterisava:

— Em vez de tratarmos de assumptos de menor importancia, que pertencem ao futuro, não seria melhor aproveitarmos o tempo para cuidar do presente?

— Que queres dizer com todo esse palavriado? interrogou asperamente Diogo, franzindo o sobr'olho.

— Quero dizer, respondeu humildemente o velhaco homunculo, que Ignez não poderá demorar-se aqui muito tempo, nem convêm para não perder a sua reputação de boa creada, e seria bom que o sr. Diogo lhe dêsse as instrucções precisas para curar a paixão da sra. D. Judith...

— Tens razão. Fallas sempre como um *doutor*, como todos te qualificam com justiça...

E Diogo, tirando do bolso um vidrinho, entregou-o a Ignez, dizendo-lhe:

— Aqui tens o *remedio* para que a tua joven ama possa gosar a tranquillidade de que tanto necessita.

« A primeira dóse déves deital-a no café que lhe déres de manhã. Tóma cuidado que de cada vez são apenas tres gotas. Comprehendes?

— Comprehendo, sim senhor, respondeu Ignez, com voz trémula.

Apezar do seu máu character, estremecia de horror lembrando-se que devia, em obediencia ás ordens de sua mãe e do chefe, que não admittiam hesitações, assassinar lentamente uma moça que nenhum mal lhe fizera.



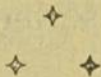
— Todos os dias, proseguiu, tranquilla e peremptoriamente Diogo, darás egual dóse, ou no café, ou nos remedios que o medico receitar. Deves ser muito cautelosa para que ninguem te veja deitar as tres gotas, ou te descubra o vidrinho que occultarás do melhor modo possivel.

« Nada receies porque o proprio medico não suspeitará que seja um envenenamento, se não augmentares a dóse que, depois d'ella estar doente, poderás variar de duas a tres gotas. Mais nada. Toma bem sentido...

— Farei exactamente conforme suas ordens.

— Bem. Confio em ti. E agora é conveniente voltares para casa de teus patrões. Escusado é dizer-te que deves ser uma enfermeira carinhosa, para que não te substituam... E' um sacrificio que saberei largamente recompensar, e que durará apenas uns quinze dias. Já vês que é pouca cousa...

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .



Meia hora depois, Ignez entrava no palacete do barão de Lacerda, levando occulto no seio o fatal vidrinho que continha o subtil e terrivel veneno, destinado a destruir a preciosa existencia da gentil e angelical Judith...

No dia seguinte, de manhã, Ignez preparou o café, deitou-lhe, tremendo, as tres gotas, e levou a chicara á pobre joven que estava no seu quarto.

Com o sorriso nos labios esperou que ella bebesse, indo depois lavar a chicara, para maior cautella...

Judith almoçou nesse dia com maior appetite, mas pouco depois começou a sentir-se agoniada, queixando-se de fortes dôres de cabeça.

Foi deitar-se, mas augmentando o soffrimento, a



ponto de lhe sobrevir febre e ancias, o barão, afflicto, mandou immediatamente chamar Octavio.

Este não se fez esperar, e, examinando-a disse que era um incommodo ligeiro, sem maiores consequencias.

Receitou, promettendo voltar mais tarde.

Effectivamente Judith pareceu melhorar.

Já não se queixava de tantas dôres, não tinha vomitos, mas caíra n'um profundo abatimento que causava sérias inquietações a todos de casa, principalmente ao barão, cuja agitação era visivel e commovente.

No outro dia, de manhã, a infame cumplice de Diogo repetiu a dóse.

Aproveitando um momento em que estava só com a pobre doente, que dormitava, olhou receosa para todos os lados e foi pé ante pé até á mesa de cabeceira...

A occasião era boa...

E Ignez apressou-se em deitar tres gotas do veneno no copo que continha a beberagem...

Pouco depois entrava no quarto o barão de Lacerda.

Contemplou a filha que estava pallida, prostrada, respirando debilmente, como se lhe restasse apenas um sôpro de vida...

Pelas faces do extremoso pae deslisaram sentidas lagrimas que elle não poudé reprimir.

Judith fez um movimento, e murmurou com voz fraca :

— Tenho sêde.

— E' esta a beberagem que o medico receitou? perguntou o barão, em voz baixa, á Ignez que estava perto d'elle com a physionomia triste e lacrimosa...

— E', sim senhor...

O barão ergueu carinhosamente a filha e pegando no copo onde ia o fatal veneno, levou-lh'o aos labios...

Ella, sequiosa, febril, bebeu soffregamente.

Ignez recebeu o copo vasio que foi lavar, com a solicitude de uma boa enfermeira...



Judith peorou logo sensivelmente, e quando chegou Octavio, o barão abraçou-o, dizendo-lhe :

— Ella está peor... Não comprehendendo o que tem... Está muito fraca e mostra soffrer tanto ! Cura depressa a minha querida filha, Octavio... Se a perder, não poderei sobreviver-lhe ...

E o infeliz chorava, agitado por tristes apprehensões...

— Socegue, meu tio, exclamou Octavio, commovido. Não é caso grave para que se entregue assim á desesperação... Tenha coragem, e confie em Deus... Da minha parte, escusado é dizer-lhe, farei tudo quanto puder... Vamos vêr a querida doente ...

Ambos encaminharam-se para o quarto de Judith.

Esta pallida, com os olhos semi-cerrados, parecia morta.

— Meu Deus!... Judith!... clamou com voz afflicta o barão.

A joven estremeceu a este grito e moveu os labios, murmurando phrases incomprehensíveis...

— Não a assuste, meu tio. Tenha animo...

E Octavio examinou a pobre moça que continuava na mesma prostração, como se a vida lhe fosse fugindo pouco a pouco...

De quando em quando tinha alguns accessos de agitação e delirio...

O seio arfava-lhe, e, dominada por angustiosos pensamentos, as feições contrahiam-se-lhe com uma expressão de dôr e de espanto...

Estendia os braços como se quizesse affastar algum phantasma que a perseguisse, e balbuciava phrases incoherentes, em que apenas se distinguiam algumas palavras soltas :

— Papai!... Lacerda... inimigo... Oscar...

— Querida filha ! exclamou o barão, pallido, e com os olhos cheios de lagrimas. Estes ultimos acontecimentos e as ameaças daquelle bandido fizeram-lhe uma terrivel impressão ...



— E é essa a causa da doença, observou Octavio. Vivia assutada, pensativa, e, provavelmente não dormia, sempre em sobresalto. D'este estado de agitação originou-se uma febre violenta, a qual é preciso combater com toda a energia . . .

O barão exhalou um doloroso suspiro, reprimindo os soluços na garganta contrahida.

Octavio continuava examinando detidamente a doente.

Consultava-lhe o pulso, auscultava-a, tacteava-lhe delicadamente a garganta, o estomago, e de quando em quando abanava significativamente a cabeça.

O barão seguia avidamente todos os movimentos do joven medico, procurando ler-lhe na physionomia o seu pensamento sobre aquella repentina doença...

Por fim, depois de reflectir alguns momentos, Octavio, dirigindo-se á Ignez que com a mais refinada hypocrisia fingia limpar ao avental uma lagrima que não existia, perguntou-lhe :

— Foi você quem deu os remedios á doente ?

— Sim, senhor, respondeu a infame, estremecendo involuntariamente.

— E cumpriu a risca todas as minhas prescripções ?

— Ah ! sr. doutor, que pergunta ? ! Posso affirmar-lhe que fiz tudo o que me mandou. Se soubesse quanto sinto, vendo a minha pobre ama, tão bondosa, soffrer tanto !

E a miseravel envenenadora cobriu o rosto com as mãos fingindo que soluçava.

— Bem, exclamou seccamente Octavio, deixe-se de chorar... Escute... e tome muito sentido no tratamento que vou prescrever...

O joven medico, pallido e nervoso, mas esforçando-se em apparentar tranquillidade, dirigiu-se a uma mesa, redigiu uma receita e mandou que fosse um creado buscar immediatamente os remedios.

Explicou á Ignez, visto ser a enfermeira, como devia ministrar os diversos medicamentos, recommendando-lhe



que tivesse os mais incessantes e carinhosos cuidados com a doente.

E voltando-se para o barão, acrescentou :

— E' preciso que esteja sempre uma pessoa, de dia e de noite, junto della... Todas as minhas indicações devem ser seguidas escrupulosamente...

— Mas é grave o seu estado? perguntou ancioso e inquieto o barão.

— Nada posso ainda dizer-lhe de definitivo, meu tio. Se a febre não ceder hoje, como espero, é possível que tenhamos de lutar contra uma doença mais grave e prolongada... Mas... não se deve fazer juizos antecipados. Devemos esperar tudo da mocidade... A natureza é a melhor auxiliar dos medicos...

— Tu occultas-me a verdade, Octavio?! Conheço na tua physionomia que a minha querida Judith está em perigo de vida...

— Engana-se, meu tio, ainda não chegou a molestia a esse ponto. Confesso que estou aborrecido pela rapidez com que apparecem certos symptomias estranhos... E' um caso pathologico, devéras extraordinario, e se não puder debellar-o rapidamente, vêr-me-hei forçado a pedir auxilio de outros collegas.

— Faze o que quizeres. Tens carta branca, contanto que salves Judith.

— Farei o que fôr humanamente possivel, meu tio.

Octavio retirou-se, prommettendo voltar d'ali a duas horas, para vêr o effeito dos medicamentos que acabára de receitar.

Effectivamente veiu, notando-se-lhe no rosto uma inquietação nervosa...

Observou a doente e empallideceu vendo que ella não tinha melhorado.

Exigiu que immediatamente se fizesse a junta medica.

Uma hora depois chegavam no palacete do barão dois medicos notaveis que examinaram detidamente Judith, colhendo todas as informações possiveis e ouvindo com



a maxima attenção o relatorio minucioso que lhe fez o seu joven collega sobre a marcha da doença, desde o seu começo, e quaes os meios therapeuticos que havia empregado para combater aquella prostração febril que tão inopinadamente tinha accommettido a gentil senhora.

Depois de discutirem por algum tempo, concluíram que se tratava de um caso excepcional de nevropathia, complicado por outras cousas concomitantes, que determinaram a febre, e consequentemente, a prostração que era cortada, de espaço a espaço, por alguns accessos agitados de delirio.

E combinaram o tratamento a seguir, approvando quanto Octavio tinha feito até então.

O barão assistiu á conferencia dos medicos, e, apesar das phrases com que elles evasivamente respondiam ás suas reiteradas perguntas, comprehendeu que sua filha estava gravemente enferma...

A vida preciosa d'aquelle anjo de bondade, que constituia para o pobre velho a sua unica, suave e verdadeira felicidade, estava em risco de desaparecer...

Foi tão intensa a sua dôr que transpareceu tão visivelmente na sua physionomia, que os medicos, commovidos, procuraram serenal-o, affirmando que não era desesperador o estado de sua filha.

Havia fundadas e provaveis esperanças de a salvarem, mas para isso era necessario que a doente não soffresse a menor commoção, que lhe podia ser fatal.

O mais absoluto repouso, a mais completa tranquillidade, era o que ella precisava.

O barão, pallido como um defunto, prometteu que diante de sua filha seria imperturbavel, forte, embora sentisse o coração despedaçar-lhe pelo mais atroz soffrimento que experimentára em toda a sua vida...

Octavio pediu ao seus dois illustres mestres que acompanhassem a doença, auxiliando-o na sua dedicada assistencia.



Desde então Judith foi cercada dos mais desvelados carinhos.

Dulce e a baroneza não desampararam a doente um só momento.

Rachel offereceu-se para as coadjuvar, e sendo seu generoso offerecimento acceito pelo barão e pelas duas senhoras, veio logo installar-se no palacete.

Entre as tres combinou-se então o melhor meio de tratar da enferma, de modo que de dia ou de noite, sempre estivesse uma d'ellas servindo de enfermeira.

O barão pondo de parte todos os seus negocios, passava longas horas ao lado de sua filha, e era preciso Magdalena obrigar-o a repousar parte da noite, dizendo-lhe que d'aquelle modo elle adoeceria tambem indubitavelmente, sem que adiantasse cousa alguma...

Octavio vinha muitas vezes durante o dia, e demorava-se bastante tempo, querendo elle proprio ministrar os remedios e observar o effeito produzido.

Perante tantos cuidados, Ignez, que redobrava de esforços hypocritas para se revelar afflicta e carinhosa para com a enferma, precisava de muita cautela para proseguir no seu hediondo crime...

Como poderia propinar o veneno a Judith, na dóse e pela forma indicada pelo infame Diogo, se ella não tocava nos remedios, que eram recebidos e guardados por tanta gente?

Nunca se lhe deparava um momento propicio, em que ficasse a sós com a victima...

Os medicamentos estavam todos no quarto, e as beberagens eram preparadas pelas proprias mãos da baroneza, de Dulce e de Rachel que pareciam não confiar nas creadas...

O barão fiscalisava tudo, não parando um instante, n'uma extrema inquietação.

Elle mesmo queria dar os remedios á querida doente, e com um carinho extremoso, ia á pharmacia buscar os medicamentos, com o fim, dizia elle, de recommendar



o maximo cuidado na sua confecção, para que não houvesse algum engano.

Além d'isso, Octavio e os dois insignes clinicos que o auxiliavam, vinham muitas vezes e tudo examinavam minuciosamente, como se nutrissem uma vaga desconfiança...

Ignez tinha medo: se descobrissem que ella estava envenenando Judith, o menos que lhe succederia era ser logo presa, e condemnada pela sua mostruosidade ao maximo da pena...

O barão de Lacerda nunca lhe perdoaria tão horriavel attentado contra a vida de sua filha, que elle idolatrava.

Havia de peseguil-a tenazmente, e pela muita inffluencia que tinha era inevitavel a sua perda...

Nunca mais gosaria a liberdade, e, moça na flôr da juventude, não queria de modo algum passar o resto da sua vida n'uma horriavel prisão.

No entanto receava incorrer no desagrado de Diogo.

Sabia que elle era terrivel nas suas vinganças, e se ella lhe desobedecesse ou o trahisse, seria assassinada cruelmente por qualquer bandido, dos que obedeciam cégamente ás ordens d'aquelle potentado do crime...

N'esta collisão, não sabia o que fazer.

E agitada, nervosa, não podia dormir de noite, pensando na melhor maneira de perpetrar fria e cautelosamente aquella morte, sem se comprometter.

Assim deccorreram alguns dias, sem que Ignez tivesse ensejo de dar á infeliz Judith nova dóse da droga preparada tão cuidadosamente pela infame *mão negra*.

Livre da acção perniciososa do veneno, a infeliz joven ia vagarosamente melhorando, embora apresentasse ás vezes alternativas de recahida, que muito assustavam todas as pessoas que por ella se interessavam, e principalmente o barão que, n'esses momentos, perdia a cabeça, fallando só, correndo pela casa, e chorando com desespero e uma afflicção commoventes...



Outra qualquer, que tivesse alguma cousa de coração humano, renunciaria a praticar aquelle crime; mas Ignez que, além de cumprir as ordens de um malvado que temia, tinha uma alma perversa, andava só á espera da occasião favoravel de dar mais algumas gotas do fatal liquido á pobre victima...

E o demonio parece que lhe proporcionou essa occasião..

Uma noite, em que ficára a baroneza velando algumas horas á cabeceira da enferma, a criminosa poudo realisar os seus infames intentos.

Aproveitando um momento em que a patrôa teve necessidade de ausentar-se, tirou rapidamente do seio, onde tinha occulto, o vidro que lhe havia dado Diogo, e deitou tres gotas n'uma colher...

Juntou-lhe um pouco de agua de flôr de laranjeira que escolheu apressadamente d'entre diversos medicamentos que estavam sobre a mesa de cabeceira, e approximou a colher dos labios de Judith...

Esta enguliu quasi inconsientemente, sem abrir os olhos, no estado de modorra em que mórbidamente se conservava por muito tempo...

Pouco depois entrou a baroneza, encontrando Ignez na mesma attitude em que a deixará, sentada n'uma cadeira, toscanejando como uma pessoa tresnoitada.

— Vae dormir. Deves estar cansada, disse-lhe Magdalena.

— Mas... a senhora póde precisar de alguma cousa, observou hypocritamente a miseravel.

— Se precisar, eu chamo-te. Fico bem sósinha, por algum tempo. Judith está dormindo socegada...

— E' verdade... Felizmente passa agora as noites melhor... Deus permitta que fique boa quanto antes... Então, se a sra. baroneza dá licença...

— Pódes ir dencansar.

Ignez, aproveitando esta auctorisação pela qual estava anciosa, retirou-se.



Não lhe convinha assistir á crise que o veneno devia necessariamente provocar na doente...

E depois livrava-se de qualquer suspeita, pois ninguém desconfiaria da baroneza.

Decorreram uns dez minutos no mais profundo silencio.

Todos dormiam, excepto Magdalena que, para não adormecer tambem, lia attentamente um romance.

Até o barão extenuado de constantes vigílias, gosava n'aquelle momento de um somno reparador.

De subito, um grito doloroso saiu da garganta de Judith.

Assustada, a baroneza correu immediatamente para a pobre enferma, e vendo-a com as feições demudadas, n'uma agonia de morte, quasi desmaiou.

Mas, passado o primeiro momento de susto e de dolorosa surpresa, bradou por soccorro.

Foi um alarme em todo o palacete.

O primeiro a acudir, afflicto e tresloucado, foi o barão.

Vendo sua filha n'aquella cruciante agonia, revolvendo as orbitas, os dentes cerrados, o corpo tremendo como se tivesse um violento accesso de maleita, o pobre velho perdeu a cabeça...

Arrancando os cabellos, chorando, lamentando-se, corria de um para outro lado, desvairado pela dôr...

Dulce, Rachel e até Amelia que, apesar de fraca se levantára, ouvindo aquelle rumor, rodeavam Judith, falando, gesticulando, n'uma angustiosa confusão, sem saberem o que deviam fazer.

A creadagem accorreu tambem pressurosa, Ignez fingia chorar, murmurando com voz triste, para que as outras pessoas ouvissem:

— Que desgraça ! Deus permitta que não seja perigoso o seu estado... Uma moça tão boa, tão delicada... Ai! porque é que os bons soffrem tanto!...

. . . . .



A baroneza, dominando a sua immensa afflicção, teve o necessario sangue frio para dar immediatamente as suas ordens, mandando chamar Octavio e os dois illustres clinicos que tratavam da infeliz Judith.

Sairam logo alguns creados correndo, apromptou-se a carruagem que partiu a galope, e pouco depois appareceu Octavio, pallido e surprehendido por aquelle subito e lamentavel acontecimento.

Seguidamente vieram os outros dois medicos.

Em vista da extraordinaria excitação da enferma deram-lhe em primeiro logar um calmante.

Judith delirava.

Com as feições demudadas por um grande terror que a agitava interiormente, fazia gestos violentos e bradava com voz afflicta:

— Papai... fôge!... Fôge papai!... Querem matar-te!... Eu bem vejo aquelle homem... é o nosso inimigo... oh! meu Deus! ergue o punhal sobre a cabeça de meu querido pae... Oscar, vem... depressa... defende-o... não é possivel?! Ah! elle mórre... e ninguem lhe acóde...

E extenuada, a infeliz calava-se, pallida, trémula, com o olhar espantado, n'uma attitude de commovente sofrimento...

— Minha filha!... minha querida filha! exclamava o barão soluçando.

E voltando-se para os medicos, proseguia com expressão d'angustia indefinivel:

— Salvem-n'a!... Salvem-n'a! Ella é a minha vida... Eu morro... Meu Deus! valei-me na minha afflicção!...

E o pobre velho, no auge da dôr e da desesperação, atirou-se n'uma poltrona, quasi louco de tanto soffrer.

Amelia, approximando-se d'elle disse-lhe carinhosamente:

Coragem, meu irmão.



— Ah ! querida irmã, tenho animo para tudo, mas não posso vêr a minha pobre filha n'aquella agonia horrivel. Ella é um anjo de bondade... e Deus não é justo fazendo-a soffrer tão cruelmente...

— Não blasphemes, Joaquim. Nunca se deve descrêr da Providencia...

— Não sei que digo... perco a cabeça... estou louco... e a morte seria um allivio para esta dôr que me despedaça o coração. Ah ! quanto soffro, meu Deus!

No entanto os medicos perguntavam se havia succedido alguma cousa de anormal.

A baroneza affirmou que Judith estava socegada, e tanto que dispensára os serviços da creada, mandando-a deitar.

— Esteve sempre no quarto, sra. baroneza ? perguntou um dos medicos.

— Ausentei-me por alguns momentos, mas deixei a Ignez...

Octavio fixou attentamente a envenenadora, que estremeceu sob aquelle olhar investigador, que parecia accusal-a...

— Deu algum remedio á doente, durante o tempo que esteve só ? perguntou-lhe.

A miseravel, sobre a qual todos os olhares se concentraram, julgou-se perdida.

Suspeitaria aquelle homem d'alguma cousa ?

Que significava aquella pergunta ?

Como o seu silencio seria um indicio que podia compromettel-a, fez um supremo esforço para apparentar uma relativa tranquillidade, respondendo :

— Não senhor. Não era ainda a hora do remedio... Como a doente estava dormindo socegada, nem me levantei da cadeira enquanto a senhora baroneza esteve ausente.

— E' extraordinario tudo isto ! murmurou Octavio pensativo.

— Extraordinário e incomprehensivel, accrescentou



um medico que consultava o pulso de Judith. A febre augmentou intensamente... Está muito agitada, e soffre bastante, principalmente do estomago... Com franqueza, se não soubesse que esta senhora está rodeada de pessoas de sua familia, que a estimam tanto, diria que se tratava de um caso de envenenamento...

Todos fixaram o medico que acabára de fallar, com um mixto de terror e de espanto.

— Que diz, sr. doutor? exclamou a baroneza, pallida e estupefacta.

— Desculpe V. Exa. esta minha asserção que não tem, decerto, a menor base... a rapidez d'estes accessos, a sua intensidade e o soffrimento horrivel que revela na physionomia, o tremor convulsivo, acompanhado de suores frios, os labios seccos, o movimento revoluteante das orbitas, e outros symptomas que estive observando parecem ser as fataes consequencias de um subtil e poderoso veneno, dado a pequenas dóses... Se se tratasse d'outra pessoa, suspeitaria que estivesse sendo, cautelosa e pacientemente, envenenada...

— Envenenada! exclamou o barão levantando-se impetuosamente.

E com o rosto demudado, n'um aspecto de louca indignação que fez estremecer todas as pessoas presentes, o barão proseguiu:

— Mas quem seria o miseravel capaz de envenenar a minha filha?!

Como que respondendo a esta pergunta, Judith, agitando-se, bradou com voz afflicta:

— Papai!... papai!... tóma cuidado!... a familia Lacerda... tem um inimigo... Oscar... Dulce... minha querida tia... todos mórrem ás mãos d'aquelle malvado... Eu bem o vejo... lá vem elle... Fóge... papai... que elle quer matar-te... e a mim tambem...

E a infeliz, soerguendo-se do leito, parecia indicar, com o braço estendido, um vulto invisivel e imaginario.

— Não... não... gritava ella com terror e desespero.



Deixa meu pae... Contenta-te em me matares... não vês como eu soffro?! não tens compaixão?!... Vinga-te só em mim... mas perdôa á minha familia... Não ouves?!... Ah! como és malvado... Só Deus... póde... livrar-nos... da tua vingança...

Exhausta, Judith cahiu na mórbida prostração em que jazia por algum tempo, enquanto não era accommetida d'outro accesso de delirio.

Todos estavam pallidos e atterrorisados.

Dulce e Rachel choravam, procurando serenar a sua prima que, inconscientemente, se rebellava contra os seus carinhos.

Octavio e os seus illustres mestres, mudos, concentrados, observavam a enferma e reflectiam...

O barão tranformára-se. Já não soluçava... nem murmurava phrases de dôr e de desespero.

Com a cabeça levantada, erecto e immovel diante de sua filha, escutava attentamente as palavras que ella dizia.

O olhar brilhava-lhe com estranho e sinistro fulgor.

Parecia que se preparava para uma luta encarniçada contra esse inimigo indicado por Judith, prestes a apparecer-lhe naquelle momento...

O seu coração de pae, até ali assoberbado pela dôr cruciante e immensa, readquiria o indomavel valor para defender a vida de sua filha contra quem quer que fosse...

— Envenenada?! Será possível? murmurava elle por entre dentes.

E circumvagava a vista em redor, como se procurasse a solução da cruel duvida que o atormentava.

De subito, perpassou-lhe pelo cerebro um pensamento terrivel que o fez estremecer.

— Ella?!... Quem sabe se...

E depois de reflectir alguns momentos, proseguiu com voz abafada, como se fallasse consigo mesmo:

— Estava melhor... muito melhor... tinha sempre



aqui uma outra pessoa... mas... esta noite... estive só alguns momentos...

E como se um clarão da verdade tivesse subitamente esclarecido o seu espirito, o barão soltou um grito de raiva que fez recuar todos os que estavam perto d'elle.

Com os punhos cerrados, n'uma pallidez mortal, o olhar scintillante, clamou com voz cava e terrivel:

— Ignez!... Ignez!... Onde está... essa miseravel?! Julgaram que elle tinha enlouquecido.

O medo apossou-se das mulheres enquanto os medicos o olhavam attentamente.

Amelia, com voz trémula de fraqueza e de emoção, disse-lhe:

— Joaquim!... meu irmão... não te exaltes... Tranquilliza-te...

— Deixa-me, gritou elle colerico. Não posso estar tranquillo quando a minha filha está sendo victima de um crime.

E, irritado, voltou-se para as pobres mulheres que tremiam de terror, receando uma nova desgraça, pois suppunham que elle, desvairado pela dôr, tivesse enlouquecido, e bradou-lhes:

— Não estejam assim espantadas... chamem Ignez... quero vê-la e fallar-lhe immediatamente... Vamos... mexam-se...

Foi então que todos repararam que a creada tinha saído do quarto; e, obedecendo ás ordens reiteradas e peremptorias do barão mandaram, um creado chamal-a...

Pouco depois elle voltou dizendo que não a encontrára.

— Procurem-n'a depressa, gritou o barão fóra de si. Não deixem fugir essa infame... Corram...

Houve um movimento extraordinario, um grande alvoroço, causado, principalmente, pelas palavras do barão que significavam a suspeita de um crime hediondo e abominavel...

A creadagem correu em todas as direcções.



A baroneza, Dulce e Rachel percorreram também o palacete, chamando a indigitada criminosa.

Em todos os compartimentos, até nos mais retirados, fez-se uma minuciosa busca, como se fosse um objecto precioso que se tivesse perdido...

Mas o resultado foi negativo... Ninguém a encontrou. Ignez havia desaparecido!

Logo que o medico proferiu a palavra «envenenamento» a miseravel julgou-se perdida, e aproveitando a ocasião em que todos ouviam, anciosos e estupefactos, as explicações com que o mesmo medico reforçava a sua vaga suspeita, retirou-se imperceptivelmente...

Correu ao seu quarto, lançou mão d'alguns objectos que não queria perder, vestiu outra roupa melhor, poz um chale nos hombros; e sahiu evasivamente pelo jardim...

A pergunta que lhe dirigira Octavio e o olhar accusador que parecia elle ter-lhe lançado, perturbaram profundamente a sua consciencia de criminosa...

Fizera inauditos e violentos esforços para apparentar uma tranquillidade salvadora, mas quando ouviu claramente dizer que Judith estava sendo envenenada, a infame tremeu, e no seu espirito agitado só encontrou um unico recurso: fugir!

Não teve tempo de pensar nas consequencias d'esse seu procedimento.

O medo impelliu-a a dar esse passo, que demonstraria evidentemente o seu crime...

Mas, que fazer? Aguardar os acontecimentos, esperar que a interrogassem, arrostar contra todas as suspeitas que aquelles malditos medicos tinham provocado com suas palavras equivocas, mas que traduziam a possibilidade de ser um caso de envenenamento?

Não... ficar mais tempo em casa do barão de Lacerda, era um erro... que lhe podia ser fatal.

Fugir o mais rapidamente que lhe fosse possivel, era o unico meio que lhe restava de salvar-se.



Diogo, que era o culpado da grave e perigosa situação em que ella estava, havia de valer-lhe, defendel-a-hia, se a perseguissem...

Mas... na extraordinaria precipitação com que fugiu, a miseravel deixou cair no seu quarto, sobre uma roupa velha que atirára n'um canto, o vidrinho que continha o veneno...

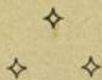
Adquirida a certeza de que Ignez tinha desaparecido, em vista de um creado dizer que encontrou aberta uma das portas que dava para o jardim, e n'este, egualmente aberto, um pequeno portão, cuja chave estava pendurada na cozinha, pois era por elle que se recebia a lenha e se faziam outros serviços de casa—não houve a menor duvida de que o barão tinha acertado, e que se tratava realmente de um crime, infame e atroz, de envenenamento.

O seu coração de pae advinhára a verdade, e descobrira a criminosa hypocrita, velhaca, com uma sagacidade extraordinaria, maravilhosa, quasi sobrenatural.

Mas, momentos depois, os medicos estavam de posse da prova, certa e incontestavel, do monstruoso delicto...

Tendo-se revistado minuciosamente o quarto de Ignez, encontrára-se o pequeno frasco, contendo um liquido escuro...

Era o veneno terrivel e mortal que a miseravel propinára á infeliz joven, n'aquella mesma noite, aproveitando-se da ausencia momentanea da baroneza...



Descoberta a causa da extraordinaria e incompre-  
hensivel doença de Judith, era urgente combater-lhe os ef-  
feitos que poderiam ainda ser assaz funestos...



Os medicos prometteram analysar o veneno e descobrir, o mais rapidamente possivel, o respectivo antidoto.

O barão não chorava. Pallido, mas sereno, approxiou-se de sua idolatrada filha, contemplou-a por algum tempo carinhosamente, e, como se fizesse um solemne juramento, disse-lhe:

— Judith!... meu querido anjo!... Soffres... mas Deus ha de salvar-te da morte... Quanto aos autores d'este nefando crime... serão punidos. O meu coração de pae assim o jura perante o teu soffrimento...



I V

PAVOROSO INCENDIO

Ignez, logo que fugiu do palacete do barão de Lacerda, correu como uma louca para casa de sua mãe.

Pallida, offegante, contou-lhe em poucas palavras quanto succedera.

Gertrudes, assustada, receando que repentinamente apparecesse a policia para as prender, disse:

— Vamos sair já... Depressa... Ajuda-me a levar alguma roupa melhor...

— Mas, aonde vamos? perguntou Ignez, admirada.

— Procurar o Silva... elle nos occultará de maneira que a policia não possa encontrar-nos. Não temos um minuto a perder... Anda... avia-te...

E nervosa, inquieta, a velha megéra apromptava-se para fugir tambem á inevitavel perseguição do barão de Lacerda.

Momentos depois, mãe e filha saíram de casa, e, sobraçando alguns embrulhos, caminhavam apressadamente, estremecendo todas as vezes que viam algum soldado...

. . . . .

\*  
\* \*

Na manhã seguinte o *doutor* Silva conferenciava com o terrivel chefe da *Mão Negra*.



Os dois bandidos estavam sentados em frente um do outro, a sós no Gabinete da *Gruta*.

— Mas que caiporismo! exclamou Diogo. Tudo quanto intento fazer sáe sempre tôrto! Que asneira faria Ignez para que os medicos descobrissem o envenenamento?

— Elles nada descobriram de positivo, respondeu o secretario. Segundo ella me disse, um d'elles teve apenas uma suspeita que alarmou todas as pessoas presentes.

— Então porque ella fugiu?

— Teve medo de que a interrogassem e ella se trahisse. Mulheres... não prestam para estas cousas...

— Com seissentos diabos! bradou Diogo encolerizado. Que lhe importava que a interrogassem, desde que não tinham provas nenhuma para a accusarem?

— Decerto. Ella foi muito precipitada, mas... lembrou-se talvez que trazia comsigo o frasco do veneno, e se a revistassem...

— Occultasse-o n'outro logar. E porque não cumpriu ella as minhas indicações de dar todos os dias a mesma dóse do veneno?

— Não poudo. Estava sempre, de dia e de noite, uma pessoa da familia junto da doente.

— Ah! mas quantas dóses ella conseguiu dar-lhe?

— Apenas tres, dando a ultima um resultado alarmante que provocou sérias suspeitas...

Maldição! Quem sabe se ella augmentou a dóse para abreviar o *serviço*?

— Não senhor. Ignez contou-me tudo minuciosamente. Disse-me que, aproveitando-se de um momento em que ficou só com a doente, deitou rapidamente tres gotas do veneno em uma colher, juntou-lhe agua de flôr de laranjeira, que tinha ali perto, e deu a beber á doente que dormitava. Fez-se muito cansada e com somno, e quando a baroneza voltou, mandou-a deitar. Decorrido pouco tempo a doente teve um ataque violento de delirio, e aos brados da baroneza despertaram todos de casa...



Chamaram logo os medicos, e foi quando um d'elles disse que lhe parecia ser um caso de envenenamento, olhando ao mesmo tempo para Ignez. Então esta assustac'a e receando ser presa, fugiu...

— O medo e a cobardia d'essa estúpida é que deixaram tudo a perder.

E Diogo, dando um murro na mesa, proseguiu:

— Mas não faz mal... cada pequeno revéz é um novo incentivo para a consecução da renhida luta. O barão já sabe que Judith, a sua unica filha, o seu querido e inestimavel thesouro, está envenenada pelo invisivel e desconhecido inimigo que jurou perseguir a familia Lacerda? Tanto melhor.

« Mais uma razão para recorrer aos grandes meios, e notificar-lhe a minha inabalavel resolução. E' sempre um acto de lealdade avisar aquelle que se combate, para que se ponha em guarda... E' o que vou fazer.

— Avisar de que?! Não comprehendo...

— Já vaes comprehender... pois tu mesmo te encarregarás d'isso.

— Eu? perguntou o doutor Silva, espantado.

— Sim.

— Mas...

— Espera. Não sejas impaciente...

E Diogo, com um sorriso ironico e mysterioso nos labios, encostou-se á mesa e pegando na penna escreveu em uma folha de papel algumas palavras, tendo todo o cuidado em disfarçar a letra.

Ao terminar deu o papel ao seu velhaco auxiliar, dizendo:

— Lê.

— Ah! exclamou o homunculo, fazendo um tregeito de admiração. O sr. Diogo tem pensamentos sublimes! Mas, que tenciona agora fazer?

— Vou expôr-te o meu plano, mesmo porque preciso do teu valioso concurso para a sua boa realisação.



E Diogo, em voz baixa, esteve longo tempo fallando com o *doutor* Silva que o escutava attentamente.

Decorrida meia hora o secretario retirava-se, dizendo:

— Perfeitamente. E quando devemos pôr em pratica esse plano?

— O mais depressa possivel. Hoje mesmo mandarás um dos nossos homens entregar esse papel no palacete do barão. Recommenda-lhe toda a cautela e sagacidade no serviço...

— Não tem duvida. Eu escolherei um que seja bom. Por exemplo... o *Seriema*. Não serve?...

— Sim... serve... deixo isso entregue ao teu bom criterio. Faze o que quizeres.

— E... o resto?

— Prepara tudo, de modo que uma noite d'estas...

— ... surprehenda os moradores do palacete com um espectáculo deslumbrante, concluiu o infame homunculo dando uma risada zombeteira.

— Exactamente. Não te esqueças de fallar com o Juca Velho...

— Não, senhor...

— E quando tiveres tudo prompto e combinado vem dizer-me. Eu quero assistir pessoalmente ao *espectaculo deslumbrante*, como tu lhe chamas...

— Não será muito perigoso e arriscado?

— O quê?

— O sr. Diogo ir tambem a esse *serviço*?

— Ah! eu sei como eu devo fazer... talvez represente até um papel de heróe, que me grangeará a sympathia e gratidão da familia Lacerda...

— Oh! isso é demais!

— Duvídas?

— Não... Sei que o sr. Diogo é capaz de tudo... mas...

— Mas parece-te impossivel que eu consiga duas cousas ao mesmo tempo... fazer o mal e o bem... Não é verdade?



— Não é isso... é que não convinha ficar conhecido da família Lacerda.

— Já vejo que não és esperto. D'esta vez não déste prova da tua sagacidade...

— Porque?

— Pois devias logo comprehender que eu irei sob outra *encadernação* muito differente. Talvez nem tu mesmo me reconheças...

— Ah! isso é outra cousa. Com franqueza, não me lembrei... que o sr. Diogo se transforma com a maior facilidade e sempre que quer...

— Bem, interrompeu Diogo com um gesto de superioridade. Chega de palavras inuteis... Vamos ao que mais nos interessa.

E apoz uma breve pausa, proseguiu:

— Então está combinado... Manda hoje esse... cartel de desafio... ao nobre barão de Lacerda. Falla com o Juca Velho, escolhe alguns homens que sejam bons, discretos e conheçam a... especialidade do serviço, e veremos se d'esta vez conseguiremos cumprir á risca o nosso plano...

— Ah! havemos de conseguil-o! bradou o doutor Silva levantando-se.

E pegando no chapéu, accrescentou:

— Até logo, sr. Diogo. Vou começar na *faina*... e esteja certo de que tudo ha de correr ás mil maravilhas.

— Confio em ti... E não te esqueças do que hontem fallámos. E' preciso tratar de tudo ao mesmo tempo. Agora, que as cousas se complicam, não devemos perder um minuto... Coragem, prudencia e... ávante.

— Ah! para traz andam só os caranguejos... Havemos de avançar... e vencer. A *Mão Negra* não recua nem perde facilmente.

— Bravo! Folgo immenso em vêr-te decidido e animado n'esta lucta. Seria uma vergonha que a nossa sociedade fosse vencida pelos Lacerdas... Vae, meu amigo,



trabalha com afinco e boa vontade, que o resultado final será compensador. Precisas de dinheiro?

— Não, senhor.

— Pois quando quizeres, é só pedir.

— Obrigado, sr. Diogo. Se não deseja mais nada, retiro-me...

— Pódes ir... Espero-te logo á noite em minha casa para me dares conta da tua missão. Vae com Juca Velho....

— Sim, senhor. Até logo.

O doutor Silva saiu do gabinete.

Diogo ficou só, pensativo, com aspecto taciturno e feroz.

Afinal, erguendo a fronte, com o olhar scintillante, exclamou com terrível inflexão de odio, como se desafiasse um inimigo invisível:

— Ah! julgas-te victorioso porque tens dinheiro? Pois prepara-te, reúne todos os Lacerdas, recorre á policia, e verás então que não vales nada porque sobre todos cairá implacavel a invicta e poderosa *Mão Negra*...

E, fazendo um gesto de ameaça, saiu da *Gruta*, sem se dignar dirigir uma palavra a ninguem, nem mesmo ao Sebastião que humildemente o cumprimentára.

. . . . .

♦

♦ ♦

Logo que Octavio teve a certeza de que sua prima soffria os effeitos d'um veneno poderoso, propinado a pequenas doses, tratou immediatamente, com os outros medicos, de combater com todo o cuidado e com a maxima energia os terriveis estragos do envenenamento.

Judith esteve por algumas horas entre a vida e a morte; mas devido á sciencia dos medicos e aos carinhosos desvelos da sua familia, no dia seguinte podia considerar-se livre de perigo.



O que o barão soffreu n'estas poucas horas, em que viu a sua filha quasi moribunda, é impossivel descrever!

Não chorava, nem proferia uma palavra...

Pallido, apparentemente sereno e impassivel, o seu aspecto era impressionante.

O olhar tinha fulgurações diversas: ora de extremo carinho quando o fixava em sua filha, ora de odio e de vingança quando, absorto nos seus pensamentos, se lembrava do inimigo rancoroso e malvado que jurára perseguir os Lacerdas, cobarde e traiçoeiramente occulto na sombra e no mysterio.

Apezar de velho, alquebrado pela idade e pelos desgostos, sentia-se ainda com coragem para lutar com esse miseravel que ousára assassinar sua filha, envenenando-a lentamente por intermedio de uma infame creatura que, por medo ou por interesse, se fizera sua cumplice...

Mas não sabendo quem elle era, como devia proceder?

Avisar immediatamente a policia, pedindo-lhe que não descansasse um só momento enquanto não descobrisse esse malvado que parecia ser o chefe de uma poderosa quadrilha?

Sim, era o primeiro passo que lhe cumpria dar, e ao mesmo tempo nomearia um advogado que acompanhasse o inquerito policial.

Mas devia limitar-se apenas a confiar no bom exito das investigações ordenadas pela respectiva auctoridade?

Ficar inactivo, esperando esse resultado problematico?

Ou trabalhar tambem, procedendo, por sua conta a minuciosas pesquisas?

Era urgente tomar uma resolução prompta e energica.

Estava o barão entregue a estas reflexões, no seu gabinete, quando um creado lhe trouxe uma carta.



Recebeu-a com indiferença, pondo-a sobre a mesa; mas, vendo que o creado não se retirava, perguntou-lhe:

— Tem resposta?

— Não sei, sr. barão. O portador disse que era muito urgente e parece-me que ficou esperando as ordens de V. Exa...

— Provavelmente é algum pedido... Se soubessem como eu estou seriam agora menos importunos... Não tenho paciência para os aturar.

Rasgou o sobrescripto com gesto brusco e aborrecido, desdobrou uma folha de papel commercial, e verificando que eram poucas as linhas escriptas e sem assignatura, ficou admirado.

Mas logo que leu as primeiras palavras, ergueu-se d'um pulo, e de pallido que já estava tornou-se livido.

— Quem trouxe este papel? perguntou elle com voz trémula de colera.

— Um homem que não conheço, balbuciou o creado recuando hmildemente.

— Vê se o encontras... depressa, e por bem ou por mal, agarra-o... Não o deixes escapar... Chama gente que te auxilie...

O creado correu immediatamente afim de cumprir as ordens do barão, mas momentos depois voltava dizendo que o portador tinha desaparecido logo que entregára a carta, conforme lhe dissera o porteiro.

— Ah! maldição! bradou o pae de Judith enfurecido. O malvado tem a audacia de me desafiar, prometendo-me novas desgraças... E' demais!

E vendo que o creado, não comprehendendo as suas palavras, ficára immovel e estupefacto, disse-lhe:

— Retira-te.

Logo que ficou só, o barão, de pé, fazendo gestos d'ameaça e de colera, proseguiu no seu monologo:

— Mas quem será este infame? E com que arrogancia elle me escreve! Parece incrivel tanta ousadia!



Reflectiu alguns momentos e continuou :

— Não devo perder tempo em hesitações. Cumpre tomar uma resolução immediata. Vou fallar com o chefe de policia, e mostrar-lhe-hei esta carta...

. . . . .

Meia hora depois o barão de Lacerda estava no gabinete do chefe de policia, a quem narrou quanto succedera: o envenenamento de sua querida filha, a fuga de Ignez e, finalmente, a carta que recebera havia pouco tempo.

— Veja V. Exa. a protervia com que esse malvado ousa ameaçar-me... E' o cumulo do arrojo e da infamia.

E o barão mostrava o papel que, no auge da indignação, amarrotava nervosamente.

— Deixe vêr, disse o chefe de policia.

E, calmo, concentrado, leu em voz alta e pausada o seguinte:

«Ao muito nobre e poderoso barão de Lacerda  
«o chefe da *Mão Negra* avisa que uma imminente  
«catastrophe lhe tirará toda a velleidade de se in-  
«surgir contra a merecida vingança a que estão  
«condemnados todos os Lacerdas, por motivos que  
«mais tarde saberá.

«Sua filha, a sua querida Judith, escapou infeliz-  
«mente, do veneno, mas muitos outros recursos  
«possúe a *Mão Negra* para conseguir eliminar,  
«um a um, todos aquelles que constituem essa  
«orgulhosa familia que jurou exterminar, a bem  
«da sociedade.

«Póde o illustre barão barafustar quanto quizer,  
«reccorrer ás auctoridades, esgrimir quichotes-  
«camente contra o vento, que a sentença conde-  
«mnatoria está lavrada e não ha poder algum  
«que seja capaz de annular ou de diminuir o rigor  
«de seus efeitos.



«E' questão de tempo, de oportunidade e de paciencia . . . . .»

\* \* \* »

— Effectivamente, é audacioso este bandido, disse o chefe de policia.

— Atrevido... arrogante... esse miseravel atreve-se a desafiar-me, zombando das auctoridades, como se elle fosse um genio maldito, invulneravel, contra o qual o poder humano fosse impotente...

E o barão, pallido, tremia de colera, n'uma agitação extraordinaria.

— Socegue, sr. barão, disse o chefe de policia. Precisamos de todo o sangue frio para descobrirmos este mysterioso chefe da *Mão Negra*. Permitta-me que lhe faça algumas perguntas?

— Estou ás suas ordens, sr. doutor.

— Diga-me primeiramente: não suspeita quem seja esse inimigo implacavel?

— Não, senhor...

— Reflicta bem. Lance uma vista retrospectiva pelo passado... V. Exa, ou alguém da sua familia, não teria em tempos uma questão de interesses em que outrem se julgasse lesado? Não houve um acontecimento qualquer que obrigasse V. Exa. a expulsar de sua casa algum empregado infiel, ou a repellir energicamente pretensões injustas ou demasiadas?

O barão concentrou-se por alguns momentos, meditando sobre estas perguntas.

Afinal, fazendo um gesto negativo e de desalento, respondeu:

— Não me lembro... Já tenho pensado horas consecutivas e não posso saber que razões terá esse malvado para perseguir *toda* a familia Lacerda... Nóte V. Exa. que elle não faz distincção... Persegue com o mesmo odio todos os que constituem esta orgulhosa familia, como elle mesmo declara n'esse papel . . .



— Isso prova que elle foi ferido no seu amor proprio, pelo que jurou vingar-se... Por qualquer circumstancia e de qualquer modo os Lacerdas humilharam-n'o, e elle, espirito malvado, resolveu tirar uma desforra terrivel.

O barão tornou a reflectir, procurando recordar-se se alguma vez tinha humilhado um homem atrevido e violento, capaz de se fazer chefe de uma sociedade de malfetores para satisfazer a sua cruel e inqualificavel vinganca.

Mas não lhe ocorreu nenhum facto, e, consequentemente, não se lembrou de ninguem que podesse ser esse atroz inimigo que lhe promettia exterminar, uma a uma, todas as pessoas de sua familia.

— Não sei, exclamou elle desanimado. Perco-me em conjecturas, e se V. Exa. não descobrir esse miseravel, não encontro um meio de defender-me de seus ataques traiçoeiros... Não tenho um indicio que me esclareça nas trevas que me circumdam... Receio que minha filha seja victima d'algun outro attentado, e desespera-me não saber o que fazer para a livrar da vingança satanica d'esse assassino... Peço encarecidamente a V. Exa. que lance mão de todos os recursos para assegurar e garantir a vida de minha familia...

— Farei quanto puder, sr. barão. Além de cumprir um dever, tenho vehementes desejos de medir-me com esse terrivel e audacioso bandido... Elle com a sua *Mão Negra*, e eu com a minha *Polícia* travaremos um duello de morte. Prometto-lhe, sr. barão, que não descansarei um momento, emquanto não destruir essa quadrilha e não prender o chefe que, conscio da sua força, ousa referir-se com visivel menosprezo á acção policial...

— Oh! V. Exa. conseguirá fazer o que diz, desde que se empenhe energicamente em descobrir o infame bandido que parece zombar de tudo e de todos... Estou convencido de que muito brevemente viverei tranquillo, vendo a minha familia livre de uma vingança horrivel...



— Não julgue V. Exa. que seja facil e rapido o que enunciei... A lucta contra um sclerado desconhecido, que vive na sombra e no mysterio, é cheia de difficuldades. A policia tem muitas desvantagens... e na Europa mais de uma vez algum celebre criminoso tem conseguido ludibriar por muito tempo os mais activos e intelligentes magistrados... Depende muito de felicidade, e de bons auxiliares...

— V. Exa. vae decerto mandar proceder a um inquerito sobre o caso de envenenamento de minha filha. Permite que a familia Lacerda, representada por um joven advogado, habil e talentoso, acompanhe e auxilie as investigações que se fizerem?

— Da melhor vontade. V. Exa. tem o direito de intervir directamente ou por intermedio de qualquer advogado a quem confira poderes para esse fim...

— Agradeço a V. Exa., e retiro-me mais tranquillo. A carta anonyma fica em seu poder?

— Ah! certamente. Preciso della... visto ser um documento valioso que prova a existencia da *Mão Negra*. E' pouco ainda o que sabemos, mas por hora devemos contentar-nos...

— Desculpe V. Exa. o tempo precioso que lhe tomei...

— Oh! sr. barão! O dever de meu cargo é ouvir e attender todas as pessoas que necessitam do auxilio da policia... Além d'isso, tenho pessoalmente o maior empenho em ser util a V. Exa., e recebel-o-hei com todo o prazer sempre que quizer honrar-me com a sua visita...

— V. Exa. é extremamente delicado e attencioso, e portanto não devo abusar da sua bondade.

Dizendo isto, o barão levantou-se, cumprimentou affectuosamente o chefe de policia, e mettendo-se na carruagem, voltou ao seu palacete.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .





Deccorreram alguns dias sem que nada de anormal succedesse em casa do barão de Lacerda.

Judtih ia melhorando sensivelmente, tratada com o mais desvelado carinho por todas as pessoas de familia que a rodeavam.

O barão, mais tranquillo, julgava-se livre de qualquer cilada do seu terrivel inimigo, que provavelmente andava occulto, receando a policia que desenvolvia a maior actividade para o descobrir e prender.

Jorge Sequeira acompanhava o inquerito, conferenciando repetidas vezes com o Dr. Nobrega, procurando por todos os meios auxiliar a acção policial, como advogado, legalmente constituido da familia Lacerda.

Não fôra possivel ainda encontrar Ignez, a malvada cumplice do chefe da quadrilha, de que ella e sua mãe, que egualmente tinha desaparecido, faziam parte.

Mas todos os Lacerdas confiavam de que mais dia menos dia seria presa a envenenadora, e por ella poderia saber-se muita cousa sobre a terrivel *Mão Negra* . . . . .

Animados por essa esperanza, passavam os dias tranquillamente, não suppondo que estavam gosando apenas uma trégua que bem depressa deviam amargurar . . .

A féra, occulta no seu covil, não se encolhia de medo: preparava o salto sobre algumas victimas, afiando as garras para mais profundamente as dilacerar . . .

Effectivamente, Diogo, que estava ao facto de tudo quanto dizia a policia, ria-se com intima satisfação da improficuidade de seus esforços, e com o mais cinico socego combinava com seus auxiliares novos crimes que iriam, decerto, enraiveczer o digno magistrado que tanto empenho mostrava em aniquilar a *Mão Negra* . . .

A lucta não podia ser mais renhida, e Diogo considerava uma gloria bater-se com adversarios tão temiveis e poderosos.



Outro criminoso qualquer fugia ou renunciava á realisação de seu planos tenebrosos...

Elle, não; orgulhava-se de vencer os Lacerdas que se julgavam garantidos pelo chefe de policia de S. Paulo!

Era preciso ser mais cauteloso nos seus ataques, desenvolver mais actividade, ser prompto, energico e sagaz nas suas resoluções... mas cada victoria assumia por isso mesmo mais grandiosa importancia.

O povo, sempre propenso a exaltar os que com extraordinaria audacia se tornam grandes, mesmo que seja pelo crime, admirar-o-lia, e então gozaria uma celebridade tão digna, a seu vêr, como a de um heróe que no campo da batalha derruba e esmaga uma hoste inimiga!

Pois não era um combate desigual o que elle sustentava, auxiliado por alguns homens, contra uma familia numerosa e rica que tinha toda a policia ao seu lado?

Quanto maiores proporções assumisse essa lucta terrivel, mais coragem elle tinha de proseguir, demonstrando que não se acobardava facilmente porque uma duzia d'agentes farejava por toda a parte a vêr se o descobria.

Julgando-se forte, invicto e poderoso, Diogo aguardava, calma e serenamente, a occasião propicia para pôr em pratica os seus novos planos.

E essa occasião appareceu, porque os Lacerdas, não podendo prevêr o crime planejado, viviam satisfeitos, tranquilllos, sem terem mesmo a menor precaução...

. . . . .

Uma noite, seriam duas horas, o palacete do barão de Lacerda era escuro e silencioso.

Todos dormiam tranquillamente...

Judith estava muito melhor, Amelia quasi restabelecida, e toda a familia, extenuada de tantas vigalias, vivendo até ali em sobresaltos, repousava no maior socego, sem aquelles temores que por algum tempo lhe perturbaram o espirito.



Fóra, encostados ao muro do jardim, tres vultos conversavam em voz baixava, no mais profundo segredo...

A noite era caliginosa, e a atmospheria pesada e abafadiça.

Ao longe ribombava francamente o trovão, e de quando em quando um relampago brilhava como um ponto luminoso no escuro horisonte.

A tempestade era inevitavel; a sua approximação era lenta mas terrivel e ameaçadora, como o longinquo ruido produzido pelo rodar de centenaes de carretas d'artilharia...

Um quarto vulto chegou junto do pequeno grupo.

— Está tudo prompto? perguntou elle com voz imperiosa.

— Sim, senhor, responderam-lhe.

Então... mãos á obra. Não ha tempo a perder. E' preciso que a tempestade não nos inhiba de fazer este *serviço* bem feito. Vamos... e escusado é recommendar-lhes que devem proceder com agilidade, finura e prudencia. Cuidado que todos possam fugir, antes que despertem os moradores do palacete...

— Póde estar descansado, sr. doutor. Nós sabemos trabalhar...

— Onde estão os... preparativos?

— No jardim.

— O creado do barão está prompto a auxiliar-nos?

Não faltou ao trato feito?

— Não senhor. O José é homem de palavra... e depois elle sabe com quem está lidando. Coitado d'elle se se arrependesse ou nos trahisse...

— Bem. Então pódem ir, e demorem o menos possivel a cousa... Estou ancioso de assistir a tão bonito espectáculo... Deve ser curioso!

— Mas não para os moradores do palacete. Vão ter um despertar pouco agradável...

— Não faz mal. Eu e Juca Velho ficamos de atalaia. Se houver alguma novidade avisaremos vocês com o signal convencionado...



— Sim, senhor.

O *doutor* Silva, pois certamente já os leitores o terão reconhecido, retirou-se, enquanto os tres miseraveis, com os quaes elle estivera fallando, entravam no jardim pelo pequeno portão que estava apenas cerrado.

. . . . .  
. . . . . , . . . . .  
. . . . .

O mais profundo silencio reinou durante um quarto d'hora.

Pouco depois quatro vultos sahiam rapidamente do jardim, e affastavam-se tomando cada qual seu rumo differente...

De subito, um intenso clarão surgiu sinistramente na escuridão da noite.

Apoz este, outros clarões brilharam com pequenos intervallos...

A tempestade, prestes a desencadear-se, começou logo por uma forte ventania que ia sempre augmentando, á proporção que os trovões se succediam mais rapidos e fragorosos.

Em pouco tempo, os pequenos clarões tornaram-se medonhas linguas de fogo...

Com uma rapidez assombrosa o palacete do barão de Lacerda ardia em diversos pontos simultaneamente...

Ao ruido do incendio e aos gritos d'algumas creadas, toda a familia despertou.

Foi immensa e indescriptivel a confusão.

O panico apoderou-se das pobres senhoras, enquanto o barão, desorientado, perdido, corria de um para outro lado procurando por onde podiam fugir.

A visinhança, alvoraçada, proferia phrases de terror.

Trilaram os apitos. Appareceram soldados e alguns transeuntes noctambulos que trataram logo de organizar os primeiros soccorros...

Mas sem terem recursos, pouco podiam fazer.



Em todos os rostos via-se o espanto e a afflicção, e ouvindo os brados angustiosos dos moradores do palacete, os mais corajosos procuram acudir-lhes...

Alguns erguem as mãos para o ceu, como que implorando o auxilio divino...

Outros, irrequietos, correm em volta do edificio, praguejando, enraivecidos contra o incendio que se desenvolve rapidamente...

Ouvem-se exclamações diversas, e o numero de pessoas augmenta sempre, fazendo maior confusão.

Gritos, ordens, clamores, misturam-se com os lamentos de mulheres que choram e com os trilos dos apitos que continuam cada vez mais fortes.

O fogo, impellido pelo vento tempestuoso, alastra-se na sua imponencia destruidora, sem se importar com as indignações dos espectadores...

Mas, felizmente, ouve-se o rodar vertiginoso dos carros de bombeiros, e, apoz breves momentos apparece uma secção desse denodado corpo de heróes, que com a costumada presteza atira-se ao combate.

Era um espectaculo horivelmente bello !

As chammas circumdavam quasi todo o palacete, produzindo um ruido immenso e pavoroso.

O estalar dos vidros, o crepitar da madeira, a quédia de mil objectos e fragmentos, dentro e fóra do edificio, juntavam-se ao clangor da corneta e á vozeria da multidão que já era compacta, apinhando-se n'um pequeno local, contida difficilmente por uma força de policia.

A parte do palacete que dava para o jardim desaparecera n'uma nuvem de faúlhas...

As labaredas subiam a grande altura, tomando fórmphas phantasticas...

E para complemento d'este *deslumbrante espectaculo*, como decerto lhe estaria chamando o infame secretario da *Mão Negra*, confundindo no meio do povo, a tempestade desabára n'aquelle momento com uma violencia extraordinaria.



Enormes relampagos e trovões succediam-se quasi ininterruptamente.

Grossas bategas d'agua cahiam sobre toda aquella gente, obrigando os menos curiosos a retirarem-se.

Arrostando com a intemperie e com o sinistro que chegára ao seu maximo desenvolvimento, os valentes bombeiros procuravam salvar os pobres moradores do palacete, prestes a serem victimas d'uma morte horrorosa.

E com aquella tenacidade admiravel que caracteriza esses bravos, mais dignos de gloriosos louvores do que os destemidos guerreiros que vencem centenas de inimigos nos campos de batalha, os bombeiros conseguiram a muito custo, e com risco de vida, ir salvando os infelizes Lacerdas.

Dulce, Rachel, Judith e Amelia foram as primeiras.

Depois seguiu-se o barão que suppoz ter a familia toda salva: mas quando verificou que a baroneza ainda lá ficára no perigo, cada vez maior, ficou como louco.

— Magdalena! gritava elle. Salvem minha mulher!

Os bombeiros correram novamente ás escadas.

Mas as labaredas impediam-lhes o serviço, tornando-o arriscado e improficuo...

Suffocados pelo fumo acre e espesso, recuavam para de novo avançarem com aquella perseverante coragem que os distingue e nobilita.

Foi um momento terrivel, que impressionou todos os espectadores de tão violento e medonho sinistro.

O barão, chorando, n'uma angustia indescritivel, supplicava em altos brados que salvassem a sua esposa, a sua querida Magdalena, e era preciso segurarem-n'o para que elle não se precipitasse loucamente no incendio.

Este lavrava com intensidade e rapidez assombrosas!

Parte do edificio, minado pelo fogo, desabára, produzindo immenso e lugubre ruido, e erguendo no espaço uma nuvem esbranquiçada, cheia de scentelhas...

Passado este fogo d'artificio, as exclamações de terror e de afflicção proromperam com mais força de todos os que assistiam áquella catastrophe!



Era porque sabiam que a baroneza, bella e joven, la ter uma morte horivel!

Os bombeiros empregavam os maiores esforços para a salvarem, mas embaraçados pelo fogo, eram obrigados a retroceder!

De subito, acotovelando a multidão, e empurrando brutalmente os policiaes que lhe impediam a passagem, um homem correu para o incendio.

E, silenciosamente, com uma agilidade felina e um sangue frio extraordinario, subiu rapidamente uma das escadas e d'um salto entrou por uma janella, sem se importar com o fumo negro e o calor medonho que ameaçavam asphyxiar o temerario que ousasse transpor o dominio do fogo, que tão violentamente disputava a posse da formosa victima que tinha occulta no seu seio!

A admiração, o pasmo e o terror transpareciam em todos os rostos.

Os proprios bombeiros ficaram indecisos e estupefactos vendo que mais uma victima ia voluntariamente succumbir, atirando-se n'aquella pavorosa cratera, que rugia enraivecida, prompta a carbonizar tudo que alcançasse, desde o madeiramento, as ricas tapeçarias, os moveis e quadros de grande valor, até os corpos humanos que seriam reduzidos a massas disformes e sepultos sob os escombros a que inevitavelmente ia ficar convertido todo o sumptuoso palacete do barão de Lacerda.

Decorreram alguns momentos de dolorosa anciedade!

Começava o povo, no seu rumor caracteristico, a lamentar mais uma victima d'aquelle terrivel sinistro, quando o desconhecido reappareceu na mesma janella por onde havia entrado, trazendo nos braços uma mulher desmaiada!

Um grito de enthusiasmo e de alegria saiu espontanea e unanimemente de todos os corações.

Os bombeiros correram animosamente para a janella, e pouco depois estavam na rua, salvas do incendio, as duas pessas que todos já consideravam como victimas, irremediavelmente perdidas.



Foram logo prestados os devidos soccorros á baroneza que parecia morta, tão grande era a sua pallidez e tão assustadora a sua immobildade...

O seu corajoso salvador, depois de beber soffregamente alguns goles d'agua, respirou com força, e sem se importar com os calorosos elogios que lhe dirigiam, dispunha-se a sair d'aquelle local pela mesma fórma que viéra, quando o barão, abraçando-o commovido, bradou-lhe :

— Obrigado... senhor. Salvou a minha querida esposa... Devo-lhe a vida...

— Nada me deve, sr. barão, interrompeu um tanto bruscamente o desconhecido. O que fiz não merece tanto enthusiasmo...

O barão, reconhecendo o corajoso Salvador, ficou por alguns momentos estupefacto e boquiaberto.

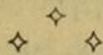
Por fim, exclamou :

— E' o sr. dr. Albuquerque?! Oh! desculpe não o ter logo reconhecido... mas na allucinação que esta desgraça me causou, não sei o que faço nem o que digo...

— Pois agora que sua familia está salva, tranquillize-se. Se me dá licença, preciso retirar-me já, porque sinto-me um pouco incommodado...

E sem esperar a resposta do barão, provavelmente no intuito de eximir-se a mais agradecimentos e elogios, desapareceu por entre a multidão que respeitosa e se affastou para lhe dar passagem...

. . . . .



Uma hora depois, do elegante palacete não restava mais do que um montão de cinzas e de destroços...

Os bombeiros procediam ao rescaldo, e uma força de policia continha uma multidão de curiosos que augmentava a todo o instante.



A tempestade havia cessado, despontando, triste e brumoso, o arrebol, semelhando a uma immensa mortalha, maculada por alguns laivos sanguineos...

Tudo, até a propria natureza, fallava do crime hediondo que ia victimando a nobre familia Lacerda...

As auctoridades desenvolviam uma actividade extraordinaria...

Os *reporters* tinham andado, desde que lhes constára o incendio, n'uma incansavel labutação, procurando cada qual tirar mais amplos apontamentos, afim de, respectivamente, os seus jornaes publicarem detalhadas noticias, fazendo jús ao premio inglorio da pomposa consagração do *melhor informado*...

O povo, com a sua inesgotavel e caracteristica verbosidade, commentava o triste acontecimento, fazendo as mais estravagantes considerações, e elevando desproporcionalmente os mais insignificantes incidentes...

Logo que appareceram os garotos apregoando os jornaes, foi uma ancia de saber o que estes diriam e todos queriam ser os primeiros a ler...

Affastado da multidão, n'uma esquina proxima, Juca Velho procurava no *Estado de S. Paulo*, com a tranquillidade de um pacato burguez, a anciosa noticia...

E, com um sorriso enigmatico, o miseravel leu a meia voz:

## « GRANDE INCENDIO

### « UMA FAMILIA EM RISCO DE VIDA

#### « CRIME ?

« Esta madrugada, pelas duas horas, manifestou-se violento incendio no palacete do muito conhecido barão de Lacerda.

« Compareceram immediatamente os nossos valentes bombeiros que salvaram o sr. barão e sua familia, a qual, encerrada n'um circulo de chammas, seria fatalmente victima do sinistro



« se os soccorros não fossem tão promptos e dedicados.

« Em vista, porém, da intensidade e da rapidez assombrosas do incendio, sendo numerosa a familia salva, ia perecendo, pela confusão natural n'estes terriveis acontecimentos, a sra. baroneza de Lacerda que caíra desmaiada no interior do palacete; mas um popular, que depois soubemos ser o sr. dr. Gastão d'Albuquerque, novel e illustre engenheiro paraense que reside actualmente n'esta capital, entrando corajosamente por uma janella, e auxiliado pelos bombeiros, poudes salvar a infeliz senhora de uma morte horrivel.

« Consta-nos que ha sérias e graves suspeitas de que o fogo foi criminosamente postó por uma quadrilha de malfeitores que ha algum tempo persegue a familia Lacerda.

« A auctoridade procede a rigoroso inquerito, com o maior segredo.

« Pelo adeantado da hora não podemos dar mais amplas e minuciosas informações sobre este sinistro que alarmou, por ponderosos motivos, grande parte da população da cidade.»

Quando terminou a leitura, Juca Velho casquinou uma risada zombeteira, murmurando:

— Bem disse o sr. Diogo que era capaz de fazer ao mesmo tempo... o mal e o bem. O *illustre engenheiro paraense* ficará merecendo a eterna gratidão dos Lacerdas, e principalmente do barão!... Tem graça! Como acabará tudo isto?!



V

## ASSASSINIO DE UM ADVOGADO

A noticia do incendio espalhou-se rapidamente em São Paulo.

Octavio, tendo sido chamado de madrugada para vêr uma doente, moradora no centro da cidade, reparou que havia um extraordinario movimento, e, mandando parar o carro, indagou curiosamente de que se tratava.

Responderam-lhe que havia um grande fogo na rua do Carmo, no rico palacete de um barão...

Assustado, ordenou ao cocheiro que seguisse depressa para o local do sinistro.

Logo que chegou, apeou-se e com muito custo ponde atravessar por entre a compacta multidão, até o logar onde seu tio, pallido e afflicto, prodigalisava os mais affectuosos e desvelados carinhos á sua querida Magdalena que continuava desmaiada.

O barão vendo-o, cahiu-lhe nos braços, e, chorando, murmurou:

— Ah! Octavio. Sou muito infeliz! Aquelle malvado cumpriu cruelmente as suas terriveis ameaças!...

— Mas... morreu alguem no incendio? perguntou Octavio com voz trémula.

— Não, felizmente fomos todos salvos. A providencia não quiz que se consummasse tão monstruoso crime.

— Ah! Graças a Deus!

E Octavio, respirando como se fosse subitamente aliviado de uma immensa e inexprimivel angustia que



lhe comprimia o coração, perguntou com mais serenidade :

— Onde estão ellas ?

— Amelia ? Dulce ? Rachel ? Alli... na casa de uma vizinha que as recebeu carinhosamente. Mas receio que este inesperado acontecimento faça ainda uma victima, que quasi morreu no fogo...

— Quem ?

— Magdalena... a minha querida mulher. Olha... Octavio que não tinha reparado em sua tia, tal era o estado de perturbação em que alli chegára, approximou-se rapidamente de dois collegas que procuravam fazer com que a desditosa senhora recuperasse os sentidos.

— E' melhor conduzi-la para outro lugar, disse elle.

— E' o que estamos tratando. Queira auxiliar-nos...

Pouco depois a baroneza, recolhida na mesma casa em que estava sua familia, era deposta com todo o cuidado sobre um leito, e medicada convenientemente, com a attenção que merecia o seu estado melindroso.

Era urgente cessar aquella syncope, demasiado prolongada...

A proficiencia dos tres medicos conseguiu, apoz porfiados esforços, que a formosa Magdalena voltasse á vida.

O barão, esquecendo todas as angustias soffridas, exultou de alegria, quando Octavio lhe disse que ella podia considerar-se livre de perigo...

— Ah ! Deus não me desampara ! exclamou elle, abraçando o sobrinho.

N'aquelle momento appareceu Jorge, pallido, offegante, com as feições alteradas por um soffrimento indizivel...

Seguiam-n'o Oscar e Theodoro.

O joven pintor não estava ainda curado de seus ferimentos, mas nada o deteve, querendo tambem vir, juntamente com Jorge e Theodoro.

Como souberam elles do terrivel acontecimento ?



Octavio, logo que verificára que o fogo era no palacete de seu tio, mandou o cocheiro á casa de Jorge afim de participar-lhe o sinistro, pedindo-lhe que viesse immediatamente, o que elle fez na companhia de Theodoro e de Oscar ...

Foi uma scena commovente, que emocionou todas as pessoas presentes, o encontro dos dois irmãos, ambos já de cabellos brancos, e sob a impressão da terrivel vingança que os envolvia com o mesmo encarniçamento, ferino e implacavel ...

Theodoro e o barão, unidos n'um amplexo fraternal, choravam de alegria, pelo mallogro de mais uma grande e horrivel desgraça.

Ao passo que os dois velhos se abraçavam, era significativo o que se passavam em os dois jovens.

Jorge, esquecendo tudo e todos, não se importando de trahir o seu segredo, obedecera apenas á voz imperiosa do coração, exclamando com uma vivacidade dolorosa, mas sinceramente apaixonada :

— Rachel !

Oscar, por sua vez, alheio ao que se passava em redor d'elle, procurára ávidamente com o olhar febril aquella a quem consagrava um intenso amor, e os seus labios mumuraram a medo, como se não quizesse ser ouvido :

— Judith !

Tanto uma como outra corresponderam a estes appellos.

Rachel, ouvindo o seu nome e vendo quem o proferira, exclamára com o mesmo enthusiasmo, espontaneo e impulsivo ;

— Jorge !

Judith adivinhára pelo movimento dos labios d'aquelle a quem amava e que nunca mais vira desde que elle fôra traiçoeiramente aggreddido, o sentimento terno e delicado, mas sincero e vehemente, que elle não ousára



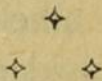
exprimir, guardando-o, com aváro cuidado, no seu nobre coração . . .

E, pallida, ainda convalescente do perigoso envenenamento de que fora victima, levou as mãos ao seio, não poudo proferir uma palavra, mas o seu bello e meigo olhar foi mais eloquente do que as mais apaixonadas expressões . . .

O amor, esse despotico soberano que tudo vence e avassalla, desprezando riquezas e nivellando as mais appostas condições sociaes, profundára as suas vigorosas raizes, n'aquelle momento em que a desgraça fazia mais fortemente palpitar os corações.

Deccorridas duas horas, o barão e todos os que tinham sido salvos do incendio estavam em casa de Theodoro de Lacerda, onde ficaram provisoriamente residindo.

A' proporção que o infame Diogo proseguia na sua implacavel vingança, mais a familia Lacerda se unia e ligava, para resistir energicamente a tão atroz e injusta perseguição . . .



Juca Velho guardára, tranquillamente, na algibeira, o *Estado de S. Paulo*, e depois de andar pelo centro da cidade apparentando um ar indifferente, mas com o unico fim de escutar quanto se dizia sobre o incendio, que era o assumpto de muitas conversações, encaminhou-se, com a maior cautela, para casa de Diogo.

Eram 8 horas da manhã.

Já lá estava o astuto e infame secretario.

Bateu á porta, pela fórma convencionada, e logo que se sentou em frente de Diogo disse-lhe:

— Dou-lhe os meus parabens. A coragem do *engenheiro paraense*, que os jornaes exaltam com phrases entusiasticas, é admirada por todas as pessoas que d'ella teem conhecimento . . . E' uma gloria que muitos ambicio-



nariam: salvar, com risco de vida, uma formosa baroneza...

— Deixa-te de ironias, exclamou Diogo, fazendo um gesto de enfado. Que me importam glórias, se tudo quanto intento não se converte em realidade, por melhor e mais habilmente que estude e organize os meus planos?!

— Mas o fogo consumiu todo o palacete... E' um sensível prejuizo para o barão, pois segundo me consta, elle nada tinha no seguro... Os ricos não se lembram que os incendios tanto destróem pobres moradias como sumptuosos palacios...

— Estás mal informado. Elle tinha o palacete seguro n'uma companhia estrangeira. E' verdade que esta não o indemnisa de todos os grandes prejuizos que elle soffreu... Mas não foi para isso que recorri a esse meio extremo e sempre muito arriscado. O que eu queria era que o fogo carbonizasse alguns Lacerdas... Assim caminhava mais depressa, aproveitando o tempo e o trabalho...

— Mas o senhor foi o primeiro a impedir que se realisassem os seus desejos...

— Eu?! Enlouqueceu-te ou estás caçoando?

— Nem uma nem outra cousa. Pois não foi o senhor que sob o nome de Gastão d'Albuquerque correu a salvar a baroneza?

— Ora não digas disparates. Magdalena não pertence á familia Lacerda senão pelo simples facto de ser casada com o barão... Ella é muito formosa para que tivesse uma morte tão horrivel... Nem eu queria que ella perecesse... Seria então o cumulo da infelicidade...

Juca Velho sorriu com malicia, e não replicou.

Houve um momento de silencio e de reflexão entre os tres miseraveis.

— Em todo o caso alguma cousa se conseguiu, exclamou Diogo. O barão tem hoje a certeza de que não são vans as ameaças da *Mão Negra*... O chefe de policia deve estar furioso vendo que a sua protecção pouco vale, pois nem sequer poude evitar um *sinistro* que quasi



*liquidou* todos os Lacerdas que estavam repousando socegadamente no rico palacete, suppondo-se livres de qualquer perigo...

«Gostava de saber o que dirá agora toda essa gente, apesar de ter pouco valor o conhecimento das phrases de indignação e de medo que calculo sejam proferidas por esses patetas... Era apenas uma méra curiosidade!

— Se elles podessem, parece-me que se humilhariam ao ponto de lhe pedirem perdão, disse o *doutor* Silva.

— Mas perderiam inutilmente o tempo e as palavras, pois nunca renunciarei á vingança que jurei contra os Lacerdas, enquanto existir um só que seja.

E Diogo, com aspecto feroz proseguir :

— Não esqueço também esses typos que alliando-se aos meus inimigos, procuram derrotar-me. A proposito: já preparaste bem o italiano para elle receber *amigavelmente* o advogado de seu inexoravel crédor, o tal sr. dr. Jorge Sequeira, que o diabo confunda?

— Parece-me que o calabrez, respondeu o secretario, fará uma boa recepção a esse sr. Jorge... Pelo menos, com a maior habilidade possivel, tenho-o incitado a elle tirar uma desforra do advogado, convencendo-o de que este é o seu principal inimigo...

— Continúa sempre a enraivecêr e a açular a fera.

— Oh! isso fica por minha conta. O calabrez julga-me seu intimo amigo, e acredita quantas mentiras eu queira impingir-lhe...

— Bom. Veremos se não falham mais uma vez os nossos projectos. Agora vamos tratar d'outros assumptos, pois é necessario não perdermos tempo. Mas approximem-se mais. Cumpre-nos ser cautelosos e desconfiados até em demasia... Os espiões são muitos, e todas as precauções são poucas.

Os tres miseraveis continuaram conversando em voz baixa por muito tempo.



Que novos crimes planejaram estas almas perversas,  
que o demonio unira n'uma trindade infernal?

E' o que saberemos nos capitulos seguintes . . .

. . . . .

\*  
\*   \*

Por enquanto vamos narrar o trama urdido por Diogo e seu infames cúmplices contra Jorge, pelo facto d'este ser advogado da familia Lacerda no inquerito policial ordenado pelo chefe de policia, e entregue aos cuidados do talentoso e energico Dr. Nobrega, 1.º delegado auxiliar.

Estabelecido com loja de seccos e molhados, a varejo, na rua da Boa Vista, havia um calabrez de nome Angelo Giovanni de Santodomenico, sujeito máu e irascivel que com todos questionava sobre o mais futil assumpto.

Atrazando-se no pagamento de suas contas, um crédor, cançado de esperar inutilmente e de ouvir ainda insolencias resolveu cobral-o judicialmente, para o que constituiu seu advogado o dr. Jorge Sequeira.

Não sendo possivel chegarem a uma conciliação, e a instancias do crédor, Jorge, constando-lhe que o devedor não procedia correctamente, retirando valores de seu estabelecimento, requereu, com prompta e immediata garantia de seu constituinte, uma penhora, cujas ponderosas razões demonstrou exhuberantemente.

Diogo, por casualidade, soube de tudo isto; e lembrou-se de aproveitar o malvado calabrez para que elle, dirigido inconscientemente pela *Mão Negra*, commettesse um assassinato, do qual, é claro, seria depois o unico responsavel . . .

E auxiliado efficazmente pelo astuto doutor Silva, conseguiu convencer Angelo de que o advogado é que jurára, por motivos falsos mas habilmente architectados, desgraçal-o, arrancando-lhe a propria camisa se podesse...



O calabrez, cujos instinctos eram já sanguinarios e perversos, jurou tambem, mas com firmeza inabalavel, que tiraria uma completa vingança do advogado que injusta e cruelmente o perseguia.

Foi decretada a penhora; mas, por uma singular e extraordinaria circumstancia, Jorge, estando um pouco doente, pediu a um seu collega, que egualmente iniciára havia pouco a ardua carreira da advocacia, que comparecesse no acto da penhora, para o que lhe substabeleceu a procuração.

O infeliz moço foi, sem suspeitar a horrorosa sorte que lhe estava reservada!

Quando na companhia dos representantes da justiça, elle entrou no estabelecimento do calabrez, este pediu-lhe que viesse ao escriptorio, pois desejava fallar-lhe.

O dr. Azevedo accedeu da melhor vontade, e quando Angelo lhe pediu para sustar a penhora, respondeu-lhe muito natural e tranquillamente:

— Não é possivel. Cumpro apenas o meu dever e....

Não poudo continuar. O italiano, enraivecido, disparou o reвольver, a queima roupa, sobre o joven advogado.

Acudiram logo os officiaes de justiça e outras pessoas que prenderam o assassino; mas o desditoso moço, momentos depois, era cadaver...

Foi um crime muito fallado, e os jornaes publicaram as mais minunciosas noticias, narrando a justa indignação que se apossou de todos os collegas do assassinado.

Mas o que ninguem disse nem sabia é que todo este lamentavel acontecimento fora instigado pela terrivel "*Mão Negra*"...

Jorge, por uma feliz casualidade, escapára a uma morte traiçoeira, tendo involuntaria e inconscientemente sacrificado o seu intimo amigo, victima innocente de um assassino, feroz e canalha, que commettera o crime, suggestionado principalmente pelo infame doutor Silva.



Diogo perdera mais uma vez, o que bastante o desesperou, não sentindo a morte do infeliz moço, mas o extraordinario mallogro do seu malvado projecto.

Mas, o sedento de sangue, o miseravel chefe da "*Mão Negra*" não se deu por vencido nem cansado n'esta série ininterrupta de crimes, como o futuro o demonstrará...



## UM FRADE TEIMOSO...

Depois do pavoroso incendio que lhe destruiu completamente o palacete, o barão ficou aniquilado, sem aquella coragem que julgava ter para lutar contra o infame e mysterioso inimigo que tão encarniçada e cruelmente perseguia foda a familia Lacerda.

Receava que d'um momento para outro fosse perpetrado novo crime, e nem sempre teriam a felicidade de escapar...

Perplexo, nervoso, abatido, não sabia o que fazer.

Defender-se... mas contra quem?

Nem sequer suspeitava quem fosse esse implacavel e feroz bandido, que dizia ser o chefe d'uma quadrilha, intitulada a *Mão Negra*...

Como poderia precaver-se de seus traiçoeiros ataques?

Retirar-se com toda a familia para outra cidade do Estado?!...

Mas não seria ainda peor, desde que em S. Paulo, que era um centro populoso e civilisado, onde a policia era melhor organizada e dirigida, os crimes se succediam impunemente?!

Ou deviam os perseguidos fugir para a Europa, abandonando interesses e dispendendo avultadas quantias para tão numerosa familia se installar n'um paiz estrangeiro?!



Sim, porque se fosse este o unico meio de salvação, era justo que fosse para todos, incluindo os que estavam comprometidos por haverem tomado ostensivamente a defesa da familia Lacerda, como Jorge e Oscar...

Aquelle que ficasse em S. Paulo seria victima da quadrilha d'assassinos, d'essa terrivel *Mão Negra* que zombava das proprias auctoridades.

Mas o audacioso bandido que, por ignorados motivos, revelava tão intenso e inexoravel odio contra a familia Lacerda, não a seguiria tambem na Europa, afim de cumprir os seus juramentos de vingança?

O barão hesitava sobre qual das duas cousas devia preferir: acceitar a lucta, tenaz e corajosamente, até vencer ou succumbir, ou tentar na fuga os meios de salvação?!...

Depois de muito reflectir, decidiu-se pela primeira: luctaria com todas as suas forças contra esse miseravel inimigo que o accommettia traiçoeiramente.

E, n'esta firme disposição, entregou-se a longas meditações sobre o que lhe cumpria fazer para se prevenir contra novos crimes...

. . . . .

Decorreram alguns dias sem succeder nada de anormal.

A familia Lacerda, reunida agora em casa de Theodoro, não tinha soffrido a menor tentativa criminosa.

Não vivia, porém, tranquilla. Sabia, por experiencia, que aquelle socêgo não era mais do que uma pequena trégua concedida pelo desconhecido e terrivel chefe da *Mão Negra*, durante a qual elle preparava alguma infame cilada.



Com o espirito sobressaltado, n'uma inquietação afflicta, a numerosa familia Lacerda vivia triste e receosa.

Debalde Jorge e Oscar procuravam convencer-a de que, em vista das precauções tomadas, era mais difficil, senão impossivel, ser victima d'outra desgraça, como as que ultimamente lhe succederam.

Alguns agentes de policia rondavam a casa de Theodoro, principalmente de noite; e as mais energicas e activas providencias tinham sido dadas para a descoberta e captura d'essa infame quadrilha de malfeitoses.

As senhoras, mórmente Dulce e Judith, tinham presentimentos acabrunhadores que lhes faziam entrever o futuro cheio de nuvens sombrias e ameaçadoras...

E os acontecimentos em breve viriam justificar que taes receios não eram pueris nem oriundos apenas d'uma excitação nervosa, propria do character feminino...

Uma noite, pelas 8 horas, estava o barão palestrando com alguns amigos no *Club Internacional*, que elle frequentava assiduamente, quando um creado veio dizer-lhe que um frade pedia para fallar a S. Exa.

— Um frade?! exclamou o barão. Que quer elle?

— Não me deu a menor explicação sobre o que pretende de V. Exa. Apenas me disse que desejava muito fallar-lhe particularmente...

— Particularmente?! Mas então não é aqui o lugar proprio. Dize-lhe que vá amanhã á minha casa, ou antes á casa de meu irmão, ondo estou provisoriamente...

— A que hora?

— Ao meio dia.

O creado retirou-se.

Momentos depois voltou, dizendo:

— Elle insiste para fallar a V. Exa. agora mesmo. Diz que é negocio urgente.

— Ora essa. Que mysterio será este?

— Se V. Exa. quer, sr. barão, póde recebê-lo no meu gabinete, disse o director do Club.

— Acceito e agradeço.



E dirigindo-se ao creado, proseguiu :

— Manda-o entrar no gabinete da direcção.

Pouco depois o barão de Lacerda estava em frente do teimoso frade que tanto interesse tinha em fallar-lhe immediatamente.

Era um velho, meio curvado, de physionomia pallida, mostrando ter mais de sessenta annos.

Ao vêr o barão, cumprimentou-o respeitosamente, e disse-lhe.

— Desculpe V. Exa, a minha insistencia em fallar-lhe a esta hora e n'este local. Mas, tendo amanhã de fazer viagem, deliberei hoje mesmo procural-o para tratarmos de um assumpto urgente, e que, estou certo, ha de interessal-o muitissimo...

— Estou ás suas ordens, e, como deve suppôr, ancioso de ouvil-o... Queira sentar-se.

E o barão indicou uma cadeira ao velho frade.

Sentaram-se ambos, e, apoz alguns momentos de silencio, o barão perguntou:

— De que se trata?

— D'uma cousa gravissima, e que diz respeito a toda a sua exma. familia...

O barão empallideceu e encarando o seu interlocutor com um mixto de espanto e de receio, murmurou:

— Queira explicar-se.

— E' o que vou fazer, proseguiu o frade com a maior placidez. Mas primeiramente, permitta-me V. Exa. que lhe dirija uma pergunta, para ter a certeza de que não dei um passo errado, vindo aqui procural-o...

— Póde interrogar-me, desde que precisa fazel-o...

O frade ficou alguns intantes pensativo e silencioso. Afinal, fixando attentamente o barão, perguntou-lhe com voz pausada e tranquillã:

— V. Exa. não tem sido, ha algum tempo, victima de cruel e insolita perseguição d'uma sociedade, que se intitula *A Mão Negra*?



O barão ergueu-se impetuosamente, e, com as feições demudadas pelo odio e pelo terror, olhou para a physionomia socegada e beatifica do frade, com visível desconfiança.

— Quem lhe disse isso? exclamou com voz trememente.

— Soube-o casualmente, no desempenho dos meus deveres sacerdotaes, respondeu o frade que continuava sereno e impassivel. Mas vejo pela sua attitude que é verdade o que lhe perguntei?

— Sim, é verdade. Essa infame quadrilha de malfeitores tem-me perseguido atrozmente e á minha familia, contra a qual o chefe do bando, um famigerado assassino que se occulta cobardemente nas trevas, fez um terrivel juramento de vingança, segundo teve a audacia de me notificar em uma carta... Mas, como soube V. Revma?...

— D'uma maneira muito simples, interrompeu o frade com a maior calma, que lhe devia ser habitual. Hoje, de tarde, chamaram-me para confessar um moribundo... Fui immediatamente.

« Era um homem de máu aspecto que morava em uma casa pobre e suja. Não tinha familia. Apenas um companheiro, typo de mendigo, mas ainda moço, o tratava por caridade...

« Cumprindo os sagrados preceitos da religião christã, exortei-o a elevar o seu pensamento a Deus, pedindo-lhe perdão dos peccados que commettera, e purificando sua alma pela confissão e pelo arrependimento, aproveitando assim os ultimos momentos que lhe restavam da vida...

« De repente, o moribundo que, com os olhos cerrados, a respiração oppressa, parecia escutar-me com religiosa attenção, exclamou com voz cava e terrivel que devéras me impressionou e surpreendeu:

« — Olhe, padre. Parece-me que está perdendo o seu tempo. Se ha outro inferno além d'este em que te-



nho vivido, eu vou direitinho para lá... Não foi para purificar a minha alma que o mandei chamar...

« — Então para que foi? perguntei eu aborrecido e agastado pela irreverência d'aquellas palavras proferidas n'um tom sarcástico, e gravemente offensivas á sacrosanta Lei Divina, em momento tão solemne.

« — Foi... foi para contar-lhe parte da minha vida...

« — Quer então confessar-se?

« — Sim, chame-lhe confissão ou o que quizer. Quero vingar-me do homem, a quem obedeci por muito tempo como um escravo. Pratiquei diversos crimes por sua ordem, e desde que adoeci, abandonou-me como um cão, na mais extrema miséria...

« O aspecto do moribundo era medonho: os olhos rolavam-lhe nas orbitas, a bocca espumava.

« Estupefacto, aterrorisado, fiquei silencioso, deixando que passasse aquella crise, que se semelhava á agonia final.

« Mas, decorridos uns cinco minutos, o criminoso tranquillizou-se e com voz mais fraca, contou-me factos estupendos e horrorosos, que jamais poderei olvidar...

E o frade, calando-se, fez o signal da cruz como para afugentar a visão do demonio...

O barão impressionado com esta narrativa, estava pallido e nervoso; e, vendo que o seu interlocutor emudecera, curvando a cabeça em tristes meditações, perguntou-lhe:

— Mas... o que disse esse desgraçado?

— Não posso dizer-lh'o. Sabe que é inviolavel o segredo da confissão.

— Não comprehendo, porém, para que me contou esse triste episodio da miséria humana, que nada tem de commum com o assumpto de que estavamos tratando...

— Engana-se, sr. barão. V. Exa. modificará o seu modo de pensar, desde que eu lhe affirme que o mori-



bundo, a que me refiro, fazia parte da terrível sociedade de bandidos *A Mão Negra*.

— Ah! então elle fallou-lhe do chefe, esse malvado Diogo, de quem naturalmente quiz vingar-se á hora da morte?

— Exactamente. E contou-me não só o que elle tem feito contra a familia Lacerda, mas ainda o que está projectando, em cumprimento da sua implacavel e horrorosa vingança...

— E não lhe disse tambem os motivos que o miseravel Diogo allega para essa inexplicavel vingança?

— Não senhor. Ignorava completamente taes motivos.

— Mas... que tenciona V. Revma. fazer, sabedor de crimes que um infame planeja contra a minha familia?

— Evitar esses monstruosos attentados, conciliando, quanto possivel, o meu dever de sacerdote, guardando o segredo de uma confissão, com a obrigação imperiosa de defender uma illustre familia dos ataques traiçoeiros da *Mão Negra*...

— Oh! quanto lhe ficarei grato se o conseguir!

O frade sorriu-se, e continuou:

— Nada tem a agradecer-me, sr. barão. Não seria um bom sacerdote nem um homem honrado se não procedesse d'esta maneira. Mas é um caso melindroso este... Essa terrível quadrilha de malfetores não respeitará a minha idade nem o meu habito, se souber do meu procedimento.

« Por isso é prudente que eu seja circumspecto e cauteloso. Ora, em primeiro lugar, preciso ter uma conferencia muito reservada com o digno chefe de policia, e lembrei-me de vir pedir a V. Exa., como principal interessado, uma carta d'apresentação para que seja prompta e facilmente recebido hoje mesmo..

— Vou dar-lh'a immediatamente...

— Mas peço-lhe não se referir na carta ao assumpto da nossa conversação. Posso perdê-la, por uma fatalida-



de, e as consequencias seriam funestas para V. Exa. e para mim...

— São sensatas as suas precauções... Farei como diz.

— Amanhã V. Exa. irá procurar o illustre magistrado a quem vou ter a honra de fallar e então saberá o resultado da nossa conferencia.

« Mas até lá espero que o sr. barão far-me-ha o obsequio de guardar a maior reserva...

— Oh! dou-lhe a minha palavra que nada direi sobre o seu nobre procedimento, nem mesmo á minha familia...

— Fico-lhe muito agradecido, sr. barão.

Meia hora depois o velho frade chegava á residencia do chefe de policia que, estando um pouco incommodado de saude, resolvera não receber pessoa alguma, sem distincção...

Quando uma creada lhe transmittiu esta determinação absoluta e peremptoria do illustre magistrado, o frade, mostrando-se contrariadissimo, obstinou em fallar-lhe.

E tanto insistiu que o chefe de policia, zangado, exclamou:

— Que frade teimoso! Diga-lhe que estou doente, não posso attendel-o... Se é de muita urgencia o que quer communicar-me, e carece de promptas providencias, vá na Repartição Central e falle com o 1.º delegado auxiliar, o Dr. Nobrega, que está de serviço... Que maçada!...

A creada repetiu isso mesmo ao importuno frade, mas pouco depois voltava á presença do chefe de policia.

— Que quer você? bradou este encolerizado.

— Elle quer fallar só com V. Exa....

— Mas eu estou no meu direito de não o receber! Volte amanhã ou quando quizer, e tanto elle como você não me amólem mais...

— Diz que tem uma carta do sr. barão de Lacerda e deseja dar a V. Exa. alguns esclarecimentos sobre uma celebre quadrilha...



— Ah! manda entrar.

.....  
A conferencia entre o frade e o chefe de policia durou quasi uma hora.

Quando terminou, ambos pareciam satisfeitos.

O chefe de policia dizia:

— V. Revma. acaba de prestar um inolvidavel serviço á sociedade, e principalmente a uma distincta familia perseguida por essa cáfila de bandidos...

— Cumpri apenas o meu dever. Vou, porém, pedir um favor a V. Exa.

— Estou ás suas ordens para servil-o no que puder. Que deseja?

— Agora não, mas quando constar que, espontaneamente, obedecendo só aos impulsos do meu coração, dei a V. Exa. os mais completos esclarecimentos para poder agir efficazmente contra a terrivel *Mão Negra*, é possível que eu seja tambem uma victima, se V. Exa. não me proteger, garantindo a minha vida...

— Cercal-o-hei da mais activa vigilancia, póde ficar certo. E procederei com a maior rapidez para que o chefe da quadrilha caia em poder da policia... E' o essencial. Esmagada a cabeça da serpente, o corpo não vale nada...

— Agradeço muito a V. Exa. E, em vista da combinação feita, adiarei minha viagem.

— Está bem. Até amanhã.

— Até amanhã, sr. doutor...

O frade retirou-se.

Mas, momentos depois, na rua, quem lhe observasse a physionomia, ficaria admirado.

Não era mais aquella expressão bondosa e beatifica.

Os olhos scintillavam estranhos fulgores, e um sorriso ironico, sarcastico, cruel e desprezivo lhe encrespava os labios...



## DOIS AMORES INFELIZES

Judith, enfraquecida ainda pelo envenenamento de que fôra victima, nem sempre pensava no terrivel bandido que tão cruelmente perseguia toda a sua familia.

Muitas vezes, alheando-se de tudo e de todos, ouvia apenas a voz do coração, e os seus labios murmuravam docemente o nome de Oscar.

Vamos encontral-a n'um desses momentos em que, entregue inteiramente ao seu amor, medita e soffre . . .

Está só no seu quarto.

Pallida, com o rosto nublado por um véu de tristeza, que dava ainda mais realce, um mysterioso e indefinivel encanto, á sua candida e suave formosura, a joven suspira, e de quando em quando algumas lagrimas, despendendo-se de seus longos cilios, deslisam-lhe serenamente pelas faces . . .

Porque chora?!

Rica, filha unica e estremecida, estimada por toda a sua familia, precisa occultar o seu amor, entregando-se a um soffrimento doloroso que é para o seu debil e delicado organismo um segundo veneno, tão violento e mortal como o primeiro que Ignez lhe havia propinado, pois aquelle lhe dilacera o coração?!

Algun segredo mysterioso deve existir para que Judith viva triste e lacrimosa . . .

E, se queremos sabel-o, espreitemos indiscretamente, agora que ella está só no seu quarto . . .



E' uma acção pouco digna, confessamol-o, mas de certo não será verberada pelos nossos leitores, que, impellidos pela curiosidade, nos acompanham n'este feio peccado...

Judith, reclinada na cadeira de balanço tem na mão direita um livro primorosamente encadernado.

E' o segundo volume de um romance que Oscar lhe offereceu, naturalmente para a distrahir.

A joven, após alguns momentos de silencio, apenas interrompido pelos seus dolorosos suspiros, enxuga os olhos marejados de lagrimas, e abrindo o livro no lugar marcado por uma fita côr de rosa, lê a meia voz.

Podíamos fazer o resumo desta leitura, mas seria privar os leitores de uma joia litteraria, não a incrustando, por um condemnavel sentimento de inveja, no nosso modesto romance.

Se algum mais exigente, não apreciar esta transcripção, dir-lhe-hemos que ella tem um duplo fim: render a devida homenagem a um talentoso escriptor, e, ouvindo Judith, com a voz melodiosa, lêr algumas paginas do livro que Oscar lhe offerecera, comprehender mais claramente as razões porque ella está lacrimosa e commovida, podendo assim com maior facilidade surprehender o segredo da sua grande tristeza.

Ouçamo-la, pois, com attenção, e, em breve saberemos porque Judith, com o olhar velado pelas lagrimas, lê o seguinte excerpto, escripto por um poéta apaixonado, que muito amou e soffreu.

Eil-o:

#### "LIVRO DE MINH'ALMA

*Je t'aime  
Et te le dire ici, c'est le bonheur suprême !...*

V. HUGO.

1

«Eu vi uma mulher verdadeiramente bella.

«Seus cabellos são negros e luzidios como o azeviche:  
«seus olhos grandes, pretos e ardentes dardejam vistas de  
«fogo tão penetrantes com os raios do sol.



«Sua fronte branca, elevada e lisa é o throno do  
«mais nobre socego; seu rosto pallido, melancholico e  
«doce, o assento da graça mais arrebatadora; seus labios  
«encarnados, virginaes e puros, a fonte das mais angelicas  
«delicias.

«E abaixo de seu collo garboso, como o da garça,  
«ha um mar... que quando ella suspira, se agita, se in-  
«quieta, e então, luctam ahi de mistura pudor e desejos, in-  
«nocencia e amor, candidez e voluptuosidade!

«E quem a está olhando, sente... anhela... arde!

«Seus braços são alvos e torneados, suas mãos de-  
«licadas e finas, seus dedos dir-se-iam brandas hastes de  
«crystal, cada uma das quaes fosse coroada por uma pe-  
«tala de rubra rosa.

«Seu pisar é subtil como o da pomba, o volver de  
«seu vulto engraçado como o fugir da sombra, o seu fallar,  
«meigo e harmonioso como a melodia de um anjo.

«. . . . .

«Um olhar de amor de seus olhos, uma palavra de  
«amor de seus labios e um suspiro de amor de seu seio  
«devem ser o complemento de todas as felicidades que se  
«podem fruir na terra...

«Porque, enfim, ella é uma mulher verdadeiramente  
«bella.

## II

«E antes de vêr essa mulher, já eu a amava muito,  
«porque já a tinha ouvido.

«Era uma noite serena e fresca. Eu passeava melan-  
«cholico e abatido á borda do mar, quando, de repente,  
«uma voz — ah! uma voz como nunca se escutára!...  
«suave, melliflua, tocante, que entrando por meus ouvidos  
«ia até á medulla de meus ossos, até o amago de meu  
«coração, que se entranhava por minh'alma!... — entoou  
«um hymno á innocencia.

«Debalde o canto acabou, debalde! porque eu o  
«estava ouvindo sempre, dentro de mim mesmo... e ali



«fiquei estatico, entre o céu e a terra, entre a conscien-  
«ciencia do meu nada, da minha pobreza, da minha des-  
«graça e essa voz fascinadora que poudes fazer-me crêr,  
«que é possível a felicidade n'este mundo quando se  
«vive toda uma vida com os olhos embebidos no seu  
«olhar, com os ouvidos perto dos labios d'esse anjo que  
«canta assim.

«O signal da meia noite arrancou-me do meu en-  
«canto. Lembrei-me então que sobre a minha cabeça,  
«debaixo de meus pés, e ao redor de mim, havia mundo  
«e miseria, porque até essa hora eu tinha esquecido  
«tudo . . . tudo . . . occupado sómente com duas ideias,  
«que eram a omnipotencia de Deus e a existencia d'essa  
«mulher.

«A lua estava clara e brilhante. Vi, a curta distancia,  
«aberta a porta de um jardim, e no meio d'este erguer-se  
«uma frondosa mangueira, debaixo da qual tinha sahido a  
«voz que me arrebatára.

«Entrei, um braço invisivel e forte me arrastava para  
«ahi. Eu queria, ao menos, beijar as pegadas d'essa  
«mulher.

«Avancei alguns passos. A claridade da lua mostrou-  
«me dois vultos de moças recostadas em uma janella: senti  
«dentro em mim um desejo invencivel de ouvir o que  
«diziam as duas moças, de julgar de sua belleza, se pos-  
«sivel fosse . . .

«Não as vi tão bem, como anhelava . . .

«Mas o que eu ouvi nunca mais me esquecerá!

« . . . . .

«Meu Deus! . . . meu Deus! . . . Vós não sentis que  
«a sensibilidade é o maior dos tormentos do homem po-  
«bre? . . . Não é bem verdade que os pobres deveriam poder  
«viver sem coração?

«Pois o que lia de fazer o homem pobre quando  
«ama?

«Abafar o seu amor?



«Eis ahi, portanto, um enorme tormento: esse fogo  
«intenso que se suffoca, lança chammass devoradoras que  
«fazem caminho rasgando, queimando o coração; esse amor, que  
«se encontra, e se faz por afogar, é um raio d'alma que  
«brilha no meio de horriveis ruinas... de calabouços  
«medonhos! Porque, pois, a luz, se a luz vem fazer sentir  
«tão grande miseria?!...

«Pretender o objecto amado?

«Como?... e para que?

«Como, se essa mulher encantadora e bella, cercada  
«por uma multidão de galantes mancebos, ricos, espi-  
«rituosos, alegres, lisonjeadores, que sabem dizer bonitas  
«cousas, e olhar com olhos tão ardentes, não poderá vêr  
«nunca o homem pobre que só tem para offerecer-lhe um  
«coração cheio de lagrimas!... que não se animará nunca  
«a balbuciar uma phrase de amor!... que não ousará  
«jamais levantar seus olhos uma só linha acima dos pés da  
«mulher amada?!...

«E para quê? Para ser correspondido? Para ga-  
«nhar gratidão, e depois dar para comer a esse anjo,  
«que se adora, um pedaço de pão amassado com o  
«pranto de seus olhos? Para repartir com essa mulher  
«a miseria que padece... a vida de tormentos que ar-  
«rasta?! Para padecer o dobro vendo-a padecer tam-  
«bein?!

«Oh! não!... não, meu Deus! O homem pobre não  
«deve amar; não!

«. . . . .

«E então porque fui eu a escrever aquelle bilhete e  
«deixal-o debaixo da vidraça de sua janella?

«Porque me atrevi a jurar-lhe um amor de poeta e  
«de fogo?

«Oh! foi porque a voz d'essa mulher prendeu para  
«sempre a seus labios o meu destino!

«E, portanto, não me é possivel duvidar mais da na-  
«tureza de meus sentimentos: eu amo!



«Qual será o resultado d'esta paixão que me al-  
«luscina?

«Que futuro me estará esperando?

«Porque novas provações terá de passar a mi-  
«nh'alma?

«Meu Deus!... meu Deus! Vós não sentis que a  
«sensibilidade é o maior dos tormentos do homem pobre?...  
«Não é verdade que os pobres deveriam poder viver sem  
«coração?

### III

«Emfim, graças ao céu!

«Eu pude, sem ser visto, vel-a, admirar-a!...

«Ha no mundo só uma cousa, que arrebatava ainda  
«mais do que a voz d'essa moça; é o semblante d'ella  
«mesma.

«Já não me arrependo de tel-a ouvido, e visto.

«Já não sinto havel-a amado: soffrerei todos os tor-  
«mentos possiveis com valor e serenidade... Chegarei  
«mesmo a bemdizel-os, pois, estou convencido, que por gra-  
«tidão eu devia amar tão encantadora creatura!

«Devia! porque ella fez desabrochar em minh'alma,  
«sempre tão arida e tão esteril, uma flôr: a flôr da crença  
«na possibilidade de ventura na terra, flôr bella como o  
«rosto, suave como o canto, balsamica como o halito da  
«mulher amada!

«Devia! porque ella fez bruxulear no horisonte da  
«minha vida, sempre tão escuro, tão entenebrecido, tão  
«tempestuoso uma aurora... a jucunda aurora do amor,  
«aurora brilhante como o sorrir, fascinadora como o arfar  
«do seio de... *Judith*!

«E, por isso, eu amo-a!

«Amo-a como o naufrago ama a derradeira taboa  
«do navio despedaçado, a que se prende para escapar á  
«morte!...

«Amo-a como um homem reprobado amaria o anjo de  
«salvação, a cujas azas se pudesse ter agarrado!...



«Amo-a como a pomba a seus pombinhos inda im-  
«plumes, como o heliotropio ao astro do dia, como a mais  
«extremosa mãe ao mais extremoso filho!...

«. . . . .

«Mas é bem possível que essa mulher angelica nunca  
«se lembre d'este homem que a adora tanto!

«E isso que importa? E' a sorte do mundo.

«Todo homem encontra sempre em sua vida um co-  
«ração de mulher que o não attende...

«. . . . .

«. . . . .

## IV

«Esperança!... esperança!... esperança!...

«Porque eu não posso ser amado por essa formosa  
«donzella?

«O que pede ella ao céu? Um amor de poeta e de fogo...

«Pois bem: eu tenho mil vulcões no coração, desde  
«que a amo!

«Ame-me ella e terei uma cabeça de poeta!

«. . . . .

«E onde deve despontar o almo sol da esperança se-  
«não no sereno horizonte da juventude? Onde, com tanto  
«viço, com tão copiosa exalação de perfumes se estenderá  
«a rosa da esperança, como no jardim fecundo da idade  
«dos amores?

«A luz da vida, o facho com que o homem se guia  
«na longa viagem d'este mundo, a fonte inesgotavel  
«d'onde o pensamento tira as tintas côr de fogo para  
«pintar formosos arabescos no painel do futuro, a ha-  
«lança encantada em que o homem se equilibra entre os  
«males que experimenta e os bens que almeja — eis a  
«esperança!

«Ninguém, ninguém vive sem esperança.

«Porque não a terei tambem? Oh! ainda que seja uma  
«illusão, quero-a!...

«A esperança é o alimento do espirito... a alma do  
«coração...



## V

«Tenho sido tão ousado quanto feliz! Em meus sonhos  
«de mancebo jámais sonhei gosar tantas delicias como as  
«que tenho tido d'este amor!...

«. . . . .

«. . . . . A minha sempre-viva caiu dentro  
«de sua camara, a seus pés! Sua mão ia talvez lançal-a  
«fôra, quando valeu-me o zephyro da manhã, e portanto  
«esse zephyro será sempre para mim, o sopro de  
«Deus!

«. . . . .

«Eu receio estar commettendo um sacrilegio. Tenho  
«medo de que o céu me castigue, porque ousou pensar que  
«sou amado!

«Meu Deus! se isto não é verdade, deixai-me ir  
«gosando meus dias embalado por uma mentira tão  
«doce...

«Já agora, viver sem essa deliciosa illusão é um  
«impossivel...

## VI

«O que seria do homem sem o amor da mulher?

«Ir até o fim d'essa longa viagem da vida, que se co-  
«meça chorando e se acha com um gemido; contar tantos  
«annos, em que algumas horas de ventura são suffocadas  
«pela corrente immensa d'esses dias de infortunios, fôra  
«certamente impossivel, se não houvessem desejos n'alma, e  
«esperança no coração do homem.

«E a mulher é a fonte das mais doces esperanças, e o  
«objecto dos mais ternos desejos.

«Deus tinha previsto que a vida com tantas tempes-  
«tades se tornaria desagradavel e enfadonha ao homem;  
«que o mundo tão semeado de abysmos seria um perigo  
«para a virtude...

«E assoprou na alma do mesmo homem uma cham-  
«ma sagrada que alimenta a virtude: é a esperança da  
«eternidade!...



« E plantou-lhe no coração um sentimento nobre e  
 « generoso, que sabe prendel-o á vida: é o amor da  
 « mulher!...

« E o homem deve ser para a mulher como o fa-  
 « vonio da aurora ou o orvalho da noite são para a flôr.

« Porque tambem ella é para o homem como a flôr  
 « para o prado, a fragrancia para o zephyro, o sorriso  
 « para os labios e a ventura para o coração.

«. . . . .

## VII

«. . . . .

«. . . . .

## VIII

« A desgrça veio sobre mim, imprevista, inesperada  
 « como o raio; furiosa, terrivel, como o tigre.

« Não ha mais esperanza para mim.

« Estou outra vez no que era d'antes. Estou de no-  
 « vo nas trévas...

« A minha posição é agora dobradamente cruel, por-  
 « que a luz já tocou meus olhos, e por isso posso avaliar  
 « o bem que tenho perdido...

« Ah!... o homem que nasce cégo é menos infeliz  
 « do que aquelle que céga depois de ter visto: o primei-  
 « ro não gosa nada... mas tambem não conhece o valor  
 « d'aquillo que não gosa!...

« Para que ouvi eu a voz, vi o rosto e comprehendi  
 « a alma d'essa mulher-anjo, que nunca poderá derramar  
 « vistas de amor sobre mim?

« Pobre da minha illusão!... Foi como o sonho da  
 « noite que se esvae ao romper da aurora!

« Desfez-se ante a força da realidade, semelhante a  
 « esses lagos encantados de orvalho, que se vê nas inver-  
 « nosas manhãs de Junho e que pouco depois se derretem  
 « sob a influencia dos raios do Sol!...

«. . . . .



« Impossível!... impossível!... impossível!...

« Maldito seja o homem que primeiro inventou essa  
« palavra infernal, que exprime uma blasphemia!...

« E todavia eu a estou ouvindo a todo instante den-  
« tro do coração!...

« Oh! é horrível!

« Vêr o homem perto de si uma mulher bella,  
« amál-a, e suppôr que é tambem amado, não conceber  
« sem ella felicidade n'esta vida, e sentir o homem, o  
« homem que tem direito de procurar ser feliz, sentir  
« que o destino vae levantando entre ella e elle uma  
« barreira insuperavel!... que a desgraça vae murmu-  
« rando aos ouvidos d'elle e d'ella: nunca!... nunca!...  
« impossível!... impossível!...

« Oh! é muito horrível, meu Deus!

« . . . . .

« E o que poderá fazer essa interessante moça, que  
« vê as lagrimas de seu pae, e presente sua desgraça, se  
« não ceder ás inspirações da virtude?

« Portanto, tambem a mesma virtude se oppõe ao  
« amor que me abraça!...

« E eu que me achava com forças de disputar a  
« posse d'ella ao mundo inteiro, devo e hei de curvar a  
« cabeça á filha do céu?!...

« Não ha nada, não. Não ha meio nenhum.

« Em minha propria imaginação eu não encontro um  
« unico remedio!

« Um só... talvez... se eu fosse rico!

« Oh! tenho-me lembrado de sair por essas ruas,  
« gritando: quem quer comprar um homem honrado?

« Mas ninguem daria por mim o que preciso..., e,  
« comtudo, existe no meu coração um amor generoso e  
« nobre que vale mil vezes mais do que todos os thesou-  
« ros do universo...

« Meu Deus!... meu Deus!... como ha de ser a  
« minha vida de agora por diante?

« . . . . .



« No primeiro instante turvou-me o espirito a ideia  
« do suicidio... mas logo depois a imagem d'ella veio apa-  
« gar o sinistro pensamento.

« Foi ella o anjo de minha guarda que arrojou para  
« longe a tentação do demonio.

« Foi como um vento benigno e saudavel que des-  
« fez a nuvem negra prehe de tempestade e de hor-  
« rores...

« Agora só me ficou o coração cheio de agonia,  
« profunda, incuravel, que não ha de acabar nem diminuir  
« nunca!

« Se eu vivesse ainda cem annos, no dia que com-  
« pletasse um seculo teria ahi a mesma agonia, com a  
« mesma intensidade profunda, incuravel, sempre, como ha  
« cem annos antes.

« Mas porque desejar a morte?

« O mimoso sentimento que fez a minha ventura de  
« alguns dias, não soffreu a injuria de um desprezo, nem  
« a injustiça de uma ingratição...

« Cederá ao imperio de um dever, duro, porém  
« sublime.

« O sacrificio d'este amor é a demonstração de sua  
« pureza e santidade!...

« Minh'alma repassada de dôres apparece, no meio  
« de suas angustias, innocente e candida, como o formo-  
« so e angelico semblante de uma virgem christã, que mor-  
« re pela fé, brilha com os raios da divina graça por en-  
« tre as chammas da fogueira do martyrio...

« Ha tambem orgulho na desgraça não merecida;  
« e esse orgulho deve ser capaz de animar-me nos dias  
« de torturas porque vou passar, como a esperança da  
« eternidade infunde coragem no homem injustamente  
« condemnado, que de cima do patibulo diz o adeus der-  
« radeiro ao mundo...

« Sim!... devo viver, para que a minha alma pro-  
« vada na abnegação e nos tormentos se ostente com seu  
« amor, mais que nunca puro, immenso e radioso, seme-



« lhante ao pyrilampo que tanto mais brilha quanto mais  
 « negra e obumbrada é a noite; semelhante as plantas  
 « aromaticas que tanto mais rescendem quanto mais as  
 « pisam e maceram...

« Devo viver, porque pobre, desgraçado, miseravel...  
 « o unico objecto que tenho para offerecer e votar a ella  
 « é a minha vida.

« E quem sabe se um dia o triste presente não po-  
 « derá ser apreciado?

« N'este mundo desleal, a mulher que enquanto  
 « menina é sempre um anjo que sorri, e quando chega  
 « a senhora é, ás vezes, uma victima que chora, tem  
 « tantos perigos a correr, tantas borrascas a assoberbar,  
 « que lhe deve ser grato contar com um homem prompto  
 « a morrer por ella.

« . . . . . , . . . . .  
 « . . . . .

« Arrastemos, pois, os dias...

« Até que enfim, se no caminho da vida de... *Ju-*  
 « *dith* estiver aberto um abysmo, e além d'elle lhe seja  
 « preciso ir, passe-o ella segura e salva, por cima do meu  
 « cadaver, como a taboa de uma ponte.

« Mas se ainda esta derradeira esperança tem de ser  
 « tambem a minha ultima illusão; se a vida deve, final-  
 « mente, deixar-me, evaporando-se pouco a pouco no es-  
 « quecimento de alguma cabana solitaria; então, na hora  
 « da extrema agonia, farei com que o arranco doloroso do  
 « passamento se transforme em um hymno de saudade vo-  
 « tado á mulher que adorei com tanta paixão.

« E como o cysne, que canta assentado na beira do  
 « sepulcro, em que vae cair, eu pisarei no humbral da  
 « eternidade, e saudarei o espectro da morte entoando um  
 « canto de amor! »

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .



Judith interrompeu a leitura que fazia com voz trémula e commovida.

Por muito tempo ficou immovel, silenciosa, pensativa...

E arfando-lhe o seio, agitado por nobres sentimentos, deu livre curso ás lagrimas que cahiam, como chuva de perolas, no livro que parecia ser a causa d'aquella indizível tristeza...

Mas, de envolta com um suspiro terno e doloroso, um nome, já repetido muitas vezes, saiu, como um suave e melódico murmurio, dos labios da joven :

— Oscar !

E folheando algumas paginas do livro, leu ainda com a mesma inflexão triste e apaixonada, alguns trechos que decerto mais a interessavam e commoviam:

« A solidão é o espaço encantado, onde o espirito  
« se derrama livremente.

« Passa-se n'ella longas horas em uma doce embriaguez de reflexões, engolfado em mystico e jámais interrompido silencio...

« Nullificam-se ahi os sentidos com a mais completa  
« indifferença a tudo que os rodeia...

« Não se vê o que existe a dois palmos dos olhos...

« Não se ouve a avesinha que modula na arvore  
« mais proxima...

« Não se sente a aurora que principia a romper nem  
« as trévas que começam a diffundir-se...

« Está levantada uma barreira entre o mundo e a  
« alma; e mais que nunca dona de si propria, ella rumina o passado, reflecte sobre o presente, sonha de ordinario com o futuro...

« Oh ! então é um milagre quando os labios se sorriem, a não ser com amarga ironia !

« Porque, tambem, para dizer a verdade o homem  
« tem na sua vida tão poucas cousas de que sorrir-se  
« alegremente!...



« Então se está quasi sempre, ou sempre, sob o do-  
« minio da melancholia.

« Mas esse estado não se parece nada com o des-  
« gosto de si mesmo, que, como o castigo de Deus, enche  
« de fel o coração do máu.

« Esse estado é o que convêm á imaginação bri-  
« liante, que se sente enjoada, e se vinga do mundo de  
« gelo e de cifras, indo livre dos grilhões da sociedade,  
« derreter-se em arabescos de fogo...

« E' o fecundo sonhar do poeta!

« E' não dormir e não velar!

« E' um viver entre a vigilia e o somno, que se as-  
« semelha á hora do crepusculo, que não é dia nem noite.

« A natureza parece haver creado aqui e alli sitios  
« moldados a esse ineffavel goso de illusões, como altares  
« erguidos ao espirito, no templo da solidão.

« E os homens n'isso, como em tudo mais, téem  
« pretendido com a arte arremedar as obras inimitaveis  
« do Senhor! »

— Assim era o lindo caramanchel do meu jardim, on-  
de algumas vezes poude pensar *n'elle*, sem suspeitar as  
desgraças que o futuro me reservava!

E Judith proseguiu, lendo alto sómente o que se coa-  
dunava á sua situação, e que aquelle livro parecia definir  
de uma fórma tão eloquente e expressiva:

« Ella meditava...

« Não lhe restava a menor duvida: a lei do destino,  
« a força das circumstancias a tinham collocado entre dois  
« terriveis extremos..

« . . . . .

« De um lado estava o ancião respeitavel que a  
« carregára pequenina, que depois de ter-lhe dado a exis-  
« tencia lhe déra ainda tudo mais que póde dar um ex-  
« tremoso amor de pae...

« . . . . .

« Mas de outro lado levantava-se um mancebo no-  
« bre, ardente e destemido, que a amava com desmedida



« paixão... e que afflicto, silencioso, ia passando sem de-  
« xar uma só queixa, com o desespero no coração...

« E para onde se vae quando se tem no coração o  
« desespero?!

« E essas duas imagens, a de seu pae e a... *d'elle*  
« succediam-se em seu espirito uma á outra tres, vinte,  
« cem, mil vezes, sempre as mesmas, sempre do mesmo  
« modo, como as ondas do mar repetidas sempre!

« Fallava primeiro o amor de seu berço, o amor da  
« infancia, o amor que votava áquelle que, pegando-lhe  
« pelas mãosinhas que lhe tinham ensinado a andar, que se  
« sorrira ao seu primeiro sorrir, e chorára de prazer á sua  
« primeira palavra...

« Fallava primeiro o amor do pae!

« Fallava depois o primeiro amor de seu virginal  
« coração!

«. . . . .

« E depois ella media suas proprias forças...

« Ardente e devotada achava-se capaz de ser mar-  
« tyr, não hesitaria em sacrificar pela felicidade de seu pae  
« a sua propria vida, tudo... tudo...

« Oh! mas aquillo que ella dizia ser: a unica luz  
« que póde tornar brillante o caminho da vida para a  
« mulher?!

« E apenas com dezeseis annos, tão moça ainda!

« Ella olhava para a vasta extensão que lhe cumpria  
« atravessar no mundo, e tudo se lhe antolhava feio, peri-  
« goso, escuro, horrivel!...

«. . . . .

« E não longe, prompto a correr para seu lado, es-  
« tava um moço que com uma lampada magica na mão  
« mudando a face de toda essa scena amedrontadora,  
« promettia leval-a por um caminho de flôres, risonha e  
« feliz até o fim da viagem.

« Afóra a imagem d'esse moço, não via mais nada  
« no campo da vida.

« Tudo era negro e feio...



« Apenas na extremidade do vasto campo podia  
« descobrir a pallida figura do descanso assentada na beira  
« de uma cova...

« Oh! se ao menos lhe dessem a certeza de não pa-  
« decer muito, de morrer cedo!

« E de novo lembrava-se de seu pae...

«. . . . .

« Mas o sacrificio de seu amor?! Era muito...  
« muito! »

— Oh! sim, muito, muitissimo! exclamou Judith, fe-  
chando o livro e collocando-o sobre uma cadeira. Sacrificar  
o primeiro amor por considerações... por interesses? Oh!  
não... não, antes mil vezes morrer.

E cobrindo o rosto com as mãos, esteve por algum  
tempo chorando.

Afinal, serenando a sua afflicção, murmurou:

— Meu Deus! Como sou fraca?! Entrego-me facil-  
mente a um desespero injustificado... Meu pae é muito  
meu amigo, e se eu lhe disser a verdade, que amo  
outro...

E, apoz uma breve pausa, proseguiu:

— Mas... o orgulho de familia não será um po-  
deroso obstaculo á minha felicidade? Oscar é pobre... não  
conhece seus paes...

« Que importa?! Não é um homem honrado, ge-  
neroso, e um artista de notavel merecimento?

« Devo acceitar a mão de um homem que me é  
indifferente, a quem não amo, a quem nunca poderei amar?

« E esquecer, abafar, um amor que é a minha ventura  
e a minha vida?

« Oh! seria indigno... e a morte, por mais doloro-  
sa que fosse, era mil vezes preferivel ao longo e horro-  
roso martyrio de ligar a minha existencia, para sempre,  
á de um moço, que póde ser feliz com outra... e só por-  
que meu pae, irreflectidamente, lhe acoroçoou as esperanças  
de um enlace impossivel, dizendo-lhe que muito desejava  
que elle fosse seu genro...



«Oh! não... não quero. E meu pae é bom, perdoar-me-ha a desobediencia...

«Mas... se ensistir, resistirei, e o amor de Oscar me dará forças para soffrer os mais cruciantes desgostos...

Judith calou-se, e por algum tempo permaneceu silenciosa, entregue ás suas reflexões, com a fronte inclinada, as mãos sobre os joelhos, n'uma attitude de doloroso abatimento.

De subito, exclamou:

— Não!... Não haverá ninguém que possa compellir-me a sacrificar a minha felicidade por toda a vida, aceitando um casamento que o meu coração repelle... Estimo muito, muitissimo, meu pae, estou prompta a fazer-lhe todas as vontades, a obedecer humilde e affectuosamente a todas as suas ordens, mas... esquecer Oscar, occultar por mais tempo este amor vehemente e indestructivel, e conservar na illusão esse moço que, sem me consultar, teve a audacia de pedir a minha mão, oh! isso jamás o farei...

«Seria uma fraqueza censuravel, uma falta que a mim mesma não perdoaria. Meu Deus!... dai-me forças para defender a minha felicidade, e se insuperaveis difficuldades impedirem que ella se realise, que não possa casar com aquelle a quem amo, fortalecei-me no solemne juramento que faço de que ficarei solteira toda a vida, entregue inteiramente a este doce amor, unico estimulo vivificante da minha existencia...

«Sim!... porque até o ultimo alento amarei Oscar, sempre... sempre, com a entusiastica fidelidade que elle merece, porque é nobre a sua alma, turgido de elevados sentimentos o seu bello e grande coração...

E pegando novamente no livro, proseguiu:

— Com que delicadeza elle me demonstrou a intensidade do seu amor... Não ousando fallar-me nem escrever-me, serviu-se d'este meio para que eu soubesse que elle ama-me, como um poeta, capaz de sacrificar a



sua vida para salvar de um perigo imminente, ou livrar de um grande desgosto, aquella a quem ama...

«Os poetas sabem amar, não olham para a mulher a quem fazem seus juramentos, com o materialismo e a hypocrisia dos outros homens. Raras vezes são compreendidos, porque as mulheres, em geral, deixam se illudir pelos europeis com que se engalanam os Adónis peralvilhos que dizem phrases estudadas, mellifluas, com o pesamento fixo no dote ou n'um interesse qualquer mundano...

«E então, vendo-se ludibriados, esquecidos, esses infelizes que só têm coração, e desprezam o mundo com todo o seu immenso cortejo de falsidades, succumbem no catre da dôr, e, entre sentidas endeixas esvae-se-lhes o éstro, de envolta com a alma, que se evola, purificada pelo soffrimento, para as regiões sideraes da immortalidade!

Judith ao proferir estas palavras tinha-se animado.

As suas faces pallidas coloriram-se levemente, o seu olhar brilhava com apaixonada vivacidade, a sua fronte resplandecia n'uma auréola de encantadora belleza.

Apoz alguns momentos, continuou:

— Ah! mas eu comprehendo o seu grande amor... porque sinto-o tambem em meu peito...

«Offerecendo-me este romance, sob o pretexto de que elle seria uma distração para o meu espirito, attribulado pelas horrorosas e injustas perseguições de um bandido contra a minha familia, Oscar marcou algumas paginas, onde ha tantos pontos similhante e perfeitamente adequados á nossa existencia.

«Parece mesmo que foram escriptas por elle, tão eguaes e parecidos são os factos, que realmente succederam, a que ellas se referem...

«Durante o tempo que estive em Santos, ouviu, uma noite, eu cantar alegremente. Oh! que ditosos dias eu passava então, bem differentes dos que actualmente passo, com o coração angustiado!



«Elle entrou no jardim e viu-me na janella, onde, sem suspeitar da sua presença, eu estava conversando com a minha madrastra...

«Depois, o bilhetinho mysterioso que encontrei sob a vidraça da janella de meu quarto, a flôr que caiu-me aos pés e que, pela surpresa, me causou um pequenino susto, finalmente as circumstancias em que ora nos encontramos... como tudo isto está fielmente descripto n'estas paginas eloquentes e apaixonadas...

«Oscar não podia mais delicadamente revelar-me o seu immenso amor... e a sua grande tristeza. Para melhor eu comprehender, elle substituiu o nome da heroína deste romance, pelo meu... que teve o cuidado de escrever a lapis.

«Mas, todas as pequenas modificações que elle fez eram escusadas, porque eu, ao lêr estas paginas, logo comprehendia o seu intento em offerecer-me o livro.

«E pôde estar certo de que não acceitarei o noivo que meu pae, suppondo dar-me a felicidade, me quer impôr...

«Não!... Serei fiel, assim o juro, a este amor veemente e sincero que Oscar me inspirou... e agora, tendo a certeza de que sou amada com intensa e inalteravel paixão, nada haverá, nem mesmo que tenha de luctar contra toda a minha familia, que se obrigue a faltar ao meu juramento...

E Judith erguendo-se numa resolução firme e inabalavel, foi ajoelhar ante um pequeno oratorio, fracamente illuminado por uma lampada, e por muito tempo esteve fervorosamente rezando...

. . . . .



Por uma singular coincidencia, n'um aposento proximo ao de Judith, uma jovem chorava, dominada por igual desespero...



Era Rachel.

Já agora, que começámos commettendo o . . . *abuso* de espreitar, de cumplicidade com o leitor, a recatada alcova de uma donzella, afim de lhe surprehender os seus amourosos segredos, dêmos mais alguns passos, e façamos outra feia espionagem para saber tambem as razões por que Rachel está triste e lacrimosa . . .

No momento em que a espreitamos, passeia agitada e, soluçando, murmura phrases repassadas de melancholia e de indignação.

Escutemos attentamente . . .

— Oh! Parece impossivel, dizia ella fazendo um gesto de desespero, que meu pae, sem primeiro me consultar, manifestasse o seu alegre assentimento a um pedido, tão sério e importante, de um moço que apenas vi algumas vezes, com a indifferença que vejo tantos outros . . .

«Pois é com este offensivo desprezo que ambos tratam do meu futuro, da minha vida, da minha felicidade ou da minha desgraça, para só depois ser-me notificado o resultado da conferencia que tiveram, com estas simples e laconicas palavras: «Fulano pediu-te em casamento. Acho que é um excellente partido . . . Elle é moço de muito boa familia, rico, honesto, saudavel e deve, com certeza, fazer-te feliz . . . Desejo que o aceites para teu noivo, como eu já o aceitei para meu genro . . . E's uma boa filha e certamente, approvarás o meu procedimento, pois sabes que só desejo a tua felicidade . . .»

Rachel parou, e, suffocada pelo pranto, n'uma angustia indescriptivel, proseguiu :

— Felicidade! . . . Ah! meu querido pae, quanto o vosso coração se enganou! . . . Seria a maior de todas as desventuras se tal casamento se realisasse, porque eu amo . . . amo, com todas as forças da minha alma, um outro que é egualmente digno de ser vosso genro . . .

«A audacia e o atrevimento d'esse moço, pedindo a minha mão com a mesma facilidade com que poderia pedir . . . uma venéra para pôr ao peito em occasiões so-



lemnes, revoltam-me, causam-me a mais violenta indignação...

«E meu pae acceitou jubiloso esse pedido... sem procurar saber se meu coração o repellia... Oh! meu Deus! como as mulheres são infelizes, e menosprezadas até por aquelles que mais as estimam... pelos seus proprios paes...

«Ah! não... não... mil vezes não! Amo Jorge... tem todos os predicados que recommendam esse moço... E' rico, intelligente, honesto, pertence a boa familia... e possue ainda uma alma nobre, um coração affectuoso... Com elle serei feliz, e vós, meu pae, que sois tão bom, tão meu amigo, não duvidareis acceitar a minha escolha, porque ella é digna do vosso nome, e corresponde aos mais ardentes desejos do meu coração...

Fez uma breve pausa, e limpando as lagrimas que lhe inundavam o rosto formoso, proseguiu:

— Para que estou eu a affligir-me? Meu pae não sabe nada... Preciso dizer-lhe toda a verdade, leal e sinceramente, e elle será o primeiro a regosijar-se com a revelação do meu segredo, porque estima muito Jorge, o filho do meu bom padrinho... Vamos, coragem. Não devo entregar-me assim a um injustificado desespero...

E, serenando, mas com o olhar febril e brilhante, acrescentou:

— Mas... se recusar Jorge, fascinado pelo esplendor das riquezas d'esse moço, a quem já odeio, mostrar-lhe-ei que o amor, quando verdadeiro e vehemente, tem uma força invencivel... não ha nada n'este mundo que o possa destruir. Só a morte, que é preferivel ao horroroso captivo de viver, acorrentada pelo matrimonio, a um homem a quem não se ama! Sim... ou serei de Jorge, ou morrerei...





Terminamos aqui a nossa espionagem .

O leitor que nos acompanhou, está decerto curioso por saber o que succedeu para que Judith e Rachel, nos seus aposentos, façam tão solemnes protestos de amor, jurando insurgirem-se contra as imposições paternas?

Pois, como este capítulo já vae longo, e mesmo porque devemos tratar primeiramente de outros assumptos, ha de ter um pouquinho de paciencia e tudo saberá mais tarde . . .

---



## VIII

### O ESPIÃO

Voltamos a occupar-nos do nosso famigerado protagonista, que não deixa um só momento de pensar nos meios, os mais ardilosos e infames, para proseguir na terrível lucta contra a poderosa familia Lacerda, defendida agora, com a maior vigilancia, pela policia de São Paulo.

Diogo não renunciava á sua vingança nem se acobardava ante a extraordinaria actividade que as auctoridades desenvolviam para o capturar.

Conscio da sua força e da sua astucia ria-se interiormente dos improficuos esforços dos agentes que andavam no seu encalço, e procurou até, audaciosamente, mystificar o proprio chefe de policia para gosar depois da sua colera impotente . . .

E foi com a mais inaudita ousadia que o fez, como brevemente teremos occasião de saber . . .

Por ora, vamos narrar as novas proezas d'este bandido que, para conseguir os seus fins tenebrosos, não trepidava empregar os mais vis recursos, auxiliado efficazmente por seus cumplices Juca Velho e doutor Silva, e sob a infernal inspiração da sinistra bruxa, cuja maldita *mão negra* dirigia e impellia crimes monstruosos e abominaveis.

Vendo que a familia Lacerda, toda reunida por uma série de circunstancias que elle proprio preparára, era guardada á vista, de dia e de noite, por agentes de poli-



cia, que rondavam as residencias de Theodoro e de Manoel Sequeira, onde se haviam refugiado as pobres victimas para mais facilmente se defenderem de uma perseguição cobarde e implacavel — Diogo lembrou-se de introduzir no seio da familia, que jurára exterminar, uma creatura inteiramente sua, que lhe contasse tudo quanto visse e ouvisse, segundo as instrucções que devia receber para desempenhar cabalmente o infame papel de espião.

E, depois de muito procurar, e de vêr frustradas diversas tentativas, poudo finalmente realisar seus desejos.

Um garoto, que indirectamente fazia parte da quadrilha, pois era auxiliar, em certas rapinagens, do *Seriema*, refinado gatuno que era considerado como *mestre no officio* pelos seus companheiros da *Mão Negra*, e estimado do secretario pela sua astucia e habilidade em alliviar as algibeiras de honrados e bojudos burguezes, poudo entrar ao serviço da familia Lacerda, que, apesar de escolher com muito cuidado os seus serviçaes, depois do que havia acontecido com a malvada Ignez, decerto não teria desconfianças d'um garoto, com cara de idiota, que mostrava ter approximadamente uns 12 annos.

Chamava-se, ou antes disse chamar-se Bento, pois o verdadeiro nome nem elle já o sabia, tão habituado estava a mudar de *rótulo* com mais facilidade do que mudava de camisa.

Apresentou-se com sua mãe, uma engommadeira que morava no Braz.

Era a amante do *Seriema*, que muito bem industriada, representou perfeitamente o seu papel.

Contou uma historia muito comprida, interrompida de quando em quando por algumas lagrimas bem fingidas, que commoveu a bondosa D. Nicóta.

Viuva, pobre, com 5 filhos, queria muito collocar o mais velho em uma casa boa, afim de o livrar das



más companhias de menores viciosos e turbulentos que abundavam no bairro do Braz.

Não fazia questão de ordenado; só pela comida ella desejava que seu filho se dedicasse ao trabalho, afim de adquirir bons principios para que fosse um homem honesto e trabalhador, unica felicidade que ella lhe podia e devia proporcionar...

Como era natural, D. Nicóta, condoendo-se da pobre viuva, acceitou Bento para alguns pequenos serviços, prometendo dispensar-lhe a sua protecção, se elle se comportasse bem.

Assim, Diogo conseguiu ter um espião em casa da familia Lacerda.

Bento era esperto e velhaco a ponto de desempenhar perfeitamente a sua degradante missão, sem inspirar a menor suspeita ou desconfiança.

Auxiliado por uma apparencia illusoria de parvoice, fazendo-se simples, ingénuo e ignorante, mas obedecendo a todos com respeitosa humildade, parecia impossivel que fosse um infame emissario da terrivel *Mão Negra*, e quando mesmo alguém o affirmasse, a familia Lacerda não o acreditaria.

Algumas vezes elle pedia licença para ir visitar sua mãe, que lhe era sempre concedida; mas em vez de cumprir os deveres de um *bom filho*, corria immediatamente á casa de Diogo, ou a um lugar aprazado por este e contava ao *chefe* quanto sabia, recebendo d'elle novas instrucções.

\*

\* \*

Diogo estava deitado no canapé de seu *gabinete de trabalho*, immerso em profundas reflexões...

Eram tres horas da tarde.

Alguem bateu á porta de um modo particular.



Diogo foi abrir, e Bento tirando o chapéu, entrou com desembaraço que não lhe era peculiar... em casa dos partões.

— Ha alguma novidade? perguntou Diogo ancioso.

— Não, senhor...

— Então que vens fazer aqui? Já te disse que não é conveniente vires á minha casa muitas vezes... Pódes comprometter-me com as tuas levandades... Se algum agente de policia lhe der na eabeça de seguir-te, e...

Oh! não tenha receio, interrompeu o garoto, fazendo um gesto de desprezo. Eu não sou tolo que deixe uma duzia de agentes seguir-me... Dou tantas voltas, e corro como um veado, que não é essa cachorrada que me péga...

— Mas se nada tens a dizer-me, não vale a pena ter esse trabalho...

— Eu não disse que nada tinha a contar-lhe...

— Então não te comprehendo. Explica-te melhor. Bem sabes que não gósto, e não tenho tempo nem paciencia para adivinhar charadas.

— O senhor perguntou-me se havia alguma novidade. E eu disse que não... Os meus bons patrões passam o melhor possivel... Não lhes falta de comer nem de beber... Oh! quem me déra ser rico para gosar a vida como elles gosam...

Diogo, com a impaciencia que lhe era caracteristica, estendeu-se novamente no canapé, encolhendo os hombros, dardejou um olhar reprehensivo sobre o garoto.

Mas este, imperturbavel como um inglez, não fez caso d'aquelle olhar; e, muito tranquillamente e cynicamente, continuou:

— Não se admire de eu ter vontade de ser rico... Não ha felicidade maior do que ter dinheiro... Trabalhar toda a vida como um animal, com a barriga vasia e uns trapos sobre o *cadaver*... não é nada agradavel nem ninguem, que tenha juizo, o deseja para si... Ainda para os outros, vá lá, dizem que é preciso que uns chorem



para que os outros riam... Pois chore quem quizer que eu, quando fôr homem, hei de rir, e não ha de ser a policia que me ha de aborrecer... Não lhe parece que fallo bem?

Diogo não respondeu; e, querendo provavelmente vêr até onde iria a tagarellice d'aquelle garoto, cujas theorias não deixavam de o divertir, accommodou-se melhor no canapé e accendeu um charuto, disposto a ter pacienciaa... por algum tempo...

Bento ficou silencioso durante breves momentos, que empregou em dar voltas ao chapéu, fazendo-o girar sobre o dedo indicador da mão esquerda.

Afinal, exclamou, dando elle proprio a resposta que esperava do *chefe*:

— Fallas muito bem, nhô Bento... E's um mocinho de juizo e mereces já o titulo de *doutor*, como tem o nosso secretario...

«Eu sei que o sr. Diogo é da mesma opinião dos meus companheiros que assim me téem dito algumas vezes.

Não sou vaidoso, mas quer que lhe diga com toda a franqueza? Eu mesmo tenho conversado com os meus botões e conheço que hei de ser alguma cousa...

«Esta vida de tirar uns cobres d'um caipira, ou d'um beócio que fica com a bocca aberta ouvindo a musica no jardim do Palacio, ou então *comprar*, sem o dono saber, qualquer objecto que os negociantes collocam, como réclamo, nas portas de seus estabelecimentos, para tentarem... as pessoas que téem gosto e não téem dinheiro, como eu e outros — não presta!

«Já o tenho dito muitas vezes ao *Seriema*... mas elle não quer acreditar-me, e continúa sempre com essas miserias que não adiantam, pois anda sempre a *tinir*, e ainda em risco de ir parar na *gaiola*, se lhe deitam os gadanhos... esses malditos agentes que são peores do que aquelles que prendem...

«Os jornaes dizem cousas medonhas contra nós, sem razão...



Diogo, olhando para o garoto, esboçou um sorriso que elle interpretou como contrario á sua affirmativa, pelo que apressou-se em corroborar, com enthusiasmo:

— Sim, senhor... sem razão! Pois o feio nome de gatuno com que elles nos tratam não é uma injuria?

«E' um crime tirar uns cobres de um caipira que vive na roça annos e annos, e lá uma vez se lembra de vir a S. Paulo com as algibeiras cheias, só para andar aos empurrões a toda a gente, sempre desconfiado, os olhos muito abertos e com um ar de provocação que está pedindo uma sangria... para elle socegar?

«O bruto não se diverte, não sabe gastar o dinheiro que tem, e que torna a levar para a roça... E' justo que deixe ficar aqui algum para que todos vivam, e haja sempre progresso na capital...

«E que culpa temos nós de que o *beócio* abra a bocca e não feche as algibeiras? Para ouvir a musica que está no coreto, o pateta esquece-se da *musica* que tem no bolso... Ora nós que apreciamos as duas, mesmo porque a primeira sem a segunda não tem *harmonia* para *gente educada*, damos-lhe uma lição que, no futuro, lhe será muito util... Ficarão sabendo que não ha gosto sem desgosto, e que para conhecer o magico effeito da batuta de *mestre* Antão, não é preciso abrir os ouvidos, os olhos, a bocca e até o nariz...

Diogo soltou uma gargalhada, e disse:

— Essa tua philosophia será boa, sensata... mas os tribunaes, a imprensa e a sociedade não a approvam... Serve só para uso privado da *nobre e humanitaria* classe a que pertences...

— A que pertencemos, observou Bento com desinvoltura.

— Que dizes? perguntou Diogo franzindo o sobr'olho. Tu já me viste... dar essas lições, como lhe chamas, andando atraz dos caipiras e dos beócios?

— Não, senhor... mas aproveita do nosso trabalho



que é a mesma cousa. Vossemecê é o nosso chefe e por isso não precisa trabalhar...

— E's um grande atrevido, mas como és um bom discipulo do *Seriema*...

— Eu peço desculpa se o offendi. Não continúo mais a amolal-o com a minha philosophia, como o senhor diz...

— Estás desculpado. E já agora termina as tuas considerações. Não me disseste ainda porque é digno de louvor o facto de *comprares* contra a vontade do dono...

— Ora essa! Pois o sr. Diogo não sabe?

— Eu, não.

— Parece impossivel. E' muito simples: o negociante, expondo á porta do estabelecimento os objectos que quer vender, pratica uma asneira, um erro e um crime.

— Não é possivel...

— E' sim, senhor.

— Falla... Desejo ouvir mais essa theoria que deve ser interessante.

— Eu explico-me em duas palavras: uma asneira, porque muitos objectos expostos ficam estragados com o sol a poeira, a chuva, etc.

— Por ora vaes bem. Continúa...

Um erro, porque não é digno de commerciantes, que se dizem honrados, expôr mercadorias com uns preços para depois vendel-as ao balcão por outros, illudindo o freguez, pelo menos sobre a qualidade do artigo; e um crime porque elles devem saber que ha muita gente pobre, e é escarnecer da miseria, pondo-lhe ao alcance da mão cousas que nunca poderá possuir pelo meio de compra... E' uma tentação diabolica... uma verdadeira ratoeira. Quando algum desgraçado cáe na... *arapuca*, em vez de fazerem uma obra de caridade, que ainda lhes era vantajosa, deixando-o ir em paz com o que tirasse, o que seria uma nova fórmula de réclamo, correm atraz d'elle, fazem barulho, chamam a policia e dão ao infeliz que caiu na armadilha o feio e injusto nome de gatuno...



— Bravo, meu rapaz, fallas melhor do que o nosso doutor Silva. Quem te ensinou essa... *philosophia*?

— Tenho aprendido alguma coisa com o *Seriema*, mas estes raciocinios eu faço... tirados da minha experiencia...

— Experiencia! Já fallas n'isso n'essa idade?

— Ora eu bem sei que sou creança, mas quando eu tiver mais alguns annos dedicar-me-hei a outros *serviços* mais importantes, e verá como arranjarei depressa a minha independencia... Quero ser rico...

Diogo riu-se e, n'um bocejo, atalhou:

— Sim... has de ser alguma coisa. Bons principios já tu tens... Mas dize-me: foi só para me fazeres conhecer as tuas doutrinas que vieste aqui?

— Não, senhor.

— Tens então alguma coisa a comunicar-me?

— Sim, senhor. Não ha novidade, como já lhe disse, mas tenho notado n'estes ultimos dias um pequeno facto que talvez não tenha importancia...

— Qual é? Falla.

— As duas moças mais bonitas, cá para meu gosto, vivem quasi sempre fechadas nos seus quartos, e, tendo escutado ás portas, pareceu-me que ambas choravam...

— Como se chamam essas moças que tu achas mais bonitas?

— Judith e Rachel...

— Ah! não sabes porque choram?

— Não, senhor.

— Pois é preciso que saibas.

— Vou espreital-as até descobrir os seus segredos. Eu desconfio...

— O quê?

— Que é negocio de namorados, pois elles tambem andam tristes... Talvez se zangassem...

— Mas não tens ouvido alguma palavra que esclareça esse mysterio?



— Não, senhor. O sr. Oscar vae lá poucas vezes, e as suas visitas são puramente de cerimonia. Não passa da sala...

— E o outro?

— O sr. Jorge? Esse quasi vive lá, mas entretêm-se conversando com o sr. dr. Octavio, no seu gabinete, de modo que ainda não pude perceber a razão por que anda amuado...

Houve um momento de silencio, durante o qual Diogo reflectiu, mordendo a ponta do charuto.

Por fim, olhando para o garoto, disse-lhe:

— Não te esqueças das minhas recommendações. Logo que saibas que a familia, ou algumas das mulheres, vae passear, avisa-me immediatamente. Se vires alguns preparativos de viagem, indaga tudo bem, e vem dizer-me o que souberes... Sê esperto e diligente, cumpre rigorosamente as minhas ordens, auxilia-me com fidelidade e dedicação e eu saberei recompensar bem o teu trabalho...

— Póde estar certo, sr. Diogo, de que farei todo o possivel para obedecer-lhe e servir-o com toda a minha intelligencia e boa vontade.

— E's um excellent rapaz. Queres algum dinheiro?

— Não, senhor. Ainda tenho quasi todo o que me deu na semana passada. E não convêm eu ter muito dinheiro commigo, para que os patrões, se por casualidade souberem, não dizerem que eu os estou roubando.

Tens razão. Aprecio o teu bom senso. Então vae para o teu serviço... Não te demores muito por fóra para não ficarem descontentes contigo. Deves procurar todos os meios de seres estimado...

— Isso sei eu! E' o principal. O sr. Diogo não deseja mais nada?

— Não.

— N'esse caso, retiro-me. E desculpe a maçada...  
Boa tarde.



— Boa tarde, rapaz.

Bento fez uma pirueta e saiu, assobiando alegremente um modilho popular.

Diogo, depois de fechar a porta, voltou a estender-se no canapé, e por muito tempo esteve meditando ...

---



## IX

### CACHORRO LIBERTADOR

A familia Lacerda continuava, como era natural, vivendo sobressaltada, receando qualquer ataque dos bandidos, capitaneados por esse desconhecido Diogo que demonstrára ser um inimigo rancoroso e inexoravel.

E' verdade que alguns agentes de policia rondavam a casa, principalmente de noite; mas essa vigilancia podia d'um momento para outro diminuir, e a féra que devia andar á espreita, aproveitaria o ensejo para se lançar, feroz e inopinadamente sobre a primeira victima que apanhasse descuidada.

Cada qual propunha um alvitre para se prevenirem contra mais uma nova tentativa criminosa.

Theodoro, por sua vez, inquieto, mais pela vida dos outros do que pela sua, lembrou-se de completar o plano de defeza mandando vir da Fazenda o mulato Domingos, camarada de confiança, e que era esperto e valente como poucos.

E, ao mesmo tempo, ordenou-lhe que trouxesse um cachorro, o melhor da matilha que Theodoro tinha na Fazenda.

Serviria para guadar o quintal por onde os bandidos podiam mais facilmente praticar uma escalada.

*Tigre* era um molosso, grande, feroz, cujas terriveis presas saham fóra das mandibulas, infundindo pavor aos mais destemidos.

Mais tranquilla com este reforço que lhe garantia



a residencia, a familia Lacerda viveu por algum tempo sem a dolorosa e terrivel preocupação d'um incendio, ou d'outra qualquer infamia urdida por esse famigerado Diogo que se julgava poderoso e invulneravel com a sua *Mão Negra*...

Mas, infelizmente, foi de curta duração essa tranquillidade, porque o audacioso e implacavel inimigo, disposto a recorrer aos meios extremos e violentos, aguardava impaciente a occasião propicia . . .



Um domingo, de tarde, o barão de Lacerda lembrou-se de dar um pequeno passeio.

Judith andava triste, pallida, definhando-se como uma flôr que precisasse de ar puro e livre para não se estiolar . . .

Attribuia elle essa tristeza ao sobresalto em que vivia por causa da quadrilha de malfetores; e, tambem pelas morbidas consequencias do veneno que a malvada Ignez lhe havia propinado.

Longe, porém, estava o barão da verdade.

Comquanto essas duas causas fossem concomitantes que actuavam no delicado e impressionavel organismo de Judith, a principal provinha unicamente do coração . . .

Os leitores já sabem que a joven soffria os dolorosos effeitos d'um grande amor, contra o qual havia obstaculos sérios.

Outro tanto succedia com Rachel.

E Theodoro, que não era mais perspicaz do que o irmão, procurava socegar sua querida filha, affirmando-lhe que muito breve esse maldito Diogo estaria preso, pois a policia empregava para o conseguir toda a sua actividade.

A pobre moça escutava seu pae, em respeitoso si-



lencio, e faltando-lhe a coragem para declarar franca e altivamente toda a verdade, ia depois para o seu quarto alliviar a magua que opprimia, chorando por muito tempo afflictivamente.

E assim iam decorrendo os dias, sem que os paes se apercebessem de que elles proprios eram os culpados do merencorio viver de suas filhas.

Quando o barão propoz o passeio, Theodoro acceitou-o immediatamente.

E logo combinaram sair com as familias no dia seguinte, que era domingo.

Primeiro lembraram-se de ir á Cantareira, depois ao Ypiranga, mas, consultadas as moças que racusavam, deliberaram não sahir da cidade.

Iriam apenas ao jardim da Luz espairecer um pouco.

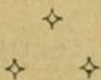
Effectivamente, quasi toda a familia Lacerda saiu a passear.

Apenas ficou em casa a infeliz Amelia que não quiz ir, habituada, como estava, ao isolamento domestico.

Elyza foi tambem, a convite de Rachel.

Jorge offereceu-se para fazer companhia a seu pae, que peorára do rheumatismo.

Foram todos de bonde, e quando desceram na Luz, Octavio propoz que fossem um pouco á Floresta.



Bento, segundo as ordens que recebera do seu chefe, logo que soube d'este passeio, arranjou um pretexto para sair, e correu á casa de Diogo para lhe contar o que sabia...

O miseravel ouviu tudo serenamente, interrogou o espião para obter as mais minuciosas informações, e por fim, deu por terminada a entrevista, dizendo :

— Muito bem. Podes voltar para o teu serviço...



Mas vou recommendar-te uma cousa muito séria que farás no teu proprio interesse...

— Cumprirei todas as suas ordens, sejam quaes forem. O sr. Diogo é o nosso chefe e o *Seriema* me disse que devia obedecer-lhe em tudo quanto o senhor me mandasse...

— Perfeitamente. E' possivel que durante o passeio succeda qualquer... desgraça...

— Desgraça?! repetiu o garoto admirado.

— Sim. Um accidente mais ou menos grave. A familia é numerosa e póde muito bem ser que alguem seja victima de uma doença repentina, ou mesmo de um crime... Ha tanta gente má neste mundo!...

— Agora já vou percebendo, exclamou Bento, piscando os olhos. Quer dizer que é *provavel* haver um assassinato... Quem será o destinado a ir dar esse passeio para o outro mundo?

— E's muito curioso. Eu sei lá o que está para acontecer! Não sou feiticeiro... E' apenas uma recommendação que te faço para evitar que dêes á lingua... Haja o que houver, não debes contar a ninguem as entrevistas que tens tido commigo, e muito menos que eu era sabedor dos passeios combinados... A familia Lacerda é rica e importante e poderia, embora injustamente, vingarse de mim e de ti...

— Ah! é inutil a sua recommendação! Eu não sou tão tolo que vá comprometter-me por causa de um... imprevisto accidente...

— E's esperto e has de fazer carreira. Se os *meus negocios* correrem bem, prometto dar-te o necessario para que não precisas mais auxiliar o *Seriema*... E além d'isso nomear-te-hei meu secretario particular. Queres?

— Quero, sr. Diogo, quero... Será o principio da minha fortuna. Estou inteiramente ás suas ordens, e fique certo de que póde toda a familia ficar esmagada debaixo do bonde, que eu só terei guélas para gritar e chorar,



mas não direi uma só palavra que provoque sequer uma suspeita...

— Bom. Fico tranquillo, porque confio na tua intelligencia e discrição. Agora, retira-te e... até breve...

— Virei dar-lhe noticia da desgraça logo que puder... O sr. Diogo deve ficar ancioso de saber minuciosamente todos os acontecimentos que... o acaso reserva á familia Lacerda. Passe bem, sr. Diogo...

Bento, fazendo uma contumélia, retirou-se, e, correndo para a casa dos patrões, murmurava:

— O chefe é levado da bréca. Quem será aquelle ou aquella que esticará amanhã o pernil?

No entanto, Diogo, só no seu quarto, reflectia.

— Isto é o diabo! resmoneava. Ter necessidade de que muitos sejam sabedores dos meus segredos? Pódem, de repente, trahir-me, por ignorancia ou malvadez, e estou perdido... Nada, urge tomar algumas precauções d'ora avante, por causa de duvidas ou de receios... Cautela e caldo de gallinha nunca fizeram mal a ninguem...

E, apoz uma breve pausa, proseguiu:

— Não tenho outro remedio senão recorrer aos meios violentos... Estou resolvido a empregar tudo, por extremo e arriscado que seja, para conseguir aniquilar essa orgulhosa familia que odeio mortalmente...

«Até agora tenho sido caipóra. Os ardís, o fogo, o veneno não deram o resultado que esperava. Pois vou experimentar a faca, o punhal, o revolver e veremos se serei mais feliz...

«Todos os meios são bons comtanto que se consigam os fins... E' a theoria dos jesuitas, e elles foram sempre bons mestres n'estes assumptos.

E Diogo, satisfeito com este raciocinio, saiu, e, tomando a direcção do Braz, chegou, meia hora depois, em frente a uma casa, de pobre e triste apparencia, na rua Carneiro Leão.

Bateu com força na porta e, deccorridos alguns momentos ouviu-se uma voz rouca e guttural que perguntava:



— Quem é?

— Abre... Depresa... Anda...

— Isso é uma conversa... Não abro a porta a quem não conheço...

— Já estás bebado, Casimiro?! replicou Diogo zangado. Vamos, avia-te...

A porta abriu-se e appareceu uma cara de mulato, de grande olhos esbugalhados, verdadeira physionomia de bandido, que tanto tinha de alvar como de perversa.

Ao vêr Diogo, escancarou a bocca n'um sorriso que parecia um bocejo de tigre, exclamando:

— Ah! é o senhor...

— Chut! Não sabes que é perigoso fallar alto?... Cada vez estás ficando mais bruto. A cachaça transtorna-te o miolo...

Diogo entrou, tendo o mulato recuado respeitosamente para lhe dar passagem.

Era repellente e hediondo o aspecto do miseravel a quem o chefe da *Mão Negra* tratára pelo nome de Casimiro.

Temido pelos proprios companheiros por ser um dos mais habéis capoeiras, sabendo manejar a navalha como poucos, as suas façanhas eram notorias, especialmente no oeste de S. Paulo onde, sob outro nome, tinha commettido os mais crueis e infames assassinatos, por ordem de perversos e cobardes *mandões* que o protegiam, occultando-o quando era perseguido pela policia, e dando-lhe uns cobres para elle passar uma vida de ébrio e de vagabundo.

Vindo para S. Paulo, por ordem de Diogo, a quem obedecia cégamente, o bandido, era um dos mais temiveis salteadores da *Mão Negra*.

Os feitos mais arriscados e perigosos eram reservados para elle, e tinha tido, até então a felicidade de não ser preso.

Forte, musculoso, agil, este valentão só temia um homem: era Diogo.



A policia elle despezava, e quando havia qualquer conflicto na *Gruta*, tinha prazer de, aproveitando a confusão que se originava com a chegada dos soldados, cair inopinadamente sobre estes, e depois de praticar as suas prezas de emerito *capoeira*, fugir.

Logo que Diogo entrou, Casimiro disse-lhe em um tom de respeito, que não lhe era peculiar:

— Desculpe se não o reconheci pela voz. Estava bem longe de esperar a sua visita...

— Estás desculpado. Venho aqui tratar de negocios muito sérios. Tens alguém em casa?

E dizendo isto relanceou a vista em redor, como para se certificar da verdade.

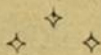
— Não, senhor, respondeu o mulato. A rapariga saiu a fazer umas compras, e o Bernardo anda na *moina*...

Eram a amante e um companheiro que viviam com elle naquella infecta pocilga.

— Bem, pois então aproveitemos a occasião e vamos conversar.

Os dois bandidos sentaram-se sobre uma velha mala, que servia de canape, e por algum tempo estiveram fallando em voz baixa.

. . . . .



Logo que a familia Lacerda desceu do bonde, Theodoro disse:

— O cachorro fugiu de casa, e quiz tambem participar do nosso passeio. Não gósta de estar preso no quintal, e aproveitou-se do descuido de Domingos para nos acompanhar... Deus queira que elle não faça alguma das suas!

— Eu tomo conta d'elle, disse Rachel. Não o deixo investir contra ninguém...



E chamou o cachorro que saltava alegremente em volta de todos:

— Aqui, *Tigre*. Esteja quieto, e venha commigo, ouviu?

O cachorro, como se percebesse, logo socegou, e, agitando a cauda, seguiu Rachel que caminhou adiante dando o braço a Elysa.

Tomaram todos o caminho da Floresta, visto ter sido aceita a proposta de Octavio.

Iam devagar, conversando, para aproveitarem aquelle passeio hygienico.

O tempo era esplendido e corria uma agradável viração que levemente agitava a ramagem do arvoredor.

Rachel, querendo fallar a Elysa com aquella liberdade que gosava em Campinas, distanciou-se de sua familia.

O barão notou isso, e, sempre receoso, disse:

— Não acho bom que Rachel vá tão longe de nós...

— Não faz mal, atalhou Theodoro. Ella tem saudades da Fazenda, onde andava á vontade, e como isto aqui lhe lembra aquelles bellos tempos, vae levando Elysa para brincarem como duas creanças. Quantas vezes eu as vi correndo uma atraz da outra, como se fossem dois endiabrados rapazes.

Mas Rachel não tinha agora desejos de brincar. Queria, confidencialmente, conversar com sua intima e querida amiga sobre assumptos de coração, e o leitor decerto adivinhará quaes elles sejam...

Logo que ficaram distantes da familia, as duas jovens afroixaram o passo...

*Tigre*, apreciando aquella liberdade de que ultimamente estava privado, corria como louco em diversas direcções.

— Felizmente estamos sós, exclamou Rachel, suspirando.

Se a joven tivesse reparado em um homem que, a certa distancia, caminhava por uma vereda obliqua ao



caminho que ella seguia, e que lhe dardejava uns olhares sinistros, certamente não ficaria muito tranquilla.

Era um mulato, de cara patibular, robusto, que avançava, gingando, com o modo peculiar aos *capoeiras*.

Elysa respondendo á sua amiga, disse-lhe com inflexão terna e maviosa:

— Ha muito tempo que não temos o prazer de estar só, tendo a natureza por unica testemunha de nossas confidencias. Tens muito que dizer-me?

— Sim, muito. Não imaginas com vivo triste. Meu pae, que é meu amigo, como sabes, trata-me com o mais carinhoso desvelo, mas, no entanto, sem o saber, tortura-me com a insistencia de um casamento impossivel que eu...

Não poudes continuar, pois, de subito, um homem avançando para ella, derrubou-a brutalmente...

Surprehendida com aquelle ataque, Rachel ficou desvairada, sem consciencia do perigo de morte que corria.

Por um instincto natural de defeza gritou por soccorro, mas o mulato, pois era o mesmo que a ia observando, conseguiu segural-a, depois de uma breve luta, e tapando-lhe a bocca com a mão esquerda, procurou com a mão direita tirar uma navalha que trazia na algibeira, prompta já para a perpetração d'aquelle monstruoso crime.

Não teve tempo, porém, de brandir a arma assassina...

O cachorro, ouvindo o grito da sua dona, correrá logo, com os olhos chammejantes, n'um impecto de ferocidade.

*Tigre* atirou-se d'um salto sobre o infame, cravando-lhe as agudas presas no braço direito.

Elysa, no auge de uma afflicção indescriptivel, soltou brados estridentes, que foram ouvidos...

Octavio foi o primeiro a apparecer, e, vendo n'um relance o que succedia, deu com toda a força uma bengalada na cabeça do mulato.



Este, ferido, e soffrendo dôres atrozes da terrível dentada do *Tigre*, que não o largava, perdeu a calma, de nada lhe valendo os seus recursos de habil *capoeira*.

O b̃rão, Theodoro e outras pessoas que, aos gritos das mulheres, acudiram pressurosamente, agarraram o miseravel que debalde se debatia, procurando fugir.

Trilaram apitos, e os soldados tornaram effectiva a prisão do scelerado, ao qual tiraram a navalha, dando-lhe amavelmente algumas réfladas para o amansar...

O mulato, todo ensanguentado, rugia como um tigre que, depois de ferido, caisse no laço.

Mais um crime do famigerado Diogo fôra frustrado; e d'esta vez o criminoso caira em poder da policia.

Foi o primeiro bandido da *Mão Negra* que não logrou escapar ao castigo.

. . . . .

Quando chegará a vez de Diogo ?

Mais tarde o saberemos, porque a Providencia, embora pareça tardia, é sempre infallivel e justiceira.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME E DA SEGUNDA PARTE





# INDICE DOS CAPITULOS

---

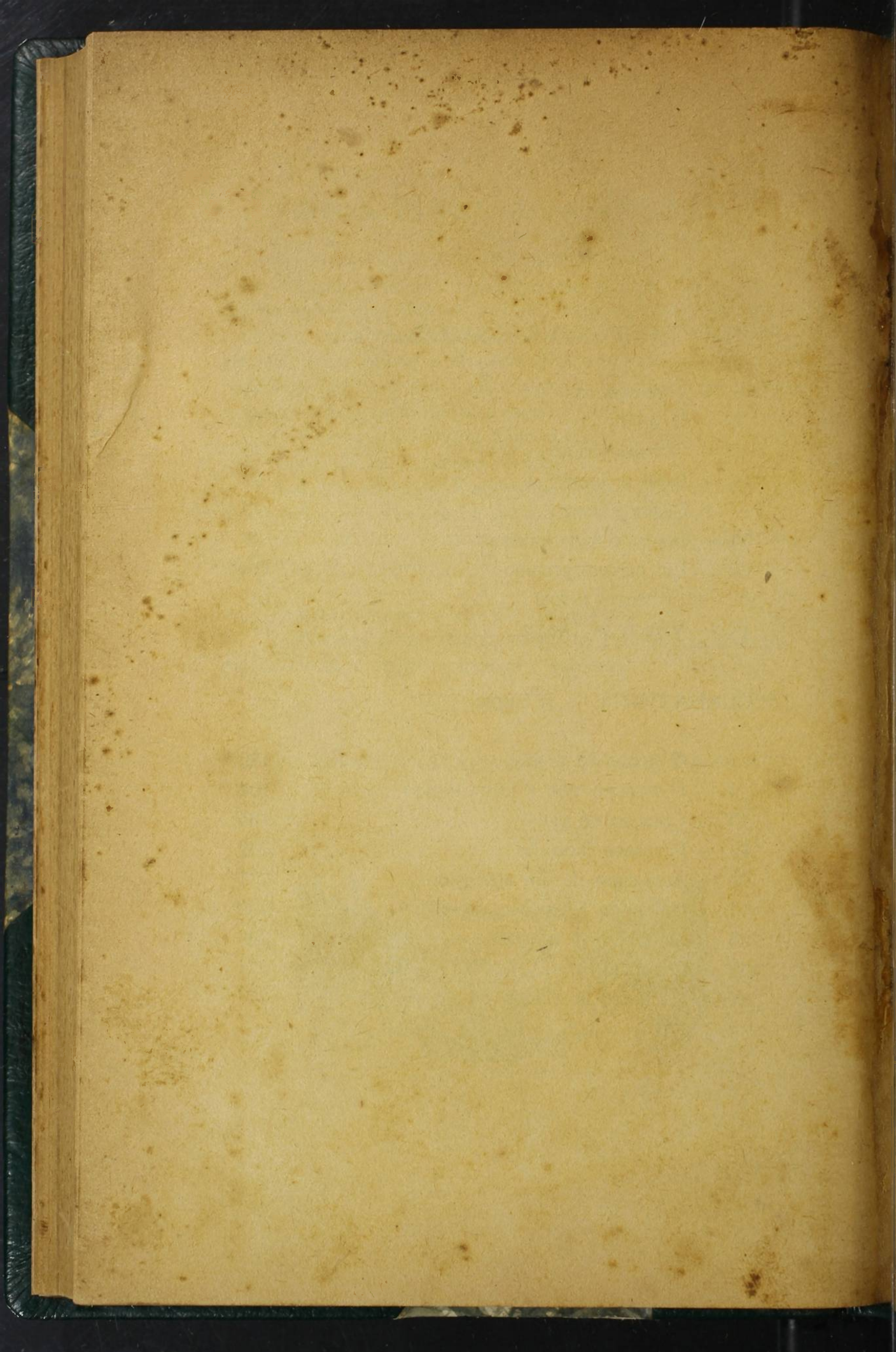
## PRIMEIRA PARTE — A Sociedade Secreta

	PAGINAS
I — A emboscada . . . . .	5
II — O assalto . . . . .	18
III — O manuscripto . . . . .	43
IV — Odio e amor . . . . .	62
V — Cilada infame . . . . .	73
VI — Beppi, o bufarinheiro . . . . .	97
VII — Em carcere privado . . . . .	110
VIII — O bem e o mal . . . . .	121
IX — Viva o sr. Diogo! . . . . .	143

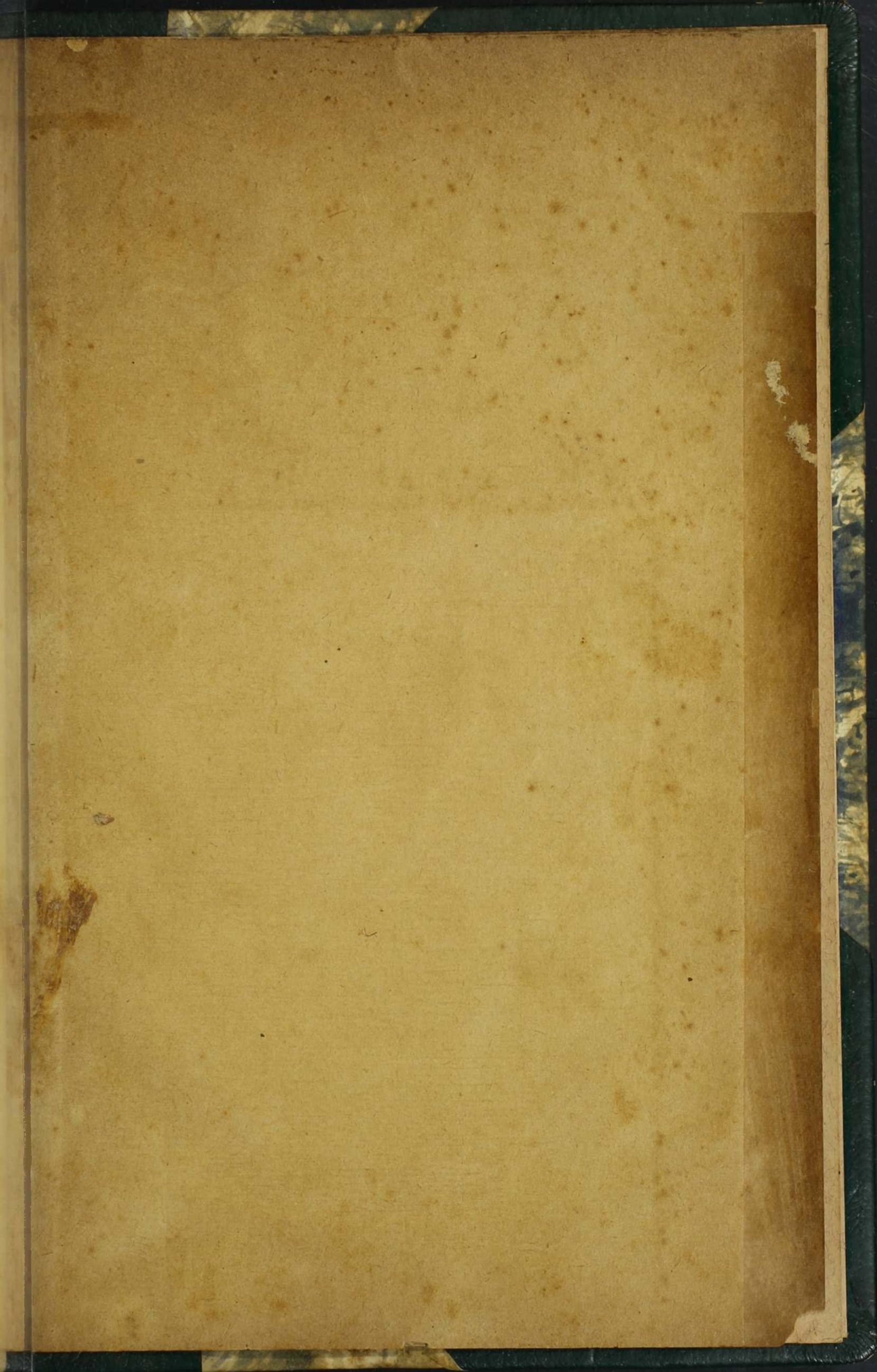
## SEGUNDA PARTE — A Lucta

I — O genio do crime . . . . .	153
II — O homem põe e Deus dispõe . . . . .	164
III — Coração de pae . . . . .	184
IV — Pavoroso incendio . . . . .	209
V — Assassinio de um advogado . . . . .	231
VI — Um frade teimoso . . . . .	240
VII — Dois amores infelizes . . . . .	249
VIII — O espião . . . . .	271
IX — Cachorro libertador . . . . .	281











1923

Impresso na

Typographia Guimarães

Ribeirão Preto - E. S. Paulo







011223



